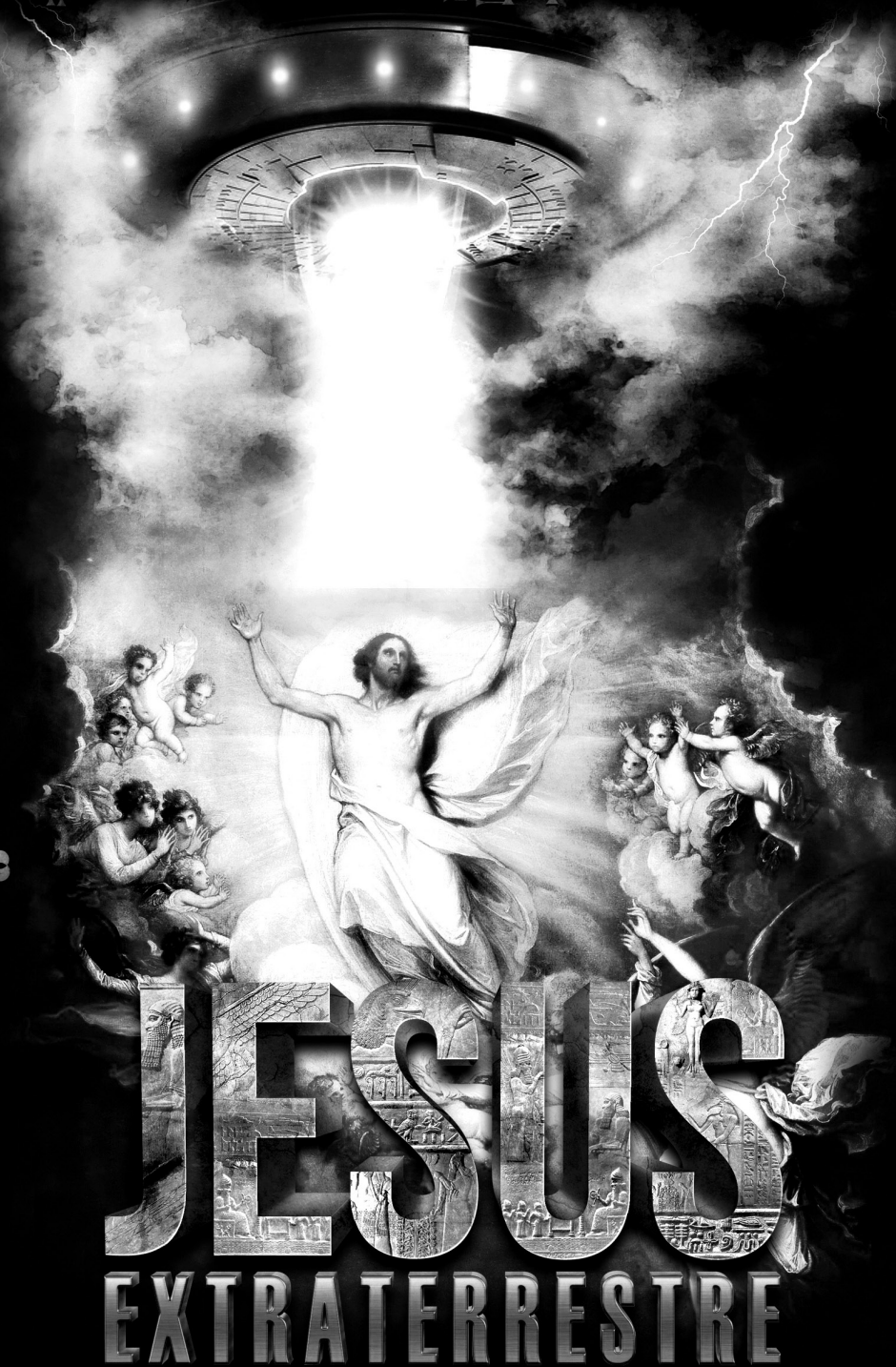


丁巳年 谷月 初四日 巳時 丁巳年 谷月 初四日 巳時



Volume I: A Origem

Leo Mark

LEO MARK

Trilogia

JESUS EXTRATERRESTRE

Volume I: A Origem



1.^a edição

editora



giroto
A evolução da leitura

Copyright © 2011, Leo Mark
Copyright © 2011, Editora Giroto

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da editora.

Editor: Marco Giroto
Revisão: Tággidi Ribeiro
Revisão final: Vanessa Ban
Adaptação e design de capa: Wellington Consoli
Imagem da capa: Benjamin West (1738-1820)
Projeto gráfico e diagramação: Typodesign

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mark, Leo
Jesus Extraterrestre: a Origem, Volume I / Leo Mark –
1ª edição – São Paulo: Editora Giroto, 2011

“Trilogia”

1. Romance brasileiro I. Título

11-02856

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático
1. Romances: Literatura brasileira 869.93

Todos os direitos desta obra pertencem à
Giroto.com Tecnologia & Editora e Produtora Multimídia Ltda.
Proibida cópia ou reprodução sem prévia autorização da editora.



Rua Boicininga, 64 – 2.º andar
São Paulo/SP – CEP: 03427-070
Tel.: (11) 4063-4909 – Fax: (11) 3544-4535
Site: www.giroto.com
E-mail: contato@giroto.com

*É importantíssimo, caro leitor, que se adquira também a versão em **audiolivro** desta obra.*

O audiolivro, produzido de forma dramatizada, com vários atores, efeitos sonoros e trilhas musicais, é uma grande produção que certamente complementará o entendimento do texto.

Além disso, você poderá escutar o audiolivro em momentos que não conseguiria ler este livro, por exemplo: no trânsito, na academia, caminhando no parque, durante os afazeres domésticos, entre outros momentos.

Se puder, leia o livro e escute o audiolivro ao mesmo tempo. Assim, perceberá uma maior retenção desta obra.

*O audiolivro está disponível nas melhores livrarias do país ou pelo site: **www.Audiolivro.net**.*

O autor.

Nota do autor

Desde cedo, sempre tive muitas perguntas. O mundo para mim não era exatamente como me contavam. As histórias pareciam sempre muito estranhas: não se encaixavam, faltava algo; mas, quando se é criança e todos lhe contam as mesmas histórias, você passa a acreditar piamente nelas, leva-as consigo para toda a vida, disseminando-as para seus filhos, netos...

Boa parte da minha família é evangélica (tenho até irmão e tio pastores de igreja); por isso, na infância, estudei em escolas adventistas. Tinha aulas de religião e, quase todos os dias, a obrigação de orar na entrada e na saída da escola (uma verdadeira lavagem cerebral).

Todos acreditavam naquelas histórias bíblicas sem ao menos questioná-las. Todavia, como sempre fui meio rebelde, nunca concordei com o que me contavam, apenas fingia acreditar, porque eram histórias demasiadamente fantasiosas e mal contadas, assim, eu não me convencia de fato da veracidade delas. Eu tinha muitas perguntas sobre tudo aquilo e, enquanto essas não fossem respondidas, eu não iria sossegar.

Por isso, na adolescência, iniciei meus estudos bíblicos e comecei a formular teorias que, quando as contava, achavam que eu estava ficando louco ou blasfemando. Diziam que meus pensamentos eram pecaminosos (ou seja, eu seria castigado pelo simples fato de pensar com minha cabeça, ter opinião, e não pensar com a cabeça dos outros, não aceitar a verdade coletiva.

Com o decorrer dos anos, aprofundei-me no assunto seriamente e as pesquisas realizadas serviram para confirmar que minhas teorias não eram assim totalmente absurdas ou erradas, pelo contrário, estavam corretíssimas – o resto do mundo acreditava em conto de fadas. As pessoas estavam presas a crenças, a relatos sem fundamento ou muito arcaicos. Talvez devido àquele provérbio: *Quem conta um conto, aumenta um ponto!*, a verdadeira história da humanidade acabou se tornando uma narração repleta de passagens obscuras.

Li dezenas de livros e centenas de artigos sobre o assunto, assisti a vários documentários. Comecei a buscar respostas na própria Bíblia e até mesmo nos Evangelhos Apócrifos. Com isso, descobri parte da verdade sobre o mundo e sobre de onde viemos e por que estamos aqui. É claro, ainda existem muitas perguntas a serem respondidas, mas estou constantemente na busca.

Tudo que estudei é facilmente encontrado em livros e principalmente, hoje, na internet – o problema é saber quais tradutores e autores são realmente sérios e quais colocam suas próprias teorias acima de algo documentado. Selecionei pesquisas confiáveis e percebi que uma compilação da verdade deveria ser totalmente acessível à maioria das pessoas, por meio de um livro escrito com linguagem simples e de fácil entendimento, para que todos, de crianças a idosos, classe alta ou baixa, pudessem informar-se acerca

de documentos preciosos e relativamente novos se comparados a outros documentos históricos.

Assim, apresento o primeiro volume de uma trilogia que poderá abalar as estruturas de nossa sociedade e levar as pessoas a um novo patamar de conhecimento e até mesmo de elevação. Por isso, caro leitor, peço que absorva esta obra com a mente aberta e livre de preconceitos ou conceitos religiosos já estabelecidos. As pessoas precisam saber a verdade, caso contrário, muito em breve, a humanidade, como a conhecemos, não mais existirá.

(Leo Mark)

Nota aos religiosos fanáticos, teólogos e pseudoteólogos

Peço que, antes de proferirem qualquer crítica ou opinião sobre esta obra ou sobre minha pessoa, que a leiam. As críticas são muito bem-vindas, desde que embasadas, caso contrário não são críticas, mas opiniões pessoais que só existem pelo simples fato de repetirem algo vindo da boca de outrem, ou seja, nem opiniões de fato são, já que se trata de uma concordância coletiva, provavelmente advinda de algum líder religioso que também só repete o que escutou da boca de alguém antes dele. Aos teólogos e pseudoteólogos, não me venham enfatizar que o escrito na Bíblia é a verdade de Deus; antes disso, lembrem-se de que a Bíblia é apenas mais um documento histórico, extremamente modificado ao longo de suas dezenas de traduções e sem comprovação de quem foram seus autores. Saibam que existem outros documentos a serem estudados além do mais conhecido, divulgado e mais vendido livro do mundo. Não apresento esta obra para ser o dono da verdade, mas sim para proporcionar às pessoas um pouco do conhecimento adquirido durante mais de dez anos de pesquisas e estudos. Também

não digo que tudo o que escrevi é a mais pura verdade, afinal, esta é uma obra de ficção, caberá a cada um estudar com afinco sobre o assunto e julgar por si mesmo.

Em vez de atacarem quem tenta fazer o bem mostrando a verdade, conforme estudos realizados e analisando os fatos apresentados pela história da humanidade, façam o bem ao mundo, não apenas deixando de proliferar opiniões sem sentido e sem embasamento, mas também lendo com atenção este livro, para não engolirem em seco tudo o que achavam que sabiam e que haviam lhe contado até hoje e que não chega nem perto da verdade. Minha mensagem: pensem fora da caixa. Questionem o mundo.

Fato relevante

Em 1877, ao sul da Babilônia, na Mesopotâmia (atual Iraque), o francês Ernest de Sarzec descobriu vestígios da civilização mais antiga da Terra, a civilização suméria. As escavações continuaram mesmo após a morte de Ernest e, enquanto duraram, foram encontradas milhares de tabuletas de argila com escritos cuneiformes. Após a tradução desses documentos, descobriram-se histórias muito parecidas com as da Bíblia, desde a criação do homem até o dilúvio, porém, com muito mais riqueza de detalhes.

A maioria dos *flashbacks* e viagens no tempo presentes nesta obra corresponde aos escritos deixados pelos primeiros seres humanos existentes na Terra e que conviveram diariamente com seres que são conhecidos hoje como deuses. Além das tábuas da Suméria, abordo, como referência, histórias contidas na Bíblia e em Evangelhos considerados apócrifos pela Igreja Católica. Em relação a alguns capítulos ou trechos relacionados a fatos mais recentes da história, alguns deles foram baseados em fatos reais, assim como alguns personagens. Uma parte deles, entretanto, teve o nome alterado a fim de preservarem-se identidades.



Prólogo

Jerusalém, 34 d.C.

A cidade toda estava em polvorosa e mobilizada para ver passar o conhecido Cristo carregando sua enorme cruz de madeira por toda a cidade. Não muito longe das ruelas de Jerusalém, um homem chamado José, vindo da Arimateia, rumava em direção ao Calvário, local onde Jesus seria crucificado. O sol brilhava no céu e o calor era quase insuportável; mas, quando José menos esperava, o céu começou a escurecer, os raios do sol deram lugar a trevas e José pôde avistar de cima de seu camelo uma grande luz vinda do céu que fez iluminar toda a parte do deserto pela qual ele viajava. A luz foi ficando gradativamente mais forte e as areias do deserto começaram a se levantar formando uma tempestade. Eis que a grande luz pairou sobre a cabeça de José e um anjo começou a aparecer. As areias do deserto foram se acalmando lentamente. José começou a dar tapas em seu próprio rosto, pois pensou que estava sonhando, ele nunca havia visto algo tão lindo e resplendoroso em toda sua vida. Foi então que o anjo, vestindo um traje prateado e dourado, colocou seus pés nas areias do deserto. O camelo de José estava tranquilo; José, trêmulo e assustado. Ele deu um

pulo de cima do camelo para se proteger e, quando fincou seus pés na areia, uma voz soou.

– Não tenha medo José, sou um enviado do Senhor. Ele tem uma missão muito importante para você.

– Não posso acreditar nos meus olhos, o senhor é real?! – respondeu José, caindo de joelhos na areia quente.

– Não sou fruto de sua imaginação, como bem pode ver.

– Tudo o que me disser será feito sem hesitação, estou à disposição do nosso Senhor.

– José, preste muita atenção em minhas palavras. Pegue este objeto e encha-o com o sangue de Jesus. Assim que o sangue estiver dentro, feche-o e ele se lacrará sozinho. Esconda e proteja este cilindro com sua própria vida. Após a ressurreição de Jesus, fuja com Maria Madalena para Marselha, porque ela carrega no ventre a semente de Jesus. Este cilindro deverá permanecer com os descendentes do sangue real de Cristo até que Ele renasça, por meio do sangue que será guardado por você. Quando chegar o momento certo, o cilindro irá emitir um som, então apenas o descendente de Jesus terá poderes para abri-lo, e apenas aquela com o sangue de Jesus poderá gerar e fazer renascer o mestre em seu ventre; por isso, é muito importante que fique na guarda dos descendentes do Cristo. A salvação da humanidade depende deste cilindro. Assim, o destino da humanidade está em suas mãos.

O anjo entregou para José um cilindro dourado com detalhes prateados e algumas pequenas inscrições, com aproximadamente dez centímetros de comprimento e três de circunferência. A ponta arredondada estava aberta para que fosse depositado o sangue de Cristo. E continuou o anjo a falar:

– Vá, colha o sangue de Jesus e depois guarde seu corpo durante três dias para que não seja violado. No terceiro dia, fuja de Jerusalém com Maria Madalena, pois vocês serão perseguidos.

O anjo começou novamente a subir em direção à luz e as areias do deserto começaram a girar, formando um redemoinho em volta de José. Em poucos segundos, a luz começou a subir, subir... até se transformar em mais uma estrela no céu.

José ainda não podia acreditar naquilo, um anjo havia falado com ele e lhe confiado o destino da humanidade. Ao voltar a si, aticou seu camelo para que corresse o mais rápido possível. Saiu galopante pelas areias do deserto. Chegando ao Calvário, onde Jesus estava crucificado, ficou pasmo com a multidão ao redor e de longe avistou o corpo de Jesus totalmente ensanguentado e pregado em uma cruz de madeira. Aos pés da cruz, a mãe de Jesus e Maria Madalena choravam e clamavam pela vida do Cristo. José começou a se aproximar e a se engalfinhar à multidão, para que conseguisse chegar até Jesus. Carregava com ele o cálice utilizado por Jesus na última ceia. Ao se aproximar, já podia ver melhor Jesus, mas não podia acreditar em tanta violência contra um homem Santo, o filho de Deus, e ficou pensando em por que Deus não havia impedido que isso acontecesse e se haveria um propósito em tudo isso.

O corpo de Jesus já não se mexia. Depois de alguns minutos, um centurião da guarda romana apanhou uma lança e, para se certificar de que Jesus estivesse realmente morto, espetou-a em seu abdômen, criando um rasgo entre suas costelas. Muito sangue começou a jorrar e a escorrer. O sangue espirrou no rosto do centurião (que sofria de problemas de visão) e este caiu de joelhos no chão, sentindo seus olhos queimarem. Quando terminou de limpar os olhos, percebeu que sua

visão não era mais turva. Um grande sentimento de culpa tomou conta do centurião, ele permaneceu no chão e começou a chorar de remorso pelo que havia feito a Jesus. Era um milagre. Enquanto assistia à cena do centurião arrependido, José de Arimateia ergueu o cálice utilizado por Jesus na ceia, encostou-o na perna de Jesus e colheu o sangue que escorria pelo corpo dele. Em poucos segundos, o céu em trevas começou a formar grandes nuvens negras, um terremoto se formou e as pessoas começaram a ficar desesperadas e se jogaram ao chão. Uma luz fortíssima saiu dentre as nuvens, iluminando o Cristo que já estava morto. O céu começou a despejar trovões e relâmpagos fortíssimos, o chão de Jerusalém começou a tremer ainda mais, o povo começou a correr e a gritar. Uma grande parte das pessoas que havia incitado tudo aquilo agora estava arrependida pois, por tudo que viram Jesus fazer, era de fato o Messias.

Depois de algum tempo, a terra parou de tremer. José pegou o sangue de Jesus e o derramou dentro do cilindro que o anjo havia entregado. O sangue começou a escorrer pelas mãos de José. Aos poucos, entretanto, conseguiu encher o tubo. Empurrou a ponta para que a entrada se fechasse e o cilindro emitiu uma forte luz verde e um som. O cilindro com o sangue de Cristo estava lacrado. José colocou-o dentro do cálice, que guardou em uma bolsa amarrada em volta de sua cintura. Pegou Maria e Maria Madalena pelo braço e saíram imediatamente dali antes que o chão, aberto pelo tremor da terra, tragasse-os. Conforme iam se afastando, as nuvens e a luz no céu iam se dissipando lentamente. Agora não havia mais ninguém, apenas alguns soldados jogados no chão e assustados com o que haviam presenciado. A multidão havia fugido, o céu começou a limpar e o sol voltou a aparecer.

Após José ter deixado as mulheres em um local seguro, foi em direção ao palácio de Pilatos. José era um nobre e influente mercador da Bretanha, tinha muito prestígio perante os nobres daquele local. Ao chegar ao palácio, exigiu uma audiência com Pilatos, que o recebeu.

– Meu senhor, Jesus está morto. Peço-lhe que me entregue seu corpo para que possamos preparar um funeral adequado.

– José de Arimateia, eu libero o corpo do seu rei. Vá e tire-o de lá antes que o roubem ou que os corvos o comam. Leve consigo dois de meus homens para que o protejam enquanto prepara tudo. Espero que minha bondade e benevolência seja reconhecida por Deus.

– Obrigado, meu senhor.

José rumou até o esconderijo onde estavam Maria, Maria Madalena e mais alguns discípulos. Chegando lá, informou ao grupo:

– Pilatos permitiu-me a retirada do corpo de Jesus, para que possamos lhe proporcionar um funeral adequado. Vamos guardá-lo em uma tumba que pertence a minha família. Temos que protegê-lo até o dia de sua ressurreição. Pilatos nos cedeu dois de seus guardas para vigiarem a entrada da tumba e para que ninguém roube o corpo.

– Obrigado, José, que Deus o abençoe pelo que está fazendo por meu filho.

Mas José dirigiu-se à outra:

– Maria Madalena, peço-lhe um minuto a sós, preciso lhe falar.

– Diga, senhor – respondeu Madalena, afastando-se ela e José da casa onde estavam.

– Após a ressurreição de Jesus, reúna algumas pessoas de sua confiança e então rumaremos para a Gália. Um anjo do Senhor me disse que devemos proteger a semente de Jesus que cresce em seu ventre. Seremos perseguidos.

– Em meu ventre? Estou grávida de Jesus? Mas isso é maravilhoso! Você tem certeza, José? – indagou Maria Madalena, perplexa com a notícia, colocando as duas mãos sobre seu ventre.

– Sem dúvida, o próprio anjo de Deus me disse isso com todas as palavras. Assim que chegarmos à Gália, revelarei a você outra coisa, algo muito mais importante que sua gravidez. Mas teremos que conversar com calma. Agora, vamos retirar Jesus daquele lugar horrível.

José, as mulheres e mais alguns discípulos foram em direção ao Calvário. Com muito cuidado, retiraram o corpo da cruz e o deitaram em uma mortalha branca. Rumaram em direção à tumba onde Jesus seria colocado. Chegando lá, limparam o corpo, seus ferimentos, e o enrolaram em uma nova mortalha. Oraram para que Deus protegesse seu filho, saíram da tumba e, com a ajuda dos guardas, arrastaram uma grande pedra redonda para tapar a entrada da tumba. Os soldados ficaram de guarda e os demais seguiram em direção a um esconderijo próximo dali. Após três dias, ainda de madrugada, uma luz surgiu no céu. As árvores em volta começaram a sacudir ferozmente. Os guardas que estavam dormindo acordaram assustados com um clarão que vinha em sua direção. Eis que um anjo desceu da intensa luz e pousou sobre uma das rochas que pertencia à tumba onde Jesus repousava. Os guardas ficaram chocados com o que viram e começaram a correr e se esconder; mas, de maneira desajeitada, não conseguiram correr e caíram ao chão devido às fortes luzes e aos fortes ventos. Maria e Maria Madalena já estavam próximas ao sepulcro quando avistaram o anjo, que as viu chegando e disse:

– Não tenham medo. Sei que vieram por Jesus que há pouco foi crucificado. Mas ele não está mais aqui. Já ressuscitou, conforme ele havia lhes dito. Entrem e vejam o lugar onde jazia o Senhor.

As duas entraram no sepulcro de Jesus e não viram ninguém. Seu corpo não estava mais ali, havia apenas alguns restos de pano com sangue, jogados ao chão. Então, o anjo falou novamente:

– Vão agora e contem a novidade para os discípulos de Jesus. Digam que o Cristo já ressuscitou. Ele os encontrará na Galileia.

As duas correram em direção aos discípulos. Estavam com o coração apertado, mas com muita alegria. Quando se aproximaram da casa onde estavam escondidos, Jesus saiu de trás de uma grande árvore e apareceu milagrosamente. Ambas caíram aos pés dele.

Jesus disse para Maria:

– Mulher, não tenha medo. Reúna meus discípulos para que eles me encontrem na Galileia.

– Jesus! Graças a Deus você está vivo! – exclamou a mãe.

– Sempre estive, mulher. Eu não lhes havia dito que voltaria no terceiro dia? Não acreditaram em minha palavra?

– Claro que sim. Mas somente depois de tudo que presenciamos.

– Jesus, um anjo apareceu a José e disse-lhe que eu estou esperando um filho seu – disse Maria Madalena.

– Sim, será uma menina. Cuide muito bem dela.

– Mas... agora que você está vivo, por que não vem conosco?

– Não posso, mulher. Meu pai precisa de mim. Mas voltarei em breve, não se preocupe com isso. Agora vão, levem a notícia aos outros.

Todos rumaram para a Galileia e, ao chegarem, encontraram Jesus, que passou aos discípulos as últimas instruções. Depois de algum tempo, enquanto caía a noite, uma grande ventania começou a surgir e a ficar cada vez mais forte. Muita poeira misturada a galhos e folhas começaram a se levantar e a girar em torno do local onde eles estavam.

Eis que uma grande luz apareceu no céu, do clarão começaram a surgir vários anjos de Deus. Jesus não se afastou, ficou imóvel onde estava. Os outros, com medo do que estava acontecendo, começaram a se afastar pouco a pouco. Em instantes, a luz pairou sobre o corpo de Jesus, que começou a flutuar e a subir vagarosamente em direção ao centro da luz. Enquanto subia, ora Jesus olhava para cima, ora olhava para seus discípulos que o olhavam de baixo, assustados e maravilhados. Em pouco tempo, Jesus sumiu no centro da luz e os anjos que, estavam ali como uma espécie de escolta celeste, começaram a voar em direção ao centro da luz, um a um. A luz arrefeceu e o vento começou a se aquietar. A pequena luz sumiu no horizonte e se transformou em mais uma estrela no céu. Todos que estavam presentes naquela colina começaram a chorar e a comentar sobre a ascensão de Jesus.

Espero que ele volte um dia, pensou Maria Madalena, colocando suas mãos sobre seu ventre.

No dia seguinte, José de Arimateia falou a Maria Madalena:

– Arrume suas coisas, pegue apenas o essencial, convide pessoas de sua confiança. Vamos sair imediatamente daqui.

Reuniram-se para a jornada Maria de Cleopas; Marta Lázaro; Estropio; Sidônio; Sara, a negra; Maria Madalena e José de Arimateia. E todos rumaram em direção à Gália. Chegando lá, foram recebidos por Felipe.

Na mesma noite em que chegaram, José foi falar com Madalena.

– Senhora, guarde muito bem minhas palavras. O mesmo anjo de Deus que falou a mim sobre sua gravidez, pediu para que eu guardasse o sangue de Jesus. Disse-me que Jesus renasceria na Terra novamente por meio deste sangue guardado; porém, apenas os descendentes dele

é que terão o poder de abrir o recipiente que contém o sangue bendito. Você deverá guardar essa história com a filha de Jesus e ela a deverá passar aos filhos e assim sucessivamente, até que o momento do renascimento chegue. Quando chegar, este cálice sagrado irá emitir um som que, quando for ouvido, é porque chegou a hora. Eu fiz um furo neste cálice de madeira que Jesus usou em sua última ceia e escondi o recipiente cilíndrico no cabo do cálice. Se perdermos o cálice, ninguém saberá o que de fato ele guarda. Do contrário, permanecerá o cálice com o qual colhi o sangue do Rei durante sua morte. Eu ficarei perto para proteger a você, a seus descendentes, e os meus descendentes farão o mesmo até que a hora chegue, pois o anjo disse que Jesus renascerá por meio deste sangue e que Ele deverá ser gerado no ventre de uma descendente.

– José, obrigada pelo que está fazendo por mim, por Jesus e pela nossa filha. Que seu nome e seus feitos sejam lembrados por toda a eternidade.

– Sou eu que agradeço a você, por me dar essa honra tão grandiosa e divina.

O tempo passou. O dia do nascimento da filha de Jesus havia chegado. Em uma noite estrelada, Maria Madalena deu à luz uma menina e lhe pôs o nome de Sarah. Muitos e muitos metros acima da casa onde Maria Madalena estava, luzes fortes e multicoloridas pairavam. Os anjos de Deus estavam ali para se certificar de que a filha de Jesus nascesse em total segurança.



Capítulo 1

Nova Iorque, setembro de 2001 d.C.

David acordou às seis da manhã como fazia todos os dias. Tomou banho, escovou os dentes, vestiu sua roupa de colégio, pegou sua mochila. Enquanto saía de seu quarto, pôde perceber pela fresta do quarto dos pais que eles, como sempre, ainda dormiam. Ele desceu as escadas na ponta dos pés, para não acordar ninguém. Preparou o café da manhã para toda família. Colocou sobre a mesa: geleias, torradas, mel, queijo, frutas, sucos, leite e, é claro, café. David adorava a hora do café da manhã, era a única hora do dia em que podia estar com seus pais, que trabalhavam muito o dia todo e não podiam dar muita atenção ao filho único. Com apenas 10 anos de idade já fazia tudo, todas as manhãs. Quando seus pais acordavam e desciam, a mesa já estava pronta e a sala tinha aquele cheirinho de café no ar. A família reunida tomava o desjejum, conversavam sobre coisas diversas do dia a dia como, por exemplo, a escola, os amigos, a política, a ciência, os computadores, entre outros assuntos de adulto, mas que David adorava. Parecia entender muito sobre eles, muito mais do que a maioria dos adultos. Era a hora sagrada da manhã: comiam, conversavam, riam, faziam planos.

Lá pelas sete e meia da manhã, David pegava sua mochila e saía com seus pais para o trabalho. Há dois anos, todos os dias, ele *trabalhava* com os pais. Sarah não gostava de deixar seu único filho sozinho em uma cidade tão grande e perigosa como Nova Iorque.

Os três iam andando até onde Sarah e Richard trabalhavam, afinal, trabalhavam na mesma empresa, em prédios vizinhos. David ora ficava no prédio do pai, ora no prédio da mãe. Sarah era diretora financeira e Richard era gerente do departamento de tecnologia da empresa. Ambos ganhavam muito bem, haviam sido contratados quase na mesma época por salários muito acima da média. Além disso, era oferecido um espaço especial para os filhos dos funcionários. No entanto, aquele era o penúltimo ano de David no trabalho dos pais pois, com onze anos, ele não poderia mais ficar no espaço destinado aos filhos dos funcionários. Nesse ambiente, a criançada podia fazer vários cursos, estudar outros idiomas, navegar na internet, tudo sob vigilância dos pais por meio de câmeras estrategicamente localizadas. Ambos os prédios possuíam esse espaço que ficava no mesmo andar da empresa. Como David havia feito amigos em ambos os prédios, ele se revezava entre os dois. Por volta do meio-dia, todos almoçavam.

Às treze horas, David ia para a escola, que ficava a poucas quadras dali. A mãe de uma das crianças, esposa de um dos funcionários, levava David e o filho dela para a escola. Porém, naquela manhã, muito antes de chegar a hora do almoço ou a hora de ir para a escola, algo totalmente inusitado aconteceu. Enquanto David conversava com seus amigos, às 08h46min. ouviu-se, viu-se, sentiu-se uma grande explosão. O barulho foi ensurdecedor. O calor que tomou conta do lugar estava insuportável. O teto começou a desabar, ouviram-se gritos por todos os lados. A iluminação havia simplesmente desaparecido. Tudo ficou escuro,

quente e barulhento. A explosão fora sentida nos andares acima, mas o calor estava muito próximo. Pedacos do teto começaram a desabar.

Durante a confusão, Sarah foi correndo em direção a David. O corredor tinha mais ou menos uns trinta metros; porém, pelo vidro, David conseguia ver sua mãe desesperada tentando passar pela multidão, correndo pelas alas para tentar chegar até ele. De repente, por causa da fumaça excessiva que tomou conta do lugar, David já não conseguia ver sua mãe. O teto começou a desabar em cima das pessoas, muitos estavam escondidos embaixo de mesas, muitos corriam, as chamas dos andares superiores começaram a invadir aquele andar. David estava paralisado com tudo o que estava vendo, não conseguia se mover, apenas observar todo aquele terror. Ele começou a se preocupar com sua mãe, tomou coragem e correu em direção ao local em que havia avistado sua mãe pela última vez. As pessoas se espremiavam, pulavam umas em cima das outras para tentar passar pela porta que dava acesso às escadas de emergência. Passando pelo meio das pernas das pessoas desesperadas, David conseguiu chegar à sala onde poderia encontrar sua mãe. No meio da escuridão, chorando desesperado, começou a vasculhar e a procurar por sua mãe. Começou a gritar por ela, mas sem sucesso.

— Maamããeee!!! Onde você está???

Seus gritos eram inúteis frente a tantos outros gritos desesperados.

Quando estava sem forças caiu no chão de joelhos, em lágrimas, e desesperado.

— Mãeee, socorro! Por favor, não me deixe aqui sozinho... – exclamou já com a voz débil.

Quando estava quase desistindo, conseguiu avistar o cabelo ruivo de sua mãe embaixo de uma laje que poderia pesar facilmente pelo menos

uma tonelada. Ele chegou mais perto e viu o rosto dela totalmente ensanguentado. Aparentemente, ela estava morta.

— Mamãe, por favor, não morra! — repetia o menino desesperado, tentando acordar sua mãe.

David se levantou e olhou ao redor. Começou a ver vários corpos jogados e muito sangue por todos os lados (o que ele presenciava ali era algo que não se via nem nos filmes mais sangrentos). Ele não podia acreditar naquilo que estava vendo. Com a cena, começou a entrar em estado de choque. A fumaça tomava conta de todo o lugar. Mal se podia respirar. O fogo começou a avançar dos andares de cima. Pessoas estavam caindo dos andares de cima e se espatifando no chão. David, já deitado, sem forças e quase inconsciente pela inalação da fumaça negra, decidiu reagir mais uma vez e começou a tentar puxar sua mãe debaixo dos escombros.

— Vamos, mamãe, força! Força! Por favor, não me abandone agora...

David mal terminou a frase e um grande pedaço de concreto flamejante caiu em cima de suas costas, esmagando suas costelas e pernas. David apagou no mesmo instante. Tudo ficou escuro e silencioso.



Capítulo 2

Suíça, Berna, abril de 1999 d.C.

Passava das duas da manhã quando carros grandes e luxuosos adentraram os portões de uma das maiores mansões da capital Suíça. A mansão pertencia a um dos mais ricos banqueiros do mundo, Benjamin Uggae, um dos líderes da sociedade secreta que se autodenominava Illuminati. Ele era um senhor de idade, aparentando cerca de setenta e cinco anos, magro e espadaúdo, além de calvo e com um cavanhaque perfeitamente aparado. Mais de vinte seguranças, fortemente armados, faziam a escolta dos carros, bem como a segurança da entrada da mansão. Ao todo, oito carros adentraram pelos portões da mansão, que foram lacrados após a passagem do último deles. Conforme os carros estacionavam, homens vestindo túnica preta com capuz saíam de seus interiores e subiam pela enorme escadaria de mármore que dava acesso ao salão principal da mansão. Ao lado das escadas, duas estátuas de leões com asas feitas de cobre observavam a movimentação dos convidados. Iam ao encontro da cúpula dos Illuminati – sociedade secreta criada séculos atrás com a finalidade de dominar e governar o mundo. Composta por centenas de membros espalhados pelo mundo, tinha sua

cúpula formada por apenas treze homens, membros de treze famílias que possuíam quase 80% da fortuna mundial. Entre eles, banqueiros, magnatas da comunicação e do petróleo, um príncipe saudita e mais alguns membros de famílias reais de outros países.

Esses treze homens também faziam parte do Clube Bilderberg, formado pelas pessoas mais poderosas do mundo, utilizado para ditar as regras mundiais, cujo foco principal era a criação de um governo único para dominar a Terra. A mesma intenção dos Illuminati. Entretanto, nem todos os membros do Clube Bilderberg sabia de fato quais eram as reais intenções dos Illuminati, os criadores do Clube. Diferentemente dos Illuminati, uma sociedade oculta e que não deixava muitos rastros de sua existência e nem de quem eram seus membros, o Clube Bilderberg, apesar de fechado e destinado apenas à elite mundial, não fazia questão de esconder sua existência. Todas as reuniões, porém, geralmente uma por ano, eram a portas fechadas. Sempre após alguma reunião do Clube Bilderberg, algo muito importante acontecia em alguma parte do mundo. Guerras, alianças, presidentes depostos, candidatos à presidência anunciados, ou seja, o futuro político do mundo era decidido dentro do Clube. Estranhamente os locais das reuniões eram secretos e revelados aos membros apenas poucas horas antes de que elas acontecessem. E misterioso era o fato de que nenhum grande jornal ou televisão do mundo noticiasse essas reuniões onde se encontravam os principais líderes políticos e empresariais do mundo (apenas veículos de comunicação independentes divulgavam alguma coisa sobre elas).

No hall de entrada, os homens se cumprimentavam com beijos e abraços, enquanto uma câmera fazia a leitura facial de todos eles a fim de garantir que não houvesse nenhum invasor. Os seguranças pessoais

tinham sido proibidos de entrar e também os seguranças da casa ficaram do lado de fora. Vinho foi oferecido aos membros. Depois de alguns minutos de espera, uma porta grande de madeira, que ficava no meio de duas escadarias, abriu-se e todos eles começaram a caminhar em direção a ela. Após a passagem do último ilustre visitante, a porta se fechou. No interior, treze confortáveis poltronas formavam um círculo no meio da sala com paredes de pedra, dezenas de obras de arte de pintores famosos, como Da Vinci e Caravaggio, e tochas acesas e penduradas em treze colunas de mármore.

Assim que todos se sentaram, baixaram seus capuzes para que os rostos fossem mais claramente observados. Em uma das pontas, sentado em uma poltrona um pouco maior que as demais, estava o grão-mestre da irmandade e anfitrião Benjamin Uggae, que foi o primeiro a falar:

— Boa noite, meus irmãos, agradeço a disponibilidade de todos para esta noite tão importante. Nesta nossa reunião extraordinária teremos apenas um assunto, o maior de todos atualmente, que vem nos afligindo já faz alguns anos. Precisamos de um plano para acabar com a vida daquele maldito clone, caso contrário nosso deus Enlil ficará furioso conosco. Todos nós aqui sabemos que devemos nossa vida e nossa fortuna a ele. Gostaria de saber se alguém tem alguma ideia do que podemos fazer. Irmão Arnold, por favor, deixe nossos irmãos a par do que está acontecendo na América.

— Irmãos, nossos homens têm seguido a família Griffin há anos e não conseguimos chegar muito perto. O menino David está sendo protegido por soldados de Enki e por membros do Priorado de Sião. Já perdemos mais de cinco de nossos melhores homens, que foram descobertos por eles. E mesmo que consigamos chegar perto o suficiente,

apenas um grande desastre conseguirá matar esse garoto. Precisa ser uma explosão, ou algo assim; com balas, ou outro tipo de morte, ele facilmente sobreviverá.

— Irmãos, eu tenho uma ideia – disse um dos membros, afoito.

— Fale irmão, todas as ideias são bem-vindas – replicou o grão-mestre.

— Lembrem-se de quando trouxe ao conhecimento de vocês ano passado um plano que a Al Qaeda estava tramando para atacar os Estados Unidos?

Todos os membros assentiram com a cabeça. O plano de ataque às Torres Gêmeas havia sido arquitetado pela Al Qaeda, porém só seria concluído com a concordância da cúpula Illuminati, uma vez que o líder grupo terrorista, Osama Bin Laden, era um dos membros de mais alto grau da sociedade. Não fazia parte da cúpula, mas possuía um grau muito elevado. O ataque fora consentido pela cúpula, pois sabiam que os Estados Unidos entrariam em guerra com o Afeganistão e muitos ali iriam lucrar com isso: armas, petróleo, ações, entre outros.

— Pois então, um dos alvos principais, como os senhores sabem, serão as Torres Gêmeas, o *World Trade Center*.

— Mas em que isso pode nos ajudar? Como faremos para o garoto entrar no *WTC* no mesmo dia e instante dos ataques? – replicou um dos membros.

— Alguns de nós temos empresas que controlam empresas que mantêm filiais ou até mesmo matrizes nesses prédios. Meu plano é que contratemos os pais do garoto para trabalhar em alguma dessas empresas. Se a empresa não tiver um espaço para os filhos, faremos com que a empresa crie esse espaço e incentive os pais a levarem seus filhos. Esse ataque será inesperado e não terá como alguém protegê-lo.

— Irmão Abdul, ótima ideia! – replicou o grão-mestre. – Realmente esse plano pode dar certo. Entretanto, é claro, temos que contar com um pouco de sorte para que os pais do garoto aceitem emprego em alguma dessas empresas.

— Irmão, basta um salário muito bom que esses americanos ficam loucos. Eles gostam mais de dinheiro do que nós! – disse um dos membros, tirando gargalhada de todos.

— Pois bem, alguém aqui se opõe à ideia do irmão Abdul?

Fez-se silêncio na sala e ninguém se manifestou.

— Qual dos senhores possui empresa em algum desses prédios?

Três membros levantaram a mão.

— Minha empresa controla uma distribuidora de petróleo e tem escritório na torre leste – disse um dos membros.

— Meu grupo de investimentos controla uma *startup* de tecnologia, são várias salas em cada uma das torres – disse outro.

— Perfeito, irmão, tendo uma única empresa nos dois prédios podemos colocar o pai para trabalhar em uma torre e a mãe em outra. Como os ataques serão em ambas as torres, temos a chance do garoto estar com o pai ou com a mãe – disse o grão-mestre, agitado com a ideia.

— Combinado! Pois bem, temos dois anos pela frente para planejar tudo. Irmão, chegando a seu país, providencie a contratação dos pais do garoto, faça uma proposta irrecusável e também tome as medidas necessárias para a criação de um espaço para os filhos dos funcionários, com escola, computadores, atividades recreativas, ou seja, tudo o que possa atrair as crianças de hoje em dia, temos que nos certificar de que os pais levarão o garoto para a empresa todos os dias.

— Pode deixar, esta semana mesmo eu providencio tudo.

— Irmão Abdul, como anda o plano nos Estados Unidos? Os ataques serão por avião mesmo?

— Sim, é a maneira mais fácil. A Al Qaeda já possui membros infiltrados na América tendo aulas de pilotagem. Eles irão sequestrar vários aviões. Irão jogar os aviões simultaneamente no Pentágono, na Casa Branca e no *World Trade Center*. Será um dia histórico.

— Com certeza, será histórico. Mas nada se comparou ainda à última grande Guerra Mundial. Conseguimos gerar uma guerra, mas infelizmente não a vencemos, ou seja, o plano não foi concluído. Mas espero que tenhamos êxito neste plano.

— Este está sendo muito mais planejado e ainda contamos com o elemento surpresa.

— Não vejo a hora desse dia chegar! Irmão, é isso, creio que já finalizamos por hoje. Qualquer problema me avise. Enquanto isso, continuem pensando em algum plano de contingência, caso esse não saia conforme o combinado. Agradeço a presença de todos.

Disse essas palavras o grão-mestre e estendeu a mão para frente, levantando os dedos indicador e mindinho.

— Salve, Enlil! — gritou o grão-mestre ao se levantar, ao que todos responderam em uníssono.

— SALVE, ENLIL!



Capítulo 3

Arábia Saudita, junho de 1999 d.C.

O governador do Texas subia pelas escadarias do enorme palácio da família real, escoltado por dois soldados e olhando a sua volta maravilhado com a beleza e riqueza do palácio. Ao final da enorme escadaria, foi recebido por uma bela mulher com traços indianos, coberta por joias e vestindo um lindo sári dourado. A bela indiana o cumprimentou e o acompanhou até uma sala que ficava aos fundos de um grande corredor forrado de quadros e objetos reluzentes. Na porta da sala, dois soldados faziam a guarda do local. Um pequeno gesto da mulher que acompanhava o governador foi o bastante para que os soldados abrissem a porta, dando passagem a ambos. No instante em que adentraram o recinto, sentiram a porta se fechando a suas costas. Alguns metros à frente o governador conseguia ver algumas pessoas, três membros da família real e mais três desconhecidos engravatados. O governador se aproximou da mesa. Estava suando não só pelo calor, mas também por nervosismo, uma vez que havia sido convocado para aquela reunião por um dos líderes da Skull & Bones, sociedade secreta à qual ele pertencia desde a época de Yale e que era representante dos

Illuminatti nos Estados Unidos. Além disso, ele iria se encontrar com os dois principais integrantes do Illuminati e com membros da família real saudita, tendo sido obrigado a desmarcar diversos compromissos e a voar imediatamente para a Arábia Saudita. A ligação havia sido muito enfática e, como ele já sabia desde os tempos de Yale, para ele e para a maioria dos membros aquela sociedade deveria estar acima de qualquer lei, afinal, ele não teria atingido seus objetivos sem a ajuda dos irmãos.

Ao se aproximar, um dos engravatados se levantou para receber o governador.

— Sr. Governador, seja muito bem-vindo. Espero que tenha feito muito boa viagem – declarou o engravatado, estendendo a mão para o governador e falando alegre e educadamente.

— Viagem muito longa, mas tudo correu muito bem, obrigado por perguntar.

— Meu nome é Arnold Idimmu, o senhor já deve ter ouvido falar de mim.

— Claro que sim, sou correntista de seu banco, assim como meu pai.

— Sim, seu pai e eu somos muito amigos. Mas deixe-me apresentá-lo aos demais. Vossa Alteza Real o senhor já conhece. Este é Benjamin Uggae e este Frederick Cullen – disse Arnold, apontando para os dois homens sentados ao seu lado.

O governador cumprimentou a todos com um aperto de mãos.

— Por favor, sente-se aqui nesta cadeira. O que o senhor gostaria de beber?

— Um café está bom, obrigado.

Mal acabou de pedir um café, escutou a porta da sala se abrir. O governador se virou para olhar quem mais adentrava a sala e

pôde ver a silhueta de seu pai caminhando em direção à mesa de reunião.

— Chegou quem faltava! – disse Arnold, enquanto estendia a mão para o pai do governador, que cumprimentava o líder, apoiando a mão sobre o ombro do filho.

— Pai, o que o senhor faz aqui? Não me disse que também viria a esta reunião.

— Bom dia, meu filho. Foi proposital, ninguém deveria saber sobre nossa presença em uma mesma reunião – respondeu, enquanto cumprimentava os demais com um aperto de mão. – Por favor, um café para mim também. Obrigado – disse o pai do governador, enquanto pedia café para um dos serviçais do palácio.

— Bom, já estamos todos aqui. Vamos começar... – ponderou Arnold, que estava presidindo a reunião, no que Benjamin tomou a palavra.

— Soubemos pelo seu pai sobre sua intenção de se candidatar à presidência dos Estados Unidos. Gostaríamos de saber se o senhor está mesmo engajado e disposto a isso.

— Claro que sim, estou totalmente engajado. Quero muito me tornar presidente e sei que sou capaz de governar o país.

— Muito bem, nós o chamamos aqui, porque queremos apoiar financeiramente sua campanha. O senhor bem sabe que aquele que mais investe na campanha geralmente é o que acaba ganhando as eleições.

— Sim, isso tem se confirmado. Fico honrado por quererem me financiar.

— Além disso, nós controlamos a mídia, que atualmente controla a opinião pública. Assim sendo, podemos eleger que desejarmos! – ponderou Arnold.

— O senhor também sabe que pertence a uma ordem subordinada a nós e que, em seu juramento, ao se tornar um membro dessa mesma ordem, prometeu obedecer aos seus preceitos e às suas leis, colocando-as acima de quaisquer outras.

— Claro que sim. E assim tenho feito desde então. Sempre fiz de tudo para ajudar a ordem e nossos irmãos.

— Ficamos felizes com sua lealdade – disse Benjamin, ao que Arnold retomou a palavra e continuou.

— Sr. Governador, o nosso irmão, Sr. Benjamin, além de um dos maiores banqueiros da Europa, é o acionista majoritário da empresa Shield Corporation, maior indústria armamentista do mundo e que possui alguns contratos com seu país. O senhor provavelmente não sabia desse fato. É que, por Benjamin também ser um banqueiro, não gostamos de ligar seu nome a uma indústria de armas.

— Conheço muito bem a Shield. Vocês fabricam as melhores armas do mundo – retrucou o governador.

— E o senhor sabe também que sua família possui muitas ações em empresas petrolíferas, bem como nossos queridos irmãos da família real?

— Claro que sei, só não sei ainda aonde o senhor quer chegar – respondeu o governador, curioso com todos aqueles questionamentos e preparações.

— Por favor, podem ir direto ao assunto – desta vez, seu pai começou a falar.

— Filho, o que estamos tentando dizer é que, como eles irão financiar sua campanha, eles precisarão ter um retorno desse investimento, retorno esse que irá beneficiar extraordinariamente nossa família.

— Isso mesmo. Somos homens de negócio e iremos investir nosso dinheiro em algo rentável – disse Benjamin, colocando a xícara de chá em cima da enorme mesa.

— O que queremos do senhor é, assim que for eleito, que feche contratos de compra e desenvolvimento de armamento com a Shield.

— Entendo, claro, já imaginava isso. Mas onde entra o petróleo nessa história?

— Temos um plano que fará a América comprar muitas armas. Além disso, o país e também sua família terão acesso a muito petróleo.

— E qual seria esse plano?

— Assim que assumir a presidência, o senhor irá declarar guerra contra o terrorismo. Irá atacar primeiro o Afeganistão e depois o Iraque. O ataque ao Afeganistão será apenas um pretexto para atacarmos o Iraque. Com isso, os Estados Unidos tomarão posse do petróleo do Iraque e venderão concessões de exploração desse petróleo para as empresas em que sua família possui ações, empresas essas controladas pelos nossos queridos amigos da família real aqui presentes.

— Desculpe, mas não entendi direito. Vocês querem que eu, sem mais nem menos, ataque dois países, envie milhares de americanos para uma guerra para serem mortos? Com base em quê?

— Como eu disse: guerra ao terrorismo. No ano em que o senhor assumir a presidência, terroristas ligados à nossa ordem irão atacar os Estados Unidos. Os alvos serão a Casa Branca, o Pentágono e o *World Trade Center*.

— Impossível, vocês estão dizendo que terroristas irão atacar meu país? E como pretendem fazer isso? Nossa defesa militar é blindada, nada chega perto do país sem que saibamos. E carros-bomba ou homens-bomba não fazem muito efeito a ponto de justificar uma guerra.

— Também já pensamos nisso. O plano é atacar os alvos com aviões civis. Os terroristas irão sequestrar vários aviões comerciais, tomarão o controle desses aviões e irão atirá-los contra os locais escolhidos. Será um ataque simultâneo, todos os aviões praticamente ao mesmo tempo.

— Meu Deus, um ataque suicida desse porte? Eu não sei o que dizer!
— exclamou o governador, enquanto gaguejava e suava ainda mais.

— O senhor não terá que fazer muita coisa. Apenas atrapalhar algumas investigações da CIA.

— Atrapalhar como?

— Iremos utilizar alguns terroristas da Arábia Saudita pertencentes a Al Qaeda, que o senhor deve conhecer.

— Conheço muito bem: Osama Bin Laden.

— Exato. Nós iremos financiar toda a missão terrorista. E, quando isso acontecer, o senhor irá declarar guerra contra o Afeganistão, com a desculpa de caçar Osama Bin Laden. Depois de alguns anos o senhor irá atacar o Iraque, dizendo que esconde Osama Bin Laden e que a CIA descobriu que o país está fabricando armas de destruição em massa. Com isso, a América entrará em guerra contra o Iraque.

— Mas, e se outros países intervierem a favor do Afeganistão ou do Iraque?

— Se isso acontecer, melhor ainda, mais países para conquistarmos e mais armas para vendermos. No entanto dificilmente um país entrará em guerra com a maior potência mundial, só se forem loucos.

— Vocês não acham esse plano muito arriscado?

— Sr. Governador, já temos tudo planejado. Não tem como dar errado.

— Filho, veja pelo lado bom. Estaremos tirando um ditador do poder e levando paz a um país controlado por terroristas que é o caso do Afeganistão. Quando os cidadãos americanos perceberem que foram atacados em sua própria casa, serão os primeiros a quererem uma guerra contra o terror.

— Ok, eu concordo. Estaremos sacrificando poucos pela segurança de muitos e nossa nação ficará mais forte ainda. Mas não posso fechar todos os contratos de armas com a Shield, pois levantaremos suspeitas.

— É claro que não. Digamos que 80% dos contratos o senhor feche com a Shield, deixando o resto para as outras – replicou Benjamin, abrindo um grande sorriso.

— Muito bem, filho, sábia decisão – disse o pai, enquanto colocava sua mão sobre o ombro do filho.

— O ataque está planejado para o dia 11 de setembro de 2001. Assim que o senhor tomar posse, ordene que a CIA diminua as investigações relativas à Al Qaeda em território americano. Peça para se concentrarem em outros terroristas – disse Frederick, falando pela primeira vez.

Frederick Cullen era o braço direito de Benjamin, além de grande estrategista militar e o responsável pelo serviço sujo dos Illuminati.

— O senhor receberá instruções criptografadas neste e-mail. Aqui está seu e-mail e senha para acessá-lo uma vez por mês. Assim que o acessar, leia a mensagem e apague-a imediatamente – disse Frederick, entregando um envelope ao governador.

— Senhores, creio que nossa reunião tenha sido muito produtiva. Agradeço a presença dos senhores e conto com o empenho de todos os envolvidos. Agradeço também aos membros da família real a oportu-

nidade de trabalharmos juntos mais uma vez. Eu os aguardo em minha casa, para tomarmos um chá – finalizou Benjamin, enquanto se levantava da cadeira, assim encerrando a reunião.

Benjamin estendeu a mão aos membros reais e curvou-se um pouco perante os anfitriões, algo incomum, uma vez que Benjamin sempre fora acostumado a que se curvassem perante ele.

Então todos se levantaram e foram caminhando até a saída do palácio onde, ao pé da escadaria, limusines brancas os aguardavam para os levarem cada qual ao seu destino. Pai e filho entraram no mesmo carro, uma vez que iriam para o mesmo hotel. O filho estava muito nervoso, nunca antes havia participado de nada tão grandioso como aquilo, era muito responsabilidade sobre seus ombros.

— Relaxe, meu filho, grandes poderes requerem grandes responsabilidades. Em breve, você irá se acostumar ao gosto do poder e verá que o que estamos fazendo é para o bem de todos. Espero muito que você cumpra com sua palavra ao ser eleito. Caso contrário...

— Mas, pai, e se eu não for eleito? E se eu for eleito, e algo sair errado, eles podem me culpar?

— Não, se você fizer sua parte. Se fizer tudo o que foi dito, não tem o porquê de culparem você, caso algo saia errado. Meu medo é você não cumprir a parte do acordo assim que os ataques terroristas acontecerem. Meu filho, eles são muito poderosos, faça tudo o que estiver ao seu alcance, nossa família irá ganhar muito com isso e seu nome ficará na história como o presidente que combateu e acabou com o terrorismo na América. O último presidente que não quis acatar as ordens dos Illuminati acabou morto. Seu nome você já sabe: John Fitzgerald Kennedy.



Capítulo 4

França, Biot, 1980 d.C.

Já passava da uma da manhã. Mais de seis carros pretos se espalhavam pelas ruelas apertadas da cidade nos arredores da pequena Igreja Sainte Marie-Madeleine. Todos os carros possuíam vidros escuros, sendo impossível enxergar quem ou o quê estava dentro. Em seu interior, estavam homens vestindo impecáveis ternos pretos e armados até os dentes com todo tipo de armamento. Eles estavam ali para proteger uma reunião secreta que se iniciaria dentro de alguns minutos exatamente no interior daquela igreja. Todos na cidade já dormiam, qualquer movimento era extremamente minucioso e silencioso, de modo que nenhum morador vizinho percebesse a presença deles por ali. Dois seguranças guardavam a parte de dentro da igreja, controlando a entrada dos membros pela porta de trás. A cada cinco minutos, um carro de luxo encostava na porta dos fundos da igreja e de dentro saía uma pessoa trajando uma roupa de monge. A pessoa descia do carro, caminhava até a porta, batia três vezes em cima e duas vezes em baixo. Era uma espécie de senha para que o segurança liberasse a entrada. Ao entrar, o luxuoso carro partia. Ao todo, onze monges adentraram a igreja.

No interior, todos os monges começaram a se sentar conforme iam chegando. O local era escuro e sombrio e havia tochas acesas em todas as colunas que seguravam a estrutura da igreja. Os monges nem se olhavam e muito menos falavam entre si. Tudo estava muito silencioso. De repente, um monge trajando uma roupa branca apareceu no altar da igreja.

— Boa noite, irmãos! — disse o monge branco, em um francês com sotaque. — Agradeço a presença ilustre de vocês. Irmãos, como bem sabem, hoje é um dia muito importante para nós. Há séculos nossos antepassados esperavam e agora nós estamos esperando por este dia. Nossa última reunião foi há mais de trinta anos e, para alguns de nós, é a primeira reunião. Como souberam, este encontro seria no exato local onde está enterrada a nossa relíquia que hoje iremos desenterrá-la.

A relíquia que eles iriam desenterrar naquela igreja fora posta ali pelos Cavaleiros Templários, no século XV, e repousava em segredo até então. Apenas a família do grão-mestre, o monge branco, sabia a exata localização da relíquia. Semanas antes daquele encontro, todos os membros foram avisados da reunião por meio de um pergaminho muito antigo, entregue em mãos por mensageiros de confiança do grão-mestre. O pergaminho estava lacrado com o símbolo da sociedade, que apenas os próprios membros conheciam.

E então continuou o monge branco a falar:

— Irmãos, coincidentemente nossos inimigos estão perto de encontrar este local. Assim, a retirada da relíquia é mais do que providencial.

— Irmão, gostaríamos de saber as últimas notícias sobre nossos inimigos. Como o senhor descobriu que eles estão próximos? — perguntou um dos monges, com um tom de preocupação.

— Nosso contato na CIA está monitorando alguns membros e, segundo análise da inteligência, eles já estão em Marselha, investigando. Nunca estiveram tão perto — replicou o grão mestre. — Peço que me sigam até a parte inferior da igreja. Venham por aqui.

O monge branco desceu e contornou a parede por trás do altar. No meio, ficavam antigas estantes de livros feitas de madeira, praticamente podres devido à umidade do lugar. Com ajuda de mais dois dos monges, a estante de livros foi retirada com cuidado. O chão era de mármore branco, mas já estava preto por ter acumulado séculos de sujeira. Um segurança vestindo uma túnica azul escura pegou uma picareta em suas mãos e fitou os olhos do monge branco, que deu o sinal com os olhos para que ele comesse a quebrar o mármore exatamente naquele local. O segurança começou a quebrar o chão e, conforme ia quebrando, em vez dos pedaços de mármore permanecerem quase inertes ou voarem por todos os lados, eram tragados para baixo. O chão era oco, na verdade, uma passagem. Depois de quebrar quase um metro quadrado, puderam-se avistar barras de ferro presas à parede, formando uma escada. O primeiro a descer foi o segurança. Segurou um lampião em uma das mãos e foi descendo pelas barras de ferro vagorosamente. Desceu aproximadamente três metros e com os pés começou a pisar o que era um alçapão de madeira. Aproximou o lampião do alçapão, que estava trancado com um enorme cadeado preto. Como a madeira parecia antiga e podre, o segurança olhou para cima e, com um olhar, pediu o consentimento do monge branco para o abrir. Obteve o consentimento na mesma hora. O segurança, com apenas um pontapé no alçapão, colocou toda a madeira abaixo. O caminho estava liberado. Desceu mais dois metros e conseguiu pisar no chão. Iluminou ao seu redor com o lampião e começou a retirar as teias de aranha que cobriam o lugar.

Era uma sala vazia, as paredes eram feitas de pedra e nada mais se via a não ser algumas tochas antigas penduradas na parede. Um a um, os monges foram descendo até aquele local, agora totalmente iluminado com seus lampiões. O monge branco apontou para o segurança o exato local, na parede, que ele deveria quebrar. O brutamontes com sua picareta não hesitou em começar o trabalho. Pedacos de pedra começaram a cair para fora, todavia a maior parte dos pedacos para dentro da parede — mais uma vez o local era oco. Depois de muito esforço, o segurança conseguiu abrir uma passagem de aproximadamente dois metros de largura por um metro e meio de altura. O segurança foi o primeiro a passar por ela, atrás dele vieram os demais monges com seus lampiões acesos. Seguiram por um corredor de dois metros e meio de largura, todo de pedra, andaram e andaram por volta de cinquenta metros. O chão era inclinado para baixo, então, conforme iam andando, não ficavam no mesmo nível. Aos poucos, estavam descendo. No final dos cinquenta metros, encontraram uma curva e o chão ficara ainda mais inclinado. Andaram ainda em torno de cem metros.

De repente, depararam-se com um enorme portão de ferro. Dessa vez, não seria possível derrubá-lo com aquela humilde picareta, nem com alguns poucos pontapés. Então o monge branco retirou de seu pescoço um cordão. Penduradas nele estavam duas chaves. Uma delas deveria ser a chave daquele portão. As chaves eram praticamente iguais. O monge usou primeiro uma delas, sem sucesso. A segunda encaixou-se perfeitamente à fechadura. Ele a girou. A tranca havia sido aberta. O segurança, em seguida, tentou abrir o portão, sem o conseguir da primeira vez, pois era muito pesado. Tomou um pouco de fôlego e, com um pouco mais de força, movimentou-o até que ele fosse aberto.

Cautelosamente ele adentrou o local, colocando sempre o lampião a sua frente para que não houvessem surpresas desagradáveis. Novamente encontraram uma sala vazia, entretanto dessa vez um pouco menor. O monge branco não parecia surpreso. Os demais, apesar de atônitos, já estavam se acostumando.

— Onde devo quebrar agora, senhor? — perguntou o segurança, já aparentando um pouco de desânimo.

— Não é necessário mais quebrar, me deixe passar! — disse o grão-mestre, tomando a frente.

Avistou um pouco acima de sua cabeça, em uma das paredes, umas pedras um pouco mais escuras. Se esticou para alcançar a mais alta de todas e, então, a empurrou com as duas mãos. A pedra se moveu e começou a deslizar para dentro da parede. Puderam-se ouvir alguns barulhos como que de uma engrenagem funcionando. O barulho cessou e a parede começou a se mover lentamente. Todos naquela sala ficaram boquiabertos.

— John, você pode voltar e guardar a entrada. Seguiremos sozinhos daqui. Muito obrigado por sua ajuda — disse o monge branco, colocando sua mão sobre o ombro do segurança.

— Irmãos, por gentileza, sigam-me.

Todos atravessaram a parede que acabara de se abrir. Um a um, os monges foram se amontoando do outro lado da parede e, conforme seus lampiões se uniam, o local ia se iluminando. Era uma grande galeria, toda feita de mármore, com grandes colunas e alguns vitrais — parecia um templo ou algo do gênero. Algumas colunas possuíam desenhos com inscrições em algarismos romanos. Os homens começaram a andar bem lentamente e, depois de alguns passos, conseguiram avistar um altar. Subiram a escada de mármore e encontraram mais uma porta

de ferro. No meio dessa, havia o desenho de uma cruz, com doze fechaduras espalhadas nela.

Cada um dos monges carregava uma chave, pendurada em um cordão atado ao pescoço, que havia sido passada de pai para filho através dos séculos. Cada um dos membros, ali presentes, possuía uma graduação dentro da sociedade que ia do um ao doze, em que o grão-mestre era o de grau mais elevado. Os monges retiraram os cordões pretos que envolviam seu pescoço. Um a um, a começar pelo de menor grau, foram colocando sua chave em uma determinada fechadura. Os movimentos eram sincronizados, já que somente após um monge de menor grau girar sua chave é que a próxima fechadura podia receber a chave seguinte, de um monge de grau superior. A chave do monge branco, portanto, foi a última. Novamente um barulho ouviu-se do outro lado, após ter sido usada a última chave. E, quando o som cessou, três dos monges empurraram a grande porta de ferro, que se abriu.

Do lado oposto, viu-se um pequeno salão de mármore com decoração em ouro e prata, alguns desenhos na parede e algumas inscrições cuneiformes, uma mistura de inscrições egípcias com inscrições sumérias. No fundo do salão, havia uma grande mesa de pedra e, em cima dessa, estavam, lado a lado, doze caixas de madeira. As caixas não possuíam fechadura ou qualquer dispositivo pelo qual se pudesse abri-las. Estavam totalmente empoeiradas. Foi então que, um a um, os monges pegaram para si as caixas. Uma delas deveria conter o que era conhecido como o Santo Graal, o cálice sagrado utilizado por Jesus Cristo em sua última ceia com seus discípulos, que havia sido usado por José de Arimateia para colher o sangue d'Ele enquanto estava crucificado. Todos aqueles monges — homens importantes, empresários, políticos

e até mesmo um príncipe — eram os protetores do Santo Graal e de seu segredo, não por escolha própria, mas sim por um legado transmitido de pai para filho por séculos e séculos. Aqueles senhores faziam parte de uma sociedade secreta que se autointitulava O Priorado de Sião. O nome já não era de muita importância, uma vez que tinham sido descobertos no século passado. Inclusive outras pessoas haviam criado sociedades secretas se utilizando do mesmo nome. Aqueles, contudo, eram os membros do verdadeiro Priorado de Sião, criado há séculos para proteger o Santo Graal e o segredo de Jesus Cristo na Terra.

O que nenhum dos membros sabia era que o verdadeiro Santo Graal não estava em nenhuma daquelas caixas. Uma delas continha uma réplica impecável do cálice, mas o verdadeiro estava muito bem escondido em poder do grão-mestre desde o início, nunca havia saído de perto de sua família e deveria continuar lá até que fosse chegado o momento oportuno. Tudo o que acontecera naquela noite era apenas uma encenação, para despistar o verdadeiro paradeiro da relíquia mais preciosa do planeta Terra. O teatro era necessário; pois, até mesmo entre os membros, poderia haver traidores ou algum deles poderia confiar em um estranho e falar o que não deveria, de forma não proposital. Essa mesma encenação acontecera séculos atrás, quando o falso Santo Graal fora enterrado na pequena igreja. Possivelmente, naquela época, alguma informação tinha sido repassada, pois os inimigos chegaram muito perto da localização da réplica do Santo Graal. Se havia mesmo um traidor entre os membros, toda a encenação não teria sido em vão.

O grão-mestre sabia disso. A ideia era que cada um ficasse com uma caixa. Assim, teoricamente, nenhum deles saberia em qual delas estava a relíquia sagrada. Um a um, os monges, saíram do salão. Cerraram a porta principal, pegaram as chaves de volta e retornaram à igreja,

fechando todas as portas e passagens pelas quais se deslocaram. Chegando novamente à igreja, depois de cumprirem alguns protocolos da sociedade e de se informarem sobre outros assuntos, todos se cumprimentaram com abraços e seguiram pela porta dos fundos.

Cada um entrou em seu carro, que sumiu madrugada adentro, rumo ao país de origem deles. Voltaram para casa, onde esconderiam a caixa que estaria em seu poder até o momento oportuno.



Capítulo 5

Washington DC, 21 de fevereiro de 1991 d.C.

O senador americano, por Nova Iorque, George Griffin dormia ao lado de sua esposa. Era domingo e o sol ainda não nascera. A noite havia sido fria e o silêncio do lado de fora da mansão era incomum para um domingo. Geralmente os vizinhos faziam festas ou jantares até tarde da noite, o que deixava o senador irritado devido às músicas no último volume, que era possível ouvir a quadras dali. George não podia entender como a juventude atual gostava daquele tipo de música e ainda mais naquele volume. George e sua esposa moravam em uma mansão no número 3053 da P Street Northwest, em Washington, DC. Havia se mudado de Nova Iorque para Washington na década de 1980.

Em poucos minutos, os primeiros raios de sol começaram a penetrar pela porta de vidro que dava acesso à varanda da suíte do senador. Depois dos primeiros raios, um zunido começou a soar insistentemente. A frequência do zunido parecia com aqueles apitos usados para treinar cachorros. O ruído era constante e atormentador. A esposa do senador, a senhora Jane, foi a primeira a ouvir o ruído. Ela começou a se virar na cama de um lado para o outro, tentou tapar a cabeça com o

cobertor, mas sem sucesso. O ruído continuava em sua cabeça. Então pegou dois travesseiros que estavam ali na cama e tapou cada ouvido com um travesseiro, afinal, não eram nem seis da manhã e aos domingos eles estavam acostumados a acordar depois das dez. Como a estratégia do travesseiro também não havia surtido efeito, Jane resolveu acordar seu marido para que descobrisse de onde vinha aquele maldito ruído e tentasse cessá-lo de uma vez por todas. Deitada de bruços e com os travesseiros cobrindo sua cabeça, Jane, que dormia do lado direito da cama, estendeu seu longo braço direito e começou a chacoalhar o senador, que sempre teve um sono muito pesado. Poderiam estar bombardeando Washington naquele momento e o senador continuaria dormindo. O marido percebeu que alguém o estava chacoalhando, mas preferiu ignorar o fato, com a esperança de que fosse um sonho, ou ainda um pesadelo, ou que a infeliz pessoa que estivesse fazendo aquilo desistisse. Como Jane já conhecia seu marido e sabia que ele não acordaria facilmente, resolveu retirar os travesseiros da cabeça e chamar por seu nome.

— George, não está ouvindo esse maldito ruído?!

— Hã... Que ruído?! — resmungou o senador ainda sonolento, sem coragem para abrir os olhos.

— Esse zunido infernal, o que será isso?!

O senador não tinha escolha, ele teria que levantar para descobrir de onde vinha o maldito zumbido, caso contrário não conseguiria mais dormir. Aos poucos, ele foi abrindo os olhos, coçou-os com as mãos para acordar melhor e levantou-se aos poucos parecendo um zumbi. Ele e sua mulher haviam ficado acordados até tarde da noite, assistindo a filmes antigos. Era um momento raro, já que quase sempre eles eram chamados para eventos e jantares.

— Realmente esse zunido é muito chato! — balbuciou o senador, tateando o criado-mudo para procurar pelo seu par de óculos.

Foi então que ele começou a andar pelo quarto, tentando identificar de onde vinha aquele zunido. Andou de um lado para o outro, mas o ruído parecia sempre constante no volume. Olhou pelos vidros da porta que dava acesso a sua varanda, tentando enxergar algo na rua que estivesse ocasionando aquilo. Abriu a porta da varanda e saiu. O som diminuiu. Ele fechou a porta da varanda, ficando para o lado de fora, e percebeu que o som havia cessado.

— Esse barulho só pode estar vindo de dentro de casa. Será alguma coisa na fiação elétrica? — disse consigo.

Ele voltou para dentro do quarto, andou até a porta, abriu-a e saiu. Novamente o som havia cessado. Não era possível que o som fosse audível somente de dentro de seu quarto! Entrou ali novamente e fechou a porta. Andou em direção aos aparelhos de TV e DVD, retirou todos os fios da tomada e, mesmo assim, aquele ruído continuava. Nesse momento, sentiu um aperto no coração, lembrou-se do que estava escondido em seu quarto e do que seu pai havia lhe dito muitos anos atrás.

— Não é possível... será que já é hora? — pensou o senador, em voz alta.

— O que disse, querido? Hora do quê? — questionou Jane ao ficar assustada com a expressão no rosto de seu marido. — O que está acontecendo?

— Querida, por favor, afaste-se da cama, preciso empurrá-la — disse o senador, afoito.

— Empurrar a cama? Do que você está falando? — respondeu a esposa, ficando agora ainda mais preocupada.

— Me ajude a empurrar!

Os dois começaram a empurrar a cama, arrastada pelo assoalho de madeira.

— Preciso abrir o cofre.

— Mas, querido, o cofre não fica debaixo da cama, fica dentro do nosso closet. Você está bem?

George se ajoelhou no chão, fez pressão sobre uma das tábuas do assoalho e enfiou a mão por trás da parede, onde a madeira havia baixado com a pressão de sua mão pesada. Ele puxou uma alavanca, escondida atrás da parede e instantaneamente, como em um passe de mágica, um pedaço do assoalho cedeu, revelando um buraco no qual se podia ver um cofre preso à parede oculta.

— Este cofre! — exclamou George, com um olhar enigmático.

— Mas como esse cofre foi parar aí? Por que você nunca me disse nada? — questionou a esposa, com um certo ar de confiança traída.

— Querida, eu não podia contar para você, ninguém poderia saber deste cofre. Se você fosse sequestrada por alguém, revelaria sobre ele no primeiro sinal de ameaça.

— O que você guarda nesse cofre?

George apoiou as duas mãos no assoalho e jogou suas pernas para dentro do buraco. Começou a digitar a combinação do cofre. Eram mais de dez números e dez letras. Ouviu-se o estalo das trancas antigas do móvel. George puxou a porta em sua direção e uma luz verde fluorescente pôde ser vista vinda do fundo do esconderijo, de dentro de uma caixa antiga de madeira, estava escondida atrás de uns papéis. Ele segurou a caixa e arrastou-a lentamente em sua direção. Pegou-a com muito cuidado com as duas mãos e colocou-a sobre o assoalho de madeira. Voltou a trancar o cofre e, apoiando-se no assoalho, deu um impulso com as pernas para sair de dentro do buraco.

Com a retirada da caixa de madeira, o zumbido havia ficado ainda mais evidente, era quase ensurdecador. George puxou uma alavanca, fixada em uma das extremidades do buraco, e as madeiras, que antes haviam caído revelando o outro cômodo, agora voltavam ao seu lugar de origem, fazendo que novamente o chão do quarto se completasse.

George pegou a caixa, com muito cuidado, e colocou-a com as duas mãos em cima da cama.

— Querido, por favor, me diga o que é isso! É alguma coisa radioativa? Que luz é essa? — questionou Jane, ainda mais preocupada com aquilo.

— Calma, mulher, você já vai entender. Fique tranquila que não é nada radioativo. Pelo menos, eu acho que não.

O senador abriu a velha caixa de madeira lentamente e, com uma das mãos, pegou um cálice também de madeira.

— Veja isso, querida. Adivinha o que é? — disse o senador, com um sorriso largo no rosto.

— Não tenho ideia. Um cálice velho de madeira? — respondeu a esposa ironicamente.

— Isso é o que chamam de Santo Graal.

— Santo Graal?! Meu Deus, então ele estava com você o tempo todo?

— O Santo Graal nunca saiu das mãos de nossa família. Meus ancestrais criaram diversas réplicas dele e o espalharam pelo mundo. Guerras e mais guerras foram travadas por causa dele. Muitos acreditam estar de posse do verdadeiro Santo Graal, colecionadores milionários e até mesmo o Vaticano possuem réplicas que julgam verdadeiras. Se o verdadeiro Santo Graal tivesse caído em mãos erradas, a humanidade a essas horas estaria perdida.

— Mas... como assim?! Como uma relíquia pode ter o poder de fazer algo tão grave com a humanidade?

— Minha querida, o Santo Graal não é uma relíquia qualquer. É fonte do poder de Deus aqui na Terra. Ele carrega o sangue do filho de Deus e é por meio desse sangue que Jesus irá renascer na Terra para nos salvar mais uma vez.

— Desculpe, querido, mas não vejo sangue nenhum aí. E que luz é essa saindo da base do cálice?

O senador segurou o cálice, com as duas mãos, contra o peito. Fazendo força, quebrou-o, separando sua base.

— Querido, você ficou louco, você acabou de quebrar o Santo Graal?
— disse Jane, tentando segurar o marido, totalmente desesperada.

— Veja isso.

George, segurando o cálice, virou-o contra a palma de sua mão direita. Escorregou um objeto reluzente. Aquele ruído, com certeza, vinha do objeto. Em poucos segundos, o ruído cessou e a luz verde e forte também se apagou.

— Querida, este é o verdadeiro Santo Graal. Dentro deste recipiente está o sangue de Jesus Cristo Nosso Senhor, nosso mais ilustre ancestral.

— Ancestral?! — inquiriu Jane, pasma com aquilo.

— Querida, sente-se aqui na cama, vou lhe contar tudo. Nós somos primos distantes, eu e você. Seu bisavô era irmão do meu bisavô. Por motivo de segurança, os sobrenomes foram mudados, fazemos isso sempre que uma ameaça chega muito perto de nós. Nossa família é descendente direta de Jesus Cristo. Jesus teve uma filha com Maria Madalena, o nome dela era Sarah. Nós somos descendentes de Sarah, a filha de Jesus. Como você acha que o Santo Graal veio parar em minhas mãos? José de Arimateia deixou-o na guarda de Sarah para que ela o passasse para seus filhos e assim sucessivamente. É claro, a família de

Sarah nunca ficou desamparada. Sempre fora protegida por pessoas que guardavam o Graal. Durante séculos, o Santo Graal foi escondido, guardado e protegido. Foram formadas sociedades secretas para proteger o segredo e o verdadeiro paradeiro do Graal. Essa sociedade, séculos depois da morte de Cristo, depois de algumas guerras e atribuições e de sua separação, novamente foi reunida e chamada de O Priorado de Sião.

— Nossa, estou abismada com isso! — respondeu Jane, com os olhos cheios de lágrimas.

— Na época da morte de Jesus, um anjo apareceu para José de Arimateia e lhe entregou este cilindro. Esse anjo o instruiu para que colhesse o sangue de Jesus e o guardasse aqui dentro e disse-lhe que só aqueles com traços do DNA de Jesus poderiam abrir o cilindro. E disse mais: Jesus deveria renascer do sangue que José guardou. Então, para mantermos o DNA praticamente intacto, no século I, depois que Sarah já havia tido filhos e netos, decidiu-se que nossa família só se casaria entre si. Creio que isso também foi uma instrução dada por um anjo para a própria Sarah, anos depois do nascimento de seus filhos.

— E o que você pretende fazer para que Jesus renasça deste sangue?

— Clonagem!

— Clonagem?! Não posso crer. Quem conseguiria fazer um clone humano?

— Alguém muito próximo de você — disse George, fazendo a esposa ficar em silêncio, pensativa, por alguns segundos.

— Agora estou entendendo, foi por isso que você insistiu para que o Thomas seguisse a carreira de engenheiro genético. Sua intenção é que ele faça um clone de Jesus? — disse a esposa indignada, tentando organizar seus pensamentos, suas lembranças, e recordando como

George havia direcionado as vontades e os estudos de seu filho Thomas para a genética. – Mas nunca foi feito um clone humano antes, como seria possível?

– É possível, atualmente nossa tecnologia está muito avançada. Só não fizeram ainda, porque nenhum governo ou empresa resolveu financiar a pesquisa, mas teoricamente é possível, justamente o que Thomas estudou. Precisamos dele para fazer o clone. Esse segredo, Jane, não pode ser descoberto por estranhos. E digo mais: Jesus deverá renascer do ventre de Sarah, nossa neta.

– Meu Deus, minha netinha!

– Eu sempre soube que o Graal se manifestaria ainda nesta época, mas não imaginei que fosse tão cedo. Sorte que Thomas já se tornou um especialista no assunto e nossa neta já está madura o suficiente para ter um filho.

– Mas... e se Sarah não aceitar?

– Ela tem que aceitar, o futuro da humanidade depende dela. Meu problema não é a Sarah e sim o pai dela. Ele, com toda aquela história de ética, poderá relutar.

– Não entendo. Por que você diz que o futuro da humanidade está em jogo?

– Jesus veio à Terra pela primeira vez para nos salvar. Deus queria destruir a humanidade, pois estávamos perdendo a fé nele e éramos muito desobedientes. Foi então que Jesus interveio, para mostrar a Deus que não éramos tão ruins assim e que merecíamos uma segunda chance.

– É, não éramos tão ruins assim. Para provar resolvemos matar o filho de Deus. – retrucou a esposa com um ar de sarcasmo.

– Penso que tudo aquilo tenha sido encenado. Se Jesus não tivesse morrido e ressuscitado, talvez ele não fosse lembrado como o é hoje e

a humanidade talvez não tivesse recuperado sua fé em Deus. Creio que sua missão foi parcialmente cumprida.

— E porque Jesus tem que renascer de seu *sangue*? Ele não pode simplesmente voltar?

— A humanidade tem que ser preparada para a volta dele e só podemos prepará-la por meio do próprio Jesus. Talvez Jesus encarne nesse clone que iremos fazer, não sei ao certo. Tenho algumas teorias, mas nada concreto de fato, só saberemos da verdade quando a criança nascer. Querida, você não pode comentar isso com ninguém. Agora nós corremos mais perigo do que antes, se os inimigos descobrirem nossos planos, seremos todos mortos. Os senhores do mundo são controlados por forças ocultas, e eles nos perseguem há anos.

— Os senhores do mundo dos quais você fala são parte daquela tal sociedade secreta chamada Illuminati, sobre a qual você sempre comenta?

— Isso mesmo, os Illuminati são controlados por Satanás e o maior interessado em que Jesus não volte e não renasça é justamente ele. Caso contrário, ele não conseguirá dominar nosso planeta. Digamos que muitos membros dos Illuminati só acreditam nisso por considerarem que fazem o bem, mas não têm ideia do que esteja acontecendo de fato. Eles controlam uma sociedade secreta chamada Clube Bilderberg, você já deve ter me ouvido falar deles. Os membros são simplesmente os donos do mundo. Reis, príncipes, rainhas, presidentes, banqueiros, magnatas da mídia, políticos, bilionários. A intenção deles é controlar o mundo e criar um governo único, um governo capaz de mandar e desmandar em qualquer outro país. Quando isso acontecer, Satanás subirá ao poder, pois só assim ele conseguirá dominar o mundo. Imagine que hoje Satanás se torne presidente dos Estados Unidos. Se

ele for desmascarado e começar a fazer o que pretende fazer com o planeta, outros países entrarão em guerra contra a América, que não poderá com o mundo todo contra ela. Se ele subir ao poder por meio de um governo único, ninguém será capaz de lhe deter, os países não entrariam em guerra contra seu próprio governo. Viveremos então na escravidão eterna, a humanidade estará perdida. Só o retorno de Jesus poderá impedir isso.

— Querido, mas você fala de um jeito, como se Satanás fosse um ser de carne e osso.

— Jane, Satanás é tão de carne e osso como eu e você.



Capítulo 6

Nova Iorque, 21 de fevereiro de 1991 d.C.

A campainha do antigo telefone começou a tocar às onze horas da manhã. O telefone ficava na sala e Thomas estava no quarto. Havia se deitado às oito da manhã, pois durante a madrugada se debruçara em pesquisas e testes dentro de seu laboratório pessoal, montado em um dos quartos do apartamento dele em Nova Iorque. Thomas podia ouvir o som do telefone de longe, mas não estava com coragem de ir até a sala para atender. Preferiu ignorá-lo para ver se desistiam. Quem estaria telefonando para ele às onze da manhã de um domingo? Thomas morava sozinho em um grande apartamento. Havia se separado de sua esposa alguns anos antes justamente devido a sua obsessão com pesquisas e trabalhos extensos e em horas impróprias, não sobrando nenhum tempo para a família. A esposa, como não suportava mais esse tipo de comportamento, resolveu morar com a filha Sarah até que encontrasse um lugar para si, mas acabou ficando por lá mesmo. O telefone continuava a tocar, não desistiam, e para Thomas era mais difícil levantar do que para seu pai, George. Mas aparentemente não tinha jeito, ou ele atendia, ou o maldito telefone continuaria tocando

até a noite. Levantou-se, ainda com os olhos fechados, e foi tateando a parede do quarto até encontrar o interruptor da luz. Acendeu a luz e abriu a porta do quarto se arrastando pelo corredor do apartamento, de cuecas e pantufas.

— Alô! Thomas falando — respondeu, com voz sonolenta.

— Thomas, meu filho, é o papai!

— Pai? Isso é hora de ligar para a casa dos outros?

— Filho, já passa das onze da manhã. Desculpe se o acordei, mas o assunto é sério.

— Ahã... tudo é sério pra você. Pode falar.

Thomas já estava acostumado com os assuntos sérios do pai. Tudo para George era sério, quando ele resolvia ligar para falar de algum produto químico descoberto em algum alimento, ou para falar sobre política — o que para um senador como ele era muito sério; porém, para um cientista como Thomas, não tinha a menor importância.

— Filho, o assunto é urgente, preciso que você venha a Washington imediatamente.

Na mesma hora, o filho despertou com o susto.

— Aconteceu algo com a mamãe? Como ela está?

— Não se preocupe, não é nada com sua mãe. Mas preciso que você venha, se possível, ainda hoje.

— Tá bom, tá bom! Vou tomar um banho e viajo até aí. Espero que seja realmente importante.

Thomas sabia que, se seu pai requisitava sua presença em um domingo, o assunto só podia ser sério mesmo, do contrário teriam conversado por telefone. George, no entanto, nem quis adiantar o assunto. Thomas foi tomar uma ducha para despertar, enquanto o café era preparado. Vestiu uma roupa confortável, tomou seu café,

comeu um pedaço de bolo perdido dentro da geladeira e desceu até a garagem do prédio para pegar seu carro e viajar até a capital. Thomas era muito curioso e não iria conseguir dormir sem antes saber o que seu pai tinha para lhe dizer. Ao chegar a seu carro, lembrou-se de que sua filha Sarah talvez gostasse de visitar os avós. Entrou no carro, pegou o celular e telefonou para sua filha, que atendeu imediatamente.

— Alô! — disse Sarah com uma voz simpática, como sempre era.

— Oi, princesa, é o papai!

— Oi, pai! Que bom que ligou! Mas você está acordado a uma hora dessas em um domingo? — disse Sarah, com tom sarcástico.

— Pois é, seu avô me acordou, disse que precisava falar comigo pessoalmente. Estou saindo pra Washington neste minuto; aliás, já estou dentro do carro, mas lembrei que faz tempo que você queria visitar seus avós. Que tal ir comigo?

— Ah, pai, mas amanhã é segunda. Algumas pessoas precisam trabalhar, sabe...

— Ah, é verdade, me esqueci desse detalhe. Sabe como é... Como eu tenho minha própria empresa, às vezes, me esqueço de que algumas pessoas são subordinadas a horários. Mas, veja bem, eu vou hoje e volto amanhã cedo. São cinco horas de viagem. Amanhã cedo você já está de volta, só perderá meio período do trabalho.

— Hum, tá bom! Faz tempo que não vejo o vovô e a vovó. Eles vivem super ocupados e eu tenho banco de horas. Devo ter um ano de banco de horas para tirar!

— Então, combinado! Passo para pegá-la em vinte minutos. Se apronte!

— Tá bom, então, beijo e até daqui a pouco!

Thomas saiu com sua BMW pela garagem do prédio e rumou em direção a West Broadway. A poucos metros do prédio da filha, já conseguia avistá-la, esperando-o em frente.

Sarah era ruiva, cabelos longos e ondulados, olhos azuis e um corpo escultural, que chamava a atenção de todos que passavam por ela. Trabalhava em uma multinacional como *trainee* do departamento financeiro. Formou-se economista em Harvard e, por ser uma das melhores alunas da universidade, conseguiu o emprego um ano antes de se formar. Por sorte, só depois do primeiro dia de trabalho de Sarah é que descobriram ser ela neta de um dos senadores mais populares dos Estados Unidos ou poderiam os colegas da faculdade, do trabalho, suspeitar de favorecimento. Sarah tentava sempre provar a todos o seu valor pelo intelecto, uma vez que geralmente conseguia as coisas de forma fácil devido à beleza dela. No entanto ela queria acreditar que alcançava seus objetivos não pela beleza; mas sim, por sua competência. Por isso, no dia da entrevista na multinacional, quando concorreu ao emprego, foi de terninho totalmente comportado, cabelos lisos e presos, óculos, sem maquiagem — tentava assim esconder um pouco seus belos traços e ninguém poderia dizer que fora contratada por seu rostinho bonito.

Thomas encostou o carro, Sarah entrou e rumaram em direção à capital.

— Como está sua mãe? Ela não quis vir junto?

— Não, pai, ela tem compromisso hoje à tarde — disse Sarah, sem encarar seu pai nos olhos.

— Compromisso? Mas... com quem? — retrucou Thomas, indignado e, ao mesmo tempo, tentando esconder o interesse.

— Fique tranquilo, papai, ela vai à casa da Sherry, para um clube do livro. Estão discutindo nesta semana sobre um livro com título estranho, em latim, acho que se chama *Testiculus habet et bene pendentes*, de uma autora portuguesa chamada Rosa de Souza. Parece que o livro aborda sobre uma suposta papisa de nome Joana, que se passou por homem para virar papa e conseguiu enganar o Vaticano, mas depois engravidou e foi descoberta. Também menciona sobre a repressão da Igreja Católica contra a mulher e sobre as possibilidades da humanidade. Parece um livro interessante. Aliás, é um audiolivro, porque agora a mamãe só compra audiolivro, para ficar escutando na academia, enquanto realiza as atividades físicas.

— Ela está fazendo academia, é? — perguntou o pai, com ar de incredulidade.

— Pois é, papai, existe vida após o casamento, o senhor sabia? E ela está voltando à antiga forma. Então, se o senhor não tentar voltar com ela logo, vai perder a oportunidade!

— E quem disse que eu quero voltar com ela?

— Ah, papai, eu o conheço muito bem. Mas, me diga, o que o vovô quer com você? Será que ele vai renunciar ao senado?

— Renunciar? Onde ouviu um absurdo desses?

— Sei lá, se ele quiser se candidatar à presidência, vai ter que renunciar para fazer campanha.

— Mas as eleições são somente daqui a dois anos. E, pelo que ele me disse, ele não aceitou a indicação. Disse que o presidente teria que ser outra pessoa em um futuro próximo e também que os presidentes que não se filiam a uma determinada ordem acabam mortos.

— O vovô e suas manias de perseguição e teorias da conspiração...

Algumas horas depois...

— Chegamos, princesa, pode acordar! — disse Thomas, colocando sua mão levemente sobre o ombro da filha.

— Nossa, peguei no sono e nem percebi. Essas suas músicas clássicas dão sono em qualquer um.

Thomas estacionou o carro em uma das vagas externas da mansão de esquina, pegou as malas e foi com a filha em direção à porta da frente. Tocou o interfone e, mal tirou o dedo do botão, a porta se abriu. George os havia visto chegar pelas câmeras há muito tempo. O senador contratou a instalação de diversas câmeras de segurança, que cobriam toda a área externa da casa, inclusive com sensores de movimento que avisavam, quando alguém pisava na calçada de frente à mansão. Mesmo morando em um bairro sossegado, tendo treinamento militar e um arsenal de causar inveja a qualquer fanático por armas, o senador era ainda mais neurótico por segurança, afinal, tanto sua posição política, como sua oculta, pediam o máximo de precaução. Se os inimigos conseguiam matar até mesmo presidentes protegidos por diversos homens do serviço secreto e forte esquema de segurança, o que seria de um reles senador?

— Sarah, minha querida, que surpresa você por aqui! — exclamou o avô coruja.

— Olá, vovô, que saudades! — disse Sarah, tascando um beijo estalado na bochecha rosada do avô.

— Seu pai se esqueceu de me avisar que você viria junto. Vou pedir mais um lugar na mesa para você. Entrem, por favor, a casa é de vocês.

— Ah, vovô, você conhece o papai. Mais distraído, impossível.

— Mas que bom que você veio, assim já mato dois coelhos com uma só cajadada. O assunto que devo tratar com seu pai envolve você diretamente.

— Ah, é? Agora fiquei curiosa. Me conte logo!

— Papai, cadê a mamãe? — perguntou Thomas, com ar de preocupação.

— Não se preocupe, filho, sua mãe está no banho. Daqui a pouco, estará conosco. Por favor, sentem-se. Sirvam-se à vontade, devem estar famintos.

— É verdade, o papai nem quis parar na estrada para comermos, viemos direto — disse Sarah, enquanto enchia uma taça com salada de frutas.

— Mas diga, senador, o que tem para falar de tão importante a ponto de precisar conversar pessoalmente?

— Calma, Thomas, espere sua mãe descer que falaremos sobre isso. Por enquanto, coma alguma coisa, não é bom passar por fortes emoções com estômago vazio.

— Fortes emoções? Ai, meu Deus! — exclamou Sarah, em tom de preocupação, já pensando se tratar de alguma doença na família.

— Olá, meus queridos, que saudade! — exclamou Jane, enquanto descia as escadas.

— Olá, vovó!

— Olá, mamãe!

Disseram ambos em uníssono, enquanto abraçavam a matriarca da família Griffin.

— Thomas não avisou que você viria, Sarah, mas que bom que veio!

— O papai quis fazer surpresa — replicou Sarah, em tom de deboche, olhando para o rosto do pai, sem graça.

— Bom, agora que todos os interessados estão à mesa, vou começar a falar. Peço que prestem muita atenção em minhas palavras e acreditem em tudo o que eu disser, pois não é nenhum tipo de brincadeira ou teste.

— Fala logo, vovô, está me deixando nervosa.

— Nervosa? Você ainda não viu nada — replicou o senador.

— Quero lhes mostrar isto! — disse o senador, enquanto colocava sob a mesa o cálice sagrado partido e, ao lado, o cilindro que estava dentro do cálice.

— Pai, o que é isso?! — perguntou Thomas intrigado. George passara a vida toda lhe contando histórias sobre o Santo Graal, mostrando pinturas e figuras. Thomas havia reconhecido o artefato, assim que bateu os olhos nele.

— É isso mesmo que você está pensando, Thomas. Este é o tão procurado e famoso Santo Graal.

— Santo Graal?! Mas, vovô, se Jesus era o Rei dos Judeus, o cálice usado por ele não deveria ser mais bonito do que isso? Acho que o enganaram, quando venderam essa réplica. Afinal, todos já sabem que o Santo Graal representa o útero de Maria Madalena e a linhagem de Jesus. Eu li um livro sobre isso na faculdade: abordava que o termo Santo Graal deriva de uma tradução de *Saint Graal* e das antigas formas *San Graal* e *Sangréal*, ou seja, Sangue Real, uma teoria meio louca sobre Jesus ter tido um filho com Maria Madalena.

O senador soltou uma gargalhada.

— Filho não, filha. O que foi escrito naquele livro e o que sabem hoje em dia sobre o Santo Graal foram apenas algumas das histórias que inventamos no decorrer dos séculos para mascarar o verdadeiro segredo do Graal. Algumas passagens são verídicas, claro, como a que menciona a filha de Jesus, mas outras são totalmente ficção.

— Vocês inventaram? — indagou Thomas, com olhar sério.

— Sim, filho, inventamos. Nossa família, ao longo dos séculos, inventou essas e outras histórias; algumas convenceram, outras

não. Bom, deixe-me ir direto ao assunto. Este é o verdadeiro cálice utilizado por Jesus em sua última ceia, com seus discípulos. No dia de sua morte, um anjo do Senhor foi até José de Arimateia, entregou a ele este cilindro dourado e prateado, que vocês veem na minha mão, e o instruiu para que o sangue de Jesus fosse coletado e o guardado neste tubo. Então, José utilizou o cálice da ceia, que havia guardado consigo, para colher o sangue de Jesus, enquanto este era crucificado. José despejou o sangue no cilindro, que foi automaticamente lacrado e nunca mais aberto, ou seja, o sangue de Jesus está protegido aqui há quase dois mil anos. Agora vocês devem estar se perguntando: por que esse cálice e esse cilindro estão comigo. Simples, eu explico, meus queridos. Tanto eu como sua mãe e, conseqüentemente, vocês dois, somos da família de Sarah.

Sarah interrompeu o senador no instante em que ouviu seu nome.

— Sarah? Mas que Sarah, vovô?

— Calma, princesa, estou explicando. Sarah é o nome de nossa ancestral. Foi por causa dela que eu convenci seu pai e sua mãe a darem a você esse nome, em homenagem a nossa antepassada. E ela, Sarah, é ninguém mais ninguém menos que a filha de Maria Madalena e Jesus Cristo.

Um silêncio se fez na sala de jantar, enquanto lágrimas rolavam pela face de Sarah, emocionada ao escutar aquilo e sem saber ao certo se acreditava ou não. Seu avô, contudo, nunca fora de inventar histórias e muito menos de mentir. Por isso, seu subconsciente soube que ela era de fato descendente do maior ser que já havia pisado na face da Terra: Jesus Cristo.

— Vovô, estou pasma!

— Pai, você tem certeza do que está falando? E como pode a mamãe

também ser da mesma família? Ela não era uma Griffin até se casar com o senhor.

— Bem observado. Desde o final do século I, os descendentes de Cristo só puderam se casar entre eles. Existem registros, inclusive, de dois irmãos que se casaram. Sua mãe, Jane, é bisneta do irmão do meu bisavô. A mãe de Sarah é neta de um primo meu. Ou seja, estamos todos em família. Isso foi necessário para que o DNA de Jesus não se perdesse pelo mundo e não se diluísse muito.

— Mas, pai, como eu pude casar com uma prima? Seria muita coincidência.

— Filho, no dia em que você conheceu a mãe de Sarah, tudo já havia sido planejado. Vocês estavam prometidos um para o outro desde o nascimento, assim como eu e sua mãe. A única coisa que fizemos todos esses anos foi dar uma ajudinha para o destino e fazer com que se encontrassem e se conhecessem e, conseqüentemente, se apaixonassem. A mãe de Jéssica já sabia de tudo e sempre incentivou o namoro de vocês.

— Não posso acreditar que vocês me manipularam! — resmungou Thomas, em tom de desaprovação e indignação.

— Filho, não fizemos nada além de dar uma ajudinha. Jéssica se casou com você, porque te amava, ou seja, vocês se apaixonaram de verdade.

— E se não tivéssemos nos apaixonado, o que vocês fariam? Iriam nos obrigar a nos casarmos?

— Claro que não! Você tem várias primas que não conhece, todas muito bonitas. Modéstia à parte, nossa genética é muito boa, dificilmente nasce alguém feio na família. Antigamente era tudo mais fácil, os pais diziam para os filhos com quem eles deveriam casar e pronto, não tinha discussão. De uns tempos para cá, isso infelizmente mudou e

tivemos que mudar de tática, mas o importante é que, no final, sempre ocorre conforme o planejado e hoje estamos aqui.

— Vovô, conte essa história direito. Ela é muito surreal, acho que estou sonhando — disse Sarah, enquanto passava a mão pelos cabelos, segurando a cabeça com as duas mãos.

— Como eu ia dizendo, o anjo disse a José de Arimateia que, quando chegasse a hora certa, Jesus deveria renascer de seu próprio sangue e que apenas alguém da linhagem d’Ele conseguiria abrir o cilindro que vocês veem agora. Nossos antepassados mais antigos não tinham ideias claras acerca da expressão *renascer pelo sangue*. Eles acreditavam que bastava abrir o cilindro e despejar o sangue no cálice, ou algo do tipo, para que Jesus voltasse. Somente eu percebi o que o anjo realmente quis dizer a José: um clone deve nascer desse sangue. Essa é a única explicação. Por isso, a vida toda eu o incentivei e instiguei a seguir a carreira de cientista genético, pois sua missão é criar o clone de Jesus Cristo.

— Papai, você só pode estar louco. Clonagem de humanos é ilegal e antiético. E, mesmo que fosse permitida, as pesquisas em clonagem ainda são incipientes. Alguns cientistas tentaram clonar animais, porém a maioria dos clones nasceu morta ou deformada ou morreu no primeiro mês.

— E aquela clonagem de rãs que fizeram em 1952, utilizando células de girinos? Seu mestrado não foi sobre isso? — questionou o pai.

— Sim, o senhor não se lembra de que eu consegui clonar um sapo na época do meu mestrado? Até trouxe para o senhor ver. A diferença é que nos anfíbios a regeneração completa dos tecidos é uma característica natural, por isso é mais fácil de fazer.

— Claro que me lembro. E você não se lembra de quem o incentivou a fazer a tese em clonagem do seu mestrado de engenharia genética?

— Sim, me lembro muito bem que o senhor praticamente me obrigou a fazê-la. Até ganhei equipamentos para o meu laboratório, como incentivo, não é mesmo?

— Sua tese foi extremamente elogiada e comentada em Harvard — lembrou o pai. — Tenho certeza de que assim que clonarmos Jesus, por meio de seu sangue, ele não morrerá, afinal, Jesus já ressuscitou uma vez — retrucou George, com ar sereno e confiante.

— Sinto muito, papai, mas não conte comigo para uma coisa dessas. Eu posso perder minha licença e, pior, ser preso. E mesmo que você encontre quem faça essa clonagem, você precisa de um útero para gerar essa criança.

— Sim, isso nós já o temos, estou olhando para ele — disse George, enquanto olhava para Sarah.

— Eu, vovô?! É... Você realmente enlouqueceu! — retrucou Sarah, espantada. — Vovó, você não fala nada?

— Querida, escute seu avô. O que ele está dizendo é verdade e deve ser cumprido. É a missão de vocês.

— Thomas, Sarah, o que estou contando é muito importante. A existência da raça humana, como a conhecemos, depende de vocês. Primeiro, de acordo com as instruções do anjo, Jesus deverá renascer pelo seu sangue, ou seja, no entendimento moderno, ele deve ser clonado e gerado no ventre de uma mulher de sua linhagem. Se não fosse assim, por que o cilindro só poderia ser aberto por alguém que tivesse traços do DNA de Jesus no sangue?

— Isso é o que diz a lenda, mas creio que qualquer um poderia abrir o cilindro — replicou Thomas.

George se levantou, caminhou até a parede e pegou o interfone:

— John, por favor, venha até aqui.

John era o segurança do senador, já trabalhava com ele há muitas décadas.

— John, está vendo este cilindro? Repare que, na ponta dele, tem um espaço em que cabe exatamente a ponta de um dedo. Por favor, segure o cilindro e encaixe o seu dedo indicador na fenda.

O segurança segurou o tubo com uma das mãos e colocou a ponta do dedo da mão livre sobre a fenda que supostamente era a uma tampa.

— Não aconteceu nada, senador. Só isso?

— Só isso, John, muito obrigado. Pode ir agora — disse George, dispensando o segurança, e olhando para o filho, oferecendo o cilindro, disse:

— Thomas, agora quero que você faça o mesmo.

— Pai, talvez não seja assim que se abre.

— Faça o mesmo procedimento que John fez.

— Sei, mas não vai abrir.

Thomas colocou o dedo indicador sobre a fenda e automaticamente o cilindro começou a emitir uma luz verde muito forte. Assustado, Thomas retirou o dedo rapidamente e jogou o cilindro em cima da mesa.

— Está vendo, filho, como você explica o fato do cilindro reagir a você e não a John? Se qualquer um de nós colocar o dedo nesta fenda, uma luz irá aparecer e bastará girarmos a ponta para um lado e o corpo do cilindro para outro que ele vai se abrir.

— Vovô, isso está parecendo mais um artefato extraterrestre. Olha essas inscrições: parecem hieróglifos, mas nunca vi nada assim.

— Ok, papai, você me convenceu de que o artefato está programado para abrir com o DNA de nossa família. Mas... me responda uma coisa: se algum de nossos antepassados tivesse traído seu cônjuge, o sangue iria facilmente se diluir?

— Fora de cogitação! Antigamente tudo era muito bem calculado e nossa família sempre foi muito rígida. As mulheres não podiam sequer olhar para outros homens, nunca saíam desacompanhadas. Hoje em dia, seria mais fácil.

— Entendi, papai, mas... por que você diz que a humanidade depende dessa clonagem? Isso é mais uma das suas teorias da conspiração?

— Filho, não são teorias. Todas as histórias que contei durante a sua infância, a melhor fase que existe para que elas se fixem, são verdadeiras. Vou resumir para vocês essas histórias e, com o tempo, irão descobrir mais coisas. Tenho alguns documentos que vocês devem ler depois, que irão ajudar a esclarecer tudo.

— Prestem atenção: houve um tempo em que Deus queria destruir a Terra, pois a humanidade estava muito relapsa, não acreditava mais n'Ele. Jesus foi um dos responsáveis pela criação da humanidade, se não, o principal responsável. Ele quis mostrar a seu Pai que os erros de nossa espécie são fruto do que acontece ao nosso redor, mas que nossa essência é boa. Ele pediu a Deus uma chance, disse que viria à Terra e provaria que parte dos humanos era boa. Disse também que, se não recuperássemos a fé, Ele poderia destruir a humanidade. Foi proposto um acordo, Deus o aceitou e então Jesus nasceu na Terra em um corpo híbrido, parte humano, parte Deus. Jesus estava certo, parte dos humanos era boa, mas a grande maioria havia se corrompido. Jesus deixou um legado de amor que é seguido até hoje. Se não fossem os ensinamentos de Jesus naquela época, se Jesus não tivesse existido, a humanidade teria se dizimado sozinha. O que segura uma parte da humanidade é acreditar em Jesus; a outra parte se segura por puro interesse, ou seja, medo de ir para o inferno.

Muitas religiões foram criadas tomando como base a palavra de Jesus. A maioria delas se desvirtuou, é verdade, principalmente a religião católica, que sempre praticou horrores contra a humanidade em nome de Jesus. Mas o Filho de Deus conseguiu provar que a essência do homem era boa, os seus erros eram consequência do ambiente em que cada um de nós é criado. Se somos criados em um ambiente de ódio, vamos crescer com ódio. Porém, se formos criados isolados do mundo e de qualquer tipo de influência, nossa tendência é praticar o bem e nunca o mal.

Mudando agora um pouco de assunto: lembrem-se de que a Bíblia diz que Lúcifer foi expulso do paraíso junto com outros anjos? Pois bem, a pretensão de Lúcifer sempre foi tomar o lugar de Deus, ou seja, ele quer ser o rei do planeta Terra. Existe uma sociedade secreta que vocês conhecem, chamada Illuminati. Os Illuminati são servos de Lúcifer e controlam uma outra sociedade chamada Clube Bilderberg. Desse clube vocês nunca ouviram falar. O Clube Bilderberg compõe-se, em sua maioria, de reis, príncipes, rainhas, presidentes, políticos, bilionários, ou seja, os senhores do mundo. A maioria dos que fazem parte do clube são pessoas que, em sua própria concepção, estão fazendo o bem para a humanidade, com a intenção de criar um governo único, não elegível pelo povo, ou seja, eles pretendem governar o planeta Terra para acabar com a fome, com a pobreza, com as guerras, em troca de poder e mais poder. Essa é a intenção principal deles. O que eles não sabem é que por trás deles existe uma força mais poderosa que os manipula. Acima dessa força está Lúcifer. Quando esse clube conseguir instituir a Nova Ordem Mundial, Lúcifer subirá ao poder. E esse dia está muito próximo. ONU, OTAN, G7 e, mais recentemente, a União Européia, são todas insti-

tuições criadas para, em breve, formarem uma única célula de poder, controlada apenas por poucos.

— Mas... por que Lúcifer não sobe ao poder agora? Por que precisa esperar que o mundo esteja dominado por um único poder? — questionou Sarah, com semblante preocupado.

— Querida, foi o que eu expliquei para sua avó hoje, logo cedo. Imagine que Lúcifer se transforme no presidente dos Estados Unidos, a nação mais poderosa do mundo. Se isso acontecer e ele começar a fazer o que pretende, outros países entrarão em guerra com os Estados Unidos, teremos uma guerra nuclear e a vida na Terra acabará. Se Lúcifer subir ao poder, quando for estabelecida uma Nova Ordem Mundial, um único poder, ninguém entrará em guerra contra ele, que irá se declarar *deus* do planeta Terra e ninguém mais o deterá. Essa é a diferença. Ele está esperando o momento certo, que está chegando, para atacar.

— Mas, pai, você acha que o clone de Jesus irá conseguir deter pessoas tão poderosas?

— Filho, você não entendeu. Minha teoria é a de que esse clone servirá apenas para que Jesus volte, ou seja, ele irá reencarnar nesse clone e irá mostrar para as pessoas que voltou e, conseqüentemente, irá lutar para que a Nova Ordem Mundial não se estabeleça, afinal, ele é Filho de Deus, deve ter lá seus poderes. Quem curou multidões, fez mortos levantarem e ressuscitou deve ser muito poderoso e, se o anjo disse que ele deve renascer em uma época como a atual, creio que é justamente para lutar contra esses senhores do mundo. Entendem agora a importância de vocês nisso tudo?

Sarah se levantou, colocando a mão sobre os olhos, caminhou em direção à sala e se jogou no sofá. Todos, atônitos com a reação, foram atrás dela.

— O que foi, querida? — disse Jane, preocupada com a neta.

— Nada, vovó. Só estou tentando digerir isso tudo, tentando acreditar. Minha razão diz para não acreditar nesse tipo de coisa, mas meu coração diz o contrário. Meu cérebro está em conflito.

— Bom, papai, — continuou Thomas — eu também preciso digerir tudo e pensar. Posso levar esse sangue para analisá-lo no meu laboratório?

— Claro que sim, mas não hoje. Quero que vocês durmam aqui e amanhã cedo vocês voltam. Sua mãe e eu vamos subir e deixá-los a sós para conversarem. É muito importante que não comentem nada disso com ninguém, Sarah, principalmente com sua mãe. Boa noite para vocês.



Capítulo 7

Washington DC, 22 de fevereiro de 1991 d.C.

Amanheceu na casa do senador. Às oito horas, todos já haviam descido para tomar o café da manhã. O último foi George, trazendo consigo dois CDs. George havia passado a madrugada gravando e criptografando aqueles CDs, repletos de documentos antigos de sua família, de sua árvore genealógica, provas de tudo o que ele havia contado para seu filho e sua neta.

— Thomas e Sarah, estes CDs são para vocês. Eles estão criptografados com chave de 2048 bits, impossível quebrar sem a senha, que está atrás do quadro de família que lhes dei no natal passado.

O senador havia presenteado a ambos com um óleo em tela contendo a imagem de toda a família reunida. O quadro foi pintado a partir de uma foto, que haviam tirado no Natal anterior, na qual praticamente todo o clã Griffin estava reunido. Aquela era a única ocasião em que era possível reunir todo mundo.

— Dentro deste CD, vocês irão encontrar muitas respostas — continuou George.

— Thomas, pegue este pacote, guardei o cilindro aqui dentro. Por favor, tome muito cuidado.

— Fique tranquilo, papai.

Os Griffin terminaram o café da manhã e se despediram. Thomas e Sarah pegaram a estrada de volta para Nova Iorque. Foram conversando sobre tudo o que havia acontecido, sobre todas as revelações que George havia feito. Ambos estavam intrigados e, ao mesmo tempo, contentes de participarem de algo tão grandioso.

— Papai, eu não consegui dormir à noite, pensando em tudo o que foi dito por vovô, e tomei uma decisão: eu quero que o senhor faça esse clone e que ele nasça de mim — disse Sarah, com convicção.

— Mas, filha, isso é muito perigoso. Se algo der errado eu não vou me perdoar nunca! — replicou Thomas, com tom preocupado, passando a mão pelos cabelos de sua filha.

— Papai, eu confio em você e, além disso, o que poderia dar errado? Você faz inseminações todos os dias em sua clínica.

Thomas era um cientista e lecionava em algumas universidades, além das consultorias para empresas. Também possuía uma clínica de fertilização, onde tratava mulheres que não conseguiam engravidar, e fazia procedimentos de inseminação artificial.

— Filha, na clonagem é muito mais complexo. Vou ter que pegar um óvulo seu, ou qualquer outro óvulo, e remover o material genético; depois, vou pegar uma célula do doador (que será clonado) e, por meio de eletrofusão, farei a junção dessa célula com o óvulo. Dessa junção, se formará um embrião. Pode acontecer, porém, de o óvulo rejeitar o material genético do doador e, mesmo que não o rejeite, a criança que nascer não terá nada seu, ou seja, ele não será seu filho de fato, você será apenas uma barriga de aluguel. E pode ser que

a criança nasça morta ou deformada. Está disposta a correr todos esses riscos?

— Papai, ele será meu filho. Quem cria também é mãe, não apenas quem gera.

Thomas sabia que não poderia tirar aquela ideia da cabeça de sua filha, afinal, ela sempre conseguia o que queria. Desde pequena, havia sido muito mimada pela mãe e principalmente pelos avós.

— Vou analisar esse sangue. Se estiver tudo certo com ele, eu vou pensar no seu caso.

Thomas deixou Sarah na empresa em que ela trabalhava e foi direto para sua clínica que era próxima dali. Ao chegar, entrou afobado no prédio, ansioso para analisar aquele sangue, mal cumprimentou os funcionários e clientes. Trancou-se no laboratório e pediu para não ser incomodado. Vestiu seu jaleco branco, sua máscara e retirou o cilindro de dentro do pacote que seu pai havia feito. Olhou para os lados, a fim de se certificar de que ninguém estava no laboratório, e colocou seu dedo indicador sobre a fenda no topo do cilindro, que, no mesmo instante, acendeu. Com uma mão na base e a outra no topo do objeto, girou ambos ao mesmo tempo em direções opostas e, com um pequeno estalo, o cilindro se abriu. Com muito cuidado, tentou despejar uma gota do sangue sobre uma lâmina, mas o sangue não desceu. Na verdade, não era possível ver o sangue dentro do cilindro, uma vez que o seu canal interno era muito estreito.

Inseriu cauteloso uma haste de algodão bem fina no recipiente e, assim que a retirou, vendo vermelho-escuro sua ponta, pôde constatar que, de fato, havia sangue ali dentro. Passou o algodão pela lâmina — o sangue estava denso e escuro mas, incrivelmente, fora conservado naquele cilindro, por quase dois mil anos. Desde que seu

pai lhe contara toda aquela história, Thomas esteve quase convicto de que não havia mais sangue no tubo, uma vez que, depois de tantos séculos, o sangue poderia estar seco e, nessas condições, talvez não fosse possível colher material genético.

Thomas coletou um pouco mais de sangue. Ele resolveu que iria utilizar um microscópio eletrônico, capaz de enxergar até mesmo a cadeia de DNA. A análise demoraria um pouco mais, entretanto a precisão seria muito maior. Aquele microscópio havia sido doação de um bilionário amigo de seu pai e custava algo em torno de cinco milhões de dólares, soma inimaginável para Thomas e sua humilde clínica. Depois de muitos minutos de espera, o resultado da análise do sangue começou a aparecer na tela do computador. Enquanto isso, Thomas se servia, do lado de fora do laboratório, de uma xícara de café. Mantendo um olho no café e outro na tela do monitor, que ele conseguia ver de longe, através do vidro, pôde perceber que algo já estava aparecendo na tela. Engoliu o café, que desceu queimando sua garganta, de uma só vez, e correu em direção ao computador. Sua intenção maior era comparar o DNA daquele sangue com o seu próprio DNA. Ao chegar ao computador, conseguiu ver na tela a imagem da estrutura das células, os cromossomos e, em uma letra menor, pôde ler o seguinte:

Sequência de DNA concluída.

Pares de cromossomos = 24

Thomas ficou estupefato. Sua boca secou. Ele não podia acreditar naquilo que estava lendo.

— Impossível! A máquina só pode estar quebrada ou desregulada!

Thomas obviamente sabia que o macaco possui 24 pares de cromossomos, não os humanos. Estes possuem 23 pares. Thomas resolveu

repetir o teste, dessa vez, fazendo a comparação entre o seu próprio e aquele sangue. Pegou uma seringa e espetou seu braço, recolhendo um pouco de seu material. Colocou-o no microscópio e esperou enquanto o resultado saía. Depois de longos minutos, o resultado:

Sequência 1 – 24 pares de cromossomos;

Sequência 2 – 23 pares de cromossomos.

Compatibilidade do DNA = 89,786%

Thomas não se conformou e jogou o resultado em uma base de dados onde estava catalogada todas as espécies conhecidas, para saber a que espécie aquele sangue pertencia. No entanto o resultado foi nulo, o computador, depois de horas vasculhando o banco de dados, não conseguiu encontrar uma espécie a qual pertencia aquele DNA. Tudo começou a ficar muito claro na mente de Thomas. Aquele sangue não pertencia à raça alguma deste planeta. O chimpanzé, com 24 pares de cromossomos, apresentava em torno de 97% de compatibilidade com o DNA humano. Aquele material genético não era humano, não podia ser deste planeta. De fato, o sangue era mesmo de Jesus que, pelo visto, realmente existiu. Toda aquela história que seu pai havia contado agora estava fazendo sentido. Mas uma coisa começou a intrigar Thomas: como Jesus conseguiu procriar com uma humana? Se é que Maria Madalena era humana ou uma híbrida — metade humana e metade extraterrestre.

Várias suposições e teorias começaram a surgir na mente de Thomas. Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos, ele estava muito emocionado com aquele episódio. Ele era o primeiro cientista no mundo a ter a chance de analisar o DNA do maior de todos os seres, o mais famoso do mundo, e que ainda era de sua família: Jesus Cristo.

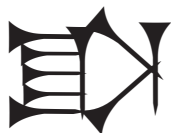
Thomas não cabia dentro de si, ele precisava compartilhar aquela informação com alguém, ele não poderia guardar aquilo apenas para ele mesmo. Sua alegria era muito grande, porém, ninguém poderia saber sobre aquilo, era muito perigoso.

Agora tudo fazia sentido, as histórias sobre Jesus, a maneira como Maria engravidou virgem, com certeza, havia sido por meio de inseminação artificial. Deve-se a isso a lenda da *virgem* Maria. Os poderes de Jesus estavam explicados. Sem dúvidas, ele pertencia a uma raça muito mais avançada intelectualmente, com total controle sobre sua própria mente e, é claro, por meio dela, conseguiu operar os *milagres* de que todos falam.

Sem pensar duas vezes, Thomas retirou as amostras do microscópio, gravou em um disquete o resultado das análises de sangue e digitou o comando para que o computador apagasse a pesquisa, pois alguém poderia encontrá-la. Correu para o telefone, retirou-o do gancho e teclou o número da casa de seu pai.

Olá, no momento não podemos atender. Por favor, deixe seu recado, que retornamos em breve. Obrigado — dizia a voz de seu pai, gravada na secretária eletrônica.

— Papai, você não sabe o que eu descobri. Analisei o sangue do cilindro e encontrei algo sensacional! Ele não pertence a nenhuma espécie conhecida em nosso planeta. Aliás, o DNA desse sangue possui 48 cromossomos, enquanto o de um ser humano possui 46. Não é fantástico?! A propósito, decidi tentar fazer o clone. Assim que escutar meu recado, me ligue. Beijo.



Capítulo 8

Brasil, 12 de setembro de 2001 d.C.

Dona Maria e seu Francisco se despediam dos filhos e netos. Haviam acabado de enterrar, no fundo da casa, o filho mais novo, morto um dia antes, na represa que circundava a fazenda do casal, que ficava no interior do estado de São Paulo, em uma pequena cidade chamada Assis.

O filho, de apenas onze anos de idade, fora nadar na represa, como sempre fazia, pois era um excelente nadador. Mas, naquele dia, 11 de setembro de 2001, o pai o encontrou, já sem vida, à beira da represa. Havia se afogado. Era costume do garoto nadar no final da tarde, quando estava quase anoitecendo, e sozinho. A família ficou inconformada e desolada.

Naquela região, principalmente na área rural, era comum o velório e enterro ocorrerem nas terras da familiares. Algumas famílias, mais humildes, nem sabiam que era necessário avisar as autoridades da morte de parentes e providenciar a certidão de óbito; outras, no momento do desespero, esqueciam-se dessa obrigação.

O casal, depois de se despedir dos familiares que tinham vindo para o velório, foi tomar banho e dormir.

Depois de algumas horas, perto das duas da manhã, ouviu-se barulho de um carro se aproximando. Dona Maria acordou, pensando que algum de seus filhos havia voltado. O carro estacionou próximo à varanda da casa. Dois homens de terno preto saíram do automóvel e lentamente começaram a subir as escadas da varanda. A data era 12 de setembro de 2001. Os dois homens, altos e louros, bateram à porta da família Giroto. Dona Maria já estava na sala antes de chamarem. Ela se encaminhou até a porta, sem medo, pensando tratar-se de algum de seus filhos. Ao abrir, levou um susto com o tamanho dos homens e também por não se parecerem com nenhum conhecido. O marido de Maria, ao escutar a movimentação, dirigiu-se à porta da frente com sua carabina enferrujada nas mãos.

— Se acalme, *home*, eles são pastores da igreja — disse Dona Maria que pensou que aqueles homens fossem pastores de sua igreja, que souberam da morte do filho e vinham participar do velório.

— Oxe, o que eles querem a esta hora?

Então, os homens explicaram:

— Senhora, não somos pastores, viemos aqui conversar sobre o filho de vocês. Soubemos que ele faleceu e gostaríamos de dar nossos pêsames — disse um dos homens.

— Estamos aqui, pois precisamos tratar de um assunto muito delicado — disse o outro homem, com uma voz serena e segura, passando confiança ao casal de idosos, que os convidaram para entrar.

— *Sente*, por favor, senhores. Vou preparar um café *pro ceis* — declarou Maria com o típico sotaque da roça, muito comum naquela região do Brasil.

— Senhora, não é necessário, pois seremos breves.

— Por favor, então, diga, no que podemos ajudar?

— Senhora, somos americanos, fazemos parte de uma agência americana chamada CIA.

O homem mostrou sua credencial para o casal.

— Ah, eu já ouvi falar *do ceis*, vocês são *famoso*, sempre *aparece* nos *filme*. *Oceis deve tá* muito *triste* com o que aconteceu ontem naqueles prédios, que coisa horrível, só por Deus!

— Sim, senhora, estamos todos abalados. Foi uma grande perda para a humanidade.

— Mas... estamos aqui por um outro motivo. Meu parceiro irá lhe explicar.

— Senhora, uma família americana muito importante está sendo perseguida. Ontem, dois membros dessa família foram mortos por gente muito má. Da família, sobrou apenas o menino que, por coincidência, possui o mesmo nome de seu falecido filho e também quase a mesma idade, com diferença de um ano.

— Mas... como vocês sabem do nosso filho? Ele faleceu ontem e nem fomos ao cartório ainda – disse a senhora, com ar de espantada.

— A senhora não ligou para sua família na Itália ontem, comunicando a eles? Pois bem, conseguimos interceptar essa ligação.

O marido pulou da cadeira.

— *Oceis* estão vigiando a gente?! – esbravejou o velho.

— Não, senhor, por favor, se acalme. Todas as ligações internacionais são monitoradas para segurança dos envolvidos; temos um software que identifica certos padrões, faz a gravação e nos envia.

— *Tá bão*, mas fala logo o que *oceis* querem. Não vê que não estamos em condições de receber visitas? Mal acabamos de enterrar nosso filho.

— Pois bem, como eu ia dizendo, dois membros dessa família americana foram mortos ontem, sobrou apenas o filho deles. Nós preci-

samos de um lugar para esconder essa criança. Ela precisa de outro nome, de outra família pois, se o encontrarem, ele também será morto. Estamos aqui em nome do governo americano para lhes pedir ajuda.

— *Oceis* tão querendo que *nóis* assuma uma criança que não é nossa e que ainda está sendo perseguida? Isso, além de contra a lei, é perigoso. Imagine se essas pessoas más encontram ele aqui e matam todos nós?!

— disse a senhora, com um ar de medo e ao mesmo tempo compaixão.

— Vocês não correm risco algum. Monitoraremos vocês 24 horas por dia e ninguém irá encontrar o garoto aqui no Brasil. Essas pessoas más pensam que o garoto também está morto, por isso ele precisa de outro nome, outra família.

— Mas... o que vamos falar *pra* nossa família, *pros* nossos vizinhos e conhecidos? — questionou o marido.

— Pelo que sabemos, apenas a sua família na Itália foi avisada, amigos e vizinhos ainda não sabem da morte de seu filho. Basta não comentar mais nada com ninguém. Deixem o garoto escondido alguns anos e ninguém irá desconfiar. Eles não são tão diferentes assim.

— Podemos ver o menino? — perguntou a senhora.

— Claro! Vou buscá-lo.

O homem levou David para dentro da casa. Ele estava com o rosto amassado, com marcas do estofado do carro e bocejava com ar de quem não gostara de ser acordado daquela maneira.

O casal, ao ver David, sentiu uma alegria e emoção muito grande.

— Meu Deus, que menino lindo! Parece um anjo! — disse Maria, começando a chorar, por se lembrar do próprio filho falecido.

— Senhor, só um minuto, preciso conversar com o meu marido, já volto — falou a velha senhora, com um tom assustado, como se tivesse que dizer algo muito importante ao marido. Os dois foram até a cozinha.

— Marido, lembra uma vez que eu te disse que um anjo havia aparecido *pra* mim?

— Lembro, mas faz mais de 30 anos isso.

— Lembra do que eu disse que o anjo havia me dito?

O marido ficou com uma expressão de espanto no rosto ao lembrar que, mais de 30 anos atrás, sua esposa acordou no meio da noite, chorando desesperada, dizendo que um anjo havia aparecido para ela e que afirmou que um dia homens apareceriam a sua porta e lhe entregariam uma criança, que deveria ficar com eles e ser muito bem cuidada. É claro que ninguém da família acreditou em dona Maria. Com certeza, tinha sido só um sonho, apesar de parecer muito real para dona Maria. Com o passar do tempo, porém, ela também se convenceu de que era sonho, afinal, aquilo era inimaginável.

— Então não era um sonho!

O marido exclamava, ainda assustado.

— Não, não era. Na época, eu disse a você que era muito real *pra* ser um sonho, mas *oceis* me convenceram de que era sonho e aí eu fiquei quieta e acreditei. Não pode ser só coincidência. Vamos *ficá* com o menino.

— *Tá bão*, você que manda – disse o marido, sabendo que nada do que ele fizesse poderia fazer a esposa tomar outra decisão.

Voltaram para a sala.

— Está bem, ficamos com ele, com certeza – disse dona Maria, pegando David pelo braço e lhe dando um suave beijo no rosto.

— Obrigado, senhora, sabíamos que poderíamos contar com vocês.

— Olá, David, como vai *ocê*? – perguntou a senhora, colocando a mão no queixo de David.

David olhou para um dos homens, sem entender nada.

— Senhora, ele não entende sua língua. Mas, em poucos meses, ele estará falando fluentemente. Fique tranquila.

— David, esta é sua nova família. Cuide bem deles que eles cuidarão muito bem de você – disse o homem, em inglês, enquanto se despedia de David.

— Até logo, senhora, aqui estão nossos contatos. Se precisar de alguma coisa, nos procure. Como eu disse, por favor, não comentem essa história com ninguém.

Os homens voltaram para o carro, deram a partida e sumiram estrada de terra adentro.

David assumiu o quarto, os documentos, as roupas e tudo o mais que era de Davi. Apenas a escola não seria mais a mesma, pois ali perceberiam que não se tratava de Davi. A família teve de transferir David para outra escola, em outra cidade.

David virou parte da família. Apenas os filhos mais velhos e netos sabiam sobre ele, entretanto todos prometeram segredo. O menino sempre fez questão de ser chamado de David e não Davi. Sua vontade foi respeitada.

Dias depois da chegada de David à fazenda, Francisco dirigiu-se até a cidade para fazer compras e pagar algumas contas no banco. Ao tirar o extrato bancário, cinco milhões de reais haviam aparecido em sua conta. Francisco ficou pasmo e correu a contar a novidade para a esposa. Não estava entendendo: seria um erro do banco? A esposa o acalmou e disse que poderia ter sido coisa dos homens que deixaram David. Depois disso, o marido avisou o banco que havia recebido uma herança, pagou suas inúmeras dívidas e não comentou o assunto com mais ninguém.

Um ano havia se passado. David falava fluentemente o português, parecia um nativo. Havia ficado fluente em menos de seis meses. Sua

facilidade para aprender a língua e sua inteligência, acima da média, espantavam os pais adotivos e toda a família. David começou a ajudar o pai na lida do dia a dia na fazenda, onde plantavam café. Finalmente ele estava a salvo e feliz.



Capítulo 9

Nova Iorque, 25 de março de 1992 d.C.

Eram pouco mais de seis da manhã e Thomas havia virado a noite em seu laboratório. Ele estava há mais de um ano, tentando sem sucesso, efetuar a clonagem de Jesus Cristo. Mais de trezentas tentativas haviam sido feitas. Ele utilizara óvulos coletados de pacientes de sua clínica, porém, sem sucesso. Um mês antes, ele resolvera agir de maneira diferente, lembrando-se do que seu pai havia dito sobre as instruções do anjo, que falavam sobre o sangue permanecer na família e sobre Jesus renascer por meio do sangue de sua família. Talvez as proteínas presentes nos óvulos de Sarah fossem diferentes das outras, dos demais óvulos. Pensando nisso, Thomas chamou sua filha para uma coleta de óvulos, algumas semanas antes. Por mais incrível que aquilo pudesse parecer aos olhos da ciência, logo na primeira tentativa, Thomas conseguiu fecundar o óvulo de Sarah com o material genético de Jesus. Esse era o *pulo do gato*. *E eu aqui me matando todo esse tempo, porque não pensei nisso antes!* — havia dito para si mesmo. Ele estava certo. O citoplasma do óvulo de Sarah deveria possuir propriedades especiais, que um óvulo comum não

possui. Por isso, a instrução do anjo de que Jesus deveria nascer de e pelo seu sangue, fazia sentido agora.

O óvulo fecundado ficou em repouso por alguns dias. Thomas fecundou mais de cinquenta óvulos, todos com apenas uma tentativa. Caso algo desse errado na inseminação, ele teria outros embriões. Todos os cinquenta óvulos, incrivelmente, transformaram-se em embriões, ou seja, poderiam nascer dali exatamente cinquenta clones de Jesus. Era chegada a hora, o dia da inseminação artificial em Sarah. Thomas organizava os últimos preparativos para aquele evento tão importante: a clonagem de um ser. Se desse certo, seria o primeiro clone mamífero do mundo; embora, na verdade, somente para ele e sua família, pois o mundo, por enquanto, não saberia desse feito. Thomas tinha certeza de que existiam outros clones de animais ou até mesmo de seres humanos vagando pela Terra. No entanto, sobre os clones de seres humanos, com certeza, ninguém saberia, pois o fato envolveria questões muito complexas, incluindo ética no meio científico e até mesmo problemas judiciais. Thomas não seria o primeiro a se expor. Ele se deitou por algumas horas no sofá de sua sala, antes de iniciar o procedimento de inseminação. Queria estar totalmente descansado para que nada ocorresse de errado. Depois de acordar com as costas doloridas devido ao do sofá, que era duro, dirigiu-se até o laboratório para esperar por Sarah e finalizar os preparativos. O cientista não aguentava a própria ansiedade, olhava para o seu *Rolex* de um em um minuto. *Sarah, como sempre, nada pontual, deve estar nervosa, coitadinha.*

Minutos mais tarde, quando Thomas já se preparava para ligar para a filha, ele a avistou no início do corredor, caminhando em direção ao laboratório.

— Olá, papai, cheguei. Demorei muito? – disse Sarah, abraçando seu pai e lhe dando um beijo.

— Pontual, como sempre – respondeu o pai ironicamente. – Está nervosa?

— Só um pouco, eu confio em você – replicou Sarah calmamente, colocando sua bolsa sobre o sofá.

— Então, vamos começar. Tome um banho com esse sabonete antibactericida e depois coloque essa roupa – disse Thomas, apontando para uma porta que dava para uma sala anexa a sua.

Thomas iniciou os procedimentos para a inseminação. Tudo ocorrera tranquilamente. O procedimento foi muito rápido e Sarah estava muito feliz, pois ela sempre quis ter um filho. Agora, seria a mãe de Jesus, a *Maria* da era moderna. Sarah ficou em repouso por alguns dias, conforme instruções de seu pai. Começou, então, a sentir seu corpo diferente. *Tomara que não seja apenas psicológico* – pensou. Na mesma hora, marcou uma consulta com sua ginecologista, queria fazer tudo pelas vias *normais*. Depois de uma consulta e de um exame de sangue, Sarah voltou ao consultório para pegar o resultado. Ao abrir o envelope, a informação: Hormônio HCG > 150 mUI/mL. *Estou grávida, é um milagre!* No mesmo instante, utilizando o telefone da clínica, ligou para seu pai, que atendeu ao primeiro toque.

— Papai, estou grávida!



Capítulo 10

Washington DC, 1990 d.C.

O jaguar preto parou em frente ao número 630 da avenida Pennsylvania. Motorista e passageiro saíram, eram dois homens vestindo terno e gravata e mediam, cada um, uns dois metros. Um deles abriu a porta de trás do jaguar. Saiu do carro um homem de cabelo branco com aproximadamente oitenta anos. Enquanto os homens de terno olhavam atentos para todos os lados da rua, o velho entrou por uma porta ao lado de uma cafeteria em reforma. Um dos homens subiu no jaguar e desapareceu; o outro entrou atrás do simpático velhinho que agora descia uma escadaria de madeira. O velhinho se deparou com uma porta de mogno. Bateu três vezes e, no meio da porta, uma viseira foi aberta para olhar quem batia. A viseira abriu e fechou em dois segundos e a porta foi aberta. O velhinho e seu segurança adentraram. Andaram por um de um corredor, por uns cinco metros, e começaram a passar por quartos, onde mulheres nuas guardavam cocaína em pequenos frascos. O velho chegou à sala do fundo do corredor, que estava com a porta aberta.

— Mas que merda é esta agora que você está fazendo aqui? Embalando cocaína em plena capital? Você quer mesmo ser preso – resmungou o velho para um homem loiro que estava sentado atrás de uma grande mesa de vidro, contando notas de cem dólares.

— Os pagamentos para juízes e policiais têm de servir para alguma coisa e, além do mais, temos o senhor para nos livrar de qualquer encrenca que venha a surgir – retrucou o homem loiro, com uma tatuagem no pescoço.

— Onde estão as mulheres deste seu bordel, deu férias para elas?

— Claro que não, só mudamos o lugar. O senhor não foi avisado? Falha nossa.

— Vamos direto ao assunto. O que tem pra mim de tão importante? – perguntou o velho.

— Senhor Jack, por favor, sente-se. Gostaria de uma água ou café, ou um pozinho? – perguntou o homem, ironicamente.

— Não brinque comigo, seu verme, ou amanhã você irá acordar com a boca cheia de formiga – replicou o velho esbravejando.

— Calma, Jack, só estou brincando, não precisa ficar nervoso! – replicou o homem, tentando disfarçar o medo.

— Desembucha – respondeu o velho, enquanto se sentava no sofá e retirava de seu paletó um charuto.

— Aquele francês que você mandou nós seguirmos...

— Sei. O que tem ele? Descobriu alguma coisa?

— Sim. Meu pessoal teve acesso à conta telefônica dele e notamos que ele ficou mais de uma hora em uma ligação internacional, adivinha para onde?

— Washington?

— Exato!

— E não gravaram a conversa?

— Não, isso foi antes de conseguirmos grampear o telefone. Agora que ele foi grampeado, não teve nenhuma ligação suspeita.

— Incompetentes! E de quem é o telefone para onde ele ligou aqui em Washington?

— Do senador de Nova Iorque.

— George Griffin? Tem certeza? – replicou Jack, surpreso.

— Absoluta. O telefone é da casa dele.

— Mas... que ligação esses dois podem ter? – pensou o velho, em voz alta, enquanto soltava a fumaça do charuto.

— Não sabemos ainda, mas o senhor nos contratou para isso, em breve saberemos.

— Quero saber tudo sobre o senador. A que horas ele acorda, o que ele come, com quem ele dorme, além da esposa. Grampeiem o telefone da casa dele e tentem grampear, inclusive, o de seu gabinete.

— Do gabinete? Impossível. Seríamos descobertos.

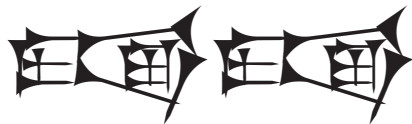
— Problema seu. Use seus contatos no serviço secreto, dê um jeito. Aliás, deixa para lá, do gabinete não precisa. Se eles se falaram pelo telefone da casa dele, eles são amigos pessoais ou algo do tipo. Se fosse algo relacionado a trabalho, o senador teria usado a linha de seu gabinete.

— O senhor que manda.

— Me envie uma cópia das gravações importantes. Coloque as fitas sempre naquela caixa postal que te passei. Estou indo embora. Aguardo notícias.

O velho deixou a sala enquanto seu segurança, com uma submetralhadora na mão, olhava o homem loiro de cima abaixo. O segurança puxou um pequeno rádio e avisou ao outro que estavam de saída. Os três

entraram no jaguar e saíram em disparada. O velho, cujo nome não era Jack, começou a pensar que ligação o francês teria com o senador, mais popular dos Estados Unidos e seu amigo pessoal, enquanto passava a mão pelos cabelos brancos, pensativo, e acendia outro charuto cubano.



Capítulo 11

Washington DC, 22 de fevereiro de 1991 d.C.

O senador George Griffin chegou a sua casa às nove da noite. Sua mulher ainda não estava, talvez estivesse no clube, jogando conversa fora, com as amigas ou até mesmo na casa de alguma delas. Ao adentrar pela sala com seu segurança, John, pôde avistar a secretária eletrônica, piscando. Havia dois recados. George apertou o *play*:

Nova mensagem. Gravada às 19h46min.:

— Papai, você não sabe o que eu descobri. Analisei o sangue do cilindro e achei algo sensacional! Ele não pertence a nenhuma espécie conhecida em nosso planeta. Aliás, o DNA desse sangue possui 48 cromossomos, enquanto o de um ser humano possui 46. Não é fantástico?! A propósito, decidi tentar fazer o clone. Assim que escutar o meu recado, me ligue. Beijo.

O senador deu um pulo para trás. Um sentimento de felicidade pela notícia se misturou a um sentimento de preocupação e arrependimento, por não ter dito a Thomas que não falassem sobre esse assunto por telefone. *Que droga!* – pensou o senador. – *Meu filho é muito ingênuo.* George teclou o botão para apagar aquela mensagem.

Nova mensagem. Gravada às 20h59min.:

— Olá, George, aqui é o Arnold. Estou ligando para convidá-lo àquela nossa partida de golfe no clube. Temos que botar o assunto em dia. Me liga para combinarmos.

George ficou surpreso com a ligação do velho amigo. Não se falavam há meses e, agora, ele ligava assim do nada, querendo jogar golfe. Seu amigo bilionário de cabelos brancos já devia estar com seus oitenta e poucos anos, não seria páreo para George no golfe. Arnold era dono de alguns bancos, nos Estados Unidos e na Europa, e um dos bilionários listados entre os vinte mais ricos do mundo, de acordo com a revista *Forbes*. George e Arnold eram amigos de faculdade, haviam estudado e se formado juntos no curso de economia de Harvard, a décadas atrás. Ficaram anos sem se falar devido à vida corrida de ambos, até que dois anos atrás Arnold reapareceu, convidando George e esposa para um jantar em sua mansão.

George pegou o telefone e ligou para o filho.

— Alô, filho.

— Oi, pai, pegou meu recado?

— Peguei. Filho, por favor, não me ligue, e muito menos deixe recados para falar desses assuntos. Vamos tratar disso sempre pessoalmente.

— Ah, entendo. Me desculpe.

— Depois nos falamos. Continue trabalhando naquele nosso projeto. Sábado estarei aí e nós conversamos.

— Ok. Então, até sábado.

George nunca havia falado tão sério e ríspido com Thomas, entretanto só assim ele entenderia o recado, sem mais explicações.

— John, venha até aqui! – gritou George, chamando seu segurança e mordomo.

— Pois não, senhor.

— John, preciso que você verifique se as linhas de telefone aqui de casa possuem algum grampo. Chame aquele pessoal que você chamou alguns anos atrás.

— Mas o senhor ouviu algum ruído na linha? Está desconfiando de algo?

— Não, é apenas para eu ficar mais tranquilo.

— Tudo bem, considere feito.

— Obrigado, John. Vou subir para tomar um banho. Peça para me prepararem um lanche, diga que não quero jantar hoje.

— Sim, senhor.

— Vou subir. Assim que Jane chegar, diga que estou no quarto.

George subiu as escadas. Ligaria para seu amigo em outra hora, pois estava muito cansado e agora se preocupava com a possibilidade de terem escutado o recado de Thomas.

Ao chegar a seu quarto, pensou que seria melhor se precaver. Pegou o telefone e discou para o ramal da cozinha.

— John, mais uma coisa: envie dois seguranças a Nova Iorque, peça para vigiarem meu filho, 24 horas por dia, mas sem que ele saiba.

— Sim, senhor.

John era de total confiança, era segurança do senador há mais de vinte anos. Antes, o pai dele havia sido segurança de George. John era ex-fuzileiro naval, mestre em jiu-jitsu brasileiro e em aikidô, além de perito em armas e explosivos, sua especialidade na época de fuzileiro. Tinha quase dois metros de altura e mais de cento e vinte quilos de puro músculo. Guardava a vida do senador dia e noite e consequentemente sabia tudo sobre ele, inclusive, seus segredos mais profundos. Além de John, o senador contava com mais de cinco homens que faziam a segurança de sua esposa e da casa.

— Peça para me trazerem o lanche no quarto, não vou descer mais hoje – disse George, enquanto se deitava em sua cama, apagando a luz do abajur.



Capítulo 12

Brasil, 31 de outubro de 2008 d.C.

David já estava com 16 anos. Com a ajuda do pai, havia transformado a humilde fazenda, de poucos pés de café, em uma grande fazenda. Os dois adquiriram as propriedades em redor e se tornaram um dos maiores produtores de café do interior do estado de São Paulo. Do sistema de irrigação até a parte administrativa do negócio, tudo foi alterado pelo pequeno David, agora não mais tão pequeno. Fez-se um homem de 1,80m de altura e corpo de modelo de capa de revista. Adorava animais e os tinha de várias espécies. Tinha até mesmo uma onça pintada que, ferida a tiros, aparecera um dia por ali. Estranhamente, quando David a encontrou, ela não fugiu e ele não foi atacado. David cuidou do felino e, em poucos dias os ferimentos desapareceram.

A fazenda abrigava uma grande reserva natural, com muitas árvores, cachoeiras. A onça ficava solta nessa reserva, junto com outros animais. Em uma outra área, ficavam apenas os cachorros que David encontrava na rua e trazia para cuidar – muitos cães de raça, que eram abandonados pelos seus donos. O rapaz não conseguia entender como um ser humano era capaz de abandonar um bicho de estimação.

David gostava tanto de animais que fez toda sua família se converter ao vegetarianismo.

David adorava andar a cavalo todas as noites e possuía um pequeno haras. Pegava sua égua chamada Indaiá e iam até o topo de uma colina. Lá, ele costumava observar as estrelas, a lua, cometas, estrelas cadentes, tudo por meio de um telescópio de pequeno porte escondido em uma caixa, sob os arbustos. Sempre que o céu estava limpo, David o observava durante horas. Aquilo o fascinava, parecia haver uma conexão entre ele e o restante do universo.

Numa noite quente de outubro, enquanto David galopava pelo matagal, começou a reparar em luzes que vinham da floresta. As luzes eram muito fortes e ora apareciam, ora sumiam.

— Indaiá, o que serão aquelas luzes? Será que estão invadindo a fazenda? Vamos até lá.

David cavalgou rápido em direção às luzes para saber o que eram, mas agora pareciam estar muito longe e a floresta, àquela hora da noite era muito escura. Diminuiu o passo, ia devagar e com cuidado para que sua querida égua não tropeçasse nas pedras, nem resvasse em algum buraco. Alguns minutos se passaram e as luzes sumiram. Ele chegou ao local de onde julgava que elas viessem. De repente, um grande objeto metálico do tamanho de um caminhão, de cujo centro uma luz muito intensa irradiava, surgiu, fazendo a égua empinar e jogar David contra uma árvore, na qual bateu a cabeça. David desmaiou.

O objeto flutuante, então, lançou sobre ele uma forte luz. Seu corpo desacordado começou a flutuar em direção ao centro luminoso e, em poucos segundos, desapareceu.

Alguns minutos depois, David acordou. Tudo era branco, muito claro. Sua visão estava ofuscada por tanta luminosidade, ele estava

zozzo e não entendia coisa alguma. *Será que morri e estou no céu?*
– pensou David, enquanto se levantava e tentava tatear alguma coisa, algum objeto ou até mesmo uma parede, que não encontrava.

Uma pessoa se aproximou, vestia um traje branco colado à pele e aparentemente sem costuras, sem zíper, botões ou algo que pudesse fazer a roupa sair do corpo. Era um homem que media mais de dois metros de altura e aparentava pouco mais de 40 anos, seus cabelos eram totalmente brancos (mais brancos que o lugar onde estavam) e desciam até o ombro. Ele disse:

– Olá, David, espero que esteja bem.

– Mas... quem é você? Fui sequestrado? Onde estou? Quem é você?

– Acalme-se, meu jovem. Suas perguntas serão totalmente respondidas, fique tranquilo. Você não foi sequestrado, você está a salvo.

– Eram vocês naquelas luzes, na minha fazenda?

– Sim, éramos nós. Usamos as luzes para atrair você sem sermos notados por outras pessoas.

– Mas... o que vocês querem de mim?

– Meu nome é Galzu. É uma honra conhecê-lo – respondeu o homem de cabelos brancos, fazendo uma reverência a David.

– Galzu? Que raios de nome é esse? Parece mais apelido.

– Esse é o nome pelo qual sou conhecido neste planeta.

– Agora estou entendendo. Estamos em um disco voador. Estou sendo abduzido. Meu Deus, por favor, não faça nada comigo! – respondeu David, começando a ficar apavorado.

– Sim, você está em nossa nave. Mas, por favor, acalme-se, não estou aqui para lhe fazer mal algum, pelo contrário.

– Mas você parece humano, como pode ser um *alien*?

— Nem todas as raças são verdes ou cinzas, David. Existem raças de todos os tamanhos e cores. Já ouviu falar em gnomos e fadas?

— Claro que já, mas isso é tudo ficção.

— Toda ficção tem como inspiração algo ou alguma coisa que aquele que escreve presenciou ou estudou, como os mitos, que nada mais são do que retratos geralmente fantasiados de algo que realmente aconteceu. O que vocês na Terra conhecem, como gnomos e fadas, são raças diferentes que também habitam este planeta. Alguns o têm como moradia definitiva – caso dos gnomos, que tiveram seu planeta destruído – ou transitória – caso das fadas, que estão aqui apenas para pesquisa. É claro que o nome da raça deles não é esse, o que falo serve apenas para ilustrar o assunto.

— Sempre achei que isso fosse pura fantasia, pura criação da mente de algum escritor. Mas acho estranho uma raça de outro planeta, como a sua, ser tão parecida com a humana.

— David, você nunca leu a Bíblia? O que diz, em Gênesis, sobre a criação do homem?

— Claro que já li a Bíblia, minha mãe me obrigou a ler pelo menos umas cinco vezes. Diz que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus.

— E então?!

— Você está querendo dizer que é Deus?! – replicou David, assustado.

— Não. Fique tranquilo, suas perguntas já serão respondidas. Peço que você se sente, temos muito o que conversar.

David sentou-se em uma confortável poltrona que apareceu atrás dele, como em um passe de mágica, pois nada havia naquele lugar antes, e olhou para os lados, sem entender muita coisa.

— David, antes que eu comece a contar o que você precisa saber, devo mostrar-lhe algumas coisas, caso contrário seu cérebro irá bloquear

informações e tomará minhas palavras como inverdades. Viajaremos no tempo, ao início de tudo, para que você o veja com seus próprios olhos. Ficaremos alguns meses nesse espaço-tempo. Assim que voltar você explica tudo para sua família. Eles ficarão preocupados, mas não temos como tirar você daqui, sem que isso aconteça ou sem dar muitas explicações antes, algo para o que não temos tempo de fazer agora.

— Mas... viajar no tempo... Isso é realmente possível? – David só acompanhou a fala de Galzu até as palavras *viagem no tempo*, depois disso, ele não escutou mais, ficou apenas imaginando se aquilo estava acontecendo realmente.

— Sim, viajar no tempo é possível. Mas não é possível interagir com o espaço-tempo. Será como se víssemos o passado através de uma janela, mas sem poder atravessar a porta para chegar a ele. A sensação será a de estar lá, no passado, como se você estivesse num filme em quatro dimensões, mas sem poder interagir com nada. Alguns animais, e até mesmo alguns seres humanos, possuem uma certa sensibilidade e conseguem ver ou escutar viajantes do tempo. Atualmente vocês humanos chamam algumas dessas manifestações de espíritos ou fantasmas.

— Você está querendo me dizer que o que certas pessoas veem, na verdade, não são espíritos, e sim viajantes do tempo? Pessoas que estão ali, mas que são de outra época?

— Sim, algumas dessas manifestações são viajantes do tempo. Outras, podem ser inclusive, do mesmo tempo, porém de universos paralelos, diferentes. Alguns planetas, em outros universos possuem conexões entre si e com a Terra, e algumas pessoas conseguem acessá-las, geralmente por meio de sonhos. Mas eu explico isso tudo em outra hora. Vamos ao que interessa agora, nosso tempo é curto. Peço que

você respire fundo e feche os olhos, provavelmente na primeira viagem você sentirá náuseas e irá vomitar.

— Não estou gostando nada disso. Tem certeza que isso é seguro? E, não entendi, se vamos até uma determinada época, por que não podemos interagir com ela?

— Vou lhe explicar de uma maneira simples. O espaço-tempo é como uma foto tirada em movimento. Quando você tira uma foto de algo em movimento, você não vê um rastro do objeto original que está se movendo? O conceito aqui é o mesmo: conseguimos identificar e seguir um desses rastros; mas conforme o tempo passa, os rastros mais antigos se apagam. Então, só é possível viajar até um determinado período, aproximadamente um milhão de anos terrestres, isso usando a energia e tecnologia que temos hoje. Algumas raças conseguem viajar e atravessar a *porta* para interagir, mas são raças muito mais desenvolvidas do que nós, são seres de primeira grandeza, aqueles que chamamos de *os criadores de tudo*. Mesmo assim, faz-se necessária uma grande quantidade de energia para conseguir essa façanha.

— Você quer dizer que existem seres mais desenvolvidos do que vocês?

— Claro que sim! Muito mais. Nossa raça ainda é muito nova neste universo, existem raças com bilhões de anos.

— Falando em energia, sempre tive muitas dúvidas. Por exemplo, que tipo de combustível os extraterrestres usam para viajar grandes distâncias e, principalmente, como resolveram a questão da inércia? Afinal, segundo o que andei estudando, ETs voam à velocidade da luz e freiam suas naves em questão de segundos ou milésimos de segundos. Com a inércia isso é impossível, eles seriam jogados para fora da nave.

— Excelente pergunta, meu caro. Agora me responda: você está dentro do planeta Terra, ele viaja a mais de 100 mil quilômetros por hora; se parar, você será jogado para fora?

— Creio que não, a gravidade na Terra não permitiria. Mas muitos desastres aconteceriam.

— Pois, então, o princípio é o mesmo. No nosso caso, as naves são equipadas com núcleo gravitacional próprio que aumenta e diminui sua força, de acordo com a velocidade. Sendo assim, somos submetidos às leis da física de nossas naves e não dos planetas ou outros locais em que nos encontramos.

— Nossa, achei muito interessante. E, me diga, que combustível vocês usam?

— Usamos água.

— Água? Mas como assim água? Água não é combustível.

— Do que a água é formada, David?

— Hidrogênio e Oxigênio.

— Pois bem. Nossas naves possuem um sistema que separa o hidrogênio do oxigênio. O hidrogênio é um poderoso combustível. Nunca ouviu falar da bomba de hidrogênio?

— É verdade, já ouvi falar. Nunca havia pensado nisso.

— Existem outras raças que possuem energias muito mais poderosas do que a que usamos para nos locomover, mas são raras no universo.

— Galzu, você me falou sobre uma raça criadora de tudo? Quem são eles? Não seria Deus?

— Na concepção dos terráqueos, eles também seriam vistos como deuses, mas são *criadores de tudo*, pois são as primeiras raças do universo, as primeiras que evoluíram há bilhões de anos e foram jogando suas sementes universo afora. Todas as outras raças possuem

em seu DNA algum resquício delas. São elas que comandam a grande Confederação Intergaláctica.

— Espera um pouco, você está me dizendo que existe uma Confederação? Está parecendo Guerra nas Estrelas.

— Sim, existe. Todas as raças, acima de uma determinada grandeza, fazem parte da Confederação e as raças de primeira grandeza a presidem. A Confederação cria leis intergalácticas, fiscaliza e protege raças menos desenvolvidas ou planetas. Se não existisse, a Terra já teria sido destruída por outras raças. Nós, do planeta Nibiru, somos responsáveis pela Terra e a protegemos com a ajuda da Confederação.

— A Terra, destruída? Por que alguém nos destruiria?

— Por vários motivos. Algumas raças já teriam vindo até a Terra, esgotado todos os recursos naturais e depois partido para outros planetas. Isso acontece muito em planetas que não possuem proteção ou raça inteligente.

— Nossa, estou impressionado. Será que eu posso conhecer a Confederação?

— Em breve, você a conhecerá, e muito mais... Agora, vamos ao que interessa: nossa viagem no tempo.

Então Galzu, com a ajuda de mais dois tripulantes, começou a programar os computadores da nave para a viagem no tempo. Em alguns segundos, tudo se apagou, tudo ficou preto, as luzes começaram a piscar. A cabeça de David começou a rodar e rodar. Ao fundo ouvia-se um barulho parecido com uma explosão. Súbito, o branco voltou a predominar e, como Galzu havia previsto, David estava zozado e começara a vomitar, ajoelhado ao chão.



Capítulo 13

Terra, aproximadamente 440.000 anos a.C.

De dentro da nave, Galzu e David atravessaram um portal e instantaneamente pisaram em terra firme. O local era inabitado, cheio de árvores, alguns lagos e pântanos. Galzu apontou para David uma brilhante estrela no céu, era dia, mas a estrela já aparecia no horizonte.

Uma grande nave vinda, do Planeta Nibiru, estava próxima da Terra. Nela estava Alalu.

Galzu começou a explicar para David que aquela estrela, na verdade, era uma nave, que pousaria perto deles, e começou a falar sobre quem a conduzia.

– David, nessa nave que você verá pousar, está Alalu. Rei de Nibiru, ele foi destronado por Anu. Alalu havia tomado o trono de Nibiru. Matou o rei Lahma e proclamou-se soberano. Tempos depois, o príncipe Anu desafiou Alalu a uma luta pelo poder do planeta. Anu venceu a luta e tornou-se rei. Em meio à confusão, após sua derrota em praça pública, Alalu conseguiu escapar. Teve medo de morrer como Lahma. Ele roubou uma das naves reais, carregada de diversas armas, ocupou o assento de comandante e levantou voo. Depois de muitas atribulações

espaço afora, Alalu avistou o planeta Terra. Ele recolheu as turbinas, que são usadas para viagens de longa distância, e começou a circundar a Terra para fazer o reconhecimento, o estudo atmosférico e outras análises. Sua nave soltou um raio que penetrou a atmosfera terrestre e varreu as principais regiões do planeta. Detectou então uma grande quantidade de ouro, tanto embaixo da terra, como na água. Alalu ficou eufórico com a descoberta. Nesse instante, tomou uma decisão: iria entrar naquele planeta, embora estivesse receoso, pois a atmosfera era extremamente quente e a nave poderia não suportar a descida. De qualquer forma, convenceu-se a arriscar e programou os computadores da nave para a descida até a Terra. A nave começou a tremer e a emitir um barulho muito alto, durante a passagem pela atmosfera terrestre, mas em poucos segundos já estava próxima do chão. Quase não foi possível parar a nave, que caiu em um pântano. Alalu desmaiou e, quando acordou, estava completamente atordoado, quase em estado de choque. Abriu os olhos e percebeu que não havia morrido, a nave estava praticamente intacta. Ele havia chegado ao planeta do ouro.

Alalu vestiu seu traje especial, as portas se abriram e ele desceu em terra. O chão era escuro e o céu, azul e branco. O silêncio era quase que completo, pouco se ouvia. Não havia ninguém, ele estava só. No horizonte avistou grandes colinas, por todo lado havia muita vegetação. A terra era pantanosa, seus pés afundavam facilmente e era muito frio. Depois de explorar o lugar por algumas horas, voltou para a nave para descansar e se alimentar.

David e Galzu seguiam todos os passos de Alalu.

Depois de acordar, viu tudo muito claro, era dia, a claridade era imensa – nunca havia visto algo igual em Nibiru. Foi então que programou o computador de bordo para testar o oxigênio e a água

do lugar. Uma sonda foi enviada para fora da nave e, após testar o oxigênio e verificar a ausência de gases venenosos, Alalu resolveu tirar sua roupa protetora. Saiu mais uma vez da nave e respirou fundo. Ficou feliz por conseguir respirar normalmente. A luminosidade era tamanha que começou a afligir os olhos de Alalu, que voltou até a nave para colocar uma máscara escura nos olhos. Começou a andar sobre o lodo, a água era escura e esverdeada, as margens do pântano estavam cheias de pedra, Alalu pegou uma pedra no chão e jogou-a na água; devido ao impacto, pôde ver a movimentação de peixes. Ele introduziu na água uma sonda e descobriu que não estava em condições de ser consumida. Ficou decepcionado. Continuou a caminhar, foi até terra firme e se dirigiu às colinas, passou por árvores, matagais, arbustos. As árvores estavam carregadas de coloridos frutos de diversas formas. Alalu colheu uma das frutas e, sem pestanejar, provou-a. Seu aroma era muito doce. Durante toda a jornada, Alalu tentava se esconder dos raios solares. Começou a sentir o chão úmido e percebeu que estava próximo de águas. De longe, avistou um lago, correu até ele e usou sua sonda para testar a água. A sonda acusou que aquela água era adequada ao consumo. Alalu ficou extremamente feliz. Havia oxigênio, água, peixes, frutos, tudo estava perfeito; além disso, ouro, metal essencial para a sobrevivência de seu planeta. Ao provar a água, notou que tinha um sabor diferente da de Nibiru. Enquanto estava bebendo, começou a escutar sons diferentes. Ele se virou e levou um susto, quando percebeu que um corpo começou a deslizar pela borda do lago. Sacou sua arma e disparou contra o corpo que se movia. Ele correu para examinar o que era aquilo. A criatura estava morta. Seu corpo parecia uma corda e era muito comprido, não tinha mãos nem pés e seus olhos eram

muito estranhos, como se a criatura fosse muito feroz. Assustado, ele encheu um recipiente com água e correu de volta a sua nave. O sol estava diminuindo sua intensidade e, quando chegou, já fazia escuro.

— Que estranho, o dia aqui é extremamente curto, muito diferente de Nibiru – disse Alalu, ao avistar alguns planetas aparecendo brilhantes no céu e também a lua.

Alalu estava preocupado, precisava encontrar ouro em abundância, seu planeta dependia disso. Atmosfera de Nibiru precisava desse metal para continuar se protegendo, já que o ouro servia como uma espécie de campo de força que filtrava e bloqueava radiações vindas do cosmos e ainda preservava o planeta do frio e calor excessivos.

Assim que amanheceu, Alalu saiu da nave com sua sonda para procurar ouro. Correu até os pântanos e introduziu a sonda dentro da água, estava extremamente ansioso pelo resultado. A sonda começou a indicar os componentes que havia ali: oxigênio, hidrogênio, material orgânico e, finalmente, ouro. Confirmada a presença de ouro nas águas e Alalu não se aguentava de tanta alegria.

— O povo de Nibiru ficará muito feliz com minha descoberta, serei motivo de orgulho e então terei meu trono de volta! – disse Alalu, enquanto corria para sua nave.

Ele sentou-se na poltrona de comandante e deu ordens para que o computador de bordo fizesse uma conexão com Nibiru. Alalu estava eufórico e precisava dar a notícia a seu povo. Ao estabelecer a conexão, começou a falar com Anu, o rei de Nibiru:

— Anu, o destino de Nibiru está em minhas mãos. Peço-lhe que escute minhas palavras com muito cuidado. Estou em outro planeta e encontrei ouro.

— Mas... como isso é possível, como você conseguiu chegar sozinho a outro planeta? Que planeta é esse? – replicou Anu, pensando se tratar de algum golpe de Alalu.

— Cheguei ao sétimo planeta, após o cinturão de asteróides. Estou próximo à grande estrela amarela. É um planeta pequeno e azul.

— E que quantidade de ouro você encontrou?

— Não sei dizer a quantidade exata, pois só fiz análises em alguns pontos; mas na maioria deles, a sonda acusou presença de ouro.

— Alalu, fico feliz com a notícia. Vou convocar agora mesmo uma assembleia geral para decidir sobre uma expedição a esse planeta. Peço que me mantenha informado, apesar de tudo.

O rei Anu, os conselheiros, todos em Nibiru ficaram assombrados com a notícia e também com o fato de Alalu ainda estar vivo. Como poderia estar vivo em outro mundo?

Todos pensavam que Alalu havia se escondido em Nibiru, depois de sua derrota; mas na verdade, ele havia fugido e fora em busca de ouro em outros planetas.

Anu convocou imediatamente uma assembleia com os conselheiros de Nibiru.

— Convoquem os comandantes de Nibiru. Uma expedição para esse planeta azul deve sair o mais rápido possível. Alalu encontrou ouro. Nosso planeta estará a salvo!

Alalu participava da assembleia, por meio de uma videoconferência, e então replicou:

— Que todos os príncipes presentes declarem a minha suprema ascendência real. Que os comandantes de Nibiru me façam seu líder. Que os conselheiros reais me nomeiem rei e que eu substitua Anu.

Todos ficaram surpresos com as palavras de Alalu. Como poderiam depor Anu do trono? E se Alalu estivesse mentindo sobre o ouro encontrado?

Os conselheiros cortaram a conexão com a videoconferência e começaram a conversar entre si. Então o filho de Anu, Enlil, falou:

— Alalu não está em condições de pedir nada. Ele perdeu a batalha com meu pai e, conseqüentemente, o trono. Ele deve honrar o que já foi decidido. Talvez ele tenha encontrado ouro, mas quem nos garante que esse ouro será suficiente para nossa atmosfera?

Os conselheiros retomaram a conferência com Alalu e o questionaram sobre a veracidade de seu achado, eles precisavam de provas. Foi quando Alalu retirou um cristal de sua sonda e inseriu no computador de bordo da nave, que transmitiu as informações para Nibiru.

— Vejam por si mesmos as informações de minha sonda. Informações essas, vocês sabem, impossíveis de serem manipuladas. Agora que já foi provado o que antes disse a vocês, me declarem rei – exigiu Alalu, com um ar severo.

Encerraram novamente a conferência com Alalu e então outro filho de Anu, o príncipe Ea, levantou-se e começou a falar para toda a assembleia.

— Deixem que eu vá ao planeta azul para trazer ouro a Nibiru. Quando eu chegar a esse planeta, acalmarei Alalu, meu pai por matrimônio, e o proclamaremos rei do planeta azul. Se Nibiru se salvar com o ouro, assistiremos a uma nova luta entre meu pai por nascimento, Anu, e Alalu. Quem vencer ficará com o trono de Nibiru – disse Ea referindo-se a seu pai por matrimônio uma vez que ele havia casado com sua mãe e referindo-se a seu pai por nascimento, já que Anu era seu pai de sangue.

Todos no conselho escutaram, com admiração, as palavras de Ea, cheias de sabedoria. Ea havia descoberto a solução para aquele conflito.

— Que assim seja! — declarou Anu, perante a assembleia.

— Que meu filho parta para o planeta azul, se Nibiru for salvo, lutarei novamente com Alalu. Que o vencedor seja rei!

Os conselheiros informaram, via videoconferência, a decisão para Alalu.

Mesmo Alalu não tendo acesso à assembleia em Nibiru, David e Galzu conseguiam ver o que se passava do outro lado, por meio de uma pequena tela de cristal que estava com Galzu.

— David, Alalu não teve acesso a alguns momentos da assembleia, em Nibiru, pois bloqueavam quando era conveniente. Tenho o registro completo da reunião em meu cristal e o que você está vendo acontece neste mesmo instante, só que no planeta Nibiru. Vou avançar um pouco para que você veja tempos depois, quando os comandantes de Nibiru e Ea partem em direção à Terra.

Por videoconferência, Alalu recebeu a decisão. Alalu era pai de Ea por matrimônio. E Anu era pai de Ea por nascimento. Por isso, Ea seria um grande intermediador daquele conflito.

— Que meu filho por matrimônio, Ea, venha a este planeta. Eu aceito o desafio de uma nova luta, mas antes, salvaremos Nibiru com minha descoberta e que se registre isso nos documentos reais de Nibiru.

Após a assembleia, começaram os preparativos para a grande viagem. Muito tempo se passou até que tudo estivesse organizado. Foram convocados vários comandantes. Os astrônomos de Nibiru começaram a calcular o melhor momento para a partida das naves até o planeta azul.

O dia da partida havia chegado. Uma multidão se aglomerou no local onde ficavam as naves de Nibiru. Foram se despedir daqueles

que trariam a salvação ao planeta. A tripulação começou a embarcar com seus trajes especiais. O último a subir na nave foi Ea, que antes se ajoelhou perante seu pai, Anu. Este desejou sorte a seu filho.

— Meu filho, uma grande responsabilidade está sobre seus ombros. Você fará uma longa jornada. Vá e volte com vida. Traga a salvação de nosso planeta!

A mãe de Ea o abraçou fortemente contra o peito. Ea se despediu de sua esposa e depois de seu irmão Enlil.

Com grande tristeza, mas também com grande alegria, Ea entrou na nave e deu a ordem para a decolagem.

Anzu era o comandante da nave em que Ea estava. Ele era um grande piloto. Levantou a nave e partiram em direção ao distante sol.

David e Galzu, após assistirem a cena, atravessaram o portal de volta para a nave.



Capítulo 14

Galzu e David estavam de volta à nave. David estava um pouco confuso com tudo que tinha visto, escutado e sentido. Tudo era muito surreal. Parecia um sonho, mas era tudo muito real para ser um sonho.

— David, sei que está cheio de perguntas e dúvidas relacionadas a tudo o que vimos. Mas, antes de responder, vou mostrar a você uma outra época, alguns milhares de anos à frente do tempo que vimos agora. Nesse tempo, os Anunnakis já eram muitos na Terra, já haviam construído cidades e eram senhores do planeta.

— Galzu, será que não posso descansar um pouco? Essa passagem foi bastante cansativa.

— Tudo bem, David. Desculpe-me, esqueci que sua mente e corpo ainda não se acostumaram a esse tipo de viagem.

David se deitou em uma poltrona e dormiu durante algumas horas. Acordou faminto. Em poucos segundos, ele conseguiu avistar, próximo de si uma mesa cheia de frutas e outras delícias. Começou a comer e, quando estava terminando, Galzu apareceu novamente.

— Olá, David, descansou? Pronto para mais uma viagem?

— Agora sim, podemos ir. Mas, antes, preciso saber: por que você está mostrando tudo isso a mim? Por que a mim e não à outra pessoa? Qual a finalidade disso tudo? Eu sou um simples filho de fazendeiro.

— David, você é mais especial do que pensa. Deixe-me mostrar apenas mais essa viagem. Quando voltarmos dela, parte de suas dúvidas estarão respondidas; sobre a outra parte eu mesmo contarei.

Novamente, tudo se apagou e um imenso barulho surgiu. Tudo voltou a ficar branco e então Galzu andou em direção ao portal e pegou a mão de David. Dessa vez, David não havia enjoado, sua mente e corpo já estavam se acostumando.

Ao atravessarem o portal, avistaram uma pequena cidade, muitas belas casas de mármore e uma espécie de palácio ao fundo.

Galzu e David caminharam até o palácio, subiram uma escadaria de mármore rosa e chegaram até a entrada principal, que estava aberta. Adentraram o palácio. Ao fundo, viram alguns Anunnakis, conversando.

— David, aqueles são Ea e Ninurta. Ea agora é conhecido como Enki. Mais à esquerda está Enlil, irmão de Enki. Os dois são os senhores da Terra.

David e Galzu se aproximaram, para escutar a conversa.

— Meu pai, meu tio, venho a vocês para trazer uma notícia alarmante.

— Diga, Ninurta, o que o aflige.

— Nosso estoque de ouro está diminuindo vertiginosamente. Em breve, não teremos mais ouro para enviar a Nibiru.

— Mas isso é impossível! Segundo nossas análises existe ouro para muitos *shars* – disse Enlil, em tom raivoso, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Meu filho, vá até o Badtibira, descubra o que está acontecendo. Pegue sua nave e parta imediatamente.

— Sobrinho, assim que descobrir algo, nos avise imediatamente – replicou Enki com preocupação.

Ninurta chamou dois de seus soldados, subiram na nave e foram em direção à Badtibira, o local onde garimpavam ouro.

Ao pousarem sua nave, o oficial chefe Ennugi veio dar as boas-vindas.

— Seja bem-vindo, Ninurta, sua presença aqui é uma honra.

— Ennugi, fui enviado por meu pai e meu tio para saber por que nossa remessa de ouro a Nibiru está tão escassa.

— Ninurta, eu logo levaria esse problema ao conhecimento de vocês. Nossos irmãos estão descontentes com o trabalho, estão cansados e com saudades de casa. O trabalho não tem fim e há muito não são substituídos. Estão se sentindo escravos, enquanto outros se casam, constroem família na Terra e vivem como reis. Eles estão revoltados, estou tentando acalmá-los, mas a situação está saindo do controle. O sol é muito quente, eles não estão acostumados com tanto calor.

— Ennugi, entendo a situação de nossos irmãos. Vou conversar imediatamente com Enlil e Enki, para que os trabalhadores sejam substituídos. Por favor, peça que, por enquanto, voltem a trabalhar com afinco, que em breve retornarão a Nibiru.

Ninurta voltou para sua nave e se dirigiu até o palácio. Estava ansioso e preocupado com a reação de seu pai e seu tio. Ninurta, ao adentrar o palácio, correu em direção a Enki.

— Meu tio, não tenho boas notícias. Os trabalhadores não estão mais contentes com o trabalho. Estão se achando escravos. Não suportam mais o calor e não querem mais trabalhar, enquanto outros vivem como reis.

— Ninurta, avise o seu pai imediatamente. Peça que ele vá até as escavações para ver isso de perto.

Ninurta chamou seu pai por meio de um comunicador e lhe deu a notícia.

— Quer dizer que eles estão se rebelando contra nós?

— Não contra nós, meu pai, mas contra o trabalho excessivo.

— Estou indo para lá imediatamente. Quero ver isso com meus próprios olhos.

Enlil e seus soldados voaram até o Badtibira. Ao chegar, foram recebidos por Ennugi.

— Ennugi, quero saber o que está acontecendo aqui.

— Meu senhor, como expliquei a Ninurta, os trabalhadores estão se rebelando, não demora muito para estourar uma guerra. Não querem mais trabalhar, não aguentam mais.

— Ennugi, vá até as minas e me traga alguns representantes, quero falar a eles.

Ennugi correu até as minas para eleger dois representantes dos trabalhadores. Eles haviam visto que Enlil estava ali e haviam bolado um plano. Quando Ennugi menos esperava, os Anunnakis o pegaram e o prenderam em cordas de ferro. Pegaram suas ferramentas, atearam fogo nas pontas e puseram-se a caminho da casa onde estava Enlil. Cercaram-na, todos com tochas e ferramentas nas mãos. Já era noite, Kalkal lacrou a entrada da casa. Correu em direção a Enlil para lhe contar o ocorrido.

— Meu senhor, nossos irmãos Anunnakis ficaram loucos, querem invadir esta casa com ferramentas e fogo.

— Não posso acreditar no que meus olhos estão vendo. É contra mim que estão se rebelando?! Como ousam?

Enlil foi até a janela e gritou contra os rebeldes.

— Quem de vocês é o líder dessa rebelião? Quem está instigando essa rebelião?

— Todos aqui estamos por conta própria, cada um de nós declarou: *Basta!* por si próprio. Não iremos mais trabalhar como escravos.

Enlil voltou aos seus aposentos e imediatamente abriu uma conexão com Nibiru.

— Exijo falar com meu pai Anu.

— Meu filho, o que está acontecendo? Por que está tão aflito?

— Meu pai, os trabalhadores se rebelaram, não querem mais trabalhar e me ameaçam com fogo.

— Do que acusam você?

Enki entrou na conferência.

— Meu pai, não acusam Enlil, mas reclamam do trabalho excessivo.

— O trabalho deve continuar, caso contrário nosso planeta irá perecer.

A nave de Enki pousou perto da casa onde estava Enlil. Vários soldados correram em direção aos trabalhadores rebeldes com poderosas armas. Enki veio atrás e anunciou:

— Meus irmãos, abaixem essas tochas. Vamos dialogar civilizadamente. Prometo que resolverei o problema de vocês. Soltem Ennugi agora, deixem-no ser o seu representante perante nossa assembleia.

Os trabalhadores soltaram Ennugi e abaixaram as tochas e instrumentos que pretendiam utilizar como armas. Estavam com medo de serem mortos pelo arsenal dos soldados de Enki e, ao mesmo tempo, respeitavam suas palavras e ordens, confiavam na palavra dele.

Reuniram-se na casa: Enki, Enlil, Ennugi, Ninurta, e Anu em conferência de Nibiru.

— Que os rebelados voltem para Nibiru e iremos recrutar novos trabalhadores para tomarem seu lugar na Terra – disse Ninurta.

— Não existe uma maneira de criarmos novas ferramentas, mais potentes e que não necessitem de força manual? – perguntou Enlil a Enki.

— Chamem meu filho Ningishzidda, desejo que ele me assessorasse nesse assunto, ele é *expert* nesse tipo de ferramentas e máquinas – respondeu Enki.

Imediatamente Ningishzidda voou da Casa da Vida, que é como chamavam o palácio de Enki, até o local das minas. Ao chegar, conversaram um pouco, mas não conseguiram entrar em um consenso.

— Agora que os trabalhos estão mais calmos, aguardando a viagem para Nibiru e a vinda de novos trabalhadores, podemos voltar à Casa da Vida. Vamos voltar e criar uma assembleia entre todos os familiares amanhã pela manhã. Me ocorreu algo que poderá resolver nosso problema – disse o filho de Enki.

Pela manhã, todos os familiares se reuniram na Casa da Vida para uma assembleia com Anu em conferência de Nibiru.

Então Ningishzidda falou:

— Eu tenho uma ideia para resolvermos o problema dos trabalhadores. Criaremos um trabalhador terrestre que irá se encarregar do trabalho mais árduo.

Todos na assembleia ficaram assombrados e sem palavras. Começaram a comentar entre si. Nunca ouviram falar de um ser criado do nada e ainda mais com inteligência suficiente para acatar ordens e as executar. Ninmah, perita em assuntos científicos, replicou:

— Irmão, como faremos algo do tipo? Todos os seres descendem de uma semente e vão evoluindo com o passar do tempo. Nunca ouvimos falar de um ser criado do nada.

— Você tem toda razão, minha irmã. Mas deixe que eu lhes revele um segredo. O ser de que precisamos já existe. É um animal que anda em duas pernas e se esconde nas florestas do Abzu, eu mesmo já o vi várias vezes com meus próprios olhos. Seu corpo é cheio de cabelos, usa os

braços para se pendurar, toma água dos rios, como se fosse gazela; não possui roupa e nem muita inteligência, porém podemos modificar seu código genético, misturar com o nosso, criando um trabalhador forte e inteligente o bastante para receber e executar ordens.

— Enki, confiamos em você e sabemos de sua capacidade de cientista. Ninguém melhor do que você saberá se isso pode ou não dar certo. Assim, consinto que você prossiga com seu plano e crie um trabalhador terrestre para substituir nossos cansados irmãos – disse Anu a Enki, perante toda a assembleia.

Ao que Enlil replicou:

— Pai, não podemos fazer isso, vai contra as leis do universo. Já existe um criador de tudo, a raça mais antiga do universo, que criou as demais raças. Só ela pode criar uma nova raça. Não estou de acordo com Enki. E nunca vimos uma criatura, como essa aqui no Edin.

— Essa manhã, antes de nossa assembleia, meus soldados foram até as pradarias do Edin e capturaram dois espécimes, um macho e uma fêmea. Ordeno que entrem e tragam as criaturas dentro da jaula – ordenou Enki, por meio de seu comunicador para os soldados.

Os soldados adentraram o recinto onde se dava a assembleia empurrando uma forte jaula feita de ferro. Ao verem Enki e os demais, os animais começaram a pular, a se debater, a socar a jaula e a soltar grunhidos desesperados, tentando fugir dali. Depois de um tempo, quando perceberam que sua ação seria inútil, desistiram e se acalmaram.

—Vejam por si mesmos. Esses são os animais que podemos utilizar como base para nosso experimento.

Todos ficaram abismados e maravilhados com a criatura. Ningishzidda, então, pegou um aparelho e espetou na mão de uma das

criaturas, que pulou para trás de susto. O aparelho era um leitor de DNA. A leitura foi feita e Ningishzidda disse:

— Incrível, o DNA deles é muito parecido com o nosso. Provavelmente esse experimento dará certo, bastarão alguns ajustes no DNA, mas levará algum tempo.

— Não posso concordar com isso, há muito já abolimos a escravidão no Nibiru, não podemos voltar a esse sistema aqui na Terra – disse Enlil, em tom enfurecido.

— Meu irmão, não queremos escravos, mas ajudantes. Eles serão recompensados por seu trabalho. E não se trata de criarmos um novo ser, apenas iremos aprimorar uma criatura já existente, ou seja, ajudaremos na sua evolução – replicou Enki, em tom persuasivo.

Ninmah argumentou em seu favor:

— Também somos a evolução de uma outra espécie. Se os criadores de tudo nos formaram dessa maneira e temos sabedoria e capacidade para fazermos o mesmo, não vejo problema. Creio que estamos destinados a isto: espalhar nossa semente pelo universo.

— Meus filhos, deixem que eu leve o assunto ao nosso conselho aqui em Nibiru, em breve retorno a vocês com a decisão – tornou Anu.

Após muita discussão entre o conselho e Anu, foi decidido:

— Se essa é única maneira de trazermos ouro para Nibiru, e se nossa sobrevivência está em jogo, então que deixemos de lado as leis da Confederação Intergaláctica e criemos um trabalhador terrestre. Que Nibiru seja salvo – anunciou Anu, transmitindo a decisão para a Terra.

Enki ficou muito feliz com a decisão e escolheu Ninmah para ser sua ajudante nas experiências, pois possuía grande conhecimento em medicina. Olhando para Ennugi, disse:

— Ennugi, transmita a decisão aos trabalhadores no Abzu. Diga que eles voltem ao trabalho e aguardem até que criemos o ser.

Os trabalhadores Anunnakis ficaram decepcionados. Não fizeram nova rebelião, mas voltaram ao trabalho desmotivados.

Depois de muito tempo de estudo, análises, documentações, Enki disse:

— Vamos pegar o sêmen de um Anunnaki e inseminar a fêmea bípede. Veremos o resultado da combinação.

Ao tentarem, depois de alguns dias terrestres, concluíram que não houve fecundação.

— Teremos que encontrar uma outra forma – disse Ninmah para Enki.

Ninmah pegou um recipiente de cristal e colocou nele o óvulo da fêmea bípede, junto ao sêmen Anunnaki. Manipulou-os, com muito cuidado, e conseguiu fecundar o óvulo. Implantou-o já fecundado na fêmea bípede e, depois de alguns meses terrestres, a nova espécie estava pronta para nascer. Todos estavam muito ansiosos com o resultado, mas a fêmea não conseguia fazer o parto. Ninmah, então, fez um corte na fêmea bípede e retirou o ser de dentro de seu útero. Estava vivo, nas mãos de Ninmah, mas algo em sua face não parecia bem. Quando limparam o recém-nascido, viram que tinha cabelo por quase todo corpo, sua face era toda peluda; a exceção era a parte inferior.

Deram o recém-nascido para a fêmea cuidar e amamentar. Depois de algum tempo, o ser havia crescido, mas suas mãos não se adaptavam às ferramentas. A criatura não conseguia segurar muito bem os objetos e emitia apenas grunhidos, não era capaz de se comunicar.

— Devemos tentar novamente, irmão. Vamos ajustar a semente Anunnaki antes de fecundarmos o óvulo.

Todos os procedimentos foram repetidos, fizeram os devidos ajustes no DNA e novamente fecundaram o óvulo e o inseminaram.

O recém-nascido, dessa vez, parecia-se mais com os Anunnakis, e o entregaram novamente à fêmea para que o amamentasse. Ao crescer, viu-se que suas mãos estavam de acordo para segurar as ferramentas; seu aspecto era atrativo, não se parecia muito com as criaturas bípedes. No entanto, ao aprimorarem os testes com a criança, perceberam que a ela não estava muito bem e sua visão era turva. Mais uma vez, repetiram os procedimentos, tentaram várias vezes. Todos os seres nasciam com algum defeito: problemas de fígado, braços curtos, sem pulmões adequados... Ninmah e Enki já estavam quase desistindo quando decidiram alterar o método.

— Só existe uma coisa que ainda não fizemos. Todas as vezes inseminamos a fêmea bípede, nunca utilizamos o útero de uma fêmea Anunnaki – disse o cientista, pensativo.

— Mas, irmão, como iremos encontrar uma Anunnaki disposta a uma experiência que poderá fazer nascer um monstro ou algo parecido?

— Deixe que eu peça isso a minha esposa Ninki. Tenho certeza de que ela irá nos ajudar e emprestará seu útero.

— Não, meu irmão, eu estou desde o início nessa experiência com você, quem deverá se arriscar sou eu e não sua esposa. Deixe que eu carregue a criança em meu ventre.

Enki ficou surpreso com a reação da irmã. Ele a abraçou e disse:

— Que assim seja. Espero que você esteja certa do que está fazendo.

Depois dos preparativos, fecundaram o óvulo e inseminaram Ninmah. Depois de nove meses terrestres, chegou o dia do parto. Ninmah deu à luz a um menino, um varão. Enki o pegou em suas mãos, ele era perfeito. Deu palmadas em suas nádegas e a criança começou a chorar. O choro era de uma criança Anunnaki e não de um filhote bípede. Todos ficaram muito felizes. Ninmah começou a chorar de alegria.

Os cientistas começaram a examinar a criança. Todos os seus membros, ossos, sangue, orelhas, olhos – examinaram-no de cima a baixo. Aparentemente estava tudo perfeito, o ser não era peludo, seu cabelo era negro, sua pele era vermelha, como a argila, e seu sangue, vermelho escuro. Ao examinarem os genitais, notaram que seu pênis possuía uma pele que cobria todo o membro e o ultrapassava, ficando pendurada, diferentemente do pênis dos varões Anunnakis, que não a possuíam.

— Que o terrestre se diferencie de nós, Anunnakis, por essa pele – disse Enki.

A criança começou a chorar muito, estava com fome. Então Ninmah a colocou em seu colo e lhe deu um dos seios para a alimentar.

— Que nome daremos à criança? Afinal, é um ser terrestre nascido de nós e não uma criatura qualquer – perguntou Enki.

— Vamos chamá-lo de Adamu, que quer dizer *igual à argila da Terra*. Esse será seu nome – respondeu Ninmah.

— Que construam para Adamu um berço. Que ele fique na Casa da Vida junto conoco – ordenou Enki.

— Ninmah, agora precisamos criar um exército de seres como Adamu. Isso pode levar muito tempo – lembrou a todos Ningishzidda.

— Você tem razão. Usaremos Adamu como modelo para todos os outros. Adamu será poupado do duro trabalho por ter sido o nosso modelo – replicou Enki.

— Mas... que úteros utilizaremos para levar a semente?

Ninmah, ao pensar um pouco, respondeu:

— Vamos reunir algumas Anunnakis da cidade de Shurubak, elas sempre me auxiliam em processos de cura e até mesmo em alguns partos. Tenho certeza de que algumas delas irão aceitar o desafio. Ordeno que

as tragam aqui, vamos mostrar Adamu a elas; tenho certeza de que elas ficarão maravilhadas com a criança e sinto que irão nos ajudar.

Uma nave partiu para o local onde ficavam as mulheres que Ninmah desejava recrutar.

— O senhor Enki exige a presença de vocês na Casa da Vida imediatamente, subam a bordo – anunciou o alto-falante da nave, pairando sobre a casa das Anunnakis.

Voaram de volta para a Casa da Vida e foram recebidas como princesas. Ao chegarem aos aposentos de Ninmah, esta disse:

— Irmãs, quero lhes mostrar o trabalhador terrestre que nasceu de meu ventre. Ele é o primeiro de um exército de trabalhadores que criaremos para trabalhar nas minas e extrair o precioso ouro que irá salvar nosso planeta. Gostaria de lhes pedir um grande favor. Não quero obrigar ninguém a aceitar, fica a critério de cada uma de vocês, mas o sucesso desse projeto depende de vocês. Precisamos de voluntárias para carregar em seu ventre esses terrestres.

As Anunnakis se entreolharam e sete delas se adiantaram, aceitando o desafio.

— Ótimo, agradeço muito a todas vocês. Que seus nomes sejam lembrados para todo o sempre.

Cada uma delas anunciou o seu nome:

— Ninimma.

— Shuzianna.

— Ningunna.

— Musardu.

— Ninmug.

— Ninbara.

— Ninmada.

Após alguns dias, os preparativos para as inseminações começaram. Instalaram em aposentos especiais as Anunnakis. Coletaram mais óvulos da fêmea bípede e fizeram um pequeno corte no pênis de Adamu. Uma gota caiu e utilizaram aquele sangue para fecundar os óvulos com a essência do novo ser. Todos seriam seus clones. As fêmeas Anunnakis receberam os óvulos fecundados. Nove meses terrestres se passaram e todas deram à luz a cópias exatas de Adamu.

— Que se façam mais sete trabalhadores – disse Ningishzidda.

— Meu filho, – disse Enki – dessa forma, não conseguiremos criar um exército de trabalhadores; levaremos muito tempo para chegar ao número suficiente, e não temos muito tempo. Devemos criar fêmeas para que eles se reproduzam. Vou chamar minha esposa Ninki para que gere a fêmea terrestre em seu ventre.

Explicaram o que estava acontecendo a Ninki, falaram de como precisavam de sua ajuda. A mulher ficou fascinada com tudo aquilo e aceitou o desafio no mesmo instante. Iniciaram, então, o trabalho para fecundar o óvulo do qual nasceria a fêmea terrestre. Após todos os ajustes, implantaram o óvulo fecundado no útero de Ninki. Após a espera, havia chegado a hora do nascimento da primeira fêmea terrestre. No entanto, algo estava errado, o nascimento não acontecia. Esperaram um mês a mais que o previsto, como a criança não nasceu, Ninmah fez um corte em Ninki, para que ela desse à luz a fêmea terrestre. Nasceu a criança e todos ficaram muito contentes. Examinaram com muito cuidado a frágil criatura terrestre – tudo estava adequado, membros, olhos, não possuía pelo, seu cabelo era da tonalidade das areias da praia, sua pele possuía a mesma cor e textura dos Anunnakis. Os sons que saíram de sua boca eram os aguardados, eram os adequados a uma criança Anunnaki. Deram a criança para que Ninki a amamentasse.

Puseram-lhe o nome de Tiamat, que quer dizer *mãe da vida*. O mesmo nome do antigo planeta que originou a Terra e a Lua. A geração de sete novas fêmeas terrestres, que fariam par com os sete varões, ocorreu-se em seguida. Tiraram a essência de Tiamat, fecundaram com ela óvulos de fêmeas bípedes e inseminaram as fêmeas Anunnakis. Esperaram o tempo previsto. Após o período, nasceram as sete fêmeas terrestres, que procriariam, formando um exército de trabalhadores. Chegadas as crianças a uma certa idade, colocaram-nas todas nas florestas para que crescessem juntos e se multiplicassem.

— Que Adamu e Tiamat sejam protegidos do duro trabalho. Que sejam levados para o Edin, para que todos os Anunnakis conheçam a nova espécie, criada para ajudar a salvar nosso planeta — declarou Enki.

Adamu e Tiamat foram levados para o Edin. Uma casa foi construída para que morassem. Todos foram ao Edin ver a novidade, até mesmo Enlil, contrariado, foi até lá para conhecer as criaturas. Ao vê-las, mostrou-se mais conformado. Marduk, filho de Enki, e quase todos os seus soldados deixaram o planeta Marte especialmente para conhecer os novos seres. Eles eram maravilhosos e todos ficaram impressionados com a criação de Enki e Ninmah.

Passado algum tempo, as crianças já estavam crescidas e totalmente desenvolvidas. Diferente de Nibiru, na Terra o processo era muito mais rápido. Depois que atingiram a maturidade, as criaturas começaram a copular entre si. Durante algum tempo, porém, os Anunnakis perceberam que as fêmeas não engravidavam e, sem isso, seria impossível criar os trabalhadores de que tanto precisavam. Os Anunnakis das escavações não aguentavam mais esperar e Enki temia uma revolta, caso soubessem que os novos seres não conseguiam

procriar. *Criamos uma maldição* – pensou Enki, quase arrependido pela criação.

— Não desanime, Enki. Vamos analisar o DNA dessas criaturas e conseguiremos chegar a uma solução muito em breve – ponderou Ningishzidda.

Analisando o DNA das criaturas, notaram que ele possuía apenas 22 pares de cromossomos. O vigésimo terceiro par, responsável direto pela habilidade de procriar e que estava presente nos Anunnakis, não estava presente nas criaturas. Isolaram-se imediatamente em um laboratório: Ningishzidda, Ninmah, Enki, Adamu e Tiamat.

Ningishzidda fez que cada um deitasse em uma maca. Aplicou nos quatro anestesia geral e todos dormiram no mesmo momento. Retirou de Enki a essência vital que estava faltando aos novos varões e a inseriu em Adamu. Retirou de Ninmah a essência vital feminina e a inseriu em Tiamat. Depois de algumas horas, todos acordaram. O par de cromossomos faltantes foi inserido com sucesso em Adamu e Tiamat. Eles agora poderiam procriar normalmente.

— Deixemos que eles vaguem livremente pelo Edin, se conheçam e copulem. Vamos apenas observar de longe – disse Nihmah.

Tempos depois, Enlil passeava pelo Edin para se refrescar do calor e encontrou Adamu e Tiamat com trajes tapando suas partes íntimas. Algo parecia muito estranho, uma vez que os seres criados andavam nus sem pudor algum, não possuíam ainda consciência de sua nudez. Enlil foi até Enki e exigiu explicações imediatas. Enki explicou para Enlil que a experiência havia falhado, faltava um par de cromossomos para que as criaturas pudessem procriar. Enlil ficou furioso, quando soube que Enki implementara nas criaturas mais um aspecto Anunnaki. Pensou que Enki também havia inserido nelas também o gene da vida longa, o

gene responsável por fazer os Anunnakis viverem milhares e milhares de anos. Enki explicou para Enlil que não dera esse gene aos novos seres, que a intervenção foi apenas para que conseguissem procriar, caso contrário, não haveria trabalhadores para as minas de ouro. O destino de Nibiru dependia dessa experiência. Se ela não desse certo, os Anunnakis que trabalhavam nas minas iriam se rebelar e todo esforço feito até o momento para tranquilizá-los teria sido em vão. Enlil se conformou, porém exclamou, furioso:

— Que eles procriem longe do Edin! Aqui não é o lugar deles! Não podemos nos misturar com uma raça inferior, mesmo tendo sido criada por nós. Que sejam expulsos do Edin e vão para o Abzu, bem longe daqui!

Enki acatou a vontade do irmão. Passado algum tempo, Adamu e Tiamat conseguiram procriar. Tiamat estava grávida. Por isso, os mais importantes Anunnakis foram ao Abzu ver o parto de Tiamat, um momento histórico. Entre verdes pradarias, Tiamat deu à luz a gêmeos, um filho e uma filha, os primeiros descendentes dos seres terrestres. Todos ficaram espantados em ver como as crianças cresciam rapidamente, desenvolviam-se com uma velocidade incrível, se comparada aos padrões Anunnakis. Os dias eram como meses e os meses acumulavam anos e mais anos para a Terra. Depois de algum tempo, Adamu e Tiamat tiveram ainda mais filhos e filhas. Os gêmeos também passaram a copular e a procriar. Os terrestres se proliferavam muito rapidamente.

Os terrestres adaptaram-se totalmente ao clima da Terra. Não reclamavam do calor excessivo, muito menos da poeira. Entendiam tudo o que os Anunnakis lhes ordenavam e os tinham como verdadeiros criadores, como deuses. Muito tempo mais tarde, os terrestres eram

centenas e centenas. Os Anunnakis não mais precisavam trabalhar nas minas, pois os terrestres assumiram essa função e não reclamavam. Trabalhavam duro de sol a sol para agradar seus criadores. O desejo de satisfazê-los era maior do que qualquer cansaço. O ouro ia chegando a Nibiru em abundância. Tudo estava muito bem, os Anunnakis criaram raízes no planeta Terra. Mesmo eles estavam procriando, tendo filhos e filhas terrestres de sangue Anunnaki. No entanto a Terra começou a mudar. Vulcões começaram a entrar em erupção. As geleiras dos pólos começaram a derreter, o planeta estava diferente. Marduk enviou notícias, de Marte, a seu pai Enki, avisando-o sobre mudanças no planeta e ventos muito fortes. Algo estava acontecendo, que mudaria o destino do planeta Terra e de seus antigos e novos habitantes.



Capítulo 15

David e Galzu retornaram mais uma vez da viagem no tempo. Essas viagens eram muito cansativas, para quem não estava acostumado. David ficava exausto, quase ao ponto de desmaiar. De volta à nave, soldados de Galzu deram água e frutas para David, a fim de que ele pudesse recompor suas energias. Ele devorou as frutas, como se fossem sua primeira refeição em anos. Na verdade, eles haviam ficado mais de 72h se deslocando no espaço-tempo. David estava muito confuso, era uma mistura de sonho com vida real. Era muito estranho e várias perguntas surgiam em sua cabeça.

Depois de algumas horas de sono, David acordou e foi andar pela nave. Ela era enorme, parecia um labirinto de aço. Parte de sua superfície era coberta por um metal dourado e trazia inscrições em prata, semelhantes a inscrições que ele já havia visto em pirâmides e, até mesmo, a sinais que apareciam em plantações. Além do metal dourado e prateado, em algumas estruturas da nave, era usado uma espécie de cristal. Aparentemente, todo seu circuito era feito desse material, que deixava passar muitas luzes coloridas. David caminhou alguns metros

e chegou até um compartimento que parecia ser a sala de controle. Ao fundo, sentado em uma cadeira, estava Galzu. O painel de controle era imenso, com muitos cristais e muitas luzes, nada que ele já tivesse visto antes, nem mesmo em filmes de ficção científica. Era lindo. Galzu, de frente para o painel e sem se virar, percebeu a presença de David.

— Olá, David! Por favor, venha mais perto. Espero que esteja descansado.

— Como sabia que eu estava aqui?

— Temos sensores de presença na nave. Cada uma dessas luzes é um tripulante nosso.

— Mas existem muitas luzes.

— Sim, somos 350. 351, contando com você.

— Galzu, aquela nossa viagem... Não foi sonho não, né?

— Claro que não! Por favor, sente-se aqui ao meu lado, creio que você esteja cheio de perguntas.

— Com certeza, minha cabeça até dói de tantas dúvidas.

— Pois pergunte, estou aqui para isso: para servi-lo e passar conhecimento.

— Galzu, pelo que pude entender, o que até hoje eu conhecia como Deus, criador dos céus e da Terra e criador da humanidade, na realidade, todo o tempo, eram vocês?

— Exatamente.

— Então, quer dizer que Deus não existe?

— Depende do seu conceito de Deus.

— Deus para mim é um ser superior, com muitos poderes e criador do universo.

— David, me responda, como é possível um único ser criar um universo? Caso isso fosse verdade, quem teria criado esse ser?

— Boa pergunta, sempre me perguntei isso também. Mas minha mãe sempre me disse que era pecado ter esse tipo de dúvida sobre Deus.

— De fato, seria impossível um único ser criar um mundo real. Podemos criar um mundo virtual e povoá-lo com seres possuidores de inteligência artificial, mas seria um ambiente criado em computador, que não existiria de fato. O universo existe há bilhões de anos, mesmo nós ainda desconhecemos sua verdadeira origem, esse conhecimento ainda não nos foi dado por raças superiores. Nossa teoria é a mesma que ensinamos a vocês: a de que o universo era menor que um átomo e foi se expandindo com o passar do tempo. Alguns estudos indicam que nosso universo atual é o avesso de outro. É como se esse nosso universo chegasse ao limite de sua expansão e, então, virasse do avesso, formando um universo paralelo ainda não existente, e assim continuasse sua expansão. São os multiversos interagindo entre si: um universo interfere em outro, de uma dimensão paralela.

— Quer dizer que vocês nos passaram o conhecimento que temos do universo?

— Sim, boa parte do conhecimento humano fomos nós que passamos, senão vocês ainda estariam vivendo no século X. Muitos avanços tecnológicos e curas para doenças foram conquistados com nossa ajuda e também com a de algumas outras raças que visitam a Terra.

— Entendo. Mas, voltando a Deus: se ele não existe, quem criou a sua raça, para que então, vocês nos criassem?

— Nossa raça foi criada por uma outra superior a nós. São seres de primeira grandeza, que existem há mais de dois bilhões de anos, ou seja, superevoluídos. Na verdade, eles não nos criaram, eles nos transformaram, como fizemos com vocês: pegaram uma raça existente e modificaram-na geneticamente, permitindo que desse um grande salto na evolução.

— Quer dizer que a evolução existe?

— Sim, ela existe, mas é muito lenta. Uma raça superior sempre dá, digamos, uma ajudinha na evolução.

— Então, de fato, o homem veio do macaco. Pelo que pude notar, vocês modificaram um DNA de outra raça, fundiram com o de vocês e nos criaram.

— O ser do qual vocês evoluíram é conhecido na Terra como *homo habilis*. Primeiro, criamos o *homo erectus*, utilizando parte do nosso DNA. Depois, cruzamos o *homo erectus* com nossa raça. Desse cruzamento surgiu o que vocês conhecem como *homo neanderthalensis*. Após mais alguns cruzamentos e algumas modificações genéticas, chegamos ao *homo sapiens*, ou seja, a raça humana. Você nunca se perguntou como o *homo habilis* evoluiu tão rápido para o *homo erectus*? O tão procurado e pesquisado elo perdido, ou seja, o elo entre essas raças, nada mais é do que uma modificação genética que até os seres humanos hoje em dia são capazes de fazer. E tem mais, o que é conhecido hoje como *homo sapiens sapiens* foi modificado geneticamente há algumas centenas de anos, isto é, o humano atual é bem mais evoluído do que os primeiros *homo sapiens*.

— Realmente, agora tudo faz sentido. Na verdade, vocês só nos criaram para nos usar como escravos. Mas... por que vocês não nos revelaram isso, entretetando deixaram que vivêssemos na mentira?

— David, a humanidade ainda não está preparada para essa informação. Se isso vier à tona, toda a crença em Deus será extinta e pode haver um grande caos no mundo. Até onde nossas pesquisas nos mostra, boa parte da humanidade só se mantém, digamos, na linha, por medo de estar infringindo alguma lei divina. Se essas pessoas tiverem a plena certeza de que a criação não se deu como elas imaginam e que Deus, na

verdade, é um ser de outro planeta, não sabemos o que pode acontecer. Por isso, estamos nos esforçando para dar ao homem a base necessária de conhecimento, para que o caos não aconteça. Será uma de suas missões revelar a verdade, e esse momento está próximo. Sobre a escravidão, posso afirmar que foi mais mental, pois os humanos primitivos trabalhavam por livre e espontânea vontade, como tributo a nós, seus criadores. Nunca os obrigamos a trabalhar e eles recebiam muito conhecimento em troca – sem ele, a raça humana não teria evoluído até este momento.

— Entendo. Vocês se passaram por deuses, anjos... Esse tempo todo, nos enganando.

— David, nos tempos antigos, a humanidade só obedecia e se portava relativamente bem por ordens dos deuses. Se deixássemos a humanidade fazer o que quisesse, sem um Deus para intermediar tudo, ela já teria se dizimado. Vou lhe contar uma história. Houve um tempo em que a humanidade não mais obedecia aos deuses. Fazia o que queria, quando queria. O resultado disso foram milhares de mortes de pessoas inocentes, doenças, matanças, guerras, fome. O rei de Nibiru, Anu, e seu filho Enlil estavam decididos a acabar com a humanidade. Isso foi necessário uma outra vez. Milhares de anos atrás, nosso planeta Nibiru ficou muito próximo da Terra. O campo magnético de Nibiru interferiu drasticamente em seu planeta, que sofreu uma inversão de pólos. Enormes geleiras começaram a derreter e houve o que vocês conhecem hoje como dilúvio. A humanidade deveria ter sido extinta naquele momento, mas eu recebi ordens para intervir. Não de Anu, nosso rei, mas dos seres que nos criaram. Eles vieram a mim e disseram que, se a humanidade foi criada, deveria ser preservada. Eles são contra a extinção de raças, por piores que sejam. Eles preferem

trabalhar para que essas raças se tornem boas. Com isso, e com a ajuda de Enki, filho de Anu, conseguimos poupar uma parte da humanidade através daquele que você conhece hoje como Noé.

— Quer dizer que Deus não mandou o dilúvio? Ele iria acontecer de uma maneira ou de outra?

— Exatamente. Era inevitável. E, milhares de anos depois, a humanidade voltou ao que era. Dessa vez a extinção seria proposital, pois Enlil, que sempre foi contra a criação dos humanos, queria destruí-los através de um vírus letal. Mais uma vez, Enki interveio e os salvou. Mas essa história, para que você entenda corretamente, vou lhe mostrar. Voltaremos no tempo no momento em que houve essa decisão. É aí que você entra, com isso você irá entender o seu propósito, a sua missão.

— Mas, por que eu? Ainda não entendi o que eu tenho a ver com tudo isso.

— David, sente-se, pois o que vou revelar agora pode abalar um pouco você. Respire fundo. Vou lhe contar.

David se sentou lentamente, estava tentando imaginar o que Galzu lhe diria.

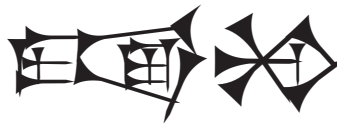
— Você, David, é nada mais nada menos que um clone de Jesus Cristo, aquele que veio ao planeta Terra salvar a humanidade de ser destruída. Sua missão, como eu havia comentado, é preparar a humanidade para o retorno de Jesus. Quando isso acontecer e quando vocês conseguirem derrotar Enlil, você e Jesus irão governar a Terra.

— O quê?! Eu sou um clone de Jesus?! Mas, como isso é possível?! Não posso acreditar nisso! – disse David, levantando-se e andando de um lado para o outro, incrédulo com aquela revelação.

— David, vou deixar você sozinho, refletindo sobre tudo isso. É muita informação em muito pouco tempo. Relaxe nessa poltrona e, quando

estiver mais calmo, aperte esse botão que eu volto – Galzu apontava para uma espécie de botão feito de cristal.

Galzu deixou o recinto para que David pudesse refletir. O rapaz sentou-se na poltrona, de frente para o painel de comando da nave, reclinou sua cabeça para trás e começou a pensar, a relembrar tudo o que Galzu havia dito, mostrado e revelado.



Capítulo 16

Galzu retornou ao compartimento onde David descansava. Colocou a mão sobre o ombro do rapaz, que dormia, fazendo-o acordar repentinamente, assustado, dando um pulo da poltrona.

— Calma, David, era apenas um sonho. Seu cérebro está processando e organizando as informações – disse Galzu, segurando David pelo ombros.

— Tive um pesadelo horrível. Guerras, mortes, destruição...

— Sim, eu sei, consegui captar seus pensamentos, enquanto você dormia.

— Você lê pensamentos?

— Sim, consigo também me comunicar por telepatia e plantar alguns sonhos.

— Foi você que plantou esse pesadelo em mim?

— Sim, em parte. Quis prepará-lo para o que vou mostrar agora. Infelizmente, não poderemos viajar no tempo para que você veja o que precisa, pois o que irei revelar aconteceu durante muitos e muitos séculos. Seria inviável ficarmos pulando de tempo em tempo, por

isso reuni algumas imagens da época que você precisa conhecer. Vou apresentá-las e explicá-las.

— Tudo bem, estou preparado, acho que dormi o bastante. O que você irá me mostrar?

— Hoje vou mostrar de onde se originou o mito de Satanás, o acusador. Você saberá também o que aconteceu com a Terra há alguns milênios e, depois disso, vou explicar onde você entra em toda essa história.

— Então me mostre, Galzu. Agora você atiou minha curiosidade.

Galzu pegou um cristal e o inseriu em uma caixa metálica do painel de controle da nave. Feito isso, um holograma em três dimensões surgiu e imagens começaram a aparecer:

Cerca de três mil anos antes de Cristo, o mundo foi dividido em quatro regiões. Era uma época de guerras e desentendimentos entre os deuses. Eles eram muito cheios de si, mimados e acostumados e terem tudo o que queriam e quando queriam. Seus egos eram maiores que eles próprios. Apesar de quase todos pertencerem à mesma linhagem, eles viviam em guerras e disputas internas, para provar quem tinha mais poder, mais sabedoria e, é claro, disputavam território e faziam os humanos lutarem por eles. Usavam a humanidade como suas peças de xadrez e o planeta Terra como um tabuleiro. Essa foi uma época extremamente conturbada, alguns séculos depois do grande dilúvio, que quase destruiu a humanidade.

No centro do conflito estavam Inanna, neta de Enlil, e Marduk, filho de Enki. Inanna acusava Marduk de ser o responsável pela morte de seu marido. Marduk, por sua vez, queria ser o deus supremo de toda a Terra. Ele passou anos e anos instigando a humanidade contra os

outros deuses e tentando convencer a todos a assumir o comando terreno. Indignara-se, porque os deuses menosprezaram seu pai Enki, primogênito de Anu, e declararam Enlil o sucessor ao trono de Nibiru.

Marduk, por ser o primogênito de Enki, se achava no direito de dominar a Terra inteira, mas o Conselho dos deuses decidiu dividi-la em quatro regiões. A segunda região, que incluía o Egito, foi dada a Marduk. Ele a aceitou de má vontade, por ter pretensões maiores. Embora insatisfeito, Marduk foi para o Egito e mudou seu nome para Rá, tornando-se o grande deus dos egípcios. Depois de algum tempo, ainda indignado por não lhe terem concedido o poder sobre toda a Terra, Marduk declarou guerra aos outros deuses. Assim, planejou uma campanha, cujo objetivo era tomar para si todas as regiões do planeta e nelas estabelecer sua supremacia. Isso realmente iria acontecer se não fosse por Enlil, irmão de Enki e tio de Marduk.

Os deuses possuíam armas de destruição em massa: a bomba de hidrogênio, por exemplo, quase mil vezes mais potente que a bomba atômica, que destruiu as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Na época, os clãs divinos estavam divididos, o clã de Enlil rivalizava com o clã de Enki. Os irmãos ainda se falavam e eram políticos um com o outro, apesar de Enlil alimentar uma certa inveja por Enki ser o primogênito de Anu, e não ele.

As disputas se intensificavam, o ego dos Anunnakis acabaria por destruir a humanidade, que não tinha culpa de nada. Na verdade, Enlil sempre se opôs à criação da humanidade; desde o início das experiências com os clones, criticou seu irmão. Enlil também invejava a sabedoria de Enki, uma vez que ele próprio não tinha conhecimento suficiente para criar algo excepcional. O irmão, pelo contrário, foi sempre um grande estudioso de todas as ciências e tornou-se um grande cientista.

Quando Marduk declarou guerra aos outros deuses, Enlil o acusou de ser o responsável por todas as desavenças divinais. Em seu íntimo, Enlil queria destruir Marduk e também a humanidade, protegida por Enki e pelo sobrinho. Enlil desejava que a humanidade fosse formada apenas de poucos seres humanos escolhidos por ele, que os iria governar, ao lado de filhos e netos, da maneira que ele mesmo escolhesse, sem intervenções externas. Por consequência, Enlil decidiu acabar com a humanidade. O deus salvaria apenas Ibruum, conhecido atualmente como Abraão, e a família deste, para que obedecessem somente a seu clã. Enlil destruiria os seguidores de Marduk e de Enki.

Ibruum era descendente direto de Noé, logo, possuía o sangue dos Anunnakis. A fim de resguardar Ibruum e sua família da ira dos deuses, Enlil pediu que fugissem para uma terra distante. A ira viria em forma de sete bombas termonucleares que devastariam a vida na Terra. Enlil, com o consentimento do Conselho de Nibiru e de seu pai, Anu, e indo contra a vontade de seu irmão Enki, ordenou que disparassem as armas nas principais cidades da Terra, hoje nomeadas pelos humanos de Sodoma e Gomorra.

Sete armas, cada uma contendo sua particularidade relativa a poderes de destruição, foram lançadas em sete cidades do planeta. A ruína e a calamidade foram totais: além dos humanos, boa parte das plantas e animais terrestres também pereceram. As áreas não atingidas diretamente pelas armas tiveram seus habitantes mortos pela poeira nuclear que se espalhou pelo globo. Quase toda a humanidade pereceu. Apenas a cidade da Babilônia sobreviveu aos ataques, pois o vento que carregava a poeira nuclear não chegou até ela. Ironicamente, a Babilônia era reduto de Marduk, onde era adorado como o deus supremo.

Infelizmente para Enlil, seus filhos e netos, a tentativa de aniquilamento dos humanos, por meio das bombas de hidrogênio, chegou ao conhecimento do conselho da grande Confederação Intergaláctica. Os membros do conselho assombraram-se com a notícia, afinal, a vida na Terra deveria ser preservada, os humanos deveriam evoluir sob a guarda dos Anunnakis, ninguém poderia destruí-los, ainda mais sem o consentimento da Confederação. Os Anunnakis estavam brincando de *deus* e os verdadeiros *deuses* não estavam contentes com isso. Como punição pela má conduta, o líder do conselho da Confederação Intergaláctica anunciou que os responsáveis por tentar destruir a humanidade fossem presos e isolados em outra dimensão durante milênios. O castigo deveria servir para que outras civilizações não tentassem definir o destino de um planeta, por menos evoluído que fosse.

Soldados da Confederação foram enviados à Terra. Pouco antes de chegarem, os Anunnakis perceberam que algo estava se aproximando do planeta em alta velocidade. Primeiro, pensaram ser um asteroide; pouco depois, analisando a trajetória do corpo, viram que se tratava de uma grande nave. Todos os Anunnakis ficaram aflitos, sabiam agora que se aproximava uma nave da Confederação, justamente após a explosão das bombas. Os Anunnakis imediatamente comunicaram o fato ao Conselho de Nibiru que os advertiu de que agora o destino deles e da Terra estaria nas mãos da Confederação. Nibiru nada poderia fazer. Enlil sabia que no fundo vinham por sua causa, devido às armas de destruição que ele havia lançado contra seres inocentes. Seus filhos e netos, aflitos, quiseram armar uma fuga, temendo serem punidos pelo que haviam feito. Enlil se recusou a deixar a Terra, quis ficar e enfrentar a Confederação, explicar por que teria atentado contra os humanos.

Em pouco tempo, uma grande nave, medindo alguns quilômetros de diâmetro, de formato arredondado e achatado, adentrou a atmosfera do planeta Terra. A nave era gigantesca e resplendorosa. Automaticamente, quase todos os equipamentos e armas dos Anunnakis foram neutralizados. Os Anunnakis, que até então brincavam de *deus*, ficaram apavorados. A nave da Confederação podia ser vista de muitos pontos do planeta, de tão grande que era. Tendo ancorado alguns quilômetros acima do solo, despejava de si naves menores, que rumavam em direção à cidade onde Enlil, seus filhos e netos, e também Enki, encontravam-se. Enlil, espantado ao notar que a Confederação sabia exatamente onde estavam, perguntou aos outros como aquilo era possível. Todos os Anunnakis, incluindo Enki, contrário à devastação perpetrada, foram para o lado de fora do palácio, receber as pequenas naves. De dentro delas, grandes seres reluzentes saíram. Eles eram duas vezes maiores que os Anunnakis, sua estrutura corpórea era parecida com a dos Anunnakis e também com a dos humanos; tinham, porém, cor esverdeada, com tons de azul reluzentes, em algumas partes do corpo, e não vestiam roupa alguma. Por meio de um aparelho que traduzia para a língua dos Anunnakis, um dos seres falou:

— Sabemos que você, Enlil, foi o responsável pela destruição dos seres que habitavam este planeta. O que tem a dizer em sua defesa?

— Meus senhores, meus atos foram necessários. A criação da humanidade foi um erro de meu irmão que teve o consentimento de meu pai. Guerras foram travadas por disputas de território. A limpeza era necessária e, só fiz o que fiz, com o consentimento do Conselho de meu planeta Nibiru.

— Não é seu planeta que decide quem deve viver ou morrer neste nosso universo, e muito menos você.

— Senhores, minha intenção foi das melhores. Peço que me perdoem.

— O que está feito, está feito. Tenho ordens para levá-los ao nosso planeta: você e aqueles que foram seus cúmplices serão julgados pelo conselho da Confederação. O destino de vocês está nas mãos da entidade. Vocês vêm conosco agora. Entrem todos os responsáveis na nave – um dos soldados da Confederação proferiu tais palavras, enquanto os outros três seguravam armas que seriam utilizadas, caso houvesse alguma resistência.

Então, Enlil e alguns de seus filhos e netos, incluindo Inanna, subiram à nave dos soldados. Antes de embarcarem, Enlil disse a Enki:

— Irmão, por favor, peça para que o Conselho de Nibiru vá até a Confederação e intervenha a nosso favor. Seremos julgados e podemos ser mortos por isso.

— Enlil, infelizmente, nada posso fazer por você, e creio que nosso pai também não. Assuma a responsabilidade por seus feitos e cumpra a pena que lhe for estipulada.

— Irmão, você não pode me abandonar nesta hora. Somos irmãos, é sua obrigação me proteger – disse Enlil, sendo conduzido à entrada da nave. – Se não me ajudarem, tomarei isso como traição e então, um dia, terei minha vingança.

Enki, com lágrimas nos olhos por ver o irmão naquela situação, apenas observou, sabendo que ele deveria pagar pelo que fez. Afinal, ninguém deveria ser responsável pela morte de muitos, ainda mais por motivos totalmente torpes. Enquanto as naves menores decolavam, dirigindo-se à nave mãe, Enki retornou ao palácio. Aguardou que os equipamentos de comunicação voltassem a funcionar e entrou em contato com seu pai.

— Pai, Enlil foi levado pelos soldados da Confederação. Ele será julgado pela destruição que causou na Terra.

— Filho, apesar do consentimento do Conselho, nos esquecemos de que uma vida criada nunca poderá ser destruída. Assim nos ensinaram os nossos criadores. Creio que nosso Conselho também seja responsável por Enlil, mas agora não temos mais o que fazer.

— Pai, não podemos deixá-lo sozinho nesta hora. Devemos intervir de alguma maneira.

— Não há o que possamos fazer. Com certeza, a Confederação sabe que Enlil fez o que fez com o nosso consentimento e sabe também que ele teria feito da mesma maneira, se não tivéssemos consentido. Por isso, ele foi levado e será julgado. Não podemos intervir – se o fizermos, podemos piorar as coisas. Os membros da Confederação são seres muito evoluídos, são contra a morte de qualquer um. Tenho certeza de que eles não irão condenar seu irmão à morte. Ele será castigado, mas não com a morte. Agora, a Terra está em suas mãos. É sua missão protegê-la e levar conhecimento para que a humanidade evolua. Essa é a nossa vontade e também a vontade da Confederação. Contenha os ímpetos e o ego de seu filho Marduk. Mostre a ele a que ponto disputas mesquinhas levaram a nossa raça. Que exemplo daremos à humanidade, que tanto se espelha em nós e nos ama incondicionalmente? Mostre aos humanos o caminho. Conto com você, meu primogênito. Em breve, estarei na Terra para ver como tudo está caminhando.

A grande nave adentrou os domínios do planeta artificial, criado para abrigar os exércitos e o conselho da Confederação Intergaláctica. Os Anunnakis que seriam julgados olhavam para fora da nave boquiabertos com tanta tecnologia e tamanha grandeza. Não demorou muito e todos foram levados à frente do conselho, formado

por doze seres, de dozes raças diferentes, muito distintos entre si. Eram grandes, médios ou pequenos. Por meio de um aparelho, o conselho se manifestou.

— Enlil, filho de Anu, destruidor da raça humana e de outros seres terrestres, o que tem a dizer em sua defesa? – disse o líder do conselho, sentado em uma espécie de poltrona flutuante, localizada no meio de uma formação oval.

— Senhores do conselho. Durante a viagem refleti sobre o que eu havia feito. Fiz o que fiz com boas intenções. Eu gostaria de pedir perdão pelas mortes que causei. Por favor, não me tirem a imortalidade. Meus filhos e netos aqui presentes também não têm culpa. Agiram cumprindo ordens minhas, somente, ou não teriam feito o que fizeram. Na verdade, vocês só nos criaram para nos usar como escravos — respondeu Enlil.

— Sentimos em suas palavras e em sua energia que você não está sendo totalmente franco conosco. Vemos que tem grande ódio dentro de seu coração. Muita inveja e raiva. Isso não é saudável. Você, em sua posição, já deveria ser mais evoluído. Existem coisas mais importantes do que disputas de ego ou de território ou até mesmo de títulos.

— Senhores, estou triste e revoltado, porque não vejo ninguém de minha família aqui para testemunhar a meu favor. Mas estou arrependido, peço que levem isso em consideração.

— O testemunho de sua família não adiantaria muito. O que você fez não se faz com nenhum tipo de ser vivo, por mais insignificante que seja aos seus olhos. A vida na Terra deve continuar, essa decisão foi tomada por nós antes mesmo do grande dilúvio. Uma decisão da Confederação não pode ser questionada, mas você não só a questionou, como agiu contrariamente a ela, pensando apenas em si — considerou

um dos membros, sentado ao lado do líder e de estatura ínfima, quase não podendo ser visto.

— Eu não sabia sobre essa decisão. Julguei não haver problemas extinguir uma criação nossa.

— Nenhum ser criado pode ser destruído. Se vocês se arrependeram, deveriam ter pensado antes. Vocês utilizaram os humanos como escravos para garimpar ouro e, quando não precisavam mais deles, simplesmente resolveram exterminá-los. Isso é o pior de tudo – replicou outro dos membros.

— Peço perdão, senhores. Realmente, nosso ego tomou conta de nós.

— Daremos uma chance a você. Sua imortalidade não será tirada, mas você será enviado para uma outra dimensão, no próprio planeta Terra, uma dimensão paralela. Esse será o castigo pelo que fez e servirá de exemplo para todas as raças do nosso universo, incluindo a própria raça humana – sentenciou o líder.

— Por quanto tempo deverei permanecer exilado nessa dimensão? – perguntou Enlil, assustado.

— Isso vai depender de você. Quando aprender a respeitar a vida, você será libertado. Seus cúmplices deverão retornar ao planeta de origem. Só poderão ir novamente à Terra, quando você for libertado do exílio. Essas são nossas ordens. Caso as descumpram, serão sumariamente destruídos. Agora, podem se retirar, pois temos mais audiências para tratar – respondeu, em tom feroz, um dos membros do conselho.

Os soldados conduziram Enlil e seu clã de volta à nave que os trouxe até o conselho da Confederação. A nave rumou para a Terra, levando-os. Quando chegaram próximos à Lua, a nave disparou um raio azul, na direção da Terra, que não chegou a penetrar a atmosfera terrestre,

mas abriu um portal para uma dimensão paralela. Uma das pequenas espaçonaves na qual apenas Enlil estava, atravessou o grande portal aberto, que se fechou instantaneamente. A nave adentrou a Terra por meio de uma dimensão paralela e foi descendo lentamente até o solo. Enlil pôde avistar um planeta totalmente diferente daquele que ele conhecia. O verde das plantas havia dado lugar ao branco das areias. O oceano, antes azul, agora estava negro. Só se viam trevas por todos os lados. Conforme se aproximava do solo, podia ver pequenos trechos de rios e florestas.

A nave dirigiu-se para as árvores, para a água. Ali, Enlil ficaria exilado por tempo indeterminado. Era o castigo que deveria aceitar, nada podia fazer contra aquilo. Os entes queridos de Enlil (sua esposa Ninlil; Inanna, sua neta; Nergal, seu primogênito; Ninurta e Abgal) foram levados de volta a Nibiru. Antes de pousar, Enlil distinguiu ao longe naves caídas, tomadas pela vegetação. Naquele local, também estavam outras duas raças que, milênios antes, haviam atentado contra a vida no planeta Terra.

Terminado o holograma, Galzu disse:

— David, essa é a história dos deuses antigos e do destino que teve a humanidade pelas disputas entre esses deuses. Enlil é mais conhecido hoje como Satanás, nome que veio do hebraico e quer dizer ‘acusador’ ou ‘adversário’. O termo foi cunhado com o passar dos anos, quando os homens contavam parte dessa história. Enlil se revoltou contra sua família e principalmente contra seu irmão, Enki. Ele os culpou por ser condenado ao exílio. Depois de alguns anos de pena, Enlil conseguiu encontrar meios de interferir em nosso plano. Desde então, ele e seus soldados vêm infernizando a vida dos humanos. Enlil possui muitos

soldados nessa nossa dimensão e se comunica constantemente com eles, dando ordens do que fazer. Pior que isso, ele se aliou às outras duas raças exiladas. Essas duas raças são conhecidas hoje pelos humanos como Greys, por serem de cor cinza, e como Reptilianos, que são espécies com aspecto de lagarto. Elas já tentaram dominar a Terra, antes da chegada dos Anunnakis. Os Reptilianos caçavam e matavam animais por puro esporte. Os Greys queriam consumir todos os recursos naturais do planeta Terra, uma vez que seu planeta natal havia sido totalmente devastado. Por esse tipo de comportamento, a Confederação prendeu os líderes dessas raças onde hoje se encontra Enlil. Os muitos mitos sobre demônios são fruto do contato com essas duas raças. Os povos antigos, quando se deparavam com esses seres, automaticamente os relacionavam a demônios. Também por causa delas, as imagens de Satanás são geralmente relacionadas a seres nada agradáveis visualmente. Atualmente os Greys rondam a Terra, sequestram animais e seres humanos para experiências científicas e também para estudar a evolução e a fraqueza humanas. O problema maior é que os Greys têm livre acesso ao planeta Terra. Eles fizeram um pacto com os Estados Unidos em troca de tecnologia. Eles fornecem tecnologia para os Estados Unidos, principalmente tecnologia bélica, que por sua vez não interferem nos planos dos Greys, que não são interceptados, quando em espaço aéreo americano. É por isso que existem muito mais registros de contatos imediatos nos Estados Unidos do que em qualquer outro país. Mas os Greys fizeram acordos com outros países também.

Até onde sabemos, Enlil prometeu territórios na Terra para essas duas raças em troca de ajuda na dominação do planeta. Enlil quer vingança contra seu irmão Enki e contra a humanidade; por isso, seus

soldados criaram uma ordem mundial que controla quase tudo na Terra. São príncipes, banqueiros, líderes religiosos, bilionários, ou seja, são aqueles que controlam setenta por cento da fortuna mundial. Ao todo são treze famílias, todas controladas por Enlil. O líder dessas famílias é chamado de Benjamin Uggae. Ele é um híbrido, entre um dos filhos de Enlil e uma terrestre, por isso vive muito mais do que os humanos, mas felizmente não possui imortalidade. Ele é filho de Nergal, que prometeu a ele imortalidade, caso faça tudo o que lhe ordenarem. Em troca de sua fidelidade também recebeu muitas riquezas e o comando da ordem secreta chamada Illuminati. Sua intenção é criar um governo único subordinado à ordem. Quando isso ocorrer, Enlil subirá ao poder. Parte da humanidade será dizimada pela fome e pelas guerras ocasionadas da disputa por comida. Caso isso não aconteça, Enlil e seus seguidores já estão desenvolvendo uma arma química capaz de destruir boa parte da população. A outra parte será escrava de Enlil. Assim, ele terá sua vingança e a Confederação, por lei, não poderá fazer muito contra ele, uma vez que teoricamente não terá tomado o controle do planeta à força, mas terá sido escolhido para governá-lo pelos próprios os humanos. Mas, meu caro David, isso é apenas a ponta do iceberg. Com o tempo você vai descobrir muito mais coisas. Prepare-se.



Capítulo 17

Estados Unidos, Novo México, 14 de junho de 1947 d.C.

O fazendeiro William Brazel andava a cavalo com o filho, por sua propriedade, quando um grande barulho soou pelo céu, assustando os cavalos, que empinaram e saíram em disparada. Brazel conseguiu controlar seu cavalo e começou a correr em direção ao filho, cujo cavalo continuava a toda velocidade. Depois de muito esforço, Brazel conseguiu alcançar o garoto, pegar a rédea e parar ambos os cavalos. Quando pai e filho se acalmaram e olharam para o céu, um grande rastro de fumaça havia se formado e apontava na direção leste.

— Meu Deus, o que foi aquilo?!

— Não sei, papai, mas o barulho foi horrível.

— Deve ter sido mais um daqueles balões que o governo solta para monitorar o clima. Vamos até lá, filho, me siga.

Pai e filho seguiram a galope até o fim o sinal da fumaça, que ia do céu ao chão. Depois de percorrerem uns cinco quilômetros, conseguiram avistar um largo rastro de destroços, cortando a terra. Estavam atrás de uma colina, já fora de seu rancho, e a desceram em busca do final daquele rastro.

— Papai, acho que foi um avião. Olha aqueles negócios jogados – disse o filho, apontando para alguns destroços.

— Estranho, não passa avião por essas bandas.

Margeando o sulco, puderam observar grandes pedaços metálicos jogados para todos os lados. Os objetos eram prateados e não pareciam amassados, apenas cortados. Os cavalos começaram a ficar inquietos e, então, empacaram, não queriam mais prosseguir. Os homens desceram do cavalo e sentiam cada vez mais calor, conforme caminhavam.

— Filho, fique aqui que eu vou mais à frente para ver o que é.

William correu até o pico de uma outra colina e, ao longe, distinguiu mais um rastro de terra e destroços por todos os lados. Como já estava anoitecendo, resolveu voltar para sua casa. Antes de subir ao cavalo, apanhou no chão um pedaço de metal que fazia parte da pequena trilha de objetos partidos. Depois, voltou com seu filho para o rancho.

Como os destroços não estavam em sua propriedade, Brazel parou de se preocupar. Os dias foram passando e, quase um mês depois, ele resolveu voltar ao lugar dos rastros, para ver se alguém já havia recolhido tudo. Dessa vez, foi com a família: sua mulher, seu filho e sua filha. Chegando ao local, o rastro de terra estava menos profundo, entretanto os destroços continuavam lá. Os cavalos não empacaram agora e, por isso, a família conseguia aproximar-se mais de onde os destroços se concentravam. Todos desceram de seus cavalos e começaram a recolher pequenos pedaços de metal. De perto do final do sulco, puderam ver um objeto arredondado, metálico e muito grande. Parecia um avião militar, mas não tinha asas, e as inscrições no casco eram diferentes das letras usuais. *Parece que está escrito em japonês ou russo* – pensou o patriarca da família. Com medo, William proibiu sua família de permanecer ali.

— Vamos sair daqui. Deve ser um avião russo. Quando eu for à cidade, aviso o xerife — finalizou o pai.

Foram para o rancho, mas antes passaram pelo vizinho, o amigo Floyd. William contou a ele o que vira e mostrou um dos objetos retirados da terra. O vizinho comentou com William que estavam oferecendo prêmios em dinheiro para quem mostrasse provas da existência de discos voadores e perguntou se aquilo que William viu podia ser um disco voador. William ficou empolgado com o dinheiro. No dia seguinte, foi até a delegacia contar sua história ao xerife George Wilcox. George escutou-o, com atenção, e imediatamente ligou para a base área de Roswell, para relatar o que o fazendeiro havia lhe contado. No mesmo dia, enviaram o major Jesse Marcel e o capitão Sheridan Cavitt ao local dos destroços, a fim de analisarem o ocorrido, pois o testemunho de William coincidia com o de pessoas que ligaram na base área, há cerca de um mês, informando sobre um meteoro caindo dos céus.

No local dos destroços, os militares identificaram instantaneamente a nave como estranha ao planeta Terra. O que parecia ser sua parte traseira estava totalmente destruída e, do buraco que havia se formado, era possível ver seu interior. Rapidamente, os militares entraram em contato com a base para que enviassem reforços. Com cuidado, o major e o capitão foram se aproximando da nave. Já embaixo dela, depararam-se com dois corpos carbonizados. Pareciam corpos de crianças, devido ao tamanho, todavia a estrutura óssea era diferente. O major começou a escalar os destroços, examinando-os com uma lanterna, enquanto penetrava a nave. Em poucos minutos, estava em pé dentro dela, de forma que podia avistar o seu colega, também com uma lanterna em mãos e apontando para

ele. Deslocava-se com cuidado. Avançando alguns passos, pôde ver um corpo jogado ao chão. Não estava carbonizado, mas era um ser diferente, de pele semelhante a couro, de cor cinza. Parecia a pele de um golfinho. O major ficou sem palavras e suava, nervoso. Jogou a luz no rosto da criatura e percebeu que estava morta. Andando mais um pouco, escutou um barulho vindo de dentro da nave. Talvez algo tivesse caído. O major Jesse recuou, com medo, e apontou a lanterna no horizonte. Um ser idêntico, ao que estava no chão, tentava se esconder em um canto da nave. Estava vivo, entretanto muito machucado. O major movia-se lentamente. Apesar do medo, algo dizia que ele não corria perigo, pois estava ali para ajudar. O militar aproximou-se e se ajoelhou para ficar do mesmo tamanho da criatura; avançou vagarosamente sua mão e a tocou no ombro. Ela estava sentada no chão, aparentemente fraca e muito ferida. Em seu rosto, uma membrana vertical abria e fechava, dando-lhe um aspecto cansado. Jesse ficou ali com a criatura, para que ela percebesse que ele não lhe faria mal. Depois de alguns minutos, pôde-se ouvir o som de caminhões e jipes. O capitão, que esperava do lado de fora, gritou:

— Major, chegou a cavalaria!

— Já estou voltando! – respondeu, também gritando, o major.

E, com voz tênue disse, dirigindo-se à criatura:

— Não se preocupe, iremos tirá-lo daqui. Vamos cuidar de você.

Depois de algumas ações e do relato do major Jesse Marcel, uma equipe médica, vestindo trajes especiais e com isolamento, imobilizou a criatura em uma maca e a colocou dentro de uma ambulância. Enquanto isso, uma segunda equipe de médicos militares revistava a máquina em busca de mais sobreviventes. Os militares isolaram a área, alegando que um caminhão, com produtos químicos, havia se

acidentado próximo dali. Em algumas horas, a nave e todos os seus destroços foram retirados do local. Os corpos foram levados a uma base militar. No dia seguinte, uma notícia estampava a primeira página do Roswell Daily Record:

Base Aérea Militar de Roswell captura disco voador em rancho da região.



Capítulo 18

Profundezas do oceano Pacífico, 14 de junho de 1947 d.C.

Os habitantes do planeta Nibiru, sob a liderança de Enki, foram incumbidos pela Confederação Intergaláctica de proteger o planeta Terra de outras raças invasoras. Apesar de existirem povos extraterrestres, com tecnologia muito superior à tecnologia dos Anunnakis, a Confederação forneceu a estes a tecnologia necessária para auxiliar na proteção da Terra. Como a humanidade foi criada por Enki, era responsabilidade dele, desde o incidente atômico, séculos atrás, protegê-la até que atingisse um novo patamar de evolução e pudesse se defender sozinha. Enki havia montado inúmeras bases secretas, escondidas principalmente nas profundezas dos oceanos. Possuía também uma base secreta no interior da Lua, que ajudava a monitorar toda a órbita terrestre. Como os Anunnakis encontraram uma grande quantidade de água no interior da Lua, foi possível a criação de uma esconderijo naquele lugar, assim, possuíam visão privilegiada de qualquer ponto da Terra ou em sua órbita. Cada base possuía centenas de soldados Anunnakis e seres humanos recrutados pelo exército de Enki. A maioria dos soldados Anunnakis que estava na Terra nascera ali mesmo, ou seja,

não conhecia Nibiru, o planeta de sua raça. Carall e seu auxiliar Onlik estavam sentados em uma das salas de controle de uma das bases de Enki, localizada no Oceano Pacífico, próxima à costa dos Estados Unidos. Era um dia típico. Há muito tempo, nada acontecia por ali, tudo andava estranhamente calmo, até demais. As mesas de controle eram feitas de diferentes cristais, alguns desses eram um pouco maiores que os demais, nos quais era gerada uma luz que criava um holograma tridimensional, mostrando a órbita terrestre, alguns pontos do espaço e uma grande área que cobria dos Estados Unidos ao México. Naquele dia, Carall era o responsável pelo monitoramento. Como seu assistente estava ao seu lado, ele resolveu caminhar pela base, para saber se alguém precisava de algo. Carall se levantou e, quando andava em direção à porta, um alarme começou a soar. No mesmo instante, ele se virou para o grande holograma, formado atrás do grande painel de cristal.

— Onlik, o que houve? Foi só eu levantar...

— Carall, olhe isso, treze objetos não identificados, se aproximando da Terra em grande velocidade.

— Não podem ser meteoros, eles não viajam em formação tão perfeita. Calcular tempo de impacto – Carall ordenou ao computador.

— *Tempo de impacto: 45 minutos* – soou a voz, computadorizada.

Carall se sentou e começou a suar frio.

— Alerta de intruso. Base lunar, precisamos de identificação visual dos objetos que se aproximam – disse Carall.

— *Contato visual estabelecido. São treze naves invasoras. Não possuem permissão da Confederação para estarem neste sistema.*

— Consegue identificar a quem pertencem essas naves?

— *Segue visualização em tempo real das naves. Nosso sistema não conseguiu identificá-las.*

— Carall, eu reconheço essas naves. A Confederação possuía uma delas, em custódia, quando eu fazia meu estágio com eles. Elas pertencem aos seres que tiveram seus líderes presos, no mesmo universo paralelo em que está Enlil. Ou seja, pertencem a uma das raças aliadas de Enlil.

— Base lunar, estamos enviando naves para interceptarem os invasores. Conseguiu alguma comunicação com eles?

— *Negativo. Tentamos comunicação, mas não obtivemos resposta.*

— Comandante, uma formação de naves possivelmente hostis está próxima a nossa órbita. Peço permissão para interceptá-las – disse Carall, comunicando-se com seu superior por meio de videoconferência.

— *Positivo, Carall. Façam isso imediatamente, antes que adentrem a atmosfera terrestre.*

— Atenção, unidades de interceptação. Conter inimigos a 20 minutos da nossa órbita. Enviem vinte naves, pois eles estão em grande número.

— *Entendido. A caminho.*

Vinte naves partiram para a missão. Dez saíram da base do Pacífico e mais dez de uma base no polo Norte. Quando as vinte naves de interceptação abordaram as treze naves invasoras, estas saíram de formação e se espalharam em grande velocidade. Iniciou-se a uma vigorosa perseguição. Aparentemente, os invasores eram mais rápidos que os Anunnakis. Cinco naves conseguiram despistá-los e se esconderam em pontos diferentes do oceano. Duas foram totalmente aniquiladas e mais cinco desapareceram rapidamente em direção ao Sol, fugindo ao perceberam que mais dez haviam sido enviadas. Mais velozes que as naves Anunnakis, as inimigas não puderam ser perseguidas. Antes de fugirem, porém, conseguiram aniquilar cinco naves Anunnakis, que viraram poeira no espaço. Em meio à batalha, uma dos invasores foi

atingido, entretanto conseguiu entrar na atmosfera da Terra. Como os Anunnakis estavam ocupados com os demais inimigos, pensaram que esse havia sido destruído. A nave caía e, em um pouso de emergência, estatelou-se em uma área deserta dos Estados Unidos, criando um grande rastro de destroços.



Capítulo 19

Base Aérea Militar de Roswell, julho de 1947 d.C.

Pela primeira vez na história da humanidade, o homem capturara uma entidade biológica extraterrestre. Peças de naves, destroços, dispositivos extraterrestres já haviam sido recolhidos pelo governo norte-americano e de alguns outros países também, contudo, nunca um outro ser. Os militares estavam todos em polvorosa. Ao mesmo tempo em que temiam a reação daquela raça, eles estavam felizes por poderem estudar um ente que não era deste planeta. Nos destroços do acidente com a nave, foram encontrados doze corpos, dos quais onze estavam mortos. A maioria morrera carbonizada, sendo impossível estudá-los. Apenas três corpos adequavam-se às análises e um quarto estava mais vivo do que nunca! Os médicos militares cuidavam da criatura, com pele cinza e enormes olhos negros. Sua cabeça era imensa, desproporcional ao tamanho do corpo. Pelas análises, o corpo desses seres era mais frágil que o corpo humano. Não possuíam cordas vocais, entretanto tinham aparelho auditivo. Mediam pouco mais de um metro de altura, com apenas quatro dedos muito longos — sendo o quarto uma espécie de polegar opositor, assim como o dos humanos. Dois corações,

um localizado no centro do peito e outro bem menor, próximo à nuca, aparentemente complementavam-se. O coração da nuca auxiliava a irrigação do cérebro, duas vezes maior que um cérebro humano. As criaturas não possuíam dentes, nem tinham aparelho reprodutivo que se pudesse perceber em um primeiro momento, todavia possuíam um pequeno orifício, no final da coluna, que os médicos entenderam ser uma espécie de canal excretório.

Já fazia dois dias que a criatura, apelidada de EBE-12 (Entidade Biológica Extraterrestre de número 12), estava inconsciente e respirava com a ajuda de aparelhos. Por meio da autópsia dos outros EBEs, foi possível determinar o tipo de auxílio médico necessário ao EBE-12. Ele estava sob forte esquema de segurança, observado por três médicos e três soldados, 24 horas por dia. Estava preso a uma maca, dentro de um quarto de vidro com blindagem tripla. Caso ele acordasse, seria impossível tentar fugir. Quando o Dr. Carlson Smith monitorava os batimentos cardíacos do EBE-12, notou que eles começaram a ficar um pouco mais acelerados do que o normal. O médico se assustou com a resposta do batimento. Levantou-se para olhar a criatura, pelo enorme vidro que os separava, e percebeu que ela estava mexendo um dos dedos e o pescoço. Poucos segundos depois, os olhos do EBE abriram-se lentamente. Uma espécie de membrana que servia de pálpebra abria e fechava, como acontecia com os lagartos. *É assustador...* – pensaram o Dr. Smith e os demais membros da equipe. Quando a criatura despertou totalmente, tentou levantar o tronco e começou a se debater, porém percebeu que estava imobilizada. O batimento do coração no peito quadruplicou sua velocidade e o batimento do coração na nuca tinha velocidade muito maior, parecia o de um beija-flor: quase mil batimentos por minuto.

Os médicos assustaram-se e avisaram seus superiores que o EBE-12 havia acordado. Pelo microfone, o dr. Smith tentava se comunicar com a criatura:

— Por favor, se acalme. Estamos aqui para ajudá-lo. Queremos que você fique bem. Você consegue nos entender?

A criatura, aparentemente compreendendo o que lhe haviam dito, acalmou-se aos poucos. Os batimentos superiores (do coração próximo à nuca) caíram a quinhentos por minuto, entretanto ainda muito rápidos, se comparados aos batimentos de um humano, ou aos de qualquer outro animal terrestre.

— Eu gostaria de entrar na sala para conversarmos. Se você me entende e permite que eu vá até você, faça um gesto com sua cabeça.

EBE-12 baixou levemente sua cabeça, como sinal de que o Dr. Smith poderia entrar na sala. Quando se preparava para fazê-lo, o comandante da base, coronel Jordan Goldman, impediu.

— O que é isso, Dr. Smith, está ficando maluco?!

— Coronel, conseguimos nos comunicar com a criatura. Ela permitiu que nós nos aproximássemos.

— Não sabemos a real intenção dessa criatura, ela pode estar chamando para uma armadilha.

— O que pretende que façamos, coronel, sem cordas vocais, ela não tem como se comunicar conosco. Pensei em tentar uma comunicação com sinais.

— Tudo bem, pode tentá-la. Mas por sua conta e risco.

— Pode deixar.

O Dr. Smith entrava, cuidadoso, na sala blindada.

— Estão filmando isso? – perguntou o coronel.

— Sim, senhor! – respondeu um dos soldados.

Dentro da sala blindada, o Dr. Smith caminhava, cauteloso, na direção da criatura, que não desgrudava os olhos dele. Os demais, do outro lado do vidro, assistiam à cena, eufóricos.

— Pelo que pude perceber, você consegue entender o meu idioma – conjecturou o médico, vendo a criatura assentir com a cabeça.

— Perfeito. E você sabe falar... – mal terminou a frase, sua cabeça começou a girar e uma dor aguda tomou conta do seu córtex pré-frontal.

O doutor caiu no chão, com as duas mãos na cabeça. Imediatamente, o comandante lacrou a porta, assustado ao extremo. A dor foi passando e o Dr. Smith ergueu-se devagar. A criatura passou a conversar com o Dr. Smith por telepatia.

— Desculpe-me, isso acontece na primeira vez que um cérebro recebe sinais telepáticos – disse o extraterrestre.

— Meu Deus, estou escutando uma voz na minha cabeça. É você? Como é possível?! Coronel, o EBE-12 está se comunicando comigo por telepatia!

— Telepatia?! Você só pode estar louco! – exclamou o coronel, por meio do microfone.

— Onde estou? O que vocês pretendem comigo? O que aconteceu com minha nave? – inquiriu a criatura.

— Você está em uma base do governo dos Estados Unidos. Encontramos sua nave destruída em nosso território. Apenas você sobreviveu.

— Meus companheiros foram desativados?

— Desativados? Não entendo o termo. Você quer dizer *mortos*? Sim, eles foram desativados. Alguns morreram queimados... – sua fala foi interrompida, imagens dos outros seres apareciam na mente do Dr. Smith. Imagens da autópsia, do resgate. O ser estava acessando todas as lembranças do doutor e agora sabia o mesmo que todos ali.

— Compreendo. Pelo que vi, em suas memórias, vocês pretendem me estudar.

— Não é bem isso: queremos aprender mais com vocês. Quem são vocês? De onde vieram? Você não fica abalado com as notícias sobre seus companheiros?

— Abalado? Não reconheço essa palavra.

— Abalado quer dizer *triste*.

— *Abalado* denota emoção. Compreendo. Não ficamos abalados. Não temos esse tipo de emoção. No entanto apenas o corpo deles foi desativado. Com certeza, seu conhecimento foi armazenado no computador de nossa nave e já transmitido a nossa central.

— Não entendo. Pode me explicar melhor?

— Nosso cérebro é ligado ao cérebro de nossas naves. Caso sejamos desativados, ou algo do tipo, as informações de nosso cérebro são enviadas para a nave central e adicionadas em um outro corpo, um clone de nossos corpos. Assim, quando esses corpos *morreram*, as informações salvas passaram a outro corpo, quase que no mesmo instante. Todas as informações estão salvas.

— Acho que não entendi completamente. Meu Deus, como isso é possível? Existe outra maneira de você se comunicar conosco sem utilizar a telepatia? Preciso que os meus amigos tomem conhecimento do que você está dizendo.

— Sim, posso me conectar a algum dispositivo de vocês e fazer com que minhas mensagens apareçam nesse dispositivo.

— Perfeito. Consegue fazer isso agora?

— Preciso que você traga o dispositivo para esta sala. Essa barreira bloqueia os meus sensores. Será que vocês poderiam soltar meus braços? Prometo que não farei nada contra vocês.

— Coronel, ele está pedindo um aparelho para se comunicar conosco. Acho que um telex já serve. Será que podemos soltá-lo? Ele garantiu que não fará nada contra nós.

Os soldados levaram ao recinto uma pesada máquina de telex. Enquanto isso, o coronel deu o aval para que soltassem os braços do EBE-12 e, receoso, também entrou na sala.

— Doutor, pergunte a ele o que faz em nosso planeta – disse o coronel, cochichando para o doutor Smith.

O coronel mal terminou de pronunciar a frase e a máquina de telex já começou a imprimir:

— Viemos a seu planeta em uma missão de salvamento. Alguns de nossos líderes estão presos aqui, mas em um universo paralelo. Nós descobrimos uma maneira de libertá-los, porém, para isso, precisamos da colaboração de vocês, porque nada podemos fazer sem que nos permitam.

— E como esses líderes foram parar em um universo paralelo?

— Isso ocorreu há centenas de anos terrestres. Na época, sua raça ainda não existia e vínhamos para estudar as espécies que aqui viviam. Durante algumas experiências, na órbita deste planeta, um portal se abriu e nossos líderes foram parar em outra dimensão. Permanecem lá, porque até agora não possuíamos tecnologia para trazê-los a esta dimensão.

— Compreendo – falou Smith. – Coronel, acho bom o senhor chamar alguns físicos para testemunhar isso. Esse negócio de universo paralelo para mim não existe. Se alguém irá entender o que EBE-12 está explicando são os físicos.

— Vou providenciar a vinda deles – disse o coronel, olhando fixamente para a criatura, maravilhado. – Por favor, me responda, como podemos

ajudá-los? E como iremos saber que não estão aqui para nos destruir ou para nos escravizar?

— *Se quiséssemos destruir vocês, já teríamos destruído. De qualquer forma, raças de outros planetas protegem a existência de vocês. Para que possamos salvar os nossos líderes, precisamos abrir um portal. Esse portal só pode ser aberto por meio de um acelerador de partículas, o que vocês ainda não possuem. Nossa proposta é fornecer tecnologia e conhecimento. Em troca, vocês nos permitem fazer experiências aqui na Terra e também nos ajudam a criar o acelerador de partículas, que servirá para que aprofundem o conhecimento do universo e para salvar nossos líderes.*

— Entendo. Mas... por que vocês não trazem esse tal acelerador para cá e abrem esse portal?

— *Nosso planeta fica muito distante daqui. Se viajarmos até ele e voltarmos, o prazo que temos já terá passado. Ainda assim, talvez não conseguíssemos entrar com esse tipo de equipamento neste planeta, impedidos por sua raça tutora. Já faz muitos anos que queremos criar esse portal, mas estávamos esperando vocês evoluírem tecnologicamente, para que isso fosse possível. Falta-nos ainda energia suficiente para abrir esse portal e só teremos essa energia dentro de algumas décadas terrestres.*

— E qual é esse prazo?

— *Nós pretendemos criar um dispositivo capaz de acumular energia do sol. O planeta Terra é bombardeado a todo o momento por partículas, conhecidas como neutrinos, que são minúsculas, menores do que um elétron. O que vocês não sabem é que, ao condensar uma grande quantidade de neutrinos, é possível gerar uma energia extraordinária. No entanto os neutrinos, que são essas*

partículas enviadas pelo Sol, por explosões de estrelas, e dos quais precisamos para alimentar o acelerador de partículas, só chegam em grande quantidade até aqui de onze em onze anos terrestres. É o que vocês chamam de máximo solar. Para abrir o portal, o acelerador de partículas, por meio de colisões de feixes de prótons, precisa gerar uma energia de aproximadamente cem eletrovolts. Isso fará um pequeno buraco negro ser criado e, na data exata, um pequeno portal para outra dimensão ficará aberto por alguns minutos, tempo suficiente para salvarmos nossos líderes . Quando isso acontecer, nós voltaremos ao nosso planeta. Segundo cálculos, o dispositivo solar acumulará a energia necessária apenas no máximo solar de 2012, o qual coincide com o nosso prazo, que é 21 de dezembro desse ano, quando a Terra irá se alinhar com o Sol e com o centro da sua galáxia, que vocês chamam de Via Láctea. Nesse dia, o acelerador de partículas precisará funcionar. E ele só chegará a cem eletrovolts com o auxílio de nosso dispositivo. Na dimensão paralela onde se encontram, nossos líderes possuem um acumulador de neutrinos, parecido com o que temos. De lá, eles irão nos ajudar na abertura do portal. Felizmente, conseguimos nos comunicar com o outro lado, caso contrário, não seria possível uma sincronia para abertura do portal.

—Para ser sincero, não entendi nada do que você disse... – admitiu o coronel. – Física não é minha especialidade, mas já estão vindo pessoas nos auxiliar. Creio que meu governo fará de tudo para ajudar vocês, ainda mais recebendo tecnologia em troca.

— De qualquer forma, devemos possibilitar a aquisição de tecnologias a vocês ou só inventarão o acelerador de partículas daqui a uns dois séculos terrestres. Vocês nos ajudam e nós os ajudamos. Aliás,

será necessária cooperação entre alguns povos de seu planeta, pois o acelerador de partículas, que não será pequeno, deverá ser construído em um ponto específico do globo.

— E onde seria?

— *Entre os países da Suíça e França. O acelerador de partículas, quando for criado, ocupará uma área de aproximadamente 27 quilômetros de circunferência.*

— Jesus! Mas essa máquina será muito grande! Uma última pergunta: você possui um nome? Como devemos chamá-lo?

— *Meu nome seria impronunciável em sua língua. Portanto, fiquem à vontade para me chamar de EBE-12.*

— Estamos providenciando os seus aposentos. Vamos instalá-lo em um lugar mais confortável. Você precisa de alguma coisa a mais? Está com fome ou sede? Gostaria de algo para se comunicar com seu povo?

— *Agradeço sua hospitalidade. Um pouco de água, por favor. Conseguimos retirar boa parte de nossos nutrientes da água. E, assim que eu me recuperar, gostaria de ir a minha nave. Por meio dela, talvez, eu consiga contato com meu povo para dizer que estou bem.* O coronel, após deixar a sala blindada, entrou em contato imediatamente com seu general; este, por sua vez, informou o ocorrido ao presidente Truman. Um relatório completo dos acontecimentos de Roswell foi enviado ao presidente. Juntamente com alguns generais, Truman partiu às pressas à base, para ver de perto aquele fantástico ser. Depois de alguns dias, EBE-12 já estava totalmente recuperado e havia ganhado a confiança do presidente e dos militares. Permitiram que EBE-12 se comunicasse com outros seres de sua raça, informando o ocorrido e, então, marcaram um local para que eles se encontrassem. Um grande aparato militar foi mobilizado, com o intuito de receber as

naves extraterrestres, bem como o governo estaria preparado, caso as criaturas expressassem alguma hostilidade.

Era noite no deserto do Novo México, quando as luzes começaram a aparecer no horizonte. Em poucos segundos, já estavam bem próximas ao grupo, formado por militares, o presidente dos EUA e EBE-12. Quando viram que o parceiro estava ali, com vida, as outras entidades biológicas começaram a pousar as naves. Cinco líderes, de cada uma delas, desceram em terra. Dentro de um grande galpão improvisado, eles começaram a conversar via telex e a oficializar o acordo que EBE-12 propusera aos humanos. O presidente se comprometeu a ajudá-los no que fosse necessário para a criação do acelerador de partículas; em troca, receberia muito conhecimento e tecnologia, avançando muitas décadas. Os extraterrestres deixaram que os americanos ficassem com a nave caída, para fins de estudo e também com os corpos que não sobreviveram à queda. EBE-12 e mais três EBEs ficaram com os americanos. Eles seriam levados para uma base secreta onde ajudariam os cientistas a desenvolver novas tecnologias. O presidente Truman tornou-se responsável por levar a questão a outros países do mundo, uma vez que o conhecimento tecnológico seria compartilhado, em alguma medida, com outros países, principalmente os membros da ONU. Assim, aqueles seres teriam livre acesso a quase todo o planeta. Seriam livres para que fizessem suas experiências e, em troca, ofertariam tecnologia de outro mundo.

Depois de alguns dias, o presidente criou um órgão responsável por gerenciar acontecimentos envolvendo extraterrestres, bem como monitorar outras atividades ao redor do globo. Esse órgão também monitoraria certos países em busca de informações ou ações incomuns. Seria uma agência de inteligência. Entre os membros, estariam doze

homens responsáveis pelo projeto iniciado ali, em Roswell. O codinome desses doze homens era Majestic-12.

No dia 26 de julho de 1947, o presidente Henry Truman assinou o Ato de Segurança Nacional, criando a CIA, Agência de Inteligência Americana. Entre os acordos firmados entre o Majestic-12, o presidente e a CIA, estabelecia-se que nenhum outro presidente eleito, depois dele, deveria ter acesso a informações da Agência.

Após a assinatura do ato para a criação da CIA, um dos membros do Majestic-12, chamado Frederick Cullen, homem de confiança do presidente, ao chegar à casa, após exaustivas reuniões, sentou-se ao sofá e discou um número com código da Suíça.

— Benjamin, como vai? Sou eu, Frederick, quem está falando!

— *Olá, Frederick, há quanto tempo! Creio que possui novidades para mim.*

— Sim, muitas novidades! O senhor não imagina, mas acabamos de fechar um acordo com uma raça extraterrestre. Quase não acreditei e lembrei-me da vez em que o senhor disse que isso aconteceria um dia. Como sabia?

— *Frederick, agradeço por me avisar. Mas não diga mais uma só palavra. Assim que puder, venha até minha casa, temos que conversar sobre isso pessoalmente. Não comente sobre isso com mais ninguém. Qual o seu nível conhecimento relativo ao acordo?*

— Tenho total acesso a ele. Faço parte da comissão de responsáveis por todo o projeto. Dentro de algumas semanas, estarei na Suíça. Até logo.



Capítulo 20

Washington DC, 1959 d.C.

O senador por Massachusetts, John Kennedy, acabara de chegar a sua casa, após um exaustivo dia de trabalho. Já passava das 20h. John sentou-se em uma confortável poltrona de seu escritório para terminar de ler um livro que havia começado há pouco tempo. O senador tinha o hábito de ler, no mínimo, um livro a cada duas semanas, pois gostava de ficar atualizado sobre o que acontecia em seu país e também ao redor do mundo. Todos os dias, lia pelo menos trinta minutos. Um pouco antes de terminar sua leitura, nesse dia, uma quarta-feira chuvosa, a campainha do telefone começou a soar as suas costas. John colocou o livro sobre a mesinha ao lado e se levantou para atendê-lo.

— Residência dos Kennedy – anunciou, ao atender o telefone.

— *Por favor, eu gostaria de falar com o senador John Kennedy, diga que é Oswald Griffin.*

— Sr. Griffin, pois não, é John quem está falando.

— *Olá John, quer dizer que você atende o próprio telefone? Muito humilde de sua parte.*

— Imagina, geralmente as ligações são para mim, então fica mais fácil eu mesmo atender. Minha esposa tem uma linha para ela no quarto. Mas... a que devo a honra de sua ligação? Já faz anos que não nos falamos!

— *John, lembra-se da última vez que conversamos, que chegaria o dia em que precisaríamos de você que seria requisitado?*

— Claro que me lembro.

— *Pois a hora chegou. Precisamos de você. Você está sendo ativado.*

— Sr. Griffin, é uma honra poder ajudar. Mas, na época, combinamos uma senha, lembra-se?

— *Claro que sim, esperei você perguntar: “Ao alvorecer do amanhã, os justos se levantarão!”*

— “E os ímpios perecerão!” Perfeito.

— *Sua memória está afiada. Vamos ao que interessa. Você pode me encontrar amanhã para um almoço em minha casa?*

— Claro que sim. Vou desmarcar o que tiverem agendado para mim e o encontro em sua casa. Ao meio-dia?

— *Perfeito! Algum prato de preferência?*

— Surpreenda-me!

— *Pode deixar. Você terá uma grande surpresa. Até logo, meu irmão.*

— Até logo!

John desligou o telefone pensativo. Tirou os óculos de leitura e passou a mão pelos cabelos, com um semblante levemente preocupado. *O que será que Oswald Griffin quer comigo? O Priorado precisa de mim? Nunca imaginei que esse dia chegaria...* — pensou consigo o senador. Oswald Griffin era o grão-mestre de uma sociedade secreta da qual os Kennedys participavam, em segredo, havia muitas gerações. John fora preparado desde criança; caso algum dia a sociedade precisasse dele. Seu avô nunca havia sido ativado, seu pai apenas umas duas vezes;

todavia, se o grão-mestre ligara em pessoa, o assunto devia ser muito sério e sua missão importantíssima.

No dia seguinte, logo pela manhã, o senador começou a resolver alguns assuntos pendentes em sua própria casa. Não dormira muito bem, pois estava preocupado com o almoço que teria. Como Oswald não morava muito longe dali, ele iria direto ao encontro, sem passar por seu gabinete. Às 11h30min., o motorista foi avisá-lo de que deveriam partir. Em poucos minutos, o carro do senador ultrapassou os portões da mansão de Oswald, automaticamente abertos com a proximidade do veículo. Provavelmente, o segurança da guarita já tinha a placa do carro do senador. O carro estacionou quase em frente à porta de entrada e Oswald já o aguardava.

— Pontual como sempre, meu caro – disse Oswald, enquanto o senador descia do carro.

— Quando se mora perto é mais fácil ser pontual – replicou John, ao cumprimentar Oswald, que o puxou para um abraço.

— Bom, vamos entrando. O almoço ainda não está pronto, mas já podemos iniciar nossa conversa em meu escritório.

Os dois subiram um lance de escada e entraram na sala de Oswald.

— Senador, vou direto ao assunto. Como sabe, nosso partido indicará um nome para concorrer à presidência.

— Sim, claro, mas esse nome ainda não foi anunciado.

— Pois bem. Quero indicar o seu nome para concorrer.

— Meu nome? Mas... por quê?

— John, veja bem. Precisamos de alguém da nossa ordem na presidência. Muitas coisas vêm acontecendo e é chegada a hora de subirmos ao poder.

— Bom, ficarei honrado com a indicação, mas... será que os demais líderes do partido irão aceitá-la?

— Já conversei com alguns que estão do meu lado. Quase certeza, será você o candidato. Antes precisava conversar com você e, é claro, explicar o que irá acontecer, depois que se eleger.

— Se eu me eleger...

— Sim, se você se eleger. Mas já tenho amigos na Europa e aqui na América que irão, com certeza, ajudar a financiar sua campanha.

— Então, o que falta conversarmos?

— John, vou explicar um tanto superficialmente o que vem acontecendo e o que nossa ordem tem a ver com tudo isso. Como sabe, nossa ordem protege o segredo do Santo Graal. Nossa missão é escondê-lo dos inimigos, para que essa relíquia não caia em mãos erradas. Segunda as profecias, as quais você já estudou, Jesus Cristo deverá renascer do sangue existente no Santo Graal. Para que isso aconteça, não podemos deixar que Satanás chegue ao poder de maneira alguma. Se ele conquistar o poder, estamos perdidos. Satanás mantém, em todas as esferas de todos os governos do planeta, pessoas que estão confabulando a favor da criação da nova ordem mundial, ordem esta que será utilizada para levá-lo ao poder. A missão da nossa sociedade, além de proteger o segredo do poder de Deus na terra, é tentar impedir que os servos de Satanás consigam concluir seus planos. Você deve ter visto nos jornais: há pouco mais de uma década, em 1947, uma nave extraterrestre foi encontrada em Roswell. Creio que você já deva ter lido a respeito...

— Claro que sim; mas, no final, descobriram que era um balão meteorológico.

— É... Isso é o que os militares passaram para a população, do contrário se desencadearia o pânico geral. No entanto, a notícia era

verdadeira e dentro da nave encontraram um ser que sobreviveu à queda.

— Você tem certeza disso? Se isso fosse verdade, nós já o saberíamos, não é?

— John, nem o atual presidente sabe a verdade sobre o caso, quanto mais nós. É totalmente sigiloso. Se o presidente sabe de algo, com certeza, finge que não sabe. Existe um poder instaurado dentro do poder, ou seja, um pequeno grupo de homens, entre eles, militares, que controlam informações desse tipo.

— Entendo. Mas isso é muito grave, o presidente deveria ficar a par de tudo.

— O único presidente que tinha conhecimento desses fatos era o presidente Truman, que se bandeou para o *outro lado*. A questão é a seguinte: os Estados Unidos fizeram um acordo com os ETs em troca de tecnologia. O problema é que eles pretendem construir um portal que trará para esse mundo ninguém mais ninguém menos que Satanás!

— Desculpe, Sr. Griffin, mas essa história toda é um pouco fantasiosa demais, não acha?

— John, isso não é fantasia, é a pura verdade. Existem mais coisas entre o céu e a terra do que sonha sua vã filosofia. Lembra-se disso?

— De qualquer forma, um governo único, podando a supremacia de todos os países, e sendo comandado apenas por poucos, não é o ideal. Com certeza, temos que tentar acabar com isso.

— Bom, vou resumir sua missão. Precisamos ter acesso às informações relativas ao acidente em Roswell e ao trato do governo dos EUA com os alienígenas; precisamos saber onde e quando o portal de Satanás será construído, bem como tentar impedir o avanço da nova ordem mundial. Para que isso aconteça, o poder deve pertencer

a alguém de nós. Digo de antemão, no entanto, que é extremamente arriscada essa tarefa. Assim que você começar a se mexer, vão tentar eliminá-lo. É preciso muito, mas muito cuidado. Você está disposto a esse sacrifício?

— Oswald, foi para isso que fiz o meu juramento, quando completei 21 anos. Se eu não estivesse convicto dos valores da nossa sociedade, não o teria feito.

— Excelente. Fico contente de poder contar com você. Sua ajuda será primordial e, com certeza, seu nome será lembrado para sempre.

— Fico feliz também. Meu pai ficará ainda mais feliz, por saber que nossa família fará parte dessa resistência; isso, é claro, se eu vencer as eleições.

— John, não será fácil, mas iremos lutar até o fim para vencer. Bom, o almoço já deve estar servido. Durante nossa refeição passarei mais alguns detalhes a você, vamos?

— Vamos, claro, estou faminto.

Os dois se dirigiram para a sala de jantar. John, apesar de aparentar tranquilidade, por dentro estava extremamente ansioso e feliz pela indicação. Afinal, desde que havia ingressado na política, sonhava em ser presidente dos Estados Unidos. Esse cargo agora viria com mais responsabilidades: tentar impedir o avanço dos Illuminati e da criação da nova ordem mundial. Para isso, ele, assim como sua família, correria constante risco de morrer. Mas seus princípios falavam mais alto do que tudo e algo lhe dizia que ele deveria participar desse capítulo da história e também deveria ser, ou tentar ser, um exemplo para as futuras gerações de líderes. A resistência, enfim, começaria a avançar.



Capítulo 21

Estados Unidos, 12 de novembro de 1963 d.C.

James Murdock caminhava rapidamente, a passos largos, pelo grande corredor que dava acesso ao gabinete do diretor da CIA, John McCone. Carregava um envelope pardo, endereçado ao diretor, com um símbolo do presidente ao lado de uma etiqueta em que se lia *ULTRASSECRETO*. O envelope fora entregue, em mãos, ao agente Murdock, por um portador da Casa Branca. Ao chegar à porta do gabinete, bateu de leve e entrou.

— Sr. McCone, este envelope acabou de chegar da Casa Branca.

O diretor estava compenetrado, fazendo marcações em alguns documentos espalhados por sua mesa, e lançou um olhar esbugalhado para Murdock, quando ouviu o nome *Casa Branca*.

— Um envelope da Casa Branca? Você ligou confirmando o envio?

— Não foi preciso, o assessor do presidente em pessoa ligou, assim que recebi o envelope.

— Muito estranho. Bom, me dê aqui esse pacote.

O diretor rasgou rapidamente a boca do envelope e retirou de dentro uma carta da Casa Branca, em papel timbrado, carimbada e assinada pelo Presidente Kennedy em pessoa. A carta informava:

ULTRASSECRETO

12 de novembro de 1963.

Memorando para:

John McCone, diretor da CIA.

ASSUNTO: *Análise da classificação de todos os arquivos de inteligência sobre OVNIIs que afetem a segurança nacional.*

Conforme conversamos anteriormente, eu iniciei um projeto e instruí James Webb a desenvolver um programa de parceria com a União Soviética na exploração do espaço e do território lunar. Será muito útil, se você tiver todos os casos de alta ameaça revistos, com a finalidade de identificar as fontes genuínas e não confidenciais da CIA e da Força Aérea. É importante que façamos uma distinção clara entre os casos conhecidos e os desconhecidos, para evitar que os soviéticos confundam nosso programa de cooperação com um pretexto para coleta de informações dos programas de defesa deles.

Quando esses dados estiverem prontos, eu gostaria que organizasse um programa de compartilhamento de dados com a NASA que envolva desconhecidos. Isso ajudará os diretores de missão da NASA com suas responsabilidades defensivas.

Gostaria de receber um relatório interino sobre o análise dos dados o mais tardar até 1.º de fevereiro de 1964.

Assinado: *John F. Kennedy,*

Presidente dos Estados Unidos da América.

— Meu Deus, o presidente ficou louco! Quer compartilhar documentos secretos, aos quais nem mesmo ele tem acesso, com os soviéticos! Devemos contatar o general McMillan. Ele ordenou expressamente para avisá-lo sobre qualquer coisa relacionada a esses arquivos. Quando o presidente tiver acesso a esses documentos, vai querer saber sobre a Área 51 e, para piorar, vai querer visitar a base. Murdock, pode se retirar, vou ligar para o general, ele vai saber o que fazer.

— Sim, senhor. Se precisar de mim, estarei em minha sala – replicou o agente, enquanto deixava o gabinete.

— Ah, não comente sobre esse memorando com ninguém, ouviu?

— Sim, senhor. Fique tranquilo – respondeu Murdock, fechando a porta.

O diretor levou a mão ao telefone, retirando-o do gancho.

— Aqui é John McCone da CIA. Ligue para o general McMillan imediatamente, é assunto ultrassecreto.

O diretor aguardou alguns minutos na linha até localizarem o general.

— *General McMillan falando!* – bradou do outro lado da linha a voz grossa.

— General, temos um problema. Acabo de receber um memorando do presidente Kennedy, solicitando acesso a todos os nossos documentos, você sabe quais. E digo mais: ele quer compartilhar informações com os soviéticos.

— *Meu Deus, o presidente deve ter descoberto alguma coisa* – resmungou.

— O que ele descobriu, general?

— *Nada, pensei alto. John, destrua essa carta imediatamente. Vou ver o que faço por aqui e retorno em breve. Não comente isso com ninguém.*

— Sim, senhor! Até logo.

O general, um dos membros do Majestic-12, havia ficado indignado com o que acabara de saber. *Por que o presidente deseja conhecer documentos e, além disso, compartilhá-los com o inimigo? Se isso acontecer não seremos mais a maior potência do mundo* – pensou.

O general levantou-se de sua cadeira e caminhou até a porta do gabinete, que estava entreaberta. Espiou do lado de fora, para se certificar de que não havia ninguém perto dali. Fechou a porta, trancando-a à chave. Voltou para sua mesa, sentou-se. Pensou por alguns segundos e pegou o telefone.

— Aqui é o general McMillan, falando do Pentágono. Passe-me diretamente para o gabinete do senador Cullen.

O general havia ligado para o senador Frederick Cullen, outro membro do Majestic-12:

— *Pois não, general!*

— Senador, o que mais tínhamos está para acontecer. Por favor, me encontre hoje à noite, naquele restaurante de sempre, precisamos conversar. Às 20h, está bom?

— *Ok, eu o encontro às oito.*

À noite, o general foi ao restaurante, onde costumava fazer reuniões importantes. Para não chamar atenção, passou em sua casa antes e tirou a farda. O general, ao entrar, olhava por cima das mesas procurando enxergar o senador. Avistou-o na mesa ao fundo e foi ao seu encontro.

— Senador, McCone me ligou hoje, pouco antes que eu telefonasse a você. Ele recebeu um memorando do presidente Kennedy, que solicita acesso aos documentos ultrassecretos do Majestic. E digo mais: quer compartilhar alguns deles com os soviéticos e com a NASA.

— Meu Deus, o presidente só pode estar louco. Se esses documentos caírem nas mãos dos soviéticos, estamos perdidos. Nem ele pode examinar esses arquivos.

— Eu sei muito bem do problema, por isso fiquei preocupado e procurei o senhor. Não sei o que fazer.

— General, obrigado por me avisar. Temos que bolar uma maneira de impedir a ação de Kennedy. Qual o nosso prazo?

— Dia 1.º de fevereiro do próximo ano.

— Bom, então temos tempo. Deixe-me pensar sobre o que irei fazer a respeito e depois o informo. General, por favor, esse assunto é extremamente sigiloso. Ligue para o McCone e diga o mesmo pra ele.

— Sem problema.

O general, após virar o resto de vinho que ainda tinha em sua taça, levantou-se e saiu. O senador ficou ali, mais alguns minutos, pensando na notícia que havia recebido e no que deveria fazer.

A única solução plausível é eliminar o presidente. Se ele souber sobre nosso programa de compartilhamento de tecnologia e deixar essa informação cair em mãos inimigas, nós estaremos perdidos. Corremos o risco de boicotarem nosso projeto do acelerador de partículas. Caso isso aconteça, adeus abertura do portal. Vou ligar agora para Benjamin, ele saberá o que fazer – ele tem gente infiltrada na CIA e no Serviço Secreto, não vai ser difícil. Não posso me envolver nisso diretamente, agora que sou senador— pensou o senador, enquanto fazia sinal para que o garçom trouxesse a conta.

No dia 22 de novembro, enquanto o presidente Kennedy fazia uma passeata na cidade de Dallas, passando ao meio-dia pela praça Dealey, dois tiros o acertaram. Um o atingiu no pescoço e o outro na cabeça, levando o presidente a óbito aproximadamente trinta minutos depois.



Capítulo 22

Terra, 1.000 anos a.C.

Alguns séculos se passaram, desde a enorme calamidade que destruiu mais uma vez grande parte do planeta Terra, dizimando metade dos seres vivos nele existentes. A humanidade agora se recompunha e voltava gradativamente a se espalhar pelo globo. Com a ajuda de Enki e seus soldados e mensageiros, os humanos começaram a progredir como nunca em sua história. No entanto, mesmo com tamanho avanço, as guerras entre os homens – principalmente por poder, ganância e terras – continuavam a se intensificar. Apesar de Enlil e alguns de seus familiares exilados, os membros de seu clã que estavam livres agiam agora a seu favor e contra Enki. Mesmo Enlil preso, em um universo paralelo, de alguma forma ele encontrou uma ligação na própria Terra, na qual era possível comunicar-se tanto com a dimensão Anunnaki, quanto com a dimensão terrena. Por intermédio desse elo, podia comandar sua legião de onde estava e seus soldados obedeciam sempre à palavra do mestre.

Mesmo com todos os ensinamentos que os deuses e os anjos passavam aos seres humanos, boa parte destes nascia em ambientes hostis e se

transformava em gente má. Da cabeça de pessoas más surgiram as piores guerras da história da humanidade. Como os humanos haviam se espalhado por todos os cantos do planeta, as crenças, os nomes dos deuses, os costumes em cada região eram diferentes, ou seja, a Terra tornava-se um lugar de culturas extremamente diversas. Isso já era motivo mais do que suficiente para que nações mais fortes subjugassem as mais fracas. Os deuses não podiam fazer muito, uma vez que fora tratado entre eles não interferir, de maneira incisiva, na história da humanidade. Eles deram aos homens o livre arbítrio, para que estes evoluíssem da maneira que considerassem correta. As instruções e os ensinamentos básicos foram passados pelos deuses. Se os homens não se matassem uns aos outros, com certeza, iriam evoluir.

Os primeiros governantes das incipientes tribos da Terra eram descendentes diretos dos Anunnakis, os deuses da Terra. Guerras e traições fizeram com que o sangue real não mais reinasse. Como Enlil estava no exílio, seus exércitos conspiravam na Terra, para tentar aliciar os seres humanos e prepará-los para a sua volta ao planeta e, consequentemente, ao poder. Os soldados de Enki, percebendo que a legião do mal estava interferindo na história humana, começaram a agir para tentar impedir esse tipo de ação. A humanidade estava perdendo a fé nos deuses e anjos. Os homens começaram a cultuar imagens e deuses que não existiam. Não obedeciam mais aos mandamentos de Enki, que os havia dado para que o seguissem e não levassem uma vida de pessoas ímpias, caminhando, assim, para uma grande evolução. Se os homens continuassem a desobedecer Enki, Enlil facilmente retomaria o poder na Terra, mesmo estando em outra dimensão, e a história da humanidade seria muito curta. Preocupado com isso, Enki voltou ao seu planeta natal, Nibiru, para falar com seu pai Anu e o Conselho. O corpo

de Enki já estava muito desgastado, devido ao grande tempo que passara na Terra. Quando Enki encontrou Anu, parecia que os papéis haviam se invertido, que Anu era o filho de Enki, e não o contrário. Anu ainda era forte e jovem, mas Enki e sua esposa Ninki já não dispunham de tanto vigor. Enki se reuniu com seu pai e com o Conselho Real de Nibiru para tratar os assuntos da Terra. O velho Enki, curvado e de barbas e cabelos brancos, sentou-se ao lado direito de seu pai, à mesa do conselho.

— Saúdem meu filho, Enki, que depois de muitos e muitos *shars*, retornou ao seu planeta natal!

— GRANDE EA, FILHO DE ANU, SEJA BEM-VINDO AO SEU PLANETA! – todos gritaram, em uníssono, pronunciando o primeiro nome de Enki, antes de partir para a Terra, há quase um milhão de anos terrestres ou há quase duzentos e setenta e sete *shars*.

— Meu filho, realmente as condições atmosféricas da Terra não lhe fizeram nada bem. Você está ainda mais velho do que da última vez que o visitei. Espero que, desta vez, tenha vindo em definitivo.

— Meu pai, vim para tratar de um assunto muito importante. Mas não pretendo ficar aqui. Preciso voltar, pois a humanidade precisa de mim.

— Meu filho, deixe que seus filhos e netos cuidem do destino da Terra. Se você voltar a esse planeta, não irá durar mais muitos *shars*. Peço que fique conosco e tentaremos resgatar sua juventude. Os cientistas de Nibiru obtiveram grandes progressos científicos.

— Posso ficar por um tempo, mas não vou me demorar.

— Mas, me diga, que acontecimentos na Terra o obrigaram a viajar até Nibiru, em busca de ajuda?

— Pai, Enlil descobriu uma maneira de se comunicar com seus soldados, mesmo estando exilado em outra dimensão. Ele está com

sede de vingança. Quer se vingar de mim e dos humanos, nos culpa por ter sido condenado ao exílio.

— Sempre achei que Enlil seria meu sucessor aqui, em Nibiru. Triste fim teve seu destino pelas mãos da grande Confederação – ponderou Anu.

— Além de vingança, Enlil quer descobrir uma maneira de escapar do exílio e tomar a Terra para si. Creio que, se ele fizer isso, irá escravizar a humanidade para se vingar.

— Meu filho, não podemos muito contra Enlil, afinal, ele está em outra dimensão e nossa tecnologia ainda não permite o acesso a ela. A única coisa que podemos fazer é aumentar nossos esforços na Terra para desacreditar os soldados de Enlil e, quando ele sair do exílio, tentarei dissuadi-lo dessa vingança sem propósito.

— Os humanos vivem em guerra. Em breve irão se dizimar sozinhos. E tudo isso graças à conspiração de Enlil, que consegue controlar reis e rainhas para servir aos seus propósitos. A humanidade está perdendo a fé em nós. Se isso acontecer, o caos irá tomar conta da Terra e eles se matarão. Ainda não estão evoluídos o suficiente para entenderem as consequências de seus atos.

— E o que você pensa em fazer, meu filho?

— Na longa jornada da Terra até Nibiru, vim pensando em algo e preciso de sua aprovação e da aprovação do Conselho para colocar o meu plano em prática.

— Prossiga, por favor. Confiamos plenamente em você, meu filho, e temos ciência de sua grande sabedoria. Analisaremos o que você propuser e, com certeza, o aprovaremos. Daremos o auxílio necessário na empreitada.

— Eu quero descer à Terra como um humano, meu pai. Como um deles. Quero lhes levar palavras de paz e amor e tentar

convencê-los de que o caminho por eles trilhado não irá conduzi-los a lugar algum.

— E como pretende fazer isso, estando o seu corpo físico tão velho e cansado?

— Na Terra, desenvolvi uma pesquisa de transferência de consciência. Fiz experiências com alguns humanos e consegui transferir a consciência de um homem para outro.

— Isso é admirável. Com certeza você é um dos maiores cientistas de nosso povo. Mas... o que acontece com o corpo que ficará sem consciência?

— Ele permanece dormindo, como se estivesse em um coma. Como se estivesse sonhando. Meu intuito é transferir minha consciência para um corpo terrestre, tornando-me um deles. Tentarei transformar a humanidade e protegê-la das armadilhas de meu irmão.

— Mas, Ea, isso é muito arriscado. Se você for morto pelos humanos – disse um dos membros do conselho – sua consciência nesse corpo terrestre também se extinguirá?

— Infelizmente, sim. Se meu corpo terrestre falecer antes de minha consciência voltar ao meu corpo de fato, eu deixo de existir. Mas já pensei nisso também.

— Então nos diga, filho, pois agora fiquei preocupado.

— Pai, em minhas experiências, só consegui transferir totalmente a consciência, quando os seres possuíam cadeias de DNA muito próximas, por exemplo, irmãos de sangue; pai e filho; mãe e filha. E, mesmo assim, só consegui sucesso ativando uma parte do DNA humano que estava adormecida. O meu objetivo é criar um ser geneticamente idêntico a mim para fazer a transferência. Esse ser será imortal, como nós; pois, caso algum humano dê fim a minha consciência, conseguiremos ressuscitar o meu corpo facilmente.

— Então os riscos diminuem? – perguntou outro membro do Conselho.

— Sim, consideravelmente. É claro, eu serei monitorado pelos meus filhos e netos e meus soldados sempre estarão a postos para me proteger. Os riscos são mínimos.

— Mas, filho, você acredita mesmo que pode mudar a mentalidade dos humanos?

— Pai, a natureza deles é como a nossa. Nascem de maneira neutra, sem maldade ou sem bondade. É o ambiente em que vivem que os torna bons ou maus. Se oferecermos mensagens boas a eles, eles se tornarão pessoas boas, levarão os ensinamentos consigo e os passarão a seus descendentes. Chegará uma época em que estarão aptos a evoluir e, então, nosso trabalho na Terra chegará ao fim.

— Meus queridos irmãos do Conselho, peço que votem para decidir se corroboramos o plano de meu filho ou deixamos a humanidade seguir o destino que escolheu.

Um burburinho espalhou-se pela sala. Os onze conselheiros começaram a discutir entre si. Uns eram contra; outros, a favor. Pelas leis de Nibiru, a decisão não poderia partir apenas de Anu, deveria ser consenso entre o rei e os conselheiros. Esse sistema evitava que apenas um decidisse por muitos e os erros, assim, diminuía. O mais velho conselheiro, postado frente a Anu, falou:

— Nós, conselheiros de Nibiru, votamos a favor do plano de Ea. Que assim seja.

— Meu filho, meu voto também é a seu favor. Boa sorte na empreitada. Que a força esteja com você. Por favor, peça aos meus netos e bisnetos que nos mantenham informados de todas as novidades.

Enki levantou-se, fazendo reverência a seu pai e a todo o conselho. Fez questão de abraçar e beijar cada um. Depois disso, foi andar por

Nibiru, o povo estava ansioso para rever Enki. Seu planeta estava muito mudado. Havia muita coisa nova, até as vestimentas eram diferentes. A tecnologia de seu povo evoluíra muito. As casas agora eram todas de cristal e algumas de ouro. Enki passou algum tempo em Nibiru; ele e sua esposa foram até as quatro regiões do planeta para que seu povo pudesse vê-los. Depois, Enki e sua esposa voltaram para a Terra, dessa vez, utilizando uma nova nave, presente de seu pai, muito mais avançada do que aquela que os transportou a Nibiru. O casal também passou algum tempo com os cientistas de seu planeta natal, que fizeram suas células se regenerarem. No dia da despedida de Enki, uma imensa multidão se aglomerou frente ao grandioso palácio de cristal. Todos queriam ver o primogênito do rei voltar ao planeta Terra para defender a humanidade. Afinal, graças aos humanos e à Terra, Nibiru havia curado suas profundas feridas, que muitos *shars* atrás quase o destruíram. Os Anunnakis deviam muito ao planeta Terra e aos humanos. Era chegada a hora de retribuir.



Capítulo 23

Terra, 24 anos a.C.

Depois da proliferação da vida humana, os deuses deixaram a Terra para viver dentro de suas naves. Ora elas flutuavam sobre algum ponto do Oceano Atlântico, ora ficavam submersas; muitas outras vezes, também, estacionavam na órbita terrestre. Assim faziam os deuses; pois, caso algum humano os encontrasse, a notícia poderia se espalhar e não teriam mais sossego.

Enki e sua esposa estavam de volta à Terra havia alguns séculos. A nave do deus, a maior de todas, era conhecida como Atlântida, nome dado por alguns humanos que a viram e pensaram tratar-se de uma ilha. Era uma verdadeira cidade, com milhares de quilômetros quadrados e uma grande tripulação. Enki gostava de deixá-la flutuando sobre o oceano e frequentemente a mudava de lugar.

O filho mais moço de Anu adorava tanto o oceano que seu nome anterior era Ea, que em sumério significa *aquele cuja morada são as águas*. Mais tarde, Enki ficou conhecido também como Poseidon. Os soldados de Enki, vistos na Terra como anjos de Deus, visitavam o planeta constantemente, passando instruções a alguns escolhidos e

acompanhando o andamento das guerras causadas por seu irmão Enlil. Enki, muitas vezes, tentou encontrar e destruir os soldados de seu irmão ou, no mínimo, enviá-los de volta a Nibiru para um julgamento, porém eles se escondiam no interior da Terra, por meio de passagens existentes em alguns pontos espalhados por todo o globo, inclusive nos polos. Como, além disso, caso os inimigos possuíssem ainda poderosas armas, Enki preferiu não persegui-los em seus domínios. Se houvesse uma guerra, os mais prejudicados seriam os humanos, incapazes de se proteger. Enki disfarçou de homens os soldados de suas milícias e estes ocuparam cargos de confiança de líderes de todo o planeta. Assim, eles poderiam vigiar de perto os governos humanos e antecipariam as consequências de suas ações.

Enki já findava os preparativos para criar o clone de si mesmo, que nasceria no planeta Terra e receberia a consciência divina. Caso a experiência tivesse êxito, planejava ficar com o novo corpo e desfazer-se do atual, já muito desgastado e cansado. Mesmo com a intervenção dos cientistas de Nibiru, que conseguiram regenerar muitas células, Enki não recuperara a forma de quando chegou à Terra, há centenas de milhares de anos. Custaram muito a perceber que as leis terrenas para a imortalidade diferiam daquelas existentes em Nibiru. As condições atmosféricas e mais oxigênio, água, alimentação, sol – tudo era muito diferente de Nibiru e fazia com que o tempo pesasse mais na Terra.

Por intermédio de inúmeras pesquisas e modificações genéticas de seu próprio DNA, Enki preparou diversos embriões, contendo a semente que daria origem a si próprio na Terra. No entanto, com essas pequenas modificações, seu novo corpo seria mais resistente e mais poderoso do que o atual. As pesquisas haviam avançado bastante e alguns genes inativos no DNA de Enki seriam ativados agora, em seu novo corpo,

criando um Anunnaki mais evoluído. No entanto, Enki não queria que a concepção de seu novo corpo tivesse lugar em qualquer útero. O sangue da mulher que o traria à Terra, em novo corpo, deveria ser o sangue dos últimos homens criados pelos Anunnakis. Após Adamu e Tiamat, os primeiros terrestres, diversas outras criaturas tinham ganhado vida, inclusive, por meio do cruzamento entre humanos e Anunnakis. Enki desejava renascer de sua própria linhagem, assim, pediu a um de seus soldados que descesse até a Terra e escolhesse um homem e uma mulher, de boa índole, descendentes de Davi. Eles gerariam a mãe de Enki na Terra. O rei Davi era filho de Jessé que, por sua vez, era filho de Enki, ou seja, este renasceria de seu próprio sangue, o que faria mais tranquila a gravidez de sua mãe. Gabriel, o soldado em quem Enki confiava muito, após algum tempo na Terra, encontrou um casal, cuja linhagem descendia da casa de Davi. A mulher, contudo, era infértil, já muito velha para ter um filho. Gabriel levou a notícia até Enki.

— Meu senhor, encontrei um casal de boa índole, ambos da casa de Davi. Mas... a mulher é idosa e infértil. Essa mulher se chama Ana e todos os dias ela ora para o senhor, pedindo que lhe conceba um filho. O casal é muito devoto ao senhor.

— Gabriel, suas notícias são muito melhores do que eu esperava. Todos verão como um milagre a gravidez dessa mulher estéril. Nosso plano de levar amor e paz para a humanidade terá início antes do previsto. Durante a noite, traga o casal até nossa nave. Faremos uma inseminação, utilizando a semente do marido e, quando eles menos esperarem, a mulher estará grávida.

— Que assim seja, meu senhor.

Ao cair da noite, Gabriel e mais alguns soldados desceram discretamente atrás da casa de Joaquim e Ana. Deram a eles poções, para que

não acordassem, e os levaram até a nave, que disparou de volta à nave mãe, na órbita terrestre. Lá chegando, coletaram o espermatozoide de Joaquim e o óvulo de Ana. Ana não engravidava, pois possuía uma obstrução nas trompas que impedia a fecundação do óvulo. Usando óvulos e espermatozoides, Enki criou um embrião, no qual fez pequenas alterações em sua estrutura cromossômica, gerando uma menina e não um menino.

O embrião foi implantado no útero de Ana. Ela e o marido, após algumas horas de repouso, foram levados de volta para sua casa na Terra. Eles não poderiam saber o que tinha acontecido e deveriam pensar que a concepção acontecera normalmente, por meio do cruzamento de ambos.

Após algumas semanas, durante a noite, Gabriel levou Ana mais uma vez à nave. Com Ana inconsciente, puderam testar seu sangue e comprovaram que ela estava grávida. Quando Gabriel a colocou de volta na cama, induziu um sonho pelo qual anunciou:

— Ana, o Senhor escutou suas orações! Conceberás e darás à luz! De sua descendência, falará o mundo todo, até o fim dos tempos.

Ana, ainda sonhando, respondeu a Gabriel:

— Bendito seja, meu Senhor Deus! Quando eu tiver o fruto desta benção, seja menino ou menina, vou dá-lo como oferenda ao Senhor e ele estará a Seu serviço até o fim de sua vida.

Alguns meses se passaram. Os familiares e todos na tribo consideraram a gravidez de Ana um milagre de Deus. Antes estéril e mesmo tendo uma idade avançada, ela agora daria à luz.

O dia chegou. Ana deu à luz a uma menina: Maria.



Capítulo 24

Planeta Terra, cidade de Belém, 6 e 7 anos a.C.

Maria viveu doze anos de sua vida no templo, seguindo os ensinamentos de sua tribo. Após esses período, os sacerdotes se reuniram.

— Eis que Maria completou doze anos no templo de Deus. Precisamos saber como proceder com ela, antes que suas regras cheguem e ela acabe manchando o santuário de nosso Senhor – disseram os homens santos ao sumo sacerdote.

O sumo sacerdote ainda não tinha ideia do que deveria ser feito. Começou a orar a Deus e a pedir para o guiasse em relação ao destino de Maria.

Ao cair da noite, quando o templo já estava vazio, ele foi o último a sair. Quando trancava a grande porta de madeira, atrás do templo, uma forte ventania às suas costas veio, com tanta força, que levantou sua batina e jogou areia em seus olhos. Ele os coçou com vigor, para limpá-los, e logo avistou à frente uma intensa luminosidade vinda do céu. Subitamente, caiu de joelhos e baixou a fronte em sinal de respeito ao anjo, que o exortava:

— Zacarias, vá e reúna a todos os viúvos de seu povoado. Que cada um deles traga um bastão. Aquele que receber o sinal, deverá ser o marido e guardião de Maria.

Zacarias mal teve tempo de olhar para cima e agradecer a mensagem do anjo, a luz já desaparecia no alto, transformando-se em estrela.

No dia seguinte, Zacarias comunicou a mensagem do anjo aos outros sacerdotes que correram a espalhar a notícia pelo povoado, convocando os viúvos. Em pouco tempo, os viúvos se juntaram e foram à procura do sumo sacerdote. Zacarias tomou nas mãos os bastões que traziam e, no templo, começou a orar. Ao fim das orações, observou os bastões, mas nenhum sinal aparecera. O sumo sacerdote, por isso, determinou devolvê-los aos donos. No entanto, ao entregar o último, uma espécie de pássaro branco reluzente surgiu, pairando sobre a cabeça do homem a quem pertencia aquele objeto. Esse homem era José. Nesse momento, o sacerdote exclamou:

— A você, meu bom homem, coube a sorte de receber a virgem do Senhor.

— Tenho filhos e já sou idoso. Ela é apenas uma menina. Não acho correto e não quero ser motivo de chacota entre todos de nossa tribo – replicou José.

— José, tema ao Senhor. Você foi o escolhido para proteger a virgem de Deus. Não poderá dizer *não* ao nosso Pai.

José, cheio de medo que algo pudesse acontecer a sua família, caso desobedecesse à ordem de Deus, recebeu Maria sob sua proteção e lhe disse:

— Tomei você do templo de Deus. Vou deixá-la em minha casa, em segurança, e farei as minhas viagens. Em breve, voltarei. Até o meu retorno, o Senhor te guardará.

Maria tinha agora quinze anos de idade. Indo um dia até o poço retirar água para beber e cozinhar, enquanto puxava o balde com força, escutou uma voz atrás de si.

— Deus salve a ti, plena de graça! O Senhor está contigo e bendita és entre todas as mulheres!

Maria deixou cair o balde ao se virar e tentar identificar de quem era aquela voz. Ela ficou muito assustada, porque ninguém estava perto, apesar de ter escutado claramente que lhe falavam. Maria começou a tremer de medo e saiu em disparada rumo a sua casa. Depois de algum tempo, após se recuperar do susto, resolveu terminar de coser uma das roupas, que preparava para seu marido. Sentada à porta de sua casa, pôde avistar um homem alto e com vestes brilhantes vindo em sua direção. Maria ficou perplexa.

— Não tenhas medo, Maria. Estou aqui, porque trago uma mensagem de nosso Senhor. Ficarás grávida e darás à luz ao filho de Deus! — anunciou o anjo.

Maria não podia acreditar no que estava escutando:

— Deverei eu conceber um filho do Deus Altíssimo e dar à luz, como as demais mulheres?

— Não será assim, Maria. Ficarás grávida do filho de Deus sem a necessidade de concebê-lo pelo contato carnal com um homem. Permanecerás intocada. O filho de Deus nascerá de ti e tu irás chamá-lo de Jesus, pois Ele será o salvador de seu povo.

— Eis, em sua presença, a escrava de Deus. Aceito essa dádiva conforme sua palavra.

O anjo se afastava devagar. Tendo contornado uma árvore e, depois de uma grande luminosidade, desapareceu como se nunca tivesse estado ali. Maria correu depressa para contar a novidade à prima, Isabel. Maria batia à porta da casa da parente, estava muito alegre. Isabel, ao escutar as batidas, largou o que estava fazendo e foi célere atender a porta. Abrindo-a, disse a Maria:

— O que eu fiz para receber em minha casa a mãe do filho de Deus?

— Isabel, como sabe disso?!

— O anjo Gabriel veio até mim e me contou. Eu também estou esperando um filho. Foi uma bênção de Deus. O anjo Gabriel me disse que a missão de meu filho na Terra será ajudar o seu.

Como José continuava em viagem, Maria decidiu permanecer na casa de sua prima.

Seis meses depois... Maria já estava com dezesseis anos. Quando soube que o marido estava voltando, também retornou para casa, à noite, a fim de que ninguém do povoado visse a barriga já aparente. Alguns dias depois, José chegou e, ao adentrar a sala de sua casa, deparou-se com Maria, grávida. José, no mesmo instante, ficou atônito e jogou-se ao chão, chorando amargamente por aquela desgraça.

— E agora, como vou me apresentar perante Deus? Recebi essa virgem do templo com a missão de resguardá-la e falhei na missão! O que será de mim? Como foi capaz de fazer isso, Maria? Por acaso esqueceu do nosso Senhor Deus?

— José, por favor, se acalme. Sou pura e nunca conheci varão algum.

— Impossível. E de onde surgiu a criança que carrega em seu ventre?

— Por Deus, eu não sei como aconteceu... — Maria não terminou de falar, José saiu em disparada.

Enquanto José caminhava, já tarde da noite, pensando no que havia acontecido, uma grande luz apareceu, sobrevoando sua cabeça, e uma voz lhe falou:

— José, não tema por tua donzela, pois ela carrega o filho de Deus. Sua missão será protegê-los e, quando ele nascer, seu nome deverá ser Jesus. Ele virá à Terra para salvar o seu povo.

José emudeceu. Caiu de joelhos, enquanto a luz em sua fronte se apagava.

Depois de alguns meses, após ter enfrentado a ira dos sacerdotes do templo, por pensarem que ele havia violado a virgem Maria, chegou a notícia de que o Imperador estava fazendo um novo censo e as pessoas deveriam voltar às cidades de origem para responder à pesquisa. José e Maria partiram. Ela montava um asno puxado pelo esposo. À frente, iam os filhos de José. Quando faltavam três milhas para chegarem a Belém, José viu Maria tocar o ventre com um ar de preocupação. E Maria exclamou:

— José, desça-me, porque o fruto de meu ventre luta para vir à luz.

Estavam na estrada deserta, não havia ali um lugar sequer para que Maria pudesse dar à luz. Apertaram o passo e, mais à frente, conseguiram avistar uma gruta. José carregou Maria até esse local. Pediu para que seus filhos cuidassem dela e correu até a cidade para encontrar uma parteira. Depois de algumas horas procurando, ao passar por uma montanha, uma mulher que descia em sua direção gritou:

— Aonde vais, tão aflito homem?

— Estou à procura de uma parteira hebreia.

— Mas... és de Israel?

— Sim, sou.

— E quem é que está dando à luz?

— É minha esposa, Maria, a que se criou no templo do Senhor e concebeu pelo Espírito Santo.

— Isso é verdade?

— Venha e verá com seus próprios olhos.

Coincidência ou não, a mulher era uma parteira. Ela desceu de uma montanha sobre a qual ele avistou uma luz bem forte havia alguns

minutos. José e a parteira se puseram na direção da gruta a passos largos. Antes de chegarem, puderam ver de longe uma intensa luz raiando sobre o local. No interior da gruta, encontraram Maria em trabalho de parto. A luz do céu emitiu uma outra, de menor brilho, que começou a ir para dentro da gruta. Repentinamente, aquele facho de luz expandiu-se, de tal forma, que quase cegou a todos ali. Quando a luz diminuiu, pôde-se ver a criança sendo amamentada por Maria. Nesse instante, a parteira exclamou:

— Louvado seja este dia ante todos os outros de nosso tempo. Pude ver com os meus olhos um grande milagre! — a mulher saiu da gruta e pôs-se a dizer a uma amiga que vinha chegando. — Salomé, Salomé, tenho que contar uma maravilha jamais vista neste mundo! Uma virgem acaba de dar à luz!

— Meu Deus, não posso crer em tal coisa, preciso tocá-la para acreditar! — replicou Salomé.

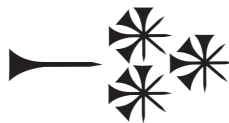
As duas entraram na gruta. Salomé tinha uma das mãos cheias de cicatrizes de queimadura. Ela perguntou se poderia tocar Maria, para confirmar a fala da parteira. Maria o consentiu e, ao tateá-la, notou que seu hímen havia se rompido há pouco tempo, Salomé quase de imediato exclamou:

— Ai de mim por minha incredulidade, por descrer do Deus vivo! Posso segurar por um instante o filho de Deus?

Maria estendeu a criança para que Salomé a pegasse. Tremendo, Salomé a tomou nos braços e, ao tocá-la na face, sua mão enferma começou a formigar. Vendo Salomé afligir-se, a parteira tirou-lhe o menino. Aos olhos de todos os presentes, as cicatrizes de queimadura de Salomé começaram a desaparecer. Todos os presentes à cena desataram a chorar. O primeiro milagre do filho de Deus fez-se debaixo de seus olhos.

— Salomé, não conte a ninguém o que aconteceu aqui até que estejamos a salvo em Jerusalém – disse José.

Passados alguns dias, chegou ao conhecimento de Maria e de José que Herodes mandara matar a todos os meninos com menos de dois anos. O bom homem ficou apavorado. Desmontou o acampamento, colocou Maria e Jesus em cima do asno e fugiram para Jerusalém. Durante a fuga, acima deles, bem ao alto e a todo o instante, via-se a luz que os acompanhava. Os anjos de Deus os estavam protegendo.



Capítulo 25

Nave Atlântida, órbita do Planeta Terra, 6 e 7 anos a.C.

Estavam reunidos em uma grande sala branca: Enki, sua esposa Ninki, Galzu, Gabriel, Miguel e Rafael – esses três últimos, líderes das legiões de Enki. Galzu chegara à Terra há alguns meses terrestres, viera diretamente da Confederação, da qual fazia parte representando Nibiru. Há muitos e muitos anos, Enki e Galzu não se encontravam. Da última vez, Galzu instruíra Enki a salvar Noé e sua família das chuvas que inundaram todo o globo, catástrofe causada pela aproximação de Nibiru, que fez o núcleo da Terra deslocar-se e girar em torno de seu próprio eixo. Os polos da Terra se inverteram, o que ocasionou o derretimento das geleiras e a consequente inundação do planeta. Galzu veio até Enki transmitir as ordens da Confederação Intergaláctica, segundo as quais deveria ensinar uma família de boa índole a construir uma imensa embarcação para que se salvassem da enchente, juntamente com milhares de espécies de animais e plantas. Nessa época, Enlil estava determinado a deixar a humanidade perecer, porém, pela primeira vez, a Confederação interveio, poupando Noé e sua família para que dessem continuidade à raça humana no planeta Terra. Noé foi escolhido por

ser um dos filhos terrestres de Enki. Enlil ficou enfurecido ao saber dos planos da Confederação, uma vez que seus planos eram destruir a humanidade que, na sua opinião, nunca deveria ter sido criada.

Enki disse aos de sua raça, de forma calma e serena, sentado na ponta de uma grande mesa de cristal:

— Estamos aqui reunidos nesta época tão importante para todos nós. Época de colocarmos em prática o que estamos planejando há muito tempo. Como sabem, criei um clone de mim mesmo, com algumas modificações e melhorias, que me fará renascer no planeta Terra. Tomei a liberdade de convidar Galzu para acompanhar de perto o que estamos fazendo e para que testemunhe nossos esforços, no intuito de salvar a humanidade de si mesma e das influências de meu irmão. Esta noite, implantaremos o embrião no útero de Maria, que já está devidamente preparada para recebê-lo. Quando a criança que nascer completar doze anos terrestres, faremos a transferência da consciência de meu corpo para o dela. Estamos reunidos aqui para que cada um de vocês saiba qual será sua parte nessa missão. Galzu e Ninki ficarão no comando, durante minha ausência. Gabriel, você e seus soldados descerão à Terra, como homens, e protegerão o meu corpo terrestre de qualquer mal que por ventura venha acontecer. Miguel, você e seus soldados protegerão Galzu e Ninki e também nossa nave. Rafael, você e seus soldados continuarão investigando os soldados de Enlil, tentem desfazer qualquer mal que, por ventura, esses soldados venham a praticar.

— Senhor Enki, na Terra estarei sempre ao seu lado. Mas tenho uma dúvida: e se a transferência de consciência não der certo? O que faremos? – perguntou Gabriel.

— Já avancei muito nos testes e, depois de vários ajustes, nenhuma falha foi constatada. Ocorriam problemas, quando o DNA de um dos

corpos era muito diferente do outro. Nesse caso, os DNAs são quase idênticos. A probabilidade de algo dar errado é mínima nessa transferência. Mas, em todo caso, se houver qualquer falha, eu permanecerei no corpo e daremos instruções a meu clone na Terra, para que siga com o planejado. Será mais difícil, teremos que lhe passar muitos ensinamentos, mas penso que, de uma forma ou de outra, nossa missão logrará êxito – respondeu Enki.

— Enki, como sabe, a Confederação apoia o plano e estou aqui a seu convite para ajudá-lo no que for preciso – disse Galzu.

— Galzu, agradeço seu apoio e o da Confederação.

— Enki, peço que tenha cuidado quando estiver na Terra. Como bem sabe, alguns humanos serão totalmente contrários ao que você estiver fazendo e sem contar os humanos influenciados por soldados de seu irmão. Por favor, repito, tenha muito cuidado com o que irá fazer – falou Ninki, em tom de preocupação.

— Minha senhora, fique tranquila, defenderei nosso senhor, Enki, ele não estará sozinho – assegurou Gabriel.

— Fico mais sossegada sabendo disso, Gabriel. Conto com você – tornou Ninki.

— Gabriel, vá até a Terra. Daqui a pouco vai escurecer. Traga Maria para a nave e realizaremos o procedimento necessário à fecundação. Tome cuidado para que ninguém o veja. É bom ir agora, enquanto o sol clareia a região de Maria – Enki ordenou a Gabriel.

— Sim, Senhor. Volto dentro de algumas horas.

Gabriel retirou-se por uma porta redonda e muito alta, que ficava nos fundos da sala branca. Do lado de fora, dois de seus homens já o esperavam. Os três foram até a nave de Gabriel, muito menor que a de Enki, que estava atracada. Nela embarcaram e desceram à Terra.

Quando pousaram ainda estava claro e, por isso, escolheram uma região deserta próxima à casa de Maria. Ficaram na nave aguardando o pôr do sol e a hora em que todos do vilarejo estivessem dormindo. Frequentemente, os humanos viam naves Anunnakis e, quando isso acontecia, todos ficavam mobilizados com o acontecimento, considerando ser mais uma intervenção divina. Por isso, já fazia algum tempo que os deuses e seus soldados estavam se escondendo mais. Muito rapidamente, o vilarejo se recolheu e as tochas das casas foram apagadas. Gabriel aguardou um pouco e então levou sua nave até um lugar próximo da janela do quarto de Maria. Sem pousar, a nave emitiu uma intensa luz neon, que foi em direção à Maria. O clarão podia ser visto pela janela. Em poucos segundos, o corpo de Maria começou a levitar, passou pela janela e logo já estava dentro da nave de Gabriel. A luz neon mal se apagou e a nave desapareceu, deixando um grande rastro de areia e folhas secas no ar, que vagarosamente foram caindo. Como a nave havia quebrado a barreira do som, um trovão se escutou em toda a vila e grande quantidade de homens saiu de suas casas com tochas acesas, a tempo de ver ao longe o rastro de areia e folhas deixado pela nave. *Um anjo visitou Maria* – era o que comentavam.

Em poucos minutos, a nave de Gabriel já estava atracada à nave mãe, que Anu havia dado a Enki, na última visita deste a Nibiru. Antes que Maria fosse transportada à nave mãe, fizeram-na aspirar um gás que a adormeceu ainda mais profundamente. Assim não correriam o risco de acordá-la, assustando-a com o que veria. Maria foi posta em uma cama feita de cristal reluzente e levada para o laboratório de Enki. No laboratório, todos já esperavam por ela. Enki apanhou da mesa cirúrgica um objeto com uma ponta reluzente de cristal. Ninki e Miguel afastaram as pernas de Maria e levantaram suas vestes. Ninki usou um

objeto retangular para limpar e eliminar qualquer bactéria que, por ventura, pudesse contaminar o embrião ou o útero de Maria. Após a assepsia, Enki inseriu o instrumento com a ponta de cristal pelo canal vaginal de Maria. Em uma tela, via-se o caminho que o objeto percorria para chegar ao útero. Enki colocou seu polegar sobre um dos feixes de luz que brilhavam na outra ponta do instrumento e, por meio de uma ampliação da tela, pôde-se ver o embrião sendo depositado no útero de Maria. Ao terminar o procedimento, Enki retirou o objeto de dentro da virgem, fez-lhe nova assepsia e vestiu-a.

— Aguardem algumas horas, deixem-na em repouso. Depois, levem-na de volta. Dentro de algumas semanas voltem à Terra, para testar o seu sangue e confirmar sua gravidez. Após a confirmação, Gabriel informará a notícia à Maria. Se precisarem de mim, estarei em meus aposentos – declarou Enki, retirando a roupa prateada que o envolvia e deixando do laboratório.

Algumas horas se passaram e Maria continuava inconsciente. Gabriel havia ficado ao lado dela o tempo todo, para o caso de algo acontecer. O soldado apanhou, ao lado da cama de cristal, um dispositivo do tamanho de sua palma e deslizou-o pelo ventre de Maria. Automaticamente, uma imagem em três dimensões, colorida, saltou acima da mão de Gabriel, mostrando toda a parte interna do útero da mulher; com uma ampliação, pôde-se ver o embrião acomodado e intacto. Aparentemente, estava tudo muito bem com a saúde de Maria. Gabriel chamou seus dois soldados, eles a levaram de volta a casa dela, antes que os primeiros raios de sol começassem a surgir no vilarejo. Em poucos minutos, a nave de Gabriel já pairava sobre a casa da virgem. Em mais alguns segundos, um fecho de luz levou o corpo inconsciente de Maria de volta à cama. Vendo que estava tudo bem com ela, Gabriel ordenou para que saíssem dali.

Três semanas terrestres se passaram. Em uma madrugada chuvosa, Gabriel retornou à casa de Maria. Enquanto ela dormia, uma luz penetrou pela janela, completamente fechada, na casa feita de tijolos de barro, passou pelas paredes e pairou sobre o corpo de Maria, fazendo que ela acordasse no mesmo instante. Maria acordou assustada, imaginou estar em algum tipo de sonho. Quando percebeu que não isso, seu corpo ficou paralisado de medo. A luz sobre ela enfraqueceu cada vez mais, até desaparecer. Maria se levantou e correu em direção à porta da casa, abriu-a rápida e lançou-se para fora de casa em meio à chuva torrencial. Olhando a janela de seu quarto, percebeu uma espécie de trilha de água. Era como se a água da chuva tivesse formado no ar um caminho até o céu. *Meu Deus, um anjo?! Obrigado, meu Deus, por enviar um guardião que me protegerá, enquanto meu marido não volta para casa* – pensou Maria, olhando o rastro de água que desaparecia aos poucos. Maria tornou a casa, secou-se, trocou suas vestes molhadas por vestes secas e voltou a se deitar. Não conseguiu pegar no sono novamente, ficou rolando na cama até o sol raiar. Aquele episódio, com um anjo de Deus, não lhe saía da cabeça.

De volta à nave mãe, Gabriel foi imediatamente levar as notícias a Enki. Avançou pelos corredores da máquina como um furacão até chegar à sala de controle onde seu mestre estava.

— Senhor Enki, boas notícias. Maria está grávida, Jesus nascerá! – disse Gabriel a Enki, entrando no compartimento.

— Excelente, Gabriel. Obrigado por sua bela notícia. Ao entardecer de hoje, leve a notícia à Maria. Informe-a de que o nome de seu filho deverá ser *Salvador*, que em sua língua é Yeshua – replicou Enki, com um sorriso no rosto.

— Assim seja, Senhor. Partirei logo mais! – acrescentou Gabriel.

Gabriel foi mais uma vez à Terra. Aterrisou no deserto e voou em direção à casa de Maria, usando um equipamento próprio preso a suas costas. *É chegada a hora da grande notícia!* – pensava.

O anjo pousou atrás de algumas árvores e avistou Maria de longe, indo ao poço de água com um grande balde de madeira em sua cabeça. Gabriel se dirigiu a ela, que tentava puxar o balde agora cheio de água e pesado.

— Deus salve a ti, plena de graça! O Senhor está contigo e bendita és entre todas as mulheres! – disse Gabriel, enquanto ainda estava atrás de uma grande árvore.

Maria deixou cair o balde ao se virar e tentar identificar de quem era aquela voz. Ela ficou muito assustada, porque ninguém estava por ali, apesar de ter escutado claramente que lhe falavam. Maria começou a tremer de medo e saiu em disparada rumo a sua casa. Gabriel, que assistia à cena, voou na direção de Maria. Quando ela estava perto de casa, o anjo pousou. Gabriel preferiu aguardar um pouco até que Maria se recuperasse do susto. Depois de alguns minutos, pôde vê-la sentada à porta, tecendo. Caminhou para ela e disse:

— Não tenha medo, Maria. Trago uma mensagem de nosso Senhor – Gabriel viu Maria levantar a cabeça na direção dele. – Ficaré grávida e daré à luz ao filho de Deus!

O soldado Anunnaki reparou a expressão de perplexidade na face de Maria.

Ela, então, o inquiriu:

— Deverei eu conceber um filho do Deus altíssimo e dar à luz, como as demais mulheres?

— Não será assim, Maria. Ficaré grávida do filho de Deus sem a necessidade de concebê-lo por meio do contato carnal com um homem.

Permanecerá intocada. O filho de Deus nascerá de ti e tu irás chamá-lo de Jesus, pois Ele será o salvador de seu povo.

— Eis aqui a escrava de Deus. Aceito essa dádiva, conforme sua palavra — disse Maria, ajoelhando-se perante o anjo.

Gabriel subia para o céu, enquanto Maria levantava vagarosamente sua cabeça. Em poucos segundos, ele desapareceu no horizonte em direção ao sol, que estava se pondo.

O anjo, de volta à nave, retirou seu traje de voo e ordenou a um de seus soldados:

— Daniel, fique aqui na Terra, misture-se aos terrestres e proteja Maria até o dia do nascimento de Jesus. Pegue sua arma e a esconda. Avise-me sobre qualquer eventualidade instantaneamente. Você será o guardião de Maria, nossos olhos aqui na Terra —Gabriel entregou a Daniel roupas masculinas de terrestres.

— Gabriel, irei protegê-la com a minha própria vida. Eu o mantereii informado sobre tudo. Até logo —disse Daniel, enquanto terminava de se vestir, e caminhou para a saída da nave.

Em poucos segundos, a porta da nave se fechou e ela decolou. Daniel pôs-se na direção do vilarejo de Maria. Quando chegou lá, já estava escuro e as pessoas estavam dentro de suas casas. O que diferenciava os anjos dos homens eram as roupas, a cor da pele e dos cabelos — um pouco mais clara naqueles — e os equipamentos. Daniel tinha cabelos totalmente brancos, que desciam até os ombros. Era grande e forte. Apesar das cãs, sua face aparentava pouco mais de trinta anos terrestres de idade. Ele havia caminhado vários quilômetros até chegar ao vilarejo, pois ninguém poderia descobrir que ele era um soldado da legião de Enki ou, como os terrestres os chamavam: *mensageiros de Deus, anjos*. Daniel estava com sede e fome. Bateu na casa vizinha a de Maria.

— Boa noite, meu senhor – Daniel falou ao homem que o atendeu.
— O senhor poderia me dar um pouco de água e pão? Eu vim de muito longe, não tenho dinheiro e estou faminto.

— Saia daqui, seu mendigo! Não quero mortos de fome na frente da minha casa. Saia imediatamente, antes que eu mande prendê-lo por perturbar a paz.

— Peço desculpas, meu senhor, se o importunei. Mas agradeço mesmo assim. Fique com Deus – retrucou Daniel, enquanto baixava sua cabeça, frente ao homem raivoso, e se afastava dali.

Daniel bateu na porta de cinco casas, todos o expulsaram. Na sexta, a mais humilde de todas, uma mulher cega o atendeu.

— Pois não! – disse a mulher.

— Minha senhora, desculpe importuná-la a esta hora, mas fiz uma viagem muito longa, não tenho dinheiro e estou faminto. Se puder me servir um pouco de água e um pedaço de seu pão, pagarei a senhora em dobro assim que puder.

— Meu bom homem, por favor, entre em minha humilde casa, é um prazer recebê-lo. Vou lhe servir o melhor vinho e o melhor pão que tiver, e não quero que me pague em dobro. Faço por você o mesmo que faria por mim – disse a mulher, deixando Daniel surpreso e sem palavras, e continuou: – Sente-se, por favor, fique à vontade. Sinta-se em casa.

— A senhora não tem medo de receber um desconhecido em sua casa, ainda mais um homem?

— Por que eu deveria ter medo? Se você fosse me fazer algum mal, não teria batido em minha porta, teria entrado sem bater.

— Bem observado.

— O senhor tem sotaque diferente. De que região o senhor vem? – disse a mulher, enquanto servia pão e vinho a Daniel.

— Vim de muito longe, praticamente do outro lado do mundo. Diga-me, senhora, o que a deixou cega?

— Soldados romanos furaram os meus olhos com uma adaga, pois não tive dinheiro para lhes pagar o imposto. Estou cega há mais de dez anos. Também levaram a vida de meu marido, um ano depois de me tirarem a visão.

— Mas isso é horrível! Como tiveram coragem para tal atrocidade?

— Meu filho, o homem é o animal mais terrível de todos; sua capacidade para a maldade é quase infinita.

Daniel e a senhora seguiram conversando por muitas horas. Em pouco tempo, ela informou Daniel sobre todos os costumes do vilarejo, bem como sobre as pessoas em que poderia confiar ou não. Indicou-lhe os lugares onde poderia conseguir trabalho para se sustentar.

— Senhora, não vou mais tomar seu tempo. Vou procurar um lugar para me abrigar até que amanheça e eu possa procurar um trabalho para ganhar o meu sustento.

— Meu filho, pode ficar aqui em minha casa. É pequena e humilde, mas sempre cabe mais um filho de Deus. Criei meus cinco filhos nesta casa e agora sou sozinha, posso cuidar de mais um.

— Senhora, fico agradecido e emocionado com seu gesto, mas não irei abusar de sua bondade. Saiba que nosso Senhor Deus já reserva o seu lugar no reino Dele. Este planeta precisa de mais pessoas como a senhora.

— Tudo bem, obrigado por suas palavras. Saiba que as portas de minha casa estarão sempre abertas para você.

— Obrigado, minha senhora. Senhora, posso tocar seus olhos e fazer uma oração para que Deus a cure?

— Me curar?! Só se for por um milagre. Mas fique à vontade, toda oração é bem-vinda.

— A senhora acredita, tem fé que o poder de Deus vai curá-la?

— Mas é claro que sim!

— Senhora, saiba que todos nós temos o poder da cura. Basta buscar esse poder em nosso interior – Daniel colocou sua mão direita sobre os olhos da mulher. – Mantenha os olhos fechados e só os abra quando ouvir a porta bater.

O anjo, então, tirou as mãos de cima dos olhos da mulher e saiu pela porta.

A mulher, com os olhos ainda fechados, disse:

— Espere, o senhor não me disse seu nome.

Mas sua fala foi em vão, o homem já havia saído pela porta. A mulher começava a sentir uma grande coceira nos olhos e, logo que os abriu, pôde enxergar, pela primeira vez, em dez anos. A visão ainda estava turva, mas ela não era mais cega. Caiu de joelhos, chorando e agradecendo a Deus.

— Obrigada, Deus, o Senhor enviou um anjo para me curar! Falarei desse milagre em seu nome até o último dia de minha vida! Obrigada, Senhor! – repetia a mulher, eufórica, banhada em lágrimas.

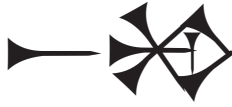
Depois de alguns minutos, a senhora atravessou correndo a porta de sua casa e começou a gritar no meio da rua. As pessoas se aglomeraram em torno dela, enquanto ela contava o que havia acontecido. *Um milagre!* – diziam. Todos sabiam que a mulher tivera os olhos dilacerados. Agora, seus olhos estavam sãos e ela enxergava novamente.

No dia seguinte, Daniel encontrou um trabalho próximo à casa de Maria. Assim, poderia vigiá-la e protegê-la. Sua identidade estava a salvo, uma vez que ninguém vira seu rosto e ele estava do lado oposto ao da morada da velha senhora. No entanto, a notícia da mulher

cega que agora podia ver já havia se espalhado por toda a região. Daniel não deveria ter feito a cura, sem antes pedir permissão ao seu comandante, Gabriel. Por outro lado, ele sabia que não poderia deixar aquela mulher, a única que o ajudou, naquelas condições. Mesmo sendo uma das mais pobres do vilarejo, dividiu com ele o pouco que tinha. Provavelmente, ela passaria fome outros dias, mas não pudera deixar seu hóspede passar pelo mesmo. Ela realmente merecia recuperar a visão.

Meses e meses se sucederam. Maria ficou na casa de sua prima Isabel e depois voltou a sua casa, antes que José retornasse de viagem. Após meses, a hora do nascimento havia chegado. Daniel seguiu a família, que ia a Belém para responder ao censo. O anjo viu quando no caminho todos ficaram em polvorosa, pois Maria já sentia as primeiras contrações. Imediatamente, Daniel avisou a Gabriel. Este não demorou e dispôs sua nave a poucos metros, acima da gruta onde Maria daria à luz a Jesus. Dessa vez, Gabriel não tomou cuidados para evitar que alguém visse as luzes da nave, pelo contrário, lançou um imenso raio luminoso, que servia para observar e proteger o lugar. Enviou uma sonda que reluzia em todas as direções até a gruta. Gabriel controlava a sonda e a utilizou para esterilizar todo o ambiente onde nasceria a criança, afinal, uma infecção poderia ser prejudicial ao menino Jesus, o salvador da humanidade. Quando Maria dava à luz e a sonda pairava sobre ela, foi possível escutar o choro do recém-nascido. Então, a sonda emitiu mais uma vez seus raios e apagou de repente, ficando sobre a cabeça da criança. A sonda enviava informações em tempo real para Gabriel e para Enki, que assistia ao parto com sua família. Havia nascido o menino Jesus, o clone de Enki, que em breve receberia a consciência do deus Anunnaki!

Enki usaria aquele jovem corpo para tentar salvar toda a humanidade. O primeiro passo já havia sido dado. Agora a cabia aos soldados de Enki proteger a criança até que ela crescesse. Quanto a Jesus, só completaria sua missão na Terra séculos depois, em sua segunda vinda.



Capítulo 26

Nave de Galzu, 23 de dezembro de 2008 d.C.

— David, como você pôde ver, quem os humanos conhecem hoje como Jesus é o próprio Enki, filho de Anu. Portanto, você é uma cópia exata de Jesus e, também, o novo corpo de Enki – explicou Galzu a David, desativando o cristal que projetava imagens de quando Enki decidiu descer à Terra em novo corpo, de como se deu o nascimento da mulher que geraria esse corpo e ainda imagens de seu próprio nascimento, como o clone que se chamou Jesus.

— Galzu, estou assustado. Pelo que entendi, Enki irá tomar o meu corpo, ou seja, vai transferir sua consciência para o meu corpo, logo, eu não irei mais existir – replicou David, espantado com o que Galzu mostrara.

— Não, David, como eu havia lhe dito antes, Jesus irá voltar e governará a Terra junto com você. Sua missão é preparar a volta de Jesus. Não será necessário que Jesus transfira a consciência dele para o seu corpo, uma vez que o corpo dele é ainda muito novo. Do contrário, a transferência teria sido feita quando você estava com uns doze anos de idade.

— Entendi! Fico mais tranquilo com isso. Mas, voltando ao assunto: quer dizer que Jesus, na verdade, é Enki, ou seja, um ser extraterrestre. É muito difícil de acreditar em tudo isso. Além do fato de eu ser um clone de Jesus... É tudo muito surreal.

— Eu compreendo suas dúvidas. Você, como a maioria dos humanos, possui crenças antigas, enraizadas, que lhes foram ensinadas desde criança, e isso é difícil de tirar. O seu subconsciente tomou essas crenças como verdades absolutas. O que aprendemos na infância é o mais difícil de esquecer. Mas, aos poucos, seu cérebro se abrirá para novos conceitos que ele mesmo já está construindo.

— Tudo o que você está me dizendo, eu sei, é verdade, mas parte de mim não quer acreditar. Com certeza, se você não me mostrasse todas essas imagens, dificilmente eu acreditaria. Também termos viajado no tempo e eu ter visto e sentido tudo aquilo, me mostra que realmente os conceitos e crenças existentes em nosso planeta atualmente são quase que totalmente equivocados.

— Não digo equivocados, mas sim, arcaicos. Os humanos se prendem a conceitos e crenças muito antigos. Deveriam ter atualizado os registros existentes. A verdade está aí fora, em documentos antigos, até mesmo na Bíblia. Porém os humanos insistem em dar uma interpretação sobrenatural a esses documentos, enquanto podem ser facilmente explicados pela ciência atual ou até mesmo pelas pesquisas ufológicas já feitas por diversos cientistas e até mesmo por governos. É por essa falta de atualização que, cada vez mais, pessoas estão se tornando ateias. É difícil, com o conhecimento científico que vocês possuem, mesmo muito pouco evoluído em relação ao de outros povos do universo, acreditar em coisas sobrenaturais, anjos com asas e poderes. A representação desses seres, chamados anjos – criaturas

aladas e mensageiras dos deuses – foi criada pelos sumérios, que assim nos retratavam em suas esculturas, pois nos viam voando constantemente e, na cabeça deles, tudo que voava tinha asas. O que tínhamos era um propulsor preso às costas que nos permitia voar. Esse propulsor também tem asas para dar estabilidade durante o voo, mas as asas são de metal; não, de penas. Hoje, se os humanos virem uma pessoa voando, observarão que está com um aparelho acoplado as suas costas e que isso lhe permite voar. Mas, milênios atrás, as pessoas não tinham ideia dessa tecnologia, então, interpretavam-na como sobrenatural. E, como as histórias e ensinamentos foram passando de pai para filho durante os séculos, até hoje as pessoas ainda acreditam no que se acreditava antigamente. Além disso, a Igreja Católica escondeu e destruiu diversos documentos antigos, que provam serem os deuses e anjos entidades de outros planetas. Não é interessante para ela que essa verdade seja descoberta, pois as pessoas começariam a pensar por si próprias e deixariam a fé de lado. Se isso acontecesse, a Igreja Católica e as novas igrejas cristãs perderiam fiéis e, para ele, *fiéis* significa dinheiro. É claro que existem muitas igrejas sérias; mas, nesse caso, temos esse problema. Infelizmente, pois a Igreja Católica possui membros bondosos que querem de fato fazer o bem, mas sua cúpula é controlada pelos Illuminati e, conseqüentemente, por Satanás. A Igreja Católica ajudou, e muito, a atrasar o desenvolvimento dos humanos, tanto subjetivamente quanto tecnologicamente. Se não fosse por ela, os humanos já estariam muito mais evoluídos do que estão atualmente. Mas seu interesse é deixar as pessoas alienadas, para que continuem lhes dando dinheiro. Quando Jesus disse: *Dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus!*, significava que as pessoas deveriam dar dinheiro a César, afinal, os impostos são neces-

sários, desde que sejam bem utilizados; a Deus, era necessário dar a si mesmo. Deus não precisa de dinheiro. É claro que as igrejas precisam de contribuição para se expandirem e levarem a palavra de Jesus, mas infelizmente boa parte delas se corrompe pelo dinheiro e desvia esses valores para financiar o luxo de seus fundadores e líderes.

— Realmente, a Igreja Católica fez muita coisa ruim, é só lembrar a tal *Santa Inquisição*, durante a qual se mataram e torturaram milhões de pessoas. Mas voltando ao assunto dos poderes. O que Daniel fez com aquela senhora, aquilo não é um poder? E as cicatrizes daquela outra mulher que se curaram ao tocar o corpo de Jesus?

— Esse poder não é sobrenatural. Está dentro de cada um de nós. Até mesmo os humanos poderiam utilizá-lo. Você já viu casos em que a pessoa tinha alguma doença muito grave, mas tinha tanta fé de que seria curada que acabava se curando de fato? Isso nada mais é do que o cérebro, fazendo o corpo liberar certos neurotransmissores químicos, capazes de auxiliar a autocura. Isso está no DNA humano. Foi passado para os humanos, quando os criamos. Na maioria da população, esse gene está adormecido, mas com a força da mente é possível ativá-lo. Nosso corpo é feito de energia pura; por isso, podemos transferir nossa energia para outros seres. Daniel transferiu sua energia para aquela mulher cega, apenas isso. Sua energia fez que o cérebro da mulher liberasse certos neurotransmissores que, por sua vez, fizeram suas células se regenerarem. Assim, ela foi curada quase que instantaneamente. Da mesma forma procedia Jesus para curar as pessoas, porém com muito mais poder, uma vez que Enki, como já dominava quase completamente o próprio DNA, pôde fazer modificações e melhorias para que a energia do corpo de Jesus fosse mais forte. É o mesmo poder que você carrega e que começará a utilizar em breve.

— Entendi... Bom saber. Mas o que ainda não entendi; por que eu devo preparar a volta de Jesus? E por que deverei usar esses poderes de cura?

— Quando Jesus esteve na Terra, disse que existiriam muitos falsos profetas até sua volta. Como Jesus chegará em uma nave, escoltada por diversas outras, as pessoas podem achar que não é Jesus e, sim, Satanás tentando enganar as pessoas. Além disso, alguns países podem tentar atacar essas naves e Jesus pode ser visto como um falso profeta. Por isso, será necessário que você prepare as pessoas para a volta dele. Os poderes de cura você utilizará para que as pessoas acreditem em você. O mesmo ocorreu com Jesus, séculos atrás. Se ele não tivesse curado ninguém, você acha que alguém seguiria suas palavras até hoje?

— Acho que não.

— Pois bem, o mesmo vai acontecer nos dias de hoje. Se você chegar e começar a dizer que é um clone de Jesus e que sua missão é preparar a humanidade para a volta dele, as pessoas irão rir de você e o tachar como louco, isso se não o internarem antes.

— Você tem razão, as pessoas só irão acreditar em minha palavra se algo sobrenatural acontecer. Mas, você precisa me ensinar a utilizar esses poderes.

— Não será necessário, meu caro. Quando chegar a hora, quando você sentir que determinada pessoa realmente merece a cura, você fará isso de forma automática.

— Mas, voltando ao assunto anterior. Pelo que eu pude perceber com relação aos humanos, eles de fato precisam acreditar em algo superior. Eles precisam ter algo em que se agarrar nos momentos difíceis. Pedir ajuda a alguém ou a alguma coisa, quando precisam. Vejo que é difícil para eles tomar o controle da vida deles, sem se apegar a algo.

— Exato, David. Os humanos são muito carentes e precisam acreditar em uma força superior a eles. Isso é alimentado pelas histórias contadas a eles, durante anos e anos e, é claro, pela lavagem cerebral feita pela Igreja Católica ao longo dos séculos. Em determinados momentos, essa carência pode ajudar a atrasar a evolução deles. Por isso, você foi criado: com o intuito de levar pelo menos parte da verdade aos homens e fazê-los dar um novo passo na evolução. Voltemos agora à parte ruim de tudo isso. Preciso contar mais sobre Enlil, quero dizer, Satanás, e sobre quando ele irá retornar. David, tome muito cuidado, quando voltar. Teremos alguns soldados nossos vigiando você de longe, mas Satanás tentará de tudo para destruí-lo. A boa notícia é que você é imortal até um determinado ponto. Se seu corpo for destruído por uma explosão ou algo do tipo, será impossível se recompor. Foi por isso que tentaram matá-lo nos ataques de 11 de setembro de 2001. Essa tragédia que acabou na morte de milhares de inocentes, entre eles, seu pai adotivo e sua mãe, que o gerou.

— O quê?! Você está dizendo que os ataques de 11 de setembro ocorreram por minha causa?!

— Não exatamente só por sua causa, mas também. Os Illuminati, que são os olhos de Enlil na Terra, são os homens mais poderosos do planeta. Dois deles são híbridos, ou seja, um cruzamento de um Anunnaki com um humano. Isso permite que vivam aproximadamente 500 anos. Esses homens são donos de bancos internacionais, indústria de armas e petróleo. São os mais ricos do mundo, mas como sua riqueza está escondida em empresas de fachada, não figuram nas listas das maiores fortunas. Por exemplo, essas listas divulgam, atualmente, que o mais rico homem da Terra é Bill Gates, fundador da Microsoft. Mas Bill Gates não tem sequer um terço da fortuna de um

desses Illuminati. Imagine se juntarmos a fortuna dos treze homens que lideram os Illuminati, que são os olhos de Enlil na Terra. A seita controla governos, empresas, faz guerras, mata presidentes. Arquitetou o onze de setembro, pois sabia que os Estados Unidos entrariam em guerra contra os possíveis responsáveis. Os Illuminati venderiam mais armas e, depois que tomassem certos territórios, teriam muito mais petróleo. Assim, bolaram uma maneira de uma empresa localizada no WTC contratar seus pais e criar um espaço para que levassem o filho ao trabalho. Bastou isso para colocarem você em um cenário que poderia ter causado a sua morte. O primeiro avião deveria ter atingido o seu andar. Felizmente, o piloto terrorista era inexperiente; caso contrário, você teria morrido. Aliás, você morreu, mas ressuscitou logo depois.

— Até hoje não sei como eu saí daquele prédio. Tenho pesadelos com isso até hoje e só me lembro de segurar minha mãe, toda coberta de sangue.

— Sabemos que uma amiga da sua mãe, quando fugia, viu você caído. Tomou-o no colo e começou a descer as escadas. Nesse momento, dois soldados nossos subiam para tentar salvá-lo. Deram de cara com essa amiga. Eles o pegaram, em um dos andares, se trancaram em uma sala e se teletransportaram para a rua detrás dos prédios, porque era perto de onde se encontrava uma nave nossa; caso contrário, não teria sido possível o teletransporte. Infelizmente, a amiga de sua mãe também não sobreviveu ao ataque e, se meus soldados não estivessem subindo atrás de você e dessem de cara com ela, você também não estaria vivo.

— Meu Deus, não acredito que esses homens foram capazes de fazer isso! Como eles tiveram coragem, Galzu?

— David, se acalme. Você ainda não sabe da metade do que eles já fizeram. As duas Grandes Guerras Mundiais, quem você acha que

arquitetou? Quem você acha que era Hitler? Em breve, aos poucos, vou revelar ainda muitas e muitas coisas... Uma coisa que você precisa saber: Satanás voltará para este mundo exatamente no dia 21 de dezembro de 2012. Ainda não conseguimos descobrir como isso vai acontecer. A última pessoa que tentou descobrir, um presidente dos Estados Unidos, foi morta, quando tentou ter acesso a essas informações.

— O governo está envolvido nisso?

— Sim. Na verdade, existe um governo dentro do governo, controlado pelos Illuminati. Eles são os únicos que sabem como Satanás voltará. Já tentamos infiltrar agentes nesse governo interno, mas nunca conseguimos nada. Mas sabemos que a volta de Enlil é inevitável. Se não for em 2012, será em outro momento. Creio que seja até bom que ele volte, assim podemos acabar com isso de uma vez por todas.

— Uma guerra contra Satanás?

— Sim. Essa guerra os humanos chamam de *Armagedom*. E será inevitável.

— Galzu, nem sei o que dizer. Espero que esse tempo de instabilidade acabe um dia. Espere um minuto: essa data, 21 de dezembro de 2012, não é a última do calendário Maia?

— Sim e não é coincidência. Na verdade, essa data foi estabelecida pelos Olmecas, a primeira civilização mesoamericana que deu origem aos Maias, Astecas, Incas. Quem criou essa civilização foi ninguém mais ninguém menos que Ningishzidda, filho de Enki. Foi Ningishzidda quem ajudou a descobrir os cálculos que os filhos de Enlil fizeram para tirá-lo do exílio. Como uma forma de alertar seu povo do que aconteceria no futuro, uma vez que ele iria voltar para Nibiru, estipulou o fim do calendário nessa data. Na verdade, Ningishzidda explicou para

os Olmecas que, após essa data, o mundo passaria por grandes transformações, o que é verdade. Haverá um grande período de tormenta e guerras e, depois disso, os humanos que foram bons em sua vida serão levados a Nibiru. A Terra passará por catástrofes que acontecerão devido à aproximação de Nibiru do planeta, mas essa aproximação será mais tarde. Depois que as catástrofes findarem, os humanos salvos serão trazidos de volta à Terra e você, ao lado de Jesus, irá liderar a raça humana e levá-la a um novo patamar de evolução. Devo levá-lo a seu planeta, agora. Em breve, farei contato novamente. Vá para os Estados Unidos e inicie sua missão de lá. Coloque esse anel em seu dedo: quando sentir que corre perigo, aperte a pedra verde. Ele também servirá para que pessoas pertencentes a nossa ordem possam identificar você e ter a certeza de que não é um impostor. Colocamos ainda um localizador em você, ou seja, podemos encontrá-lo em qualquer parte da Via Láctea. Adeus, querido David, boa sorte e que a força esteja com você.

Galzu entregou a David o anel de ouro com a inscrição de um disco no meio, e asas presas a esse disco. Em seu centro, via-se o desenho de uma espécie de árvore em que se entrelaçam duas serpentes, lembrando a dupla hélice do DNA. No topo da árvore, uma pequena pedra verde.

— Obrigado, Galzu – disse David, dando um forte abraço no Anunnaki.

A nave de Galzu começou a se movimentar e, em poucos segundos, ele e David chegaram à fazenda. Uma luz violeta saiu do centro da nave, em direção ao solo e, aos poucos, David foi descendo da nave até o chão. Quando sentiu seus pés tocarem a grama, ele olhou para cima e a nave já havia sumido. David sentou-se no chão, colocando a cabeça sobre os joelhos, fechando os olhos e respirando fundo. Ao levantar a cabeça, abriu os olhos, estava noite e começou a pensar: *Meu Deus,*

como eu queria que isso fosse só um sonho! Agora ele tinha muita responsabilidade. O peso sobre suas costas era enorme. O fardo era pesado. Espero que eu consiga!



Capítulo 27

Brasil, 23 de dezembro de 2008 d.C.

David foi em direção a sua casa. Como não estava a cavalo, demoraria muito para chegar, entretanto não o deixaram mais perto do lar, uma vez que alguém indesejável poderia avistar as luzes da nave de Galzu. O rapaz estava a alguns quilômetros da casa, mas a caminhada faria bem. Ele poderia aproveitar para pensar em tudo o que havia presenciado e planejar os passos seguintes. A pedra verde, em seu anel, estava brilhando e foi se apagando aos poucos, conforme ele se afastava de onde a nave o deixara. Já era noite e, provavelmente, seus pais estariam se preparando para dormir. Ao se aproximar da casa, percebeu que todas as luzes estavam apagadas. *Não é possível, mamãe não costuma deixar as luzes apagadas.* Ele subiu as antigas escadas de madeira que davam acesso à porta da frente da casa. Ao chegar à varanda viu que havia um papel colado na porta e duas fitas de cor amarela e preta a bloqueavam. Estava escuro, David não conseguiu ler o que estava escrito no papel, por isso, levou-o até o lado de fora da varanda para que pudesse ler o papel à luz da lua: *Cena de Crime – Proibida a entrada sem autorização. Polícia Civil de Assis-SP.*

Meu Deus, o que aconteceu aqui?! Onde estão meus pais?! David arrombou a porta com um só pontapé e entrou na casa, correndo, desesperado. Acendeu as luzes e, logo que a sala se iluminou, viu uma enorme mancha de sangue no assoalho da sala. Ele começou a chorar e caiu de joelhos, tentando entender o que havia acontecido. Percorria a casa apressado, tentando encontrar algo que lhe desse uma pista sobre o que acontecera ali. Subiu e desceu as escadas, foi correndo até o celeiro e percebeu que todos os animais não estavam mais lá. Correu até a garagem e uma caminhonete velha ainda estava lá, os demais carros tinham sumido. Ele ligou a caminhonete e dirigiu-se à cidade, em disparada. Em poucos minutos, já estava na delegacia. Deixou a caminhonete na rua e voou para a delegacia.

— Por favor, preciso falar com o delegado, encontrei isso na porta da minha casa. Onde estão meus pais?! — indagou David, desesperado e nervoso.

— Calma, rapaz, você vai ter um infarto. Acalme-se e podemos conversar.

— Não posso me acalmar antes de saber onde estão meus pais!

— Diga-me, onde fica sua casa?

— Fazenda Beija-Flor — respondeu, rápido.

— Meu Deus, você deve ser o Davi!

— Sim, sou eu. Diga logo o que está acontecendo!

— Garoto, sente-se aqui, vou lhe dizer o que aconteceu... Dois dias atrás, um fazendeiro vizinho foi até a sua casa para conversar com seu pai. A porta da casa estava aberta e ele encontrou seus pais mortos na sala.

— Mortos?! Como assim, mortos?! Não pode ser!

— Foi um assassinato brutal, o pior que já aconteceu na história da nossa cidade. Eles foram decapitados, foi horrível. Saiu nos jornais do

mundo inteiro. Inclusive, suspeitávamos de que os assassinos de seus pais tivessem sequestrado você, pois dias antes seus pais vieram até aqui reportar o seu desaparecimento. Onde você estava?

David não escutou mais nada, depois da palavra *decapitados*. Ele estava praticamente em estado de choque. Sua cabeça estava girando e ele já podia imaginar quem havia feito aquilo. Provavelmente, seus inimigos foram a sua procura e mataram seus pais por não terem informado onde ele estava.

— Isso não pode estar acontecendo comigo, é um pesadelo.

— Davi, nos diga: onde você estava esses dias todos?

— Eu... eu estava viajando. Sai de viagem e não avisei ninguém pois, se tivesse avisado, meu pai não deixaria eu ir.

— Entendo. Você tem ideia de quem possa ter feito isso com seus pais?

— Tenho. Quer dizer... Não tenho.

— Tem ou não tem?

— Não, não tenho. Ninguém faria isso com eles, todo mundo gostava deles – respondeu David, aos prantos.

— Estamos trabalhando com a hipótese de que pode ter sido algum concorrente no ramo do café, afinal, vocês são os principais produtores da região e, segundo testemunhas, isso estava incomodando muita gente.

— Não sei... Eu preciso ver meus pais.

— Impossível, eles já foram cremados. A família os levou até São Paulo para a cremação.

— E onde estão todos os animais?

— Estão com o fazendeiro vizinho. Ele está cuidando dos bichos até que seus tios se recuperem do choque e possam retomar a lida na fazenda. Aliás, precisamos avisar a seus tios de que você está bem.

— Espere, você disse que meus pais vieram aqui dias atrás reportar que eu havia desaparecido?

— Exato.

— E o que vocês fizeram?

— Colocamos sua foto e seus dados no cadastro nacional de pessoas desaparecidas. Seu pai foi à televisão para divulgar o seu desaparecimento, pagou uma nota preta para uma rede de TV nacional. Sua foto apareceu em todo o Brasil. Quanto às mortes, não sei como não soube delas antes, pois foram notícia no Brasil e no mundo. Inclusive, a mídia marrom divulgou que você mesmo teria tirado a vida de seus pais e desaparecido para ficar com a herança.

Meu Deus, então foi assim que eles me descobriram aqui, devem ter me reconhecido pela foto na televisão e vieram atrás de mim. É tudo minha culpa! – pensou David, enquanto andava de um lado para o outro.

Preciso sair daqui, eles devem estar a minha procura.

— Eu vou voltar *pra* fazenda. Depois aviso meus tios.

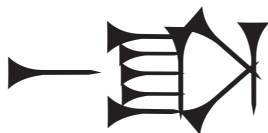
— Garoto, você tem certeza? Precisamos que você volte aqui amanhã para tomarmos o seu depoimento oficialmente, quando você estiver mais calmo.

— Está bem. Se puder, amanhã eu volto – respondeu David, que saía da delegacia.

David subiu na caminhonete, fechou a porta e começou a gritar e a chorar, desesperadamente. Mais uma vez, ele havia perdido seus pais. Ele estava muito triste com tudo o que havia acontecido com seus pais; contudo, mesmo assim, não conseguia sentir raiva de seus inimigos. Sentia pena. Não queria vingança. Era um sentimento estranho, que nunca havia sentido antes. Depois de alguns minutos

para se acalmar, ele enxugou as lágrimas, ligou a caminhonete e rumou em direção à fazenda.

Vou dormir um pouco e parto amanhã para os Estados Unidos. Isso tem que acabar.



Capítulo 28

Nova Iorque, 26 de dezembro de 2008 d.C.

David desembarcou, às 19h, no aeroporto internacional John F. Kennedy. Ele tentou entrar nos Estados Unidos com seu passaporte original, com o nome de David Griffin. Os homens que o deixaram no Brasil, no dia 12 de setembro, entregaram para sua mãe seus documentos, passaporte, identidade e certidão de nascimento. David havia encontrado os documentos alguns anos antes, enquanto fuçava nas coisas de seu pai. O passaporte estava vencido, mas provavelmente isso não o impediria de entrar em seu país. Ele entregou o passaporte para uma atendente, que reparou imediatamente na validade do documento.

— Senhor, o seu passaporte está vencido — disse a atendente, enquanto folheava as páginas do documento. — E tem mais uma coisa: como o senhor está retornando do Brasil, se não existe registro de sua ida para esse país?

— Quando eu saí dos Estados Unidos, me levaram em um avião particular, creio eu. Por isso não há registro.

— Entendo, só um minuto que vou chamar o meu supervisor.

A mulher, uma senhora negra e rechonchuda, apertou um botão vermelho ao lado do computador. Em menos de vinte segundos, um engravatado chegou para saber o que estava ocorrendo, afinal, não era comum que ele fosse chamado.

— O que houve?

— Esse moço está com o passaporte vencido e não temos registro de sua ida a outro país. O documento está em branco.

— Senhor David, o senhor possui alguma outra identificação?

— Sim, claro. Tome – David entregou ao homem ruivo o seu *social security*.

— Senhor David, por favor, me acompanhe.

O homem levou David até uma pequena sala, utilizada para interrogar possíveis imigrantes, pessoas que tentavam entrar no país com visto de turista, ou até mesmo, com documentos falsos.

— Por favor, aguarde nessa sala, enquanto analisamos o seu documento.

David estava tranquilo. Aquilo já era previsto. E sua intenção maior era que os inimigos soubessem que ele estava entrando no país; por isso, não usou documentação brasileira.

O homem digitou no sistema o número de identificação e o computador trouxe a mensagem: FALECIDO.

— Falecido?! Como pode ser?! Deve ter alguma coisa errada, a foto do sistema é a mesma no documento e é de fato do rapaz – o homem ficou espantado e ligou no ramal do diretor do aeroporto.

— Diretor, estou com um caso muito estranho. Um rapaz está tentando entrar no país, com um passaporte em branco, mas no sistema consta que ele está morto.

— *Morto? Como um morto pode aparecer com um passaporte em branco? Deve ter alguma coisa errada. Checou a foto do rapaz?*

— Sim, foi a primeira coisa que fiz. A foto do sistema é a mesma do passaporte e pertence, de fato, ao rapaz.

— *Aguarde que já estou indo até aí.*

Em poucos minutos, o diretor entrou na sala onde o oficial fazia a checagem.

— Deixe-me ver isso – o diretor começou a checar e conferir as informações. – Não sei o que pode ser, mas é muito estranho.

— Senhor, ele informou que saiu do país em um avião particular; por isso não há registro da entrada dele no Brasil, que é de onde ele veio.

— Isso é o que menos me preocupa, o que me preocupa é ele estar morto. Ligue para o FBI, peça para virem aqui imediatamente.

O oficial ruivo ligou para o FBI, relatando o caso. O FBI solicitou o número do documento de David.

— *Senhor Johnson, no meu sistema consta que essa pessoa morreu nos ataques de 11 de setembro. Ele estava em um dos prédios.*

— Mas ele não morreu, pois eu o estou vendo pela câmera neste exato momento.

— *Mantenha-o detido. Estou enviando alguns agentes para averiguar isso, em poucos minutos, eles estarão aí.*

Quarenta minutos depois, dois agentes do FBI adentraram o escritório do aeroporto, onde o diretor e o oficial de imigração os aguardavam. Os agentes foram levados até David, entretanto apenas um entrou para interrogá-lo. O outro analisava de fora, pela câmera, junto com o diretor do aeroporto.

— Boa noite, senhor Griffin. Eu sou o agente especial Carlson, do FBI.

— Boa noite. Gostaria de saber até quando será necessário esperar. Estou cansado e gostaria de ir para um hotel.

— Senhor David, consta em nosso sistema que o senhor está morto. Poderia me explicar como isso é possível?

— Sim, posso explicar. Após os ataques de 11 de setembro, fui levado ao Brasil, em um jato particular. Eu estava em uma das torres, que foi atacada e conseguiram me salvar. Fiquei no Brasil até agora e estou voltando. Por isso, pensaram que eu havia morrido. Foi tudo um mal-entendido.

— Sei, mas... por que o senhor foi levado para outro país? E por que o senhor não deu entrada no Brasil?

— Eu corria o risco de morrer. Algumas pessoas queriam me matar, não sei bem o porquê. Por isso, uns amigos da minha mãe me esconderam no Brasil até a poeira baixar. E, como eu sumi depois dos ataques, vocês me deram como morto.

— Entendi. E quem são essas pessoas que queriam matar você e por que queriam fazer isso?

— Não sei, eu era muito pequeno e não me lembro.

— E por que só agora o senhor está voltando para os Estados Unidos?

— Porque agora não estou mais ameaçado e este é meu país, certo?

— Bom, não sei o que dizer. Para os Estados Unidos, o senhor está morto. O senhor terá que contratar um advogado para conseguir uma liminar, permitindo sua entrada no país, até que o problema seja resolvido. Ressuscitar uma pessoa não é tão simples.

— Até lá, o que eu faço?

— Até lá, o senhor ficará detido. Como isso nunca aconteceu, não sabemos ao certo como proceder.

— Não posso ficar detido, sou um cidadão americano. Não tenho culpa de darem por morta uma pessoa sem ao menos ver o corpo dela. Se vocês não têm um corpo, não estou morto; e sim, desaparecido.

— Não é bem assim. Como existem registros de que o senhor estava em uma das Torres do *World Trade Center*, no momento do ataque, nunca mais sendo visto depois disso, automaticamente foi dado como morto. Inclusive, consta aqui em sua ficha que seu avô confirmou que o senhor estava no prédio e que teria morrido no ataque junto com sua mãe e seu pai.

— Mas, como pode ver, eu não morri.

— Sua família sabe que o senhor está vivo?

— Não, não sabe. Não sei se tenho família aqui ainda e, se tiver, não sei onde posso encontrá-los.

— Bom, nós sabemos. Seu bisavô é um homem importante, não será difícil trazê-lo aqui. Vou encaminhá-lo a uma sala mais confortável, com cama e banheiro, para que você fique mais à vontade. Vou pedir uma refeição, o senhor deve estar com fome. Vamos tentar localizar o seu bisavô e trazê-lo aqui para resolvermos isso.

— Tudo bem, agradeço sua gentileza – respondeu David se levantando.

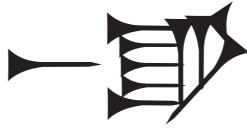
— Que história escabrosa! É necessário mantê-la em sigilo; caso contrário; a imprensa vai ficar doida. Vamos ligar para o senhor George Griffin, o bisavô do rapaz. Se o rapaz for mesmo quem diz ser, Griffin irá reconhecê-lo – disse o agente Carlson para os demais, enquanto pegava no telefone, para falar com seu superior.

— Senhor, o rapaz é bisneto do governador Griffin. Precisamos avisá-lo do que está acontecendo e trazê-lo até aqui.

— *Bisneto do senador Griffin? Como pode? Avise-o imediatamente. Mas diga apenas que é alguém tentando se passar pelo seu bisneto, não o deixe preocupado, dizendo que a história do rapaz*

é convincente. Só utilize esse argumento, caso ele não queira ir ao aeroporto.

—Sim, senhor. Já estou ligando. Até logo.



Capítulo 29

Nova Iorque, 26 de dezembro de 2008 d.C.

O governador de Nova Iorque, George Griffin, estava em sua cobertura em Manhattan, onde havia passado o Natal com sua família. Geralmente, a família Griffin estendia as comemorações da data até o dia seguinte, continuando na casa. Já era noite e George estava na sala, com sua esposa, escutando um audiolivro próximos à lareira, enquanto alguns netos corriam, pelo enorme apartamento e os adultos jogavam pôquer à beira da piscina. Quando menos esperava, seu mordomo John entrou correndo pela sala, com o telefone sem fio na mão.

— Sr. Griffin, ligação urgente para o senhor, se identificou como agente do FBI.

— Do FBI, a esta hora? Será uma nova ameaça de ataque? Obrigado, John, deixe que eu atendo.

— Governador Griffin falando.

— *Senhor governador, aqui é o agente especial Carlson do FBI. Peço desculpas por incomodar o senhor a esta hora.*

— Não se preocupe meu jovem, estou acostumado.

— *Senhor, um rapaz vindo do Brasil tentou entrar no país com os documentos de seu bisneto, David Griffin.*

— Meu bisneto?! David faleceu em 2001. Os documentos devem ser falsos.

— *Já verificamos os documentos, eles são verdadeiros. Nós sabíamos que seu bisneto era falecido; por isso, entramos em contato. Queremos averiguar a possibilidade de alguém ter tido acesso aos documentos dele, pois não constam em nossos registros que tenham sido roubados ou perdidos. O rapaz que está aqui tem não só o passaporte de David, mas também a identidade.*

— Meu Deus, segure-o aí! Estou indo imediatamente para o aeroporto.

— *Sim, senhor, vamos aguardá-lo na sala do Diretor do aeroporto.*

— O que houve, George? Você está pálido! O que foi? – perguntou a esposa, estranhando a feição de George, ao desligar o telefone.

— O agente do FBI disse que um rapaz está tentando entrar no país com os documentos do David.

— Do David? Impossível.

— Onde ficaram os documentos dele?

— Na época, pensamos que estava com a Sarah, na sala dela, na empresa. Quando trouxemos as coisas deles para nossa casa, os documentos de nosso bisneto não estavam. Você não está achando que é o David que está lá no aeroporto, está?

— Não sei, estou indo para lá. John, prepara meu carro. Vamos para o aeroporto imediatamente. Querida, não diga nada a ninguém, principalmente, ao Thomas. Espere eu verificar o que está acontecendo de fato.

O carro do governador mal terminou de parar na entrada do aeroporto e o homem já pulava pela porta do veículo. John se virou para falar com o chefe, contudo o governador já entrava apressado no lugar. Atrás dele vinham dois seguranças. Em poucos minutos, Griffin já estava em frente à porta da sala do diretor. Como todos os guardas reconheceram o governador e viram sua pressa, ninguém se atreveu a pará-lo para saber o que desejava. Ele abriu a porta da sala, sem bater.

— Onde está o garoto?

— Boa noite, governador, sou o agente especial Carlson e esse é o diretor... – mal completou a frase e George já o interrompeu.

— Agente Carlson, me leve ao garoto imediatamente, depois conversamos.

— Sim, senhor. Por aqui.

Eles pegaram o elevador e chegaram até um corredor com algumas portas.

— Governador, ele está nesse quarto. Gostaria de vê-lo antes pelas câmeras? – perguntou o agente do FBI, apontando para uma das portas do extenso corredor.

— Não, vou entrar. Por favor, esperem aqui fora.

— O senhor é quem manda.

O governador soltou um longo suspiro, com uma pitada de esperança. Sua expectativa era que, por algum milagre, David tivesse sobrevivido e estivesse desaparecido, durante todos esses anos, talvez, sequestrado ou por ter perdido a memória. Lentamente, girou a maçaneta da porta e foi entrando. No fundo de um outro corredor, avistou uma cama, duas poltronas e uma televisão ligada no canal do tempo. George começou a se aproximar lentamente, tentando enxergar alguém.

— Olá, tem alguém aí? – disse o governador, avançando. Quando menos esperava, a poltrona deu um giro de 180 graus em sua direção.

— Somente eu – respondeu David.

O governador olhou direto nos olhos do garoto. Não podia acreditar no que estava vendo. Instantaneamente, lágrimas começaram a rolar por sua face.

— Meu Deus, não pode ser... David, é você mesmo?! – disse George.

David havia crescido muito, todavia seu rosto e seu olhar eram inconfundíveis.

— Sim, sou eu. E o senhor é...?

— David, sou eu, seu bisavô George. Não se lembra de mim?

— Meu bisavô? Ahn... Acho que me lembro sim, não sei bem. Minhas lembranças estão meio confusas, mas o senhor não me é estranho – respondeu David, emocionado com o fato de seu bisavô tê-lo reconhecido e estar chorando pelo reencontro. Mal terminou a frase e também começou a chorar.

— Venha cá, meu filho, me dê um abraço – replicou o governador, puxando David pelo pescoço e abraçando-o fortemente durante um longo tempo. – David, me diga onde você estava todo esse tempo? Achávamos que você havia morrido nos ataques de 11 de setembro.

— Também não sei, só me lembro de que, durante o incêndio no prédio eu estava tentando salvar minha mãe debaixo dos escombros. Depois disso, acordei dentro de um carro em uma estrada e dois homens disseram que estavam me ajudando. Já estávamos no Brasil, nesse momento. Eles me entregaram para uma família do país e desapareceram.

— Meu Deus, como isso pode ter acontecido?! Você conseguiu se salvar e anjos devem tê-lo escondido. David, você já está com quase dezoito anos, você tem noção de quem você é de fato?

— Senhor George...

— Pode me chamar de vovô.

— Está bem, preciso me acostumar. Vovô, eu já sei de tudo.

— Sabe de tudo? Sabe de tudo o quê?

— Sei que sou um clone de Jesus Cristo.

George se espantou.

— E como ficou sabendo disso?

— Alguns meses atrás, fui levado por uma nave e um ser, chamado Galzu, me explicou tudo. Viajamos no tempo. Ele me mostrou quem eu era, como e por que Jesus foi criado; como a humanidade foi criada e qual é a minha missão na Terra. Falou também sobre o senhor, que é descendente de Jesus e que protege o segredo, e também o sangue de Jesus, que seria usado para a minha criação.

George ficou ainda mais espantado e se lembrou de que estavam sendo gravados.

— David, vamos sair daqui. Vamos para minha casa, vou cuidar de você e colocamos a conversa em dia. Temos muito sobre o que falar. A família toda ficará maravilhada em vê-lo. Pegue suas coisas.

George e David saíram do cômodo e, subitamente, o agente Carlson e seu parceiro apareceram, vindos da sala ao lado, onde monitoravam a conversa.

— Senhor governador, não posso deixar que leve o rapaz. O senhor vai precisar que um juiz o libere.

— Senhor Carlson, creio que o senhor esqueceu com quem está falando. Se quiser, eu ligo agora mesmo para o Diretor do FBI e digo que o senhor está querendo me impedir de levar o meu bisneto para casa.

— Desculpe, governador, só estou cumprindo o meu dever. Tudo bem, o senhor é quem manda. Depois resolvemos isso.

— Mais uma coisa, senhor Carlson, preciso da fita em que está gravada a conversa com meu neto.

— Mas, governador...

— Vovô, não se preocupe, o que conversamos já se tornará público a partir de agora. Deixe que eles fiquem com a fita, não servirá de muita coisa – disse David, colocando a mão sobre o ombro de seu bisavô.

— Tem certeza, David? Se fizermos isso, você será perseguido – cochichou George ao ouvido de David.

— Sim, tenho certeza, e já sei de todos os perigos. Mas essa é minha missão.

— Bom, se você está dizendo... Senhor Carlson, se quiser peça ao seu chefe para ligar no meu gabinete amanhã, caso ele queira saber alguma coisa sobre o meu bisneto. Mas não creio que ele se preocupará com isso.

— Sim, senhor Governador, eu o aviso.

— Vamos David, você deve estar cansado. Vamos para casa.

George e David subiram um andar pelos elevadores. Eles saíram no saguão principal do aeroporto, onde os seguranças do governador o esperavam. Como era época de Natal, aquele lugar estava abarrotado de pessoas, andando para um lado e para outro, com malas e carrinhos nas mãos. O aeroporto estava um caos, porque uma nevasca havia atrasado inúmeros voos. Quando caminharam alguns metros, David avistou uma menina de uns doze anos de idade. Estava sentada com seus pais nos bancos de espera do saguão. A menina estava em uma cadeira de rodas, era tetraplégica, só conseguia mexer a cabeça e alguns dedos da mão, mas observava, com olhar meigo, o vaivém de pessoas desesperadas e sempre apressadas. A cena daquela menina linda e loura, naquela situação, estática, enquanto suas irmãs brincavam na frente dela, apertou o coração de David. Os

da menina repararam que David estava olhando muito para a filha e que esse diminuiu o passo quando a viu. Como instinto de defesa, pensando se tratar de mais um preconceituoso, os pais da garota logo questionaram:

— Por que você tanto olha para nossa filha, nunca viu uma criança assim na vida? O que você quer? — disse o pai da garota, fazendo David parar de andar e caminhar lentamente em sua direção.

George parou onde estava e só ficou observando a cena.

— Desculpe, meu senhor, é que senti que sua filha é uma pessoa com um grande coração. Olá, garotinha, qual o seu nome? — perguntou David, enquanto se ajoelhava para ficar da mesma altura que a garota.

— Meu nome é Emy, e o seu?

— Eu sou o David. Muito prazer, Emy. Você é muito bonita, sabia?

— Obrigada. Você também é muito bonito.

— Imagina, são seus olhos.

Os pais da garota ficaram sem jeito com a atitude de David. Todos que passavam, fitavam a menina com olhar de desdém ou fingiam que era invisível. Ao contrário de David, que se aproximou para conversar. Perceberam ter sido injustos com ele.

— Emy, me diga uma coisa, você é feliz?

— Sim, sou muito feliz — respondeu, timidamente.

— Você acredita em Jesus Cristo?

— Sim, Jesus Cristo é nosso salvador.

— Se eu lhe disser que Jesus Cristo pode curá-la, tirando-a desta cadeira de rodas, você acreditaria em mim?

— Ei, garoto, espere um minuto, você não pode falar uma coisa dessas para minha filha. Vai dar falsas esperanças a ela. Já temos problemas demais, por favor, saia daqui — disse o pai da garota, levantando-se.

— Calma, querido, deixe-o conversar com ela. Ele estava falando sobre Jesus, pode ser bom para a autoestima dela – replicou a mulher, que segurava o marido.

— Desculpe, senhor, fique tranquilo, que não farei mal a sua filha. Só quero ajudá-la.

— Então, Emy, você acredita que Jesus pode fazer você se curar?

— Sim, acho que, se tem alguém que pode me curar, esse alguém é Jesus. Mas não me preocupo com isso, sou feliz da maneira que sou e existem pessoas que precisam mais do que eu.

— É exatamente por você pensar assim que você merece ser curada.

O pai da garota não estava se contendo, estava prestes a pular no pescoço de David.

— Posso fazer uma oração por você, Emy? Posso colocar minhas mãos sobre você?

— Claro que sim.

David colocou a mão direita na cabeça de Emy; e a esquerda sobre o peito dela. Fechou os olhos e começou a se concentrar, como se estivesse orando em pensamento.

— Pronto, daqui a pouco, você já poderá brincar com suas irmãs.

— Não entendi.

— Daqui a pouco, você vai se levantar e brincar com suas irmãs.

— Eu vou me curar?

— Sim, dentro de alguns minutos, você estará curada.

David deu dois passos para trás. O pai de Emy, vendo que aquele estranho havia recuado, acalmou-se. David sorriu para Emy e, no momento em que ela começou a retribuir o sorriso, sentiu-se estranha e lançou um olhar assustado para sua mãe, que não entendeu o que estava acontecendo.

— Mamãe, meu corpo está formigando, estou me sentindo estranha. — disse Emy para sua mãe, que percebeu seus dedos se mexendo mais do que o normal. — Mamãe, socorro, me ajuda! Está doendo!

— O que você fez com minha filha, seu maldito?! — gritou o pai, enquanto ia na direção da filha para tentar ajudar.

— Não se preocupe, são os ossos e os músculos dela se formando — retrucou David.

Os ossos e os músculos de Emy se reconstituíam. Anos e anos de ossos e músculos atrofiados estavam se transformando em questão de segundos. Como Emy estava com muitas roupas, devido ao frio, não era possível ver o que estava acontecendo de fato.

— Ahhhh!!!!!! — Emy soltou um grito fortíssimo, que pôde ser ouvido em todo o aeroporto.

As pessoas que passavam pararam imediatamente, para ver o que estava acontecendo.

A garotinha loira começou a se debater, a gritar e a chorar. Seus pais se afastaram de medo. Estavam desesperados, gritando por um médico. De tanto se debater, a cadeira de rodas virou e Emy caiu. Ela continuou se debatendo, retorcendo-se de dor e gritando. Pouco tempo mais tarde, a pequena garotinha, de doze anos, parou de se debater, ficou apenas quieta no chão, olhando para as pessoas a sua volta, horrorizadas com a cena.

— Emy, olhe para mim. Sou eu, David.

O olhar de Emy dirigiu-se para ele.

Os pais, assustados, não queriam tocar a filha. Tinham medo de causar-lhe ainda mais dor.

— Emy, levanta agora mesmo, e anda — disse David, com uma grande energia na voz.

A garotinha novamente lançou um olhar assustado para a multidão, que já comentava ser o rapaz louco, por dizer uma coisa dessas para uma tetraplégica. Algumas pessoas filmavam a cena com o celular, rindo. A garotinha, após ouvir o que David havia lhe dito, apoiou uma das mãos no chão e foi erguendo seu tronco lentamente. Todos em volta de Emy estavam ficando perplexos com a cena. Os que riam, automaticamente, colocaram as mãos sobre suas bocas, de feições mudadas. Pouco a pouco, Emy ia se levantando. Os pais se aproximaram para ampará-la, quando viram que estava sem muito equilíbrio, pois nunca havia andado antes, nem ficado em pé. Conforme Emy se endireitava, com a ajuda dos pais, a multidão começou a se afastar. Alguns choravam de emoção. Outros, incrédulos, achavam tratar-se de uma peça de teatro ou uma pegadinha. Os pais começaram a chorar, junto com as outras duas irmãs de Emy, quando perceberam que ela começou a ensaiar os primeiros passos em direção a David.

— Meu Deus, é um milagre! Não estou acreditando! – gritou a mãe de Emy.

Ouviram-se gritos: *Milagre! Milagre!* As pessoas falavam entre si e contavam o que estava acontecendo para quem estava mais afastado, sem poder ver. O aeroporto John F. Kennedy parou. Rapidamente, a notícia havia se espalhado e todos queriam se aproximar de Emy e sua família. A escada rolante próxima ao local fora desligada, para que se pudesse observar a cena. A comoção era geral.

— Obrigada, David. Bem que você me disse que Jesus me curaria. Muito obrigada, muito obrigada mesmo! – Emy tinha lágrimas nos olhos e tentava caminhar, desajeitada, até David.

— Não precisa agradecer, Emy. Você merece. E não foi Jesus que a curou, mas sua fé e confiança no que eu disse.

— Meu rapaz, me desculpe por tê-lo julgado. Perdão, por favor – disse o pai de Emy, jogando-se aos pés de David.

— Meu senhor, não se preocupe. Creio que o senhor agora irá pensar duas vezes antes de julgar uma pessoa.

— Qual o seu nome, meu rapaz?

— Meu nome é David. Preciso ir. Por favor, cuide muito bem de sua filha, ela é muito especial.

— Obrigado David, obrigado mesmo! Deus te abençoe! Deus te abençoe! – a emoção não cabia dentro do pai de Emy.

David virou as costas e seguiu na direção de George, que estava com lágrimas nos olhos. Conforme andava, a multidão abria passagem para ele, alguns queriam tocá-lo. Em poucos segundos, palmas começaram a ecoar pelo saguão. Todos batiam palmas para David, gritando e assoviando.

David Griffin havia iniciado ali sua missão. Nem ele acreditava no que acabara de acontecer. Seu feito agora seria levado para o mundo todo. As pessoas fariam de David para sempre, como a segunda pessoa a realizar um milagre desse porte. Sua missão era fazer as pessoas acreditarem que ele vinha em nome de Jesus, salvá-las e prepará-las para a grande batalha final entre o bem e o mal e, posteriormente, para a volta de Jesus Cristo.



Capítulo 30

Nova Iorque, 26 de dezembro de 2008 d.C.

George e David subiram pelo elevador privativo do prédio onde ficava a residência da família Griffin em Nova Iorque. Antes de ir para casa, George passou em seu gabinete para apanhar alguns documentos que queria mostrar a David. O elevador, no qual subiram, parava dentro do apartamento e, quando se abria, já era possível avistar a sala e uma grande tela que George usava para assistir a filmes. Assim que o elevador chegou ao andar da cobertura, os dois viram toda a família reunida em volta da tela. Saindo do elevador, puderam ouvir a notícia dada pelo canal CNN:

Pessoas do mundo todo presenciaram hoje, há poucos instantes, um dos maiores milagres já vistos pelo homem. Uma garotinha, chamada Emy Stanford, de apenas doze anos de idade, tetraplégica desde os cinco, foi curada em poucos minutos por um rapaz identificado como David. Testemunhas filmaram o ocorrido e os pais da garota confirmam que ela era realmente tetraplégica, conseguia mexer apenas a cabeça e dois dedos da mão esquerda. Segundo outras testemunhas, o rapaz que supostamente fez o milagre foi

visto saindo do aeroporto com o governador de Nova Iorque, George Griffin. Várias versões da cena em vídeo foram postadas no Youtube e possuem juntas mais de dois milhões de visualizações no mundo todo. Emy Stanford foi levada às pressas para o hospital, de onde falará agora ao vivo a repórter Kelly Chapman.

— Kelly, alguma informação sobre o caso da menina Emy?

— Jack, o médico que examinou a menina acabou de dar uma entrevista coletiva. Veja o que ele disse:

— Emy está muito bem de saúde, mas digo que, se eu não tivesse acesso ao histórico médico dela, eu não acreditaria que se curou, pois a tetraplegia de Emy foi causada por um forte trauma na coluna. Segundo os exames realizados, a coluna vertebral de Emy não possui qualquer sinal de algum trauma antigo. Além disso, Emy sofria de diabetes tipo 1 e, até o momento, não foi detectado qualquer tipo de diabetes em seu sangue. Cientificamente falando, o que aconteceu é impossível e não existe nada comparado na história da medicina. Emy ficará em observação pelas próximas 24 horas.

— Doutor, o senhor acha que isso pode ter sido um milagre?

— Minha querida, sou ateu desde os doze anos de idade, mas digo que, se essa Emy é a mesma Emy do antigo histórico médico, então realmente foi um milagre.

— Jack, veja a aglomeração de pessoas que se formou para conhecer a menina. São dezenas de pessoas que querem ver a garota que foi curada. A polícia foi chamada para tentar conter as pessoas, que estão atrapalhando todo o trânsito em frente ao hospital. Por isso, é bom deixar claro que Emy não está recebendo visitas e que as pessoas devem ficar em casa. Não venham ao hospital para não atrapalhar

ainda mais o fluxo de carros e até mesmo de ambulâncias. Voltamos agora para os estúdios da CNN. É com você, Jack.

— Obrigado, Kelly, pelo jeito foi realmente um milagre o que aconteceu. O que nos intriga agora é por que o rapaz estava com o governador e o que teria acontecido com eles depois. Nossa equipe continuará investigando o caso e voltaremos a qualquer momento com mais notícias.

Quando a reportagem terminou, o avô de David, Thomas, escutou uma movimentação vinda do corredor e se virou para trás no mesmo instante. Ele ainda estava em choque com a notícia, quando o rapaz apareceu de repente.

— Meu Deus, David, é você mesmo?!

— Sim, sou eu, e o senhor é...?

— Sou eu, David, seu avô, Thomas...

— Olá, vovô, me lembro de você... — David mal terminou a frase e Thomas já o agarrou para um forte abraço.

Todos os familiares em volta começaram a chorar e também começaram a abraçar David, que estava sendo esmagado.

— Calma, gente. Deixem-no respirar. Vocês terão todo o tempo do mundo para abraçá-lo — disse George, tentando separar os familiares.

— David, como é possível que você esteja aqui? — questionou Thomas, emocionado.

David se sentou em uma das poltronas e todos a sua volta tomaram seus lugares para escutar o que ele tinha a dizer.

— David, pode nos contar tudo. Estamos em família, todos aqui conhecem sua história — disse George, tentando acalmar David, também emocionado por rever os seus entes queridos.

— A imprensa não para de ligar atrás de informações sobre você. Como viram vocês saindo do aeroporto juntos, querem saber quem é

você. Nunca acreditei de fato que Jesus havia feito aqueles milagres dos quais todos ouvimos falar, mas agora, com você fazendo a mesma coisa, não tenho mais dúvidas – disse Thomas.

— David, não se preocupe. Thomas sempre foi meio Tomé, precisa ver para crer – disse a avó de David.

— É claro, sou um cientista, trabalho em cima das análises de dados reais.

David passou algumas horas contando o que havia acontecido com ele desde os ataques de 11 de setembro até o episódio recente, em que foi levado por uma nave.

— O que podemos concluir de tudo isso, então, é que Jesus, na verdade, era um extraterrestre e que nós, humanos, somos híbridos, ou seja, uma mistura de DNA extraterrestre com DNA do macaco. Meu Deus, agora tudo faz sentido. Viu, pai, eu sempre disse que as histórias das diversas religiões eram muito fantasiosas. Os deuses antigos, na verdade, nada mais são do que seres de outro planeta, seres muito mais evoluídos do que nós – concluiu Thomas, maravilhado com tudo o que acabara de escutar.

— E agora, David, quais os próximos passos? – perguntou George.

— Agora preciso me revelar para o mundo. Dizer que sou um clone de Jesus e que estou na Terra para preparar as pessoas para a volta Dele, bem como para a volta de Satanás.

— Não, David. Se você disser que é um clone de Jesus vão saber que fui eu quem fez essa clonagem. Serei crucificado – replicou Thomas, eufórico.

— Não se preocupe, vovô, o ato da clonagem será apenas um detalhe perto de tudo o que está para acontecer. Ninguém o crucificará por isso, pelo contrário: você poderá até receber o prêmio Nobel por ter

feito a primeira clonagem humana do mundo e, ainda mais, por ter sido de Jesus Cristo.

— A primeira clonagem extraterrestre, você quer dizer.

— Isso mesmo, mas de espírito humano – respondeu David, rindo do comentário.

— Bom, pelo menos serei lembrado por isso para sempre.

— Vê George, vou precisar de alguém para me acompanhar, me ajudar com tudo. Vou começar a levar a mensagem para o mundo todo, preciso de alguém para me assessorar com a imprensa, marcar entrevistas, essas coisas.

— Claro, David. Iremos auxiliá-lo com tudo de que você precisa. Vou mandar providenciar agora dois seguranças para cuidar de você 24 horas por dia.

— Será que alguma televisão vai querer me entrevistar? – perguntou David.

— Não seja humilde, David, é claro que sim. Vamos formar uma equipe para acompanhá-lo e que cuidará de tudo. Todos os programas de televisão irão se matar para ter você como entrevistado.

— David, você consegue curar quantas pessoas quiser? – perguntou a avó do rapaz.

— Não, vovó, apenas aquelas com energia boa, pessoas boas de coração.

— E como você sabe quem são essas pessoas?

— Eu sinto a energia das pessoas, consigo identificar pessoas boas e pessoas más. Sempre possuí essa sensação, mas nunca liguei muito. Galzu me ajudou a usar esse dom. Mas não posso curar muitas pessoas por dia, apenas algumas. Sendo a cura nada mais que transferência de energia, promovê-la muitas vezes, em tão curto espaço de tempo,

me esgotaria. Pretendo usar minha energia em momentos estratégicos, locais de grande movimentação de pessoas. Não que eu queira me exhibir, mas se eu fizer o que chamam de *milagre* longe dos olhos das pessoas, ninguém vai acreditar. Minha missão, além de prepará-las para a volta de Jesus, é tentar transformar o coração daquelas que são más e trazê-las para o nosso lado. Isso é feito através da emoção, e a cura de pessoas ou até mesmo o fato de ressuscitar os mortos atinge o emocional delas, que passam a acreditar, a ter fé e, conseqüentemente, começam a me seguir e ter atitudes boas.

E David prosseguiu:

— O que vou lhes contar agora é muito importante: os seguidores de Satanás estão criando uma arma que irá dizimar quase toda a população do mundo. É uma arma biológica, um vírus que eles pretendem espalhar por toda a Terra. Os soldados de Enki, por sua vez, tentam evitar o extermínio da raça humana. Satanás voltará a este mundo, muito em breve, e tentará levar as pessoas para o lado dele. Ele será um grande líder, acabará com a fome de muitos lugares, irá apaziguar muitas guerras, mas por trás disso sua real intenção é fazer que as pessoas gostem dele e fiquem caídos por ele. Quando isso acontecer, ele terá escravizado parte da população e irá eliminar a outra parte. Provavelmente, teremos uma Terceira Guerra Mundial entre os países que apoiarão Satanás e os países que apoiarão Jesus. A Terceira Guerra Mundial é chamada na Bíblia de *Armagedon*. Essa guerra irá dizimar boa parte da população e Jesus voltará de Nibiru para trazer a paz aos homens. No entanto, teremos outro problema depois disso. Passadas algumas décadas, o planeta Nibiru estará muito próximo da Terra, o que causará grandes desastres naturais por aqui. Teremos milhares de *tsunamis*, vulcões entrando em erupção, descolamento do núcleo da

Terra – o que modificará os locais dos polos e, conseqüentemente, fará a vida na Terra, por um grande período de tempo, ser insuportável. Por isso, Jesus está preparando uma grande frota de naves para levar deste planeta todos os animais e também todas as pessoas boas. Minha pretensão é fazer os maus se tornarem bons, pois queremos salvar o maior número possível de seres humanos. Os cientistas de Enki, quero dizer, de Jesus, criaram um dispositivo capaz de medir a energia dos corpos. Quando as naves chegarem, saberemos através desse dispositivo quem é bom e será salvo e quem é mau, e será deixado na Terra para morrer. Na verdade, desde a primeira vinda de Jesus, o plano era exatamente esse: levar palavras de amor e bondade às pessoas, pedir que elas passassem a mensagem aos seus filhos e netos e convencê-las a serem boas, para serem salvas.

— Mas, David, e as pessoas que já morreram? – perguntou Thomas.

— O corpo humano é feito de energia. Quando ele para de funcionar, essa energia sai do corpo, fica vagando por um tempo na Terra e depois vai até um universo paralelo. Quando uma criança é gerada, ela precisa dessa energia para continuar se desenvolvendo e nascer. É aí que a energia que um dia esteve em outro corpo volta para a dimensão em que estamos. É o que todos conhecemos como reencarnação. A energia é como se fosse o espírito e carrega consigo tudo o que foi feito naquela vida: se a pessoa foi boa, a energia é boa; se a pessoa foi ruim, a energia é ruim. Resumindo: a energia é o espírito das pessoas. Muitas são más por natureza, ou seja, serão más em todas as vidas pelas quais passarem. Outras, dependendo do ambiente em que renascerem, podem se tornar pessoas boas, e então a energia se cura. Isso também é influência do ambiente em que vivem. Por exemplo, se uma criança é gerada por pais com energia boa, ela tende a atrair uma energia boa para si; o mesmo

acontece ao inverso: pais com energia ruim podem atrair uma energia ruim para sua prole. Mas são diversos os fatores que influenciam isso.

— E o que acontecerá depois que essas pessoas forem levadas por Jesus?

— Elas irão para Nibiru, que é conhecido aqui como céu. Lá passarão por um processo que as tornará quase imortais, ou seja, suas células não irão mais envelhecer, só irão morrer caso alguém as mate ou sofram um acidente. Essas pessoas passarão aproximadamente mil anos em Nibiru, que é o tempo que a Terra vai levar para se recuperar dos estragos. Depois disso, voltarão a este planeta novamente.

Todos na casa ficaram boquiabertos com o que David acabara de lhes revelar. Começaram a repensar a vida e um grande sentimento de amor tomou conta de todos eles, afinal, estavam fazendo parte de algo muito grande.

— Bom, gente, já está tarde, vamos deixar o David descansar. Amanhã será um dia muito cansativo. Durante o café nos reuniremos e continuaremos a conversa. Vamos bolar planos sobre o que fazer – disse George, fazendo que todos se levantassem e encaminhando David para um dos quartos de hóspede.



Capítulo 31

Mônaco, 27 de dezembro de 2008 d.C.

O banqueiro Benjamin Uggae estava em uma de suas mansões, em Mônaco, quando viu pela televisão a notícia do rapaz que havia feito um milagre. Subitamente deu um pulo da poltrona, como se não estivesse acreditando em seus olhos. Benjamin já era idoso, seu coração batia agora fortemente e seu braço começou a formigar. *Ah, não! Um enfarto logo agora!* – pensou, enquanto tentava se acalmar e revirava a gaveta de sua mesa à procura do remédio. Ele tomou duas pílulas, sentou-se vagarosamente na poltrona e aos poucos foi se recuperando. Depois de alguns minutos, já completamente recuperado, pegou o telefone sem fio de sua mesa e discou um número internacional.

— Arnold, você está assistindo ao noticiário?

— *Não, senhor Uggae, estou na rua.*

— O maldito garoto apareceu. Está aí no Estados Unidos e já cura pessoas para se aparecer.

— *Então era tudo verdade. De fato, o garoto é clone de Jesus!*

— E você tinha dúvidas? Como acha que ele sobreviveu aos ataques?

— *E agora, o que faremos?*

— Fique na cola dele. Provavelmente ele deve ter seguranças, além dos soldados de Galzu, que devem ficar vigiando de longe. Tome cuidado.

— *Que cidade, senhor?*

— Ele está em Nova Iorque. Vá para lá imediatamente. Esse maldito irá atrapalhar todos os nossos planos.

— *Sim, senhor, entrarei em contato, caso surja alguma novidade.*

Benjamin Uggae estava possesso. Se David atrapalhasse seus planos, ele poderia ser severamente punido. Afinal, seu pai o deixara incumbido de preparar tudo para o retorno de Enlil e a dominação da Terra. Com certeza, David era uma arma poderosa contra os projetos de sua família. *Se esse garoto não for detido, ele poderá atrapalhar nossos planos. Mas, pensando bem, posso usar isso contra Enki, contra Jesus. Jesus mesmo disse que vários viriam em seu nome como falsos profetas. Basta eu fazer com que esses humanos estúpidos acreditem que ele é um falso profeta. Preciso pensar em uma maneira de fazer isso... Já sei!*

Benjamin pegou o telefone e chamou um número com código de área do Vaticano.

— Aqui é Benjamin Uggae, gostaria de falar com o cardeal Félix.

O assistente passou a ligação para a sala do cardeal, que atendeu ao primeiro toque. Poucos tinham aquele número, se Benjamin o contatara, com certeza, ele era alguém muito importante ligado à Igreja Católica.

— *Pois não, cardeal Félix falando* – o cardeal falava italiano com sotaque alemão.

— Cardeal, aqui é Benjamin Uggae.

— *Sr. Uggae, a que devo a honra de sua ligação?*

— O senhor, por um acaso, assistiu aos noticiários recentemente?

— *Não vejo televisão, mas já fui informado do ocorrido. Achei mesmo que o senhor ligaria.*

— E não está preocupado?

— *Já enviamos um detetive para investigar a garota que foi curada. Acho que se trata de um charlatão, um golpe.*

— Não creio nisso. Mas estou ligando para que vocês tomem alguma providência. Minha ideia é que você faça o Papa ir a público e dizer que se trata de um falso profeta, como todos os outros. Faça de tudo para que a Igreja não reconheça esse milagre e nenhum outro que ele fizer. Não poupe esforços para acobertar tudo o que for feito pelo garoto.

— *Senhor Uggae, somos apenas dois cardeais, não creio que temos esse poder sobre o Papa. Podemos aconselhá-lo, mas a decisão final é dele. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance. E, por trás, também iremos mexer alguns pauzinhos para desacreditar esse milagreiro de araque, isso se ele aparecer novamente.*

— Cardeal Félix, acho que não fui claro o bastante. Faça o impossível para conseguir desacreditar esse rapaz. Faça com que o Papa o apoie, caso contrário, Sua Santidade terá o mesmo fim de Albino Luciani, que não quis obedecer as ordens dos Illuminati. Estarei acompanhando de perto as ações da Igreja, espero não me decepcionar com o senhor. O senhor sabe o que acontece, quando alguém me decepciona, não é mesmo?

O cardeal começou a suar frio e a gaguejar:

— *Sr. Uggae, po...por favor, entenda mi...minha posição. Estou disposto a dar minha vida pela ordem, mas não tenho como fazer além do que está em meu poder, pelo menos não oficialmente. Farei tudo o que estiver ao meu alcance. Não oficialmente, é claro.*

— Acho bom. Tenho viagem marcada ao Japão. Estou indo amanhã e volto dentro de duas semanas. Assim que chegar ligo novamente para

saber o que foi feito. Se for necessário, retiramos esse Papa do poder e colocamos você no lugar dele.

— *Entendi tudo, meu senhor. Vou agir desde agora. Até logo.*

Os cardeais Félix e Everaldo eram dois membros dos Illuminati, infiltrados na Igreja Católica. Na verdade, os Illuminati possuíam membros em quase todas as instituições importantes do mundo. Muitos já foram Papas e não custaria a Uggae eliminar o atual cabeça da Igreja e fazer um dos cardeais de sua ordem tornar-se um novo líder. Seu método era o da intimidação. Para que a vontade dele fosse cumprida, bastaria mandar um recado aos demais cardeais, informando que deveria ser eleito um novo Papa, e depois matar um membro da família de cada cardeal. Benjamin Uggae fora responsável pela morte de Albino Luciani, o Papa João Paulo I, que ficou no poder apenas um mês. Como Albino não quis acatar as ordens de Benjamin Uggae, não demorou muito para que ele fosse morto. No entanto, como a Igreja Católica estava perdendo influência com o passar dos anos, Uggae havia muito não solicitava algo da Igreja, até agora. Com a ajuda da instituição descreditando os *milagres* de David, Uggae ainda teria uma chance, até que fosse chegada a hora da libertação de Enlil. E essa hora estava muito próxima.



Capítulo 32

Estados Unidos, 27 de janeiro de 2009 d.C.

Era uma terça-feira e, até então, David havia ficado recluso na casa de seu bisavô, em Nova Iorque. Estava se preparando para se apresentar formalmente a todo o mundo e decidiu que a melhor maneira de fazer isso seria por meio de entrevistas em canais de televisão e em outros meios de comunicação. David possuía convites do mundo todo, entretanto preferiu conceder sua primeira entrevista ao programa de Oprah Winfrey, mulher que ele admirava e junto à qual sentia uma energia boa. Somado a isso, havia o fato de ter o programa dela uma das maiores audiências do planeta. David sabia também que muitos programas o convidaram para testá-lo ou, até mesmo para zombar do que havia acontecido, todavia não era o caso de Oprah.

David chegou cedo ao estúdio de TV, acompanhado de seu avô Thomas. Logo na entrada, uma multidão o aguardava. Pessoas de todos os lugares queriam ver David. Elas estavam alvoroçadas para ficarem próximas a ele. Assim que Thomas e seu neto adentraram o prédio, foram recebidos pela produção do programa e encaminhados a um aconchegante camarim. Poucos minutos depois, uma das produ-

toras chamou David para subir ao palco. Seu avô deveria ficar sentado na primeira fila do auditório.

Oprah dizia:

— Os vídeos dele tiveram mais de dois bilhões de acessos no mundo todo. O vídeo no qual ele aparece curando uma tetraplégica comoveu pessoas ao redor do globo. Recentemente, descobrimos que esse garoto, de apenas dezessete anos de idade, é bisneto do governador de Nova Iorque, George Griffin. Vou chamar até aqui, David Griffin!

David atravessou o palco cabisbaixo, tímido e humilde como sempre. No telão, atrás da apresentadora, passava o vídeo que o mostrava curando a menina Emy.

As pessoas na plateia se levantaram para aplaudir a entrada de David. Mesmo tentando acalmar a audiência, as produtoras não conseguiam conter as palmas, que seguiram por mais de dois minutos. Muita gente chorava.

— Olá, David. Seja muito bem-vindo e obrigada por aceitar o meu convite – Oprah deu um abraço apertado em David.

— Obrigado, senhora Oprah, sou eu que agradeço o convite.

— Pode me chamar de você.

— Tá legal. Obrigado, Oprah – David abriu um largo sorriso, o gelo já havia se quebrado.

— David, me conte, o mundo todo está curioso para saber como você conseguiu curar aquela garota e se foi você mesmo quem a curou. As pessoas estão divididas e, até mesmo a Igreja Católica, se manifestou. Disse que investigou o caso e que não encontrou evidências de um milagre.

— Oprah, gostaria de aproveitar este espaço para fazer algumas revelações que podem chocar as pessoas do mundo todo. Boa parte delas, talvez, não acredite no que vou dizer.

— Por favor, David, o espaço é todo seu. Pode revelar o que você quiser.

— Bom, como alguns sabem, meu avô, que está sentado ali na primeira fila, é um grande cientista. Ele só não é famoso, porque após a morte da minha mãe resolveu abandonar suas pesquisas. Mas, em 1991, meu avô decidiu criar um clone. E eu sou esse clone.

— Um clone?! Meu Deus! Como assim, David? Conte mais... Você seria um clone de quem?

— Que pessoa antes de mim curou outras pessoas da maneira como eu fiz?

— Bom, que eu saiba, antes de você, apenas Jesus Cristo.

— Exatamente! Eu sou um clone de Jesus Cristo.

A plateia toda ficou perplexa. Todos começaram a comentar entre si e Oprah fez cara de incrédula, pensando tratar-se de um lunático.

— David, você não pode estar falando sério. Digamos que o que você diz seja verdade. Como seu avô teria encontrado material genético para clonar você?

— Vou explicar. A família toda de meu avô descende de Maria Madalena, que foi a esposa de Jesus e teve uma filha com ele. Quando Jesus foi crucificado, Maria Madalena estava grávida de três meses de uma menina, depois chamada Sarah. Naquela época, um anjo apareceu para José de Arimateia e lhe entregou um cilindro. Disse que ele deveria conter o sangue de Jesus, que Nosso Senhor deveria renascer daquele sangue. Também disse que o cilindro deveria permanecer na família de Jesus e que o Cristo deveria renascer do ventre de sua descendência. José de Arimateia escondeu o cilindro no cálice que Jesus utilizou na última ceia. A humanidade conhece esse cálice como Santo Graal. Há dezoito anos o cilindro foi aberto e meu avô utilizou o sangue de dentro dele para criar o clone de Jesus. O embrião foi gestado na

barriga de sua filha, Sarah, minha mãe, que morreu nos ataques de 11 de setembro. Em resumo, o Santo Graal era o cálice que escondia o sangue e a linhagem de Jesus. Seu clone só poderia nascer no ventre de uma pessoa da família; por isso, a linhagem do Cristo foi preservada até os tempos atuais.

— Meu Deus, David, mas essa história é definitivamente surreal, incrível! E onde estão agora esse cálice e esse cilindro?

— Tome, estão aqui – respondeu David, retirando o cálice com o cabo quebrado e o cilindro prateado e dourado de dentro de uma pequena bolsa que carregava e os entregou nas mãos da apresentadora. – Estes são o cálice e o cilindro.

— Meu Deus, mas é muito parecido mesmo com o cálice da santa ceia! Estou pasma. Então, quer dizer que você, na verdade, é Jesus e possui todos os poderes Dele?

— Não sou Jesus, sou David. Digamos que sou um irmão gêmeo de Jesus, porém nascido em outra época. E Jesus ainda existe.

— Mas, David, qual o propósito de tudo isso? Por que seu avô clonou Jesus e por que você curou aquela criança?

— Oprah, eu tenho uma missão na Terra que é preparar a humanidade para o retorno de Jesus. A cura serve apenas para que as pessoas vejam que estou falando a verdade e prestem atenção à minha mensagem. Se eu chegar à porta do seu estúdio dizendo que sou um clone de Jesus, vocês mandam me internar em um manicômio, não estou certo?

— Com certeza. Se fosse em outra situação, você seria desacreditado.

— O mesmo aconteceu com Jesus na época dele. Ele precisava que as pessoas acreditassem nele; por isso, as curava. E só curava aquelas que realmente mereciam, assim como eu faço.

— E como você distingue quem merece ou não ser curado?

— É fácil. Pela energia da pessoa. Todas as pessoas carregam uma energia. Aliás, tudo no mundo e no universo é feito de energia e eu consigo sentir a energia das pessoas. Se a pessoa fez coisas boas durante a vida dela, se foi uma pessoa boa, automaticamente sua energia é boa; se ela for uma pessoa ruim, sua energia acumulada é ruim.

— No entanto, milhões de pessoas boas devem precisar de cura...

— Sim, mas não tenho como curar todas elas. Por outro lado, se elas forem realmente boas, quando Jesus voltar, elas serão curadas. A única coisa que estou fazendo é antecipar algumas curas.

— David, explique para nós, como é feita a cura? Você tem um poder especial? É algo que você usa?

— Lembra que eu falei que tudo no universo é energia? Pois bem. A única coisa que eu faço é transferir energia minha para a pessoa enferma. Como minha energia é mais forte, isso faz o corpo começar a produzir reações químicas que o tornam capaz de se autocurar. Na verdade, todos os seres humanos podem curar a si mesmos, o problema é que a maioria deles não sabe dessa capacidade e fica dependendo de remédios ou ervas.

— David, você seria capaz de curar alguém aqui hoje?

— Claro que sim. Já vi que vocês trouxeram três pessoas paraplégicas e quatro cegos.

— Na verdade, não trouxemos. Eles se inscreveram para participar do programa como todos os outros, ou seja, não foi combinado. Não pense que estamos querendo testá-lo. Faça a cura apenas se sentir que deva fazer.

— Certo, Oprah. Como eu disse, contudo, depende da energia da pessoa. Através da energia, eu sei se alguém merece ou não ser

curado. Entre as pessoas daqui com alguma enfermidade, apenas três delas merecem sarar. As demais não merecem, porque não carregam uma energia positiva.

— Você poderia me apontar qual dos três em cadeira de rodas não pode ser curado e por quê?

— O porquê eu não saberia dizer agora. Só sei dizer que não posso curar dois deles, aqueles da esquerda, o homem careca e a mulher. Veja bem, não estou dizendo que vocês são pessoas ruins, nada disso. Vocês podem ser pessoas boas, normais, só não acumularam energia positiva o suficiente para merecer uma cura – disse David, apontando para duas pessoas, um homem e uma mulher que, no mesmo momento, fecharam o semblante, mostrando-se indignados com a acusação do rapaz.

— Bom, vamos entrevistá-los. Deem o microfone a eles.

— O senhor, o que faz da vida? – perguntou David.

— Eu sou aposentado e sofri um acidente. Mas sou uma pessoa boa, nunca magoei ninguém, nunca matei.

— O senhor tem algum vício?

— Sim, sou fumante há mais de trinta anos e já fui alcoólatra.

— Então deve ser isso. Veja bem, cigarro e bebida são coisas ruins, que agridem nosso corpo. Pessoas que fumam, bebem ou usam qualquer outro tipo de droga estão se matando aos poucos e isso faz a energia ficar ruim. Mas tem solução. Se o senhor parar agora com esses vícios, sua energia irá se fortalecer e, quando chegar a hora, você será salvo. Ainda há tempo.

— Entendi, David. E quanto à mulher, vamos ver o que ela tem a dizer.

— Oprah, eu não fumo, não bebo, sempre tratei as pessoas muito bem, não entendo por que ele diz que não tenho uma boa energia – disse a mulher, indignada com a acusação de David.

— A senhora trabalha ou trabalhou durante sua vida? Com o quê? — perguntou David, de maneira calma e humilde.

— Antes do meu acidente, eu trabalhava em um frigorífico.

— O que fazia nesse frigorífico?

— Eu ajudava no abate dos bois e dos frangos.

— Oprah, o caso dela também está explicado. Ela assassinava animais. Isso é muito grave. Estranhei quando ela disse ser uma pessoa boa, a energia dela é muito pesada. Uma pessoa boa não assassina animais. Uma pessoa que vive disso e faz isso sem remorso carrega consigo uma energia péssima.

— David, mas ela faz isso para alimentar as pessoas.

— Sim, eu entendo. Mas poucas pessoas, mesmo as que não gostam de animais, são capazes de matar um animal. Ela conseguia e trabalhava com isso.

— Você quer dizer que as pessoas que comem carne possuem energia negativa?

— Não totalmente. A maioria das pessoas come carne porque foi acostumada a isso desde pequena. Essas pessoas matam involuntariamente e comem carne como um alimento industrializado e não um animal morto. Veja bem, Oprah, o que quero dizer é que pessoas que maltratam ou matam animais, são pessoas ruins e, consequentemente, apresentam energia ruim, apesar de poder serem pessoas boas com outras pessoas. Afirmo que maltratar animais, que são seres vivos como nós, é tão ruim quanto maltratar uma pessoa, com o agravante de que eles não podem se defender de nós. Pode ter certeza: pessoas que maltratam animais nunca entrarão no reino de Jesus, não serão salvas e queimarão na Terra junto com Satanás. Existem muitas maneiras de maltratar um animal, não apenas ferindo ou matando.

Comprar um cachorrinho e depois soltá-lo na rua ou doá-lo a alguém é uma agressão contra ele. Comprar animais e os deixar presos em espaços minúsculos ou em correntes também é agressão. Maltratam os bichos as pessoas que os fazem de escravos ou os enjaulam para que sirvam ao entretenimento alheio. Pessoas que usam casacos de pele ou calçados de couro igualmente maltratam os animais – só o couro do boi pode ser usado, pois o animal já é abatido para servir de alimento. Enfim, ao fazer qualquer uma dessas coisas, os seres humanos estarão gerando energia negativa e carregando-a em si, nunca serão salvos.

— Casaco de pele, David? Ainda bem que não uso casacos de pele.

— Sim, casacos de pele. Não posso acreditar que as pessoas usem casacos de pele para se enfeitar, às custas do sofrimento de criaturas puras, como os animais. Uma coisa é usar pele de animal para se proteger do frio, como faziam os antigos; outra é usar peles para ostentar ou se embelezar. É um absurdo tremendo.

— Entendi, David. Realmente, são abomináveis as pessoas que maltratam animais. Eu sempre digo isso no meu programa.

— Oprah, não posso esquecer os que têm passarinhos em casa, em gaiola. Ou até mesmo répteis em aquários. Isso é errado. Ninguém tem o direito de tirar a liberdade dos bichos, de quaisquer deles, mesmo dos insetos. É errado também usar animais para fazer testes de cosméticos, usar cobaias indiscriminadamente. Uma coisa é testar doenças, outra coisa é utilizar cobaias em experiências que não trazem nada de bom para a humanidade. Os exemplos são muitos, mas tudo começa dentro de casa, com os animais de estimação. Se vocês querem ter a chance de serem salvos, tratem muito bem seus animais, tratem-nos como gostariam de ser tratados, tratem-nos como se fossem pessoas,

humanos. Nenhum humano é melhor do que qualquer animal na Terra. Vocês gostariam que uma raça superior começasse a matar humanos para comer? Como vocês se sentiriam com isso? Temos milhares de tipos de alimentos não animais, por que vocês precisam comer carne? Hoje existe carne de soja, tão boa quanto carne animal.

— Você é vegetariano, David?

— Sim, com certeza.

— Mas... e quanto a consumir laticínios e outros derivados animais?

— Não vejo mal em consumi-los. Hoje em dia, as vacas leiteiras são muito bem tratadas. É tudo uma questão de adquirir produtos de procedência, ou seja, saber de onde vêm – no caso do leite, saber se é de uma fazenda que maltrata as vacas ou se é daquelas onde as vacas escutam música clássica e recebem massagem, por exemplo. Tudo é relativo. Desde que aquilo que você consome não seja produto do sofrimento de um animal, então pode comer.

— Tirando o fato de uma alimentação sem carne ser muito mais saudável.

— Com certeza. Gandhi disse, certa vez, que a grandeza de uma nação é medida pela forma que trata seus animais. Eu reformulo e digo que a grandeza de uma pessoa é medida por como essa pessoa trata os animais.

— Bom, vamos voltar ao assunto da cura. O outro, o terceiro cadeirante, você pode curar?

— Sim, ele já está curado.

— Já está curado?! – Oprah arregalou os olhos, olhando para o rapaz na cadeira de rodas.

— Desde o momento em que eu cheguei aqui, você não sentiu um formigamento na sua perna? – perguntou David, dirigindo-se ao tetraplégico.

— Sim, é verdade. Eu tenho leves formigamentos de vez em quando, mas hoje o formigamento foi mais forte.

— Pois bem, como você está de calça larga, não deve ter notado, mas seus músculos começaram a se desenvolver e você já pode andar. Tente mexer suas pernas.

Todas as câmeras do estúdio se voltaram para o rapaz na cadeira de rodas e a plateia se levantou, para tentar ver se ele conseguiria mesmo mexer as pernas.

O rapaz esforçou-se para mexer as pernas e elas começaram a se movimentar lentamente. Ele caiu em prantos, vendo os movimentos que suas próprias pernas faziam. A plateia ficou espantada com o que estava vendo e muitos começaram a chorar.

— Qual o seu nome? – perguntou David ao rapaz magro e alto, aparentando ter uns trinta anos de idade.

— Me chamo Richard – respondeu o outro, chorando.

— Richard, você está curado. LEVANTA e ANDA até mim – disse David a ele, em tom enérgico.

O rapaz se apoiava na cadeira para tentar se levantar e, quando viram que tinha dificuldade, os produtores do programa o ajudaram. Então ele se pôs de pé e dirigiu-se até David. Conseguia andar sozinho, devagar. Oprah estava boquiaberta e chorando com a cena. O auditório estava mudo, não acreditava no que estava vendo. Os telespectadores tiveram a mesma reação – milhões e milhões de pessoas estavam mudas, assistindo ao vivo ao que David acabara de fazer. A comoção era geral, dentro e fora dos estúdios Harpo. Todos choravam, gritavam, abraçavam-se comovidos. O rapaz deu um apertado e longo abraço em David, que se ergueu para recebê-lo. O ex-tetraplégico se ajoelhou diante de David e começou

a beijar seus pés. David ficou sem graça, curvou-se e levantou o rapaz.

— Meu Deus, David! Você é realmente quem diz ser. Agora não tenho dúvidas quanto a isso. Me sinto honrada de ser a primeira a receber você. Nossa audiência hoje é a maior de toda a história do nosso programa. Obrigada.

— Oprah, para completar, digo que dois dos quatro cegos também já podem enxergar. Basta abrirem os olhos e tirar os óculos escuros.

No mesmo instante, todos se viraram para os quatro cegos que estavam sentados lado a lado na segunda fileira. Uma moça e um rapaz viravam o pescoço para todos os lados e tateavam as coisas a sua frente, estavam enxergando novamente e chorando. Ao verem que eles estavam enxergando de fato, as pessoas ficaram em polvorosa. Choravam. Oprah chorava ainda mais. A comoção dentro dos estúdios redobrou. Em casa, não conseguiam acreditar no que viam. Os cegos estavam enxergando.

— Sei que a visão de vocês ainda pode estar meio turva, meio embaçada. Isso é normal, os olhos precisam se acostumar à luz e a tudo.

Com a ajuda dos produtores, os dois foram até David para agradecer o que ele havia feito, dando-lhe um longo abraço e o beijando.

— Mas, David, como consegue fazer isso mesmo sem ter tocado neles? No vídeo do *Youtube* você toca na garota Emy. Inclusive, ela esteve em nosso programa, contando exatamente o que tinha acontecido.

— Oprah, no caso, como a enfermidade não era muito grave, as lesões eram leves, eu consegui direcionar minha energia a eles através do pensamento, no decorrer do programa. Isso já foi o suficiente para curá-los. No caso da Emy, a lesão era muito grave, foi preciso muito mais energia para conseguir curá-la, por isso a toquei.

— Deus abençoe você, David. De fato, agora as pessoas não terão mais dúvidas sobre quem você é e qual é sua missão aqui.

— É o que eu espero, Oprah: que as pessoas acreditem em mim. Espero que me sigam e saibam que tudo o que eu disser realmente se realizará. Criamos um site na internet em que as pessoas podem saber tudo o que está acontecendo, o que irá acontecer. Estamos criando uma ordem. É como se fosse uma nova religião, mas não é necessariamente uma religião, pois as pessoas podem aderir a essa ordem mesmo sendo de outras religiões e mesmo sem deixar suas religiões. Basta que sejam pessoas boas, que tenham sede da verdade, que tratem bem outras pessoas e aos animais e tenham interesse em ajudar. É uma ordem que juntará gente no mundo todo, gente que acredita em Jesus, no verdadeiro Jesus que irei revelar a vocês, e que queira fazer parte disso. A ordem se chama Arammu. E o nosso site é arammu.org. Todas as pessoas no mundo que forem aceitas na ordem de Arammu participarão de algo muito grande. Todos serão como irmãos e todos os irmãos terão a missão de levar amor às outras pessoas e à humanidade. Amor: é isso que quer dizer Arammu em nossa língua mãe, o idioma sumério, o primeiro idioma ensinado aos humanos para se comunicarem.

— Eu quero conhecer o seu site. Depois do programa vou acessar o arammu.org. David, gostaria de saber se você pode vir novamente ao programa amanhã, para continuarmos a conversa, pois nosso tempo já terminou.

— Claro que sim! Para mim, será uma honra. Amanhã, então, eu volto e termino de contar as coisas de que as pessoas precisam saber.

— Obrigada, David. Obrigada por aceitar nosso convite. Nosso programa fica por aqui, mas amanhã estaremos de volta com David Griffin. Não percam!



Capítulo 33

Vaticano, 27 de janeiro de 2009 d.C.

Os largos corredores do Palácio Apostólico ecoavam uma sinfonia de passos apressados que foram suprimidos um a um, após adentrarem um salão no fim de um grande corredor. Assim que o som dos passos silenciou, ouviu-se uma pesada porta de madeira bater e ser lacrada. Vários cardeais se reuniam, no salão após receberem uma convocação extraordinária do Papa. Em poucos minutos, a sala estava cheia, e todos os cardeais e pessoas importantes ligadas ao Pontífice estavam presentes para o encontro a portas fechadas. Os homens tomaram seus lugares e o burburinho cessou com a entrada do Papa, acompanhado de seu secretário pessoal e do porta voz do Vaticano.

— O padre Vitório acabou de me mostrar uma entrevista na internet, dada há uma hora em um programa de televisão nos Estados Unidos. Acredito que muitos de vocês devem ter visto essa entrevista – disse o Papa, iniciando a reunião.

A maioria dos cardeais levantou a mão em sinal positivo. O vídeo na internet havia se espalhado como um vírus por toda a cidade do Vaticano.

— Nunca achei que presenciaria algo assim em minha vida. Já soube de muitos milagres, mas nada comparado a isso. Por isso estamos nos reunindo em caráter extraordinário, para saber o que fazer – disse o Papa, em tom de preocupação.

— Santíssimo Padre, antes de nos reunirmos aqui, alguns de nós já comentávamos o caso. Eu e alguns companheiros cremos que se trata de um farsante. cremos que tudo não se passa de um teatro armado por esse garoto – disse um dos cardeais se levantando.

— Por favor, sente-se Senhor Cardeal, não se exalte. Temos que pensar com calma em tudo isso. Como pensa que aquilo que a TV mostrou pode ser algo armado? O programa pelo qual o garoto foi entrevistado é um programa sério. Creio que não permitiriam algo assim – retrucou um outro cardeal, sentado ao lado do Papa.

— E se as pessoas que esse rapaz disse ter curado forem cúmplices dele? Como podemos ter certeza? – replicou o primeiro cardeal, fazendo que o burburinho recomeçasse.

— Senhores, Senhores, muita calma. Eu suplico, fiquem calmos – disse um terceiro cardeal.

— Irmão, como podemos explicar a cura daquela garota? Enviamos um investigador nosso, que constatou ser a menina realmente uma ex-tetraplégica. E se o garoto estiver falando realmente a verdade e ele for de fato um clone de Jesus? – ponderou outro, sentado mais ao fundo.

— Irmãos, não temos nada em nossos documentos que prove que havia qualquer vestígio de DNA no cálice utilizado por Jesus. Sabemos que o sangue dEle foi colhido no cálice de madeira, mas mesmo que tenha escorrido por alguma fenda, ainda assim seria praticamente impossível conservar o DNA – disse um dos padres presentes.

— Na verdade, Irmão, isso não é totalmente verdade – replicou o Papa. – Esse fato não chegou ao conhecimento de vocês, mas temos em nosso poder o DNA de Jesus.

Todos na sala ficaram mudos e assustados.

— Santidade, poderia nos explicar direito?

— Lembrem-se de que conseguimos colher uma fração do DNA de Jesus, em uma das lascas da cruz, que está em nosso poder há séculos?

— respondeu o Papa.

— Sim, mas o DNA extraído é parcial. A cadeia estava quebrada.

— De fato, mas lembram-se de que recuperamos a Lança do Destino, que estava em poder de Hitler, após a sua morte? Ela nos foi deixada em testamento por um soldado.

— Nos lembramos, mas não foi encontrado DNA nessa lança.

— Pelo contrário, foi encontrado sim. Eu também não sabia disso até ser ordenado. Esse fato foi mantido em segredo. Felizmente, a lança foi muito bem preservada por quem a possuiu durante os séculos e, no cabo dela, alguns desenhos foram entalhados e nesses entalhes colhemos amostras do DNA de Jesus. O DNA extraído também foi parcial, porém, ao cruzarmos as cadeias, elas formaram a cadeia do DNA completa – disse o Papa, fazendo com que todos na sala ficassem extremamente excitados com a notícia.

— Mas, Santíssimo, como isso pôde ser escondido de nós? Isso é um ultraje. Deveríamos ter acesso a essa informação – replicou um dos cardeais, estupefato.

— Calma, Irmão, essa informação é muito perigosa. Se o que descobrimos do DNA fosse revelado, teríamos muitas explicações a dar.

— E o que foi descoberto nesse DNA, Santidade?

— Meus Irmãos, descobrimos que o DNA encontrado não é humano, nem de nenhuma raça conhecida deste planeta – disse o Papa, fazendo que todos na sala novamente ficassem em polvorosa.

— Então aqueles documentos que tanto escondemos sobre a origem de Jesus de fato são verídicos? Jesus é um ser de outro mundo?

— Exato, Irmão. A interpretação dada aos documentos secretos, que quase foram destruídos, estava correta. Jesus não é deste mundo. E se isso viesse a público, nos dias de hoje, diriam que Jesus é um *alien* ou coisa do gênero. Isso colocaria em risco a Santa Igreja – explicou o Papa, ao que um dos cardeais tomou a palavra.

— Vossa Santidade, desculpe-me interromper. Mesmo que tenha sido encontrado DNA no interior do Santo Graal, é improvável que alguém, na época em que o garoto foi gerado, conseguisse clonar um ser com um DNA que nem a este mundo pertence. O homem só conseguiu clonar um mamífero em 1996.

— O Irmão está certo. Por isso, também, acho que esse garoto pode ser uma fraude – ponderou o Papa. – Agora precisamos achar uma maneira de desacreditá-lo, caso contrário, a Igreja pode ser prejudicada.

— Santíssimo Padre, nosso problema está resolvido. Basta revelarmos ao mundo que temos em nosso poder o DNA de Jesus e confrontar o garoto, para que ele se submeta a um teste. Isso irá comprovar que ele é uma farsa – propôs um cardeal.

— E se o garoto aceitar fazer o teste? O mundo saberá que o DNA de Cristo não é humano – retrucou outro.

— Não creio que o garoto aceite. Não correrá o risco de ser desacreditado. Irá inventar uma desculpa, dizendo que não precisa provar nada a ninguém, típica de vários farsantes de que temos notícia ao

longo dos séculos, e que são postos à prova – treplicou o cardeal que havia dado a ideia do teste.

— A ideia é muito boa, Irmão. De qualquer forma, podemos pedir confidencialidade à empresa que fará o teste de DNA. Adicionaremos em contrato que o laboratório divulgue apenas se o DNA bate com o do garoto ou não, nenhuma informação a mais – disse o Papa.

— Mas, Vossa Santidade, a imprensa dirá que o DNA que está em nosso poder não é o de Jesus.

— Antes de liberarmos a amostra de DNA para teste, anunciaremos como tivemos acesso a ela e deixamos que a comunidade científica, sem analisar o DNA, certifique-se do que temos e de onde o extraímos – replicou outro cardeal.

— Está decidido. Foi anunciado que amanhã o garoto voltará à televisão. Entrem em contato com a produção do programa e digam que queremos entrar ao vivo, via videoconferência, para fazer a proposta ao garoto. Mas não deixem vazar a proposta, evitando que se preparem. Padre Vitória, o senhor ficará responsável por isso e falará ao vivo no tal programa. Mantenha-me informado de tudo o que acontecer e amanhã, após a transmissão, nos reunimos aqui nesta sala – decretou o Papa que, após dar as ordens, se levantou-se e retirou-se.

Depois de sua saída, o tumulto voltou a imperar no grande salão.

Os cardeais Dom Félix e Dom Everaldo, membros dos Illuminatti, entreolharam-se e trocaram sorrisos. Havia conseguido que o Papa acatasse a ideia deles e tinham certeza de que o garoto seria desacreditado, assim como desejava o grão-mestre Illuminatti. Este ainda não tinha conhecimento do plano dos cardeais, afinal, ordenara aos homens fazer tudo o que estivesse ao alcance deles, sem especificar o que deveria ser feito.



Capítulo 34

Estados Unidos, 28 de janeiro de 2009 d.C.

Milhares de pessoas se aglomeravam em frente aos estúdios Harpo, onde David daria continuidade a sua entrevista. A polícia foi chamada para conter a multidão e impedir a passagem de mais gente na rua do estúdio. As pessoas lotavam os quarteirões da vizinhança. Cartazes a favor e contra David transformaram as imediações em um mar de cartolinas multicoloridas. O tumulto era enorme. Quem acreditava em David se engalinhava com aqueles que estavam ali para dizer que ele era o anticristo ou um falso profeta. Devido a toda essa confusão, horas antes de David voltar ao programa, a produção entrou em contato com seu avô, avisando que iriam enviar um helicóptero para levar o rapaz ao local das gravações. Já próximo à TV, David se assustou ao ver o mar de pessoas aglomeradas, esperando por ele.

Poucos minutos depois, David aguardava o início da entrevista, com seu avô e uma prima, em um dos melhores camarins. Ele estava tranquilo e sereno como sempre, diferentemente de seu avô, que estava uma pilha de nervos. Sua prima, que era de segundo grau e tinha a mesma idade, tentava acalmar o avô. A bela menina, chamada

Ludmila, trabalhava com David e era responsável pelo site que haviam criado. Apesar da incrível beleza e jeito de menina inocente, a garota era uma *hacker*, muito conhecida no submundo da internet, porém, é claro, sem que sua família soubesse. Com apenas dezessete anos, já havia invadido os principais sistemas de informação dos governos do mundo. David, quando a viu pela primeira vez, apaixonou-se. Como nunca havia sentido isso antes, ele ainda estava confuso e Ludmila, apesar de também ter se apaixonado por David, mantinha uma linha de garota durona, que não se apaixona por ninguém. No entanto, David conseguia sentir que a paixão era recíproca.

Quando o avô estava mais calmo, uma produtora do programa bateu à porta do camarim para avisar que já era hora da entrevista.

Quando David subiu ao palco do programa, as pessoas na plateia, que não era a mesma do dia anterior, começaram a aplaudir de pé. Muita gente chorava de emoção, por estar no mesmo lugar que David, que também começou a chorar, emocionado com a receptividade.

— Seja muito bem-vindo novamente, David! — anunciou Oprah Winfrey. — Apenas para constar, recebemos milhares e milhares de e-mails sobre o programa de ontem. Nunca, na história deste programa, recebemos tantos e-mails. O programa foi um sucesso! E acabo de ser informada que mais de 95% dos televisores estão ligados em nosso canal. É um recorde de audiência para o horário. Também estamos transmitindo ao vivo, pela internet, na qual pessoas do mundo todo estão conectadas a nosso site para nos prestigiar.

Boa parte dos Estados Unidos, sem acesso a uma televisão naquele horário, via o programa pela internet. Telões, espalhados por todo o país, também transmitiriam a entrevista. O país havia parado para assistir à entrevista de David. Apenas, no 11 de setembro, quando milhões de ameri-

canos pararam para assistir às reportagens sobre os ataques, algo assim foi visto.

— Bom saber que as pessoas gostaram da entrevista. Espero poder esclarecer mais algumas coisas hoje – disse David, feliz com a notícia.

— David, antes de darmos continuidade, o Vaticano entrou em contato com nossa produção. Gostariam de lhe fazer uma proposta, ao vivo. O que você acha disso?

— Claro. Por que não?

— Está bem. Vamos chamar ao vivo do Vaticano o Padre Vitório, que falará conosco via videoconferência. Padre, o senhor nos ouve?

— Olá, Oprah. *Em nome do Papa e de todo o Vaticano, agradeço o espaço que nos cede para conversar com David.*

— Lembro que esta conferência tem o consentimento de David e que nada foi combinado. Também não sabemos o que vocês têm a dizer. Está correto, padre?

— *Correto! Gostaríamos de fazer uma revelação, bem como uma proposta ao garoto.*

— Pois não, padre, pode falar – disse David, já sabendo que seria atacado de alguma maneira.

— *Vou resumir um pouco a história, pois ela é muito longa e sei que o minuto em um canal como esse custa muitos milhões. Como sabem, quando Jesus foi crucificado, um centurião romano chamado Longinos, para se certificar de que o Filho de Deus estava realmente morto, pegou sua lança e o feriu, fazendo jorrar muito sangue de seu corpo. Pois bem, essa lança ficou perdida durante séculos. Muitas réplicas dela foram feitas e ainda existem, estão em coleções particulares e até mesmo em museus. Porém, a verdadeira Lança do Destino,*

como ficou conhecida, foi parar nas mãos de Hitler. Após a morte do ditador alemão, um dos soldados que pertencia a nossa Igreja roubou essa lança. O soldado faleceu alguns anos depois, entretanto a deixou em seu testamento para a Igreja Católica. Na verdade, pelo testamento, herdamos uma caixa de conteúdo desconhecido. Dentro da caixa que recebemos, estava uma lança que poderia ser a verdadeira lança de Longinos. Nossos cientistas a analisaram e determinaram ser a original. Não só pela datação, mas porque nela encontramos resquícios de sangue. Mais recentemente, com o avanço da tecnologia, pudemos ter acesso ao DNA do sangue presente na lança. Por isso, como temos o DNA de Jesus, gostaríamos de propor ao jovem David que se submeta a um teste de DNA, para comprovar o que está dizendo. Veja bem, não duvidamos da palavra dele, mas a Igreja precisa de provas e creio que os fiéis e as pessoas do mundo todo também gostariam de ter essa prova. O que me diz, meu jovem?

— Padre, sua proposta parece justa. Eu a aceito, desde que o exame seja feito por um laboratório que não tenha qualquer ligação com o Vaticano — respondeu David, de maneira calma.

— *Claro, meu jovem, sem problemas. Se preferir, deixamos que você mesmo escolha o laboratório. Mas você tem certeza de que quer fazer esse teste?* — o padre começou a ficar sem jeito, não esperava que David aceitasse a proposta.

— Claro que sim! Se você diz que possui o DNA de Jesus em seu poder, esse teste servirá para que as pessoas que ficaram em dúvida sobre o que contei ontem, acreditem em mim. E, como o senhor possui esse DNA, também deve saber que não se trata de um DNA humano, correto?

O padre começou a suar frio. Não esperava que David soubesse disso.

— Ahn... Ahn... Isso não saberia dizer. Sou apenas o porta-voz do Vaticano, não conheço os resultados do DNA, não sou um cientista – desconversou o padre.

— David, como assim, o DNA não é humano? – perguntou Oprah.

— Sim, essa era a parte que eu queria contar. Jesus não é humano. Jesus é um ser extraterrestre, pertencente a uma raça muito mais evoluída que a raça humana, porém muito semelhante.

— Você que dizer que Jesus é um *alien*, um ser de outro planeta, que voa por aí em discos voadores?

— Sim, exato. Vou tentar resumir a história para todos. Jesus é uma espécie de encarnação do ser criador da humanidade. Esse ser que vocês chamam de Deus aparece em alguns documentos da mitologia suméria como Enki. Ele criou os seres humanos há milhares de anos. Para ser franco, a humanidade foi criada para ser escrava da raça de Enki, a raça Anunnaki. A Bíblia usa linguagem figurada para descrever nada mais nada menos que a manipulação genética feita pelos Anunnakis, cruzando o seu próprio DNA com o DNA de um ser terreno que andava em duas pernas. Esse ser é conhecido hoje como *Homo habilis*. Da junção de seu DNA com o extraterrestre, originou-se o *Homo erectus*. Depois disso, do cruzamento carnal entre o *Homo erectus* e os Anunnakis (descrito em *Gênesis, capítulo 6, versículo 4*), originou-se o *Homo neanderthalensis*. Outros cruzamentos originaram os primeiros *Homo sapiens*. Todas essas experiências genéticas se deram no intuito de criar uma raça de seres terrestres que deveriam fazer o trabalho braçal ao qual se recusavam os Anunnakis. Mais tarde, Enki resolveu renascer na Terra para tentar fazer a humanidade evoluir e ser salva da destruição. Assim, Enki transferiu sua consciência para um corpo na Terra, o corpo de Jesus, que possuía o mesmo DNA que o seu. Jesus foi

inseminado artificialmente em Maria e, quando completou uma certa idade, Enki se transformou em Jesus. A missão de Jesus era fazer as pessoas se conscientizarem de que elas só poderiam evoluir se fossem boas, se fizessem o bem e tratassem a tudo e a todos com amor. Caso contrário, a humanidade se autodestruiria. Enki também tinha por objetivo convencer as pessoas a passar a mensagem do Cristo a seus filhos até a volta dEle, que acontecerá em breve. Quando Jesus Cristo retornar, as pessoas boas serão salvas e levadas ao planeta dos seres que nos criaram.

— Meu Deus, David, mas essa história toda é muito fantástica. Fiquei sem palavras com o que ouvi.

— Esse é apenas o resumo do resumo da história toda. Com o tempo, eu vou contar mais coisas. Isso tem a ver com minha missão na Terra. Jesus está próximo de seu retorno, em breve, ele voltará à Terra; por isso, preciso preparar todo o mundo. Jesus chegará com uma frota de naves espaciais, vindo de seu planeta de origem. Essas naves espaciais eram vistas antigamente como arcanjos; os seres que saíam de dentro dessas naves, como anjos.

— Você quer dizer então que Deus e os anjos não existem?

— Veja bem: o que não existe é o conceito de um Deus sobrenatural, criador dos céus e da Terra e anjos que voam por aí com asas. O que existe, de fato, é uma raça superior, com tecnologia suficientemente avançada para criar outras raças e viajar pelo universo. Essa raça superior possui, inclusive, a tecnologia para criar outras raças através de modificações genéticas, técnica que os humanos também já dominam. Lembrem-se: não existe um Deus, com poderes de criar um universo todo. O universo se formou sozinho, não precisou de um Deus. Se fosse necessário um Deus para criar o universo, o que seria

necessário, então, para criar Deus? O criador do universo não existe, mas isso não exclui o fato de que as pessoas devam ser boas e seguir as palavras daqueles que as criaram. Repito que Jesus só voltará para salvar aqueles que são merecedores, que são bons e carregam boas energias. Digo salvar, porque este mundo logo será destruído, como o foi, em épocas remotas, em que a humanidade nem existia. Foi destruído também pelo dilúvio e está chegando a sua hora novamente. É inevitável.

— E quando será isso, David?

— Eu não posso revelar, não quero criar pânico, muito menos, quero que as pessoas tentem ser boas apenas para se salvar, mas porque querem ser boas, do fundo do coração. Quando chegar a hora, milhões de naves vindas do planeta de Enki virão à Terra, para levar todos os animais e os humanos que forem merecedoras. Os que não merecem serão destruídos junto com a Terra e com Satanás e seus exércitos. Aos merecedores, através da manipulação de seus códigos genéticos, será dada a vida eterna, que eu e os Anunnakis já possuímos. Depois de mil anos, quando a Terra já estiver recuperada do desastre que a assolou, esses humanos voltarão, junto comigo e com Jesus. Iniciaremos uma nova era da humanidade, em um novo patamar de evolução.

— Isso é maravilhoso, espero estar entre as pessoas que serão salvas! Quer dizer então que você é imortal, assim como Jesus?

— Eu espero que sim... – respondeu David, sorrindo. – Sim, minhas células não envelhecem, mas posso morrer, caso eu sofra um acidente grave. Meu corpo é frágil, assim como o corpo humano, a diferença é que ele se regenera, como aconteceu com Jesus.

— Mas, David, você tem a data aproximada de quando Jesus irá voltar?

— Sim, sei que ele descera à Terra alguns anos após 2013. Uma disputa entre países poderosos dará início à Terceira Guerra Mundial. Nessa guerra, o domínio do mundo estará em jogo e ela será provocada por aquele que vocês conhecem como Satanás. Depois de alguns anos da guerra, que irá exterminar milhões de pessoas, Jesus voltará para pacificar a Terra e eliminar seu irmão, Satanás, ou deixá-lo ser aniquilado em meio às catástrofes que irão acontecer.

— Seu irmão? Você está nos dizendo que Satanás é irmão de Jesus?

— Exatamente. Satanás é Enlil, irmão de Enki. Foi ele quem exterminou uma boa parte da humanidade, no episódio que vocês conhecem como a destruição de Sodoma e Gomorra. Depois de ter jogado sete bombas nucleares, para destruir várias cidades, ele foi exilado em uma outra dimensão, e voltará à Terra em dezembro de 2012, fim do calendário Maia. O que vocês viram, em filmes sobre o que irá acontecer com a Terra em dezembro de 2012, não será em 2012, mas sim muitos anos depois. Dezembro de 2012 marca a volta do anticristo a esta dimensão do planeta Terra. E, por incrível que pareça, as pessoas irão adorá-lo e ele subirá ao poder facilmente.

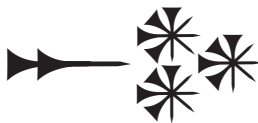
— Mas... por que o final do calendário Maia marca o retorno de Satanás?

— Na verdade, o calendário Maia antes foi chamado de calendário Olmeca e foi criado por um dos filhos de Enki, que quis avisar o seu povo do mal que estava por vir. O marco zero do calendário Maia é o ano do exílio de Enlil. O ano final do calendário Maia prefigura o início de uma nova era: quando Enlil sai do exílio e volta para esta dimensão. Ninguém sabe como ele voltará, mas ele voltará e irá andar entre os humanos como igual. Outra parte da minha missão é alertar as pessoas sobre esse episódio, que está tão próximo de acontecer.

— Bom, a conversa está incrível, mas temos que dar uma pausa. Voltamos já com mais revelações de David Griffin, o enviado de Jesus Cristo.

Todos ficaram estarelecidos com as revelações de David. Eram muitas e muito bombásticas para apenas um dia. Havia gente horro-rizada com o que estava ouvindo; muitos estavam rindo, cétricos diante de tudo aquilo. Os canais de televisão do mundo todo veiculavam notícias sobre David. Ele agora estava com um grande peso sobre suas costas. Milhares de pessoas o seguiriam. Outras muitas, milhares, o perseguiriam e o difamariam. Ele teria que se preparar para tudo o que estava acontecendo e tentar abrir a mente das pessoas para o que estava por vir.

Depois do programa da Oprah, David não passou um dia sequer sem dar entrevista para televisão, jornal, revista ou rádio. Todos os dias sua agenda estava lotada. Durante duas semanas ele se dedicou apenas às entrevistas, até conseguir revelar quase tudo. Nesse período foi a um laboratório colher sangue para o exame de DNA proposto pelo Vaticano. O laboratório daria o resultado em 24 horas. Milhares de cétricos em todo o mundo aguardavam o teste que poderia confirmar que estavam certos a respeito de David Griffin.



Capítulo 35

Nova Iorque, 24 de fevereiro de 2009 d.C.

A imprensa estava toda reunida em frente ao Centro de Diagnósticos de DNA, em Manhattan. Eram centenas de jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas tentando conseguir um espaço diante do prédio, onde dariam o resultado oficial do teste de DNA de David Griffin, comparando-o ao DNA que o Vaticano alegava ser de Jesus Cristo. Fora os jornalistas, as ruas estavam bloqueadas pela polícia, para não permitir o avanço de milhares de pessoas que queriam também saber o resultado do teste em primeira mão, ao vivo. Só a imprensa pôde estar ali, no entanto. Após mais de duas horas de espera, além do horário programado para o pronunciamento do Centro de Diagnósticos, a doutora Ellen House se aproximou do palanque, montado e repleto de microfones, para dar o resultado final. A doutora vestia um jaleco branco e, em sua mão, portava um envelope vermelho. Começou a rasgar o envelope, que estava lacrado. O laboratório havia contratado uma empresa de auditoria, para averiguar todo o processo do exame e dois homens, de terno e gravata, da empresa de auditoria, acompanhavam atentamente a dra. Ellen. Muitos dos canais de televisão dos Estados

Unidos e do mundo todo estavam transmitindo ao vivo o momento. A dra. House retirou um papel de dentro do envelope vermelho. Avançou um passo para ficar mais próxima dos microfones, colocou seus óculos e começou a ler, atentamente, o resultado.

— Conforme amostras de DNA fornecidas a nossa equipe, pela cidade do Vaticano, na presença de dois auditores, e confrontadas com o sangue colhido do Sr. David Griffin, gostaríamos de informar que o resultado do exame foi de 99,999% de compatibilidade, ou seja, as amostras de DNA pertencem ao mesmo ser ou a irmãos univitelinos.

Os jornalistas ficaram eufóricos e todos começaram a fazer perguntas ao mesmo tempo. Enquanto isso, as pessoas que assistiam ao noticiário e acreditavam em David ficaram aliviadas e muito felizes com o resultado. Alguns incrédulos começaram a criar teorias como fraude e coisas do gênero, porém alguns se renderam à verdade e se arrependeram do mal julgamento que fizeram. Benjamin Uggae assistia à BBC em sua sala, na Suíça, e ficou extremamente irritado com o resultado. Semanas antes, quando soube que os dois cardeais haviam proposto o teste de DNA, ele quase mandou matar os dois, entretanto, nada mais poderia ser feito: o Papa já tinha tomado a decisão e qualquer tipo de intervenção de sua parte não poderia frear o teste a tempo. Nem passava pela mente de Uggae que o Vaticano tinha em seu poder o DNA de Jesus, ou ele mesmo já o teria roubado. *Não tenho mais o que fazer. O garoto venceu dessa vez...* – pensou Benjamin, mais conformado, ao não ter conseguido desacreditar David perante a população mundial. *Agora tenho que me concentrar em trazer meu mestre de volta, só assim terei a minha vida eterna.* Benjamin agora teria que se preocupar com os preparativos para dezembro de 2012, com o acelerador de partículas que seria usado

para abrir o portal entre o universo em que Enlil estava exilado e este universo. Os experimentos com o acelerador não haviam sido conclusivos até o momento. A missão de Benjamin era convencer os países mais poderosos de todo o globo a investirem no maior acelerador de partículas do mundo e dar continuidade ao projeto, a fim de que o aparelho ficasse pronto, para operar em carga máxima em dezembro de 2012.

— Doutora, existe a possibilidade do teste não ser 100% eficaz? – perguntou uma jornalista.

— Como eu disse, a precisão é 99,999%. Ou seja, sim, a discrepância entre os dois códigos é da ordem de 0,001%, mínima. De qualquer forma, foram feitos três testes com três amostras de cada um dos doadores e todos deram o mesmo resultado.

— Doutora, qual a segurança das amostras, quem garante que não foram trocadas? – perguntou outro jornalista.

— Contratamos uma empresa de auditoria que ficou presente em todas as etapas do teste. Aliado a isso, reforçamos nossa segurança. As amostras não ficaram sozinhas um minuto sequer. É impossível que tenha havido qualquer tipo de fraude no processo todo. A empresa que cuidou da auditoria irá disponibilizar, posteriormente para a imprensa, uma cópia do relatório que eles desenvolveram. Não podemos esquecer que todo o processo ficou sob vigilância filmada e as filmagens estão guardadas, podendo ser liberadas, caso haja alguma suspeita de fraude. Próxima pergunta.

— Doutora, a senhora confirma que o DNA analisado não é um DNA humano?

— Não posso revelar isso, uma vez que fomos contratados unicamente para dizer se as amostras eram ou não compatíveis. Próximo!

— Doutora, com esse resultado, a senhora confirma que David Griffin é um clone de Jesus?

— Nós só analisamos o DNA, não cabe a nós dizer quem é clone de quem. Se eu respondesse sim, eu estaria afirmando que o DNA colhido no Vaticano é de fato de Jesus Cristo, mas não posso afirmar isso, não tenho como dizer de quem era aquele DNA. A única coisa que posso dizer é que o DNA, em poder do Vaticano, é idêntico ao DNA do senhor David Griffin.

— A senhora acha realmente possível que David seja um clone?

— A clonagem é perfeitamente possível nos dias de hoje. Mesmo na época do nascimento do senhor David, já era possível. O que eu digo: se ele não for um clone da pessoa que deixou material genético no artefato do Vaticano, então ele é seu irmão gêmeo univitelino ou, se não, a própria pessoa.

— Doutora, o que pode acontecer com o Dr. Thomas Griffin, responsável pela clonagem de David?

— Não posso responder essa pergunta. Mas a minha opinião: se ele criou de fato um clone humano, deve ganhar o prêmio Nobel. Creio que não existirão punições, uma vez que os Estados Unidos não possuem qualquer tipo de lei proibindo a clonagem de algum ser. Obrigada pela presença de todos, meu tempo já terminou. Até logo! – disse a doutora Ellen House, virando as costas e saindo em direção à entrada do prédio.

Muito tempo se passou. David havia criado uma espécie de religião universal, na qual eram aceitas todas as pessoas de todo o mundo. Ele não fazia distinção entre judeus, evangélicos, católicos. As pessoas poderiam continuar frequentando suas religiões e também se filiar à Ordem Arammu, que em sumério significa *amor*. Amor era exatamente o que David pregava no mundo todo. Amor ao próximo, aos

animais, à natureza. Os seres humanos deveriam amar, para serem melhores. Assim, a humanidade seria levada a um novo patamar de grandeza, iria finalmente evoluir. Mesmo David aceitando pessoas de todas as religiões, boa parte dos membros preferiu abandonar suas antigas crenças e seguir apenas os ensinamentos e princípios propostos na Ordem Arammu. Os fiéis eram mais de quinhentos milhões de pessoas no mundo todo. A Igreja Católica havia perdido quase 40% de seus seguidores. Várias religiões cristãs perderam outros milhares de fiéis.

A Ordem Arammu atraía cada vez mais pessoas, pregando o amor e revelando a verdade sobre os deuses de antigamente e sobre o futuro da humanidade. Além disso, dentro da Ordem, as pessoas eram instruídas a sempre ajudar uns aos outros, não importava em que situação estivessem. Isso criou um princípio de família e irmandade muito grande. As pessoas se ajudavam umas às outras e ninguém enganava ninguém. Quem entrava na Ordem realmente estava disposto a mudar de vida e de princípios. Se um irmão da ordem da China visitasse os Estados Unidos e não tivesse onde ficar, ele era facilmente acolhido na casa de outro irmão. Se um irmão estivesse desempregado, ele conseguiria um emprego rapidamente na empresa de outro irmão. Se o pneu do carro de um irmão furasse no meio da estrada, ele conseguiria ajuda no mesmo momento, de algum outro irmão que estivesse passando. A sinergia entre os membros era enorme e a única missão deles era levar a palavra de amor para outras pessoas e fazer que as pessoas entrassem para a Ordem, com o intuito de ajudar a difundir o conhecimento e a filosofia proposta. Diferente de igrejas tradicionais, a Ordem Arammu não pedia dinheiro a ninguém, entretanto os membros doavam mesmo assim, pois sabiam que a Ordem precisava de dinheiro

para expandir e construir templos onde os irmãos poderiam se reunir. Toda a contabilidade da Ordem Arammu era colocada de forma transparente para os membros via internet. Todos os membros tinham acesso a todas as despesas, nenhum dinheiro era utilizado indevidamente para enriquecer alguém em particular. Além dos cristãos que se uniram à ordem, milhares de judeus e mulçumanos, além de adeptos de outras religiões não cristãs também aderiram à filosofia do amor. Os membros também se reuniam para fazer caridade. Levar comida a pessoas com fome, remédios em lugares sem acesso a medicamentos. Além de muitas outras coisas de que o mundo necessitava. As pessoas se identificavam com os princípios da nova Ordem. Se todas as pessoas do planeta Terra seguissem os mesmos princípios dos membros de Arammu, elas já estariam prontas para evoluir.

Enquanto David, por meio de sua ordem, trabalhava para tentar salvar as pessoas em todo o mundo, seus inimigos maquinavam nos bastidores para trazer Satanás de volta. O tempo era curto, todavia David não tinha mais o que fazer. A única coisa que ele poderia fazer que estava a seu alcance era levar conhecimento às pessoas, para que não acreditassem em Satanás, quando ele aparecesse. O tempo estava acabando e David sabia que, quando a hora chegasse, o mundo não seria mais o mesmo. Muita fome, doenças e guerras estavam por vir. No entanto, isso já era previsto desde os primórdios dos tempos.



Capítulo 36

Nova Iorque, 20 de dezembro de 2012 d.C.

Maria caminhava apressadamente, com um café na mão, em direção ao prédio, onde costumava trabalhar como diarista. Naquele dia, ela faria faxina no apartamento do ex-governador George Griffin, em Manhattan. Como George morava sozinho com a esposa — seu fiel escudeiro, John, havia falecido um ano antes —, ele resolveu não ter mais empregados fixos. Tendo se aposentado da política, apenas uma diarista fazia a limpeza de sua casa, duas vezes por semana. Já era suficiente, uma vez que o casal ficava entre a cobertura de Manhattan e sua casa de campo no Alaska. Maria entrou no prédio correndo, pois estava atrasada, e George como sempre, era muito metódico, não gostava de atrasos por parte de seus funcionários. Quando o elevador parou na cobertura e a porta se abriu, dando vista para o interior da sala, Maria pôde ver que a bagunça era imensa. *Meu Deus, aqueles malditos capetinhas passaram por aqui, neste final de semana, olha o estado desta casa!* Maria se referia aos bisnetos de George, que vinham visitá-lo, com os pais nos finais de semana. Conforme ela andava pelo corredor, percebeu que a desarrumação era maior que o normal. Tudo estava muito silencioso, o que não

era comum, pois George sempre estava com a televisão ligada em algum noticiário. Aos poucos, ela foi se aproximando da sala. Reparou que alguns móveis estavam quebrados, cadeiras jogadas de pernas para o ar. *Meu Deus, será que foi um assalto?* A cada passo que dava, Maria preocupava-se mais. Quando chegou ao meio da sala, Maria congelou com o que viu. Instintivamente deu um grito que pôde ser ouvido até pelo vizinho de baixo. O ex-governador estava jogado ao chão com o corpo todo ensanguentado. Vestia um roupão de banho e uma samba-canção. O senhor, de quase noventa anos, estava com o rosto desfigurado, como se tivesse sido espancado. Maria tomou coragem e começou a se aproximar de George, que não emitia som algum. Encostou sua cabeça no coração dele e não conseguiu perceber qualquer batimento. Saiu correndo e imediatamente ligou para a polícia.

— Alô?! Pelo amor de Deus, mandem uma ambulância! O senhor George está todo machucado!

— *Calma, senhora. Já identificamos o seu endereço. Uma viatura e uma ambulância já estão a caminho. Por favor, se acalme e nos diga exatamente o que aconteceu.*

— O senhor George... Eu cheguei aqui e encontrei a casa revirada. Acho que ele está morto!

— *A senhora afirma que o senhor George Griffin está morto?* – a policial do outro lado da linha havia identificado o nome do dono do apartamento em seu sistema.

— Mas não fui eu, eu juro! Eu cheguei aqui e ele já estava assim! – disse Maria, com medo de ser acusada por ser uma imigrante ilegal.

— *Calma, minha senhora. A polícia já está a caminho. Se afaste da cena do crime, espere do lado de fora do apartamento até que os policiais cheguem.*

— Tá bom, vou esperar.

A polícia chegou, em menos de cinco minutos. Um policial constatou que, de fato, George estava sem vida. Segundos depois, chegou a equipe de paramédicos, que iniciou os procedimentos para tentar ressuscitar George. Os procedimentos básicos foram em vão e, então, os paramédicos resolveram se afastar do corpo, deixando livre a cena do crime até a chegada da perícia. Por se tratar de uma pessoa importante, a central da polícia avisou imediatamente o FBI, que veio após poucos minutos e isolou toda a área. A perícia começou a coletar provas e materiais que pudessem levar a pistas.

Como George havia sido espancado até a morte, as chances do DNA do agressor estarem no corpo da vítima eram grandes. A agente do FBI, Charlotte Rowe abaixou-se e, com a mão direita, retirou um aparelho de dentro de uma bolsa presa à cintura dela. O aparelho era um *scanner* de DNA, uma novidade que só o FBI possuía. O *scanner* conseguia detectar tipos de DNA diferentes em uma superfície e, caso houvesse mais de um DNA, também identificava a diferença em porcentagem de um para o outro e se o DNA coletado era do sangue, do cabelo ou da pele. Como o aparelho estava ligado à central do FBI, via internet, o resultado sobre a quem pertencia o DNA era mostrado instantaneamente em uma pequena tela de cristal líquido. A agente escaneou, com cuidado, o corpo do ex-governador. Ao terminar, em poucos segundos, o aparelho deu o resultado:

Quantidade de amostras de DNA = 2

DNA 1 – *George Griffin*

DNA 2 – *David Griffin*

A agente, ao ver a foto de David no visor, ficou espantada.

— Meu Deus, não é possível!

Charlotte era uma simpatizante de David e não podia acreditar que ele havia matado a socos o seu próprio bisavô. Mal terminou de ler o resultado do *scanner*, o celular em seu bolso tocou.

— Sim, chefe.

— *O resultado do seu escaneamento está correto?* – perguntou seu superior, ao receber os resultados em sua sala.

— Estamos testando o *scanner* há poucos meses e ele nunca falhou. Posso usá-lo novamente para confirmar o resultado, se preferir.

— *Faça isso. Assim que o resultado aparecer, se for confirmado, iremos solicitar um mandado para prender esse garoto.*

— Mas, senhor, não acha melhor investigarmos mais a fundo? Existem outras variáveis que podemos analisar.

— *Agente Rowe, você ainda tem dúvidas com relação ao resultado?*
– respondeu o chefe, enquanto a agente escaneava novamente o corpo de George.

— *Não disse. Mesmo resultado. Como me explica que o sangue do rapaz tenha aparecido no corpo da vítima? Vou pedir um mandado, assim que conseguir eu aviso você. Tente colher mais provas enquanto isso.*

— Sim, senhor. Aguardo seu retorno.

Uma hora depois...

Vários policiais armados cercaram o prédio, onde David Griffin morava com seu avô Thomas. Enquanto os policiais faziam o cerco, os agentes do FBI Rowe e Andersen subiram pelo elevador, junto com dois homens fardados. Chegando ao andar, bateram à porta do apartamento, sem se anunciarem. Poucos segundos depois, David abriu a porta do apartamento.

— Senhor David Griffin? – perguntou a agente Rowe.

— Sim, sou eu. Em que posso ajudar?

— O senhor está preso pelo assassinato de George Griffin. Aqui está o mandado – a agente pegou o braço de David para algemá-lo.

— O quê?! Assassinato?! Do meu bisavô?! Vocês só podem estar brincando! – replicou David, sem entender nada do que estava acontecendo.

— Seu bisavô foi encontrado morto, há pouco mais de uma hora, e adivinha o DNA de quem encontramos sobre o corpo dele?

— Não pode ser! Eu não saí de casa hoje – respondeu David, começando a chorar pela morte do bisavô. – Por favor, me deixe ligar para o meu avô!

— Quando chegarmos ao FBI o senhor terá direito a uma ligação. Agora, venha conosco.

Na sede do FBI, em Nova Iorque, o agente Jeffrey Lee pediu que tirassem as algemas de David, para que pudesse interrogá-lo. David estava triste e cabisbaixo, não com sua prisão, mas com a morte de seu bisavô. *Quem faria uma coisa dessas?*

— Senhor David, o que tem a me dizer sobre a morte de George Griffin?

— Eu não sei de nada. Não saí de casa hoje. Nem me disseram como ele foi morto.

— Seu bisavô foi espancado até a morte e encontramos seu sangue no corpo da vítima. Quando alguém é agredido, é comum que o agressor deixe vestígios de sangue ou pelo – disse o agente, enquanto olhava para as mãos de David. – Espere, mas suas mãos não têm marcas. Como é possível?

— Eu lhe disse, não tenho nada com essa morte! Armaram para mim! O senhor tem que acreditar. Por favor, deixe me ver o meu avô!

— Infelizmente, não posso.

— *Agente Lee. Venha até aqui, por favor!* – anunciou uma voz cortante, na caixa de som da sala de interrogatório.

O agente Lee, imediatamente, obedeceu à ordem.

— Agente Lee, se o senhor não sabe, esse garoto cura pessoas. Acha que ele não teria o poder de se curar sozinho? Por isso, a mão dele não possui marcas da agressão. Os machucados devem ter se curado.

— O senhor tem razão, havia me esquecido desse detalhe.

— Volte para lá. Ele não quis usar o telefone?

— Só pediu para chamarem o avô dele, mas não conseguimos localizá-lo ainda.

— E o advogado dele?

— Ele abriu mão do advogado.

— Abriu mão? Esse garoto é maluco. Está encrocado até o pescoço e ainda não quer um advogado?

David foi interrogado por mais de uma hora. Como o FBI não conseguiu uma confissão, ele foi encaminhado para um isolamento um pouco mais confortável, uma vez que se tratava de uma grande celebridade e não possuía nada em sua ficha. O FBI seguiu com as investigações, estavam estranhando a atitude de David, dispensando um advogado e também o fato de não terem descoberto um motivo que faria David matar seu próprio bisavô. A história toda ainda estava muito estranha. A imprensa havia descoberto sobre a prisão de David e, em poucas horas, milhares de pessoas já se amontoavam à entrada do prédio do FBI, com cartazes que pediam a libertação de David. Ele sabia que aquilo só poderia ser obra de seus inimigos. *É muita coincidência uma armação desse tipo, justo quando está chegando a época de Satanás ser libertado. Será que eles acham que eu quero inter-*

ferir nos planos deles? David, pensando, deitou-se para descansar um pouco. Espero que encontrem meu avô. Preciso sair daqui, preciso ver o meu bisavô!



Capítulo 37

Suíça, Laboratório do CERN (Organização Europeia para Pesquisa Nuclear), 21 de dezembro de 2012 d.C.

Benjamin Uggae e seu filho, Adolf Uggae, reuniram uma equipe de físicos, cientistas e pessoas de confiança ligadas ao CERN, para que pudessem colocar o Grande Colisor de Hádrons em funcionamento de modo discreto, evitando que a imprensa soubesse. Como Benjamin era um dos cabeças do Clube Bilderberg, não foi difícil convencer líderes políticos de vários países, comprometidos com o projeto de abertura do portal, para a dimensão de Enlil, liberarem o funcionamento do acelerador de partículas. Benjamim também os convenceu a ficar calados, sobre o fato de realizarem um teste, em plena véspera de festas. Ele cuidou pessoalmente que todos os envolvidos no teste fossem de alguma forma ligados a sua ordem. Pelo menos trinta pessoas, membros das treze famílias que compõem a cúpula dos Illuminati, estavam presentes no local, para assistir ao grande evento que traria Satanás de volta a esta dimensão. Junto com ele, viriam líderes da raça extraterrestre, conhecida na Terra, como Greys, seus companheiros de exílio e arquitetos do plano que tinha como intuito libertar a todos.

No CERN, estavam presentes também três representantes da raça Grey, metamorfoseados em humanos. Na verdade, enviavam um sinal telepático, para as pessoas em volta, a fim de que essas os vissem como humanos, mas sua aparência continuava igual. O estratagema, porém, só funcionava em locais de pouca concentração de pessoas, ou seria necessário muito poder telepático.

Há muitos anos, Benjamin e todos os Illuminati se planejavam para aquele dia. Foram bilhões de dólares de investimento, muitas guerras e muitas mortes, para conseguirem chegar àquele nível de evolução tecnológica. Foram séculos de investimentos e intervenções alienígenas, para que a humanidade fosse capaz de desenvolver a máquina capaz de abrir um portal entre duas dimensões paralelas e trazer de volta à dimensão terrestre um dos seres mais temidos e odiados de toda a história deste planeta. Satanás, como era conhecido Enlil, estava prestes a voltar à Terra. Seria um dia de muita alegria para todos os membros dos Illuminatis, pois eles sabiam que seu trabalho seria reconhecido e Satanás lhes transmitiria o segredo da vida eterna, que poucas raças no Universo conheciam.

Enlil e os líderes Greys, em seu exílio, construíram uma máquina capaz de absorver os neutrinos enviados pelo máximo solar, concentrá-los e então utilizar essa energia para auxiliar a abertura de um portal entre duas dimensões. O que eles faziam se baseava no mesmo princípio das viagens intergalácticas, segundo o qual deve ser criada uma dobra no universo, formando um atalho entre dois pontos. Agora, com um pouco mais de energia, conseguiriam criar um pequeno buraco negro, com um metro de altura por um metro de largura, ligando duas dimensões paralelas. Os cálculos e ações de ambos os lados deveriam ser exatos e totalmente sincronizados, para impedir uma catástrofe. Se algo saísse

errado, o planeta Terra poderia ser sugado pelo buraco negro e, então, seria totalmente destruído — o que já aconteceu em experiências similares em outras galáxias. Felizmente, os Greys dominavam essa técnica, a experiência só havia demorado tanto, porque onde estavam seus líderes não havia tecnologia nem energia suficiente para auxiliar na criação do portal. Foram necessários séculos de máximos solares para acumular a energia necessária.

A meta era fazer o acelerador de partículas gerar uma energia de cem eletrovolts, por meio da colisão de feixes de prótons. Para chegar a esse patamar, o Grande Colisor de Hádrons contaria com a ajuda de um dispositivo, criado pelos Greys, capaz de armazenar energia pelos neutrinos que eram enviados pelo sol e pelas explosões de estrelas. Esse armazenador passava por vários pontos dos 27 quilômetros de extensão do Grande Colisor e chegaria a seu nível máximo de energia exatamente às 15 horas, do dia 21 de dezembro de 2012. Assim que o dispositivo alcançasse a máxima energia, o Colisor seria ligado — este até poderia ser ativado antes; mas, nesse caso, corria-se o risco de ser insuficiente a energia de abertura.

O relógio de ponteiros, pendurado na parede da sala de controle, já marcava 15h05min. Benjamin e seu filho Adolf, que aparentava ser bem mais velho que o pai, aguardavam em pé, atrás das cadeiras, em que estavam os cientistas que conduziam toda a missão. Dentro de uma outra sala, estavam todos aqueles que vieram assistir à abertura do portal. Um grande marcador digital mostrava o nível de energia que haviam acumulado para chegarem a cem eletrovolts. O marcador estava em 95% e começou a subir 1% a cada dez minutos. Os neutrinos que alimentavam o armazenador levavam, em média, treze minutos, para percorrer a distância entre o Sol e a Terra, entretanto chegavam

em menos tempo e com muito mais força e em maior número, uma vez que o planeta estava se alinhando, com o centro da Via Láctea, formando-se grandes campos eletromagnéticos responsáveis por esse aumento. Faltavam aproximadamente 40 minutos, para que a Terra se alinhasse totalmente com o centro da galáxia e era exatamente o centro que eles utilizariam para sincronizar a tarefa em ambas as dimensões, já que nas duas o fenômeno ocorreria no mesmo instante, o que tornava possível uma sincronização quase perfeita, com apenas milésimos de segundos de erro.

Após algum tempo, o marcador digital mostrou em seu painel 100% de energia. Eles estavam prontos para acionar a grande máquina e abrir, definitivamente, o tão esperado portal. Um marcador digital corria em contagem regressiva. Faltavam dois minutos, para que o último estágio fosse acionado, os demais já haviam sido acionados e testados.

Benjamin fez questão de colocar o dedo sobre o botão vermelho que acionaria o último estágio, para abrir o portal. Os segundos agora pareciam horas, a sensação era de que o tempo havia congelado. Uggae suava frio. Quando o último segundo chegou, Benjamin Uggae não hesitou e apertou o botão vermelho de uma só vez. Um grande estrondo pôde ser ouvido através dos vidros que separavam a sala de comando e o local onde o portal seria aberto. Após o barulho, o Grande Colisor começou a soar, como uma sinfonia para o ouvido de todos os presentes. Em grandes telas de LCD, era possível ver o que estava acontecendo por 27 quilômetros. Centenas de pessoas trabalhavam em toda a extensão do Grande Colisor, naquele momento, sem saber, porém, o que estava ocorrendo de fato.

Em poucos segundos, quando a grande máquina atingia 98 eletrovolts de energia, uma luz branca começou a ser formar. A luz que tinha surgido,

com apenas alguns centímetros, agora já estava com quase um metro. De repente, ela foi sugada por uma bola negra, formada em seu interior, que começou a aumentar de tamanho. Em pouco tempo, já alcançava um metro. Os cientistas se afastaram com medo, ao ver que pequenos seres cinza, de corpo magro e cabeças grandes saíam, um a um, de dentro do buraco negro. Ao todo, treze seres atravessaram o buraco. Por último, abaixando-se para conseguir passar o corpo de quase dois metros de altura, veio um homem com vestes negras, de barba e cabelos brancos, como a neve, compridos até a cintura. Do lado da sala de controle, o medidor de energia começou a cair rapidamente. Em poucos segundos, o buraco foi se fechando, até sumir completamente.

Todos os espectadores, na sala anexa, estavam em polvorosa. Antes sentados, todos agora se encontravam de pé, tentando ver quem saíra pelo buraco negro. Benjamin Uggae não se aguentava de emoção. Seu corpo todo ficou trêmulo e ele teve que se sentar para se recuperar. Em pouco tempo, todos os convidados haviam invadido a sala de controle para ver melhor, através dos grossos vidros, os seres que acabavam de adentrar a esta dimensão. Satanás havia, então, retornado, no dia 21 de dezembro de 2012, exatamente às 18h06min. Enlil, que agora aparentava ter setenta anos de idade, olhava para todos os lados, maravilhado com o que havia acontecido.

— Meu amigos, conseguimos voltar para nossa dimensão. Parabéns a vocês! Sem vocês, não teríamos êxito! – disse Enlil aos Greys, que não expressavam qualquer tipo de sentimento com relação ao ocorrido. Mal terminou de agradecer, uma grande porta blindada atrás dele começou a se deslocar.

A porta abriu-se completamente e entraram por ela Benjamin e seu filho, juntos aos cientistas, além de mais de trinta pessoas. Ao

avistarem Enlil, caíram ao chão de joelhos imediatamente, como sinal de reverência e submissão ao seu mestre, que acabara de chegar.

— Salve, Enlil, grande senhor do planeta Terra!

— Por favor, meus irmãos, levantem-se. Graças a vocês estou de volta a minha dimensão de origem. Vocês não fazem ideia do que eu passei naquele maldito exílio! Minha sede de vingança é maior que este mundo! — disse Enlil, enquanto segurava Benjamin pelos ombros e o fazia levantar.

— Meu senhor, eu sou Benjamin Uggae, seu neto. Fui criado para servi-lo.

— Ah, sim, você deve ser o filho de Nergal com uma terráquea. Já ouvi falar muito de você. Você lidera nosso grupo na Terra, enquanto meu filho está em Nibiru.

— Sim, senhor mestre, sou filho de Nergal. Deixe-me apresentar o meu filho, Adolf.

— Adolf... meu bisneto. Claro que me lembro. Acompanhei seus passos várias vezes e Nergal me falou muito de você, o famoso Adolf Hitler. Meus parabéns pelos seus feitos! Você fez um ótimo trabalho.

— Obrigado, mestre.

— Pensei que estivesse morto. Como conseguiu enganar os humanos? — perguntou Enlil, que estava por dentro da história humana, mas não sabia detalhes sobre todos os que o seguiam.

— Eu tinha um sósia. Bastou simularmos o meu suicídio e eles acreditaram que eu havia morrido. Como hoje tenho quase 124 anos terrestres, posso andar normalmente pelos humanos sem ser reconhecido.

— Adolf e Benjamin, pelos seus feitos, vou lhes dar a vida eterna. Sei que era isso o que tanto almejavam.

— Não mais do que sua libertação, mestre!

— Estou com sede, podem me servir água limpa? Não vejo água limpa há milênios.

Os líderes das treze famílias e Adolf se dirigiram a uma grande sala, reservada para Enlil, pois fariam uma reunião. Todos os quinze se acomodaram em grandes e confortáveis poltronas, preparadas exatamente para esse momento.

— Mestre, não gostaria de descansar? Sua casa está próxima daqui – disse Benjamin, preocupado com Enlil.

— Meu querido neto, passei mais de três mil anos terrestres, sem nada para fazer, apenas aguardando este dia chegar, acha mesmo que estou cansado? Estou cansado é de esperar! Quero saber do meu maldito irmão!

— Enki está em Nibiru mas, como o senhor já sabe, um clone dele está vagando pela Terra, preparando os humanos para o retorno dele, que é quando afirma que o senhor será destruído.

— Hahaha! Meu irmão sempre foi muito sonhador! Ele não sabe o que o espera. Ele e meu maldito pai me deixaram quase apodrecer naquele lugar maldito! Terei minha vingança em breve! Onde está esse maldito clone? Ainda bem que ele não atrapalhou nossos planos.

— Conseguimos fazê-lo ser preso. Matamos um familiar terrestre dele e o incriminamos perante as autoridades. Por isso, ele não causou problemas. Mas devo alertá-lo, senhor, que ele possui os mesmos poderes de Enki.

— Entendo. Mas de nada adianta meu irmão ter aperfeiçoado seu corpo geneticamente. Esses malditos humanos, a maior praga que já existiu e que ainda assola este belo planeta, sempre foram e sempre serão a fraqueza dele. Nós não somos os maléficos, a única coisa que queremos é limpar essa praga, a raça humana, da face da Terra.

Os humanos estão acabando com este lugar, destruindo e consumindo todos os seus recursos naturais, e depois dizem que nós é que somos os maus.

— Também concordamos com o senhor. Os humanos se espalharam por todo o canto deste planeta, em poucos anos, não existirá mais planeta, eles estão destruindo tudo.

— Vocês já sabem de uma parte do meu plano para tomar o planeta. Espero que, em breve, eu possa dominá-lo. Creio que já deixaram tudo pronto para minha chegada.

— Sim, senhor. Em poucos anos, a União Europeia, criada por nós, irá se juntar com os Estados Unidos e mais alguns países. Formaremos um país único e os demais países, que não nos obedecerem, serão destruídos. Mas já controlamos independentemente a ONU, a União Européia e mais algumas nações. Falta controlarmos totalmente os Estados Unidos que dominamos só em parte, mas faltam apenas alguns setores de sua economia. Mas, agora que o senhor está aqui, o que acha de se tornar Presidente dos Estados Unidos da América? Se isso acontecer, faremos coalizão com a União Europeia e, então, o mundo será nosso.

— Pensei em colocar alguém em meu lugar nesse papel, mas como sei que ninguém fará nada direito, eu mesmo verei me tornar presidente dos EUA. Espero que Jesus não apareça para me atrapalhar; caso contrário, teremos que guerrear com ele. Como está nosso exército?

— Senhor, temos mais de trezentos batalhões só aguardando suas ordens. Além disso, temos os Greys e os Reptilianos do nosso lado. Ouso dizer que somos imbatíveis!

— Entendo. Mas não podemos atacar primeiro, ou a maldita Confederação Intergaláctica irá intervir. Temos que deixar que eles

nos ataquem. Meu plano é subir ao poder com o aval dos próprios humanos. Se isso acontecer, nem a Confederação poderá me impedir de governar, eles terão que me engolir e, então, terei a minha vingança. Meu próximo passo será tomar o poder em Nibiru, para deixar a Terra com vocês e meus filhos. Meu irmão Enki, que agora chama-se Jesus, e meu pai Anu, quero que fiquem vivos até o final para me verem triunfar. Depois disso, os mandaremos para o exílio, para que tenham o gostinho do que sofri nesse tempo todo. Mais uma coisa: como está minha fama na Terra? Vocês devem saber. Eu só recebia pequenos resumos do meu filho, de tempos em tempos. Será que estou muito mal visto ainda por aqui?

— Como o senhor sabe, aqui eles o chamam de Satanás. Lúcifer. Diabo. Felizmente, os humanos não sabem o que falam e só repetem o que escutam, são como papagaios. De qualquer forma, temos uma nova identidade para o senhor e, com o seu carisma, chegará a presidente dos Estados Unidos em poucos anos.

— E esse clone de Jesus que está na Terra, não pode atrapalhar nossos planos?

— Pelo que vimos de suas pregações, ele sabe que é inevitável que o senhor suba ao poder. A intenção dele é fazer as pessoas serem melhores, para que sejam salvas por Jesus. Parece que estão organizando uma frota de naves para levar as pessoas deste planeta. Creio que ele está aqui apenas para tentar preparar as pessoas, não para entrar em uma guerra com o senhor.

— Mas ele saberá quem sou eu e poderá contar aos humanos sobre mim. Se isso acontecer, não conseguirei vencer as eleições.

— Talvez. Nem todos os humanos acreditam nele. Uma boa parte o toma como um falso profeta. Podemos tentar desacreditá-lo, dizendo

que ele é o anticristo. E também ele não terá como provar nada. Será a palavra dele contra a sua.

— Entendo. Me levem agora para dar uma volta pela Terra. Quero ver com meus próprios olhos como está tudo. Depois disso, me levem para minha nova casa. Ah! Providenciem também muitas mulheres belas. Creio que umas vinte sejam suficientes. São mais de três mil anos sem ver uma fêmea!

— Isso já foi providenciado, senhor. Amanhã, daremos uma festa em sua mansão para comemorar seu retorno.

— Perfeito! Então vamos. Meus queridos humanos, seu grande deus está de volta! – disse Enlil, falando alto e depois soltando uma grande gargalhada de felicidade. – Hahahahahaha!

Enlil, que agora era Satanás, foi visto como o único deus, durante séculos antes de Cristo. As passagens do Antigo Testamento, que mostram um deus vingativo e mal-humorado, são reflexos de como Enlil agia naquela época, contrastando com a época de Enki, visto no Novo Testamento, como um Deus bondoso e misericordioso. Satanás estava de volta ao planeta Terra, prometendo vingança contra seu irmão Jesus, contra seu pai Anu e contra toda a humanidade, que ele sempre considerou uma praga que não deveria ter sido criada. Uma nova era acabara de iniciar. O mundo seria testemunha da pior época da história. O fim dos tempos estava próximo. O Armagedom estava apenas começando.

Epílogo

Jerusalém, Israel, 24 de dezembro de 2013 d.C. – 23h06min.

Bilhões de pessoas, em redor do globo, estavam se preparando para a noite mais importante do ano para os cristãos: o Natal. Em Jerusalém, não era diferente. Muitos dos habitantes da cidade já estavam reunidos com a família para a ceia tão esperada e, logo mais, para a troca de presentes, como era tradição entre os cristãos e, até mesmo, entre alguns judeus, que haviam se rendido a essa data tão especial. A lua brilhava no céu, como nunca antes havia se visto. Já deveria ter começado a minguar, entretanto estranhamente ainda guardava características da lua cheia do dia anterior.

Várias pessoas do lado de fora de suas casas estavam admirando o belo satélite, brilhando no céu, porém, quando menos esperavam, uma faixa negra começou a cobri-lo. Parecia um eclipse, mas a faixa avançava em velocidade muito superior a de qualquer eclipse já visto. Devido a fascinação pela beleza lunar, as pessoas ficaram curiosas com relação ao evento. Em poucos minutos, a lua já estava quase que totalmente recoberta, só era possível ver brilhar uma pequena parte da borda. Segundos depois, a lua havia desaparecido por completo.

Nesse momento, a parcela da população mundial que podia ver o fenômeno passou a sair de suas casas para assistir ao que havia acontecido. Ninguém conseguia entender. Quando menos esperavam, uma enorme sombra aparecia no céu, recobrimdo diversas estrelas. Minutos depois, vários canais de televisão começaram a noticiar o estranho fenômeno. Faziam-no com muita dificuldade, pois todos os meios de comunicação do mundo estavam falhando, geravam grandes ruídos na transmissão.

Em Jerusalém, o céu ficava gradativamente mais escuro, conforme os segundos iam passando. Nuvens acinzentadas recobriam toda a cidade e boa parte do céu. A noite bela e estrelada, surpreendentemente, dava lugar agora a grandes nuvens que se moviam para todos os lados, de uma maneira extraordinária. Relâmpagos estalavam em todos os cantos do céu, seguidos de trovões ensurdecadores. O barulho durou algum tempo. Quando os trovões e relâmpagos deram uma trégua, milhares de luzes multicoloridas tomaram conta do céu. Da cidade de Jerusalém, e até onde se podia ver o fenômeno, todo o céu estava coberto por nuvens e luzes multicoloridas, que aos poucos desciam em sincronia. Bilhões de pessoas presenciavam um evento inédito na história da humanidade.

De repente, as nuvens começaram a se dissipar e o que pôde ser visto era um grande objeto metálico, aparecendo no céu, com milhares de luzes ao seu redor. O enorme objeto tinha mais de 500 quilômetros de diâmetro. Quando as pessoas puderam ver que se tratava de uma enorme nave, o pânico tomou conta de milhões de seres humanos. Multidões corriam desesperadas pelas ruas das cidades, contingentes imensos se trancavam em suas casas e apagavam as luzes, tentando se esconder daquela nave colossal.

Minutos depois, a nave começou a diminuir sua velocidade até parar totalmente, a vários quilômetros acima do nível do mar, lugar de onde ela podia ser vista de diversos pontos da Terra. Imediatamente, quase todos os países colocaram suas forças armadas em alerta. Alguns, ao verem a nave estática, enviaram aviões e helicópteros para tentar olhar mais de perto aquele gigante de outro mundo. Além dos aviões, mísseis antiaéreos foram apontados para o enorme objeto, que até o momento parecia pacífico.

Os militares e chefes de estado estavam mais assustados do que o resto da população. Líderes de governo fugiam para esconderijos secretos, com medo de que os alienígenas iniciassem um ataque aos pontos estratégicos de seus países. A mídia não falava de outra coisa, mesmo com grande interferência nas transmissões. Vários minutos se passaram e o que antes só haviam visto em filmes, agora era real. A nave estava totalmente parada e as luzes começaram a reluzir ainda mais intensamente. A luz do centro da nave estava bem em cima da cidade de Jerusalém. Como nada acontecia, as pessoas passaram a se acalmar e as que estavam escondidas em suas casas saíram aos poucos para assistir àquele fenômeno histórico – apesar do pedido dos militares para que se mantivessem trancadas. De repente, todos os canais de televisão e rádio saíram do ar. Uma tela branca tomou conta de todas as TVs do mundo, ligadas em qualquer canal que fosse. No rádio, apenas um zumbido era ouvido.

Quando menos esperavam, uma imagem da sombra de um homem surgiu vacilante nas telas das televisões. Durante um minuto, a imagem aparecia e sumia, como um canal precisando ser sintonizado. Inesperadamente, imagens de filmes de guerra saltaram às telas em todos os canais de televisão – muitas imagens eram reais e já haviam

sido veiculadas. Era uma montagem: a cada três segundos, uma guerra diferente (mesmo as antigas, que os homens modernos não puderam registrar) aparecia nos monitores. Foram ao todo dez minutos de imagens de centenas de guerras, destruição, matança de pessoas e animais, entre outras, indescritíveis. No final, uma grande tela branca brilhante tomou conta dos aparelhos. Um pequeno pontinho apareceu nas telas brancas e gradativamente foi crescendo, até que se pôde ver um homem caminhando para frente. Mais algum tempo passou e pôde-se distinguir todo seu corpo com perfeição. Era um homem comum, entretanto belo; vestia uma roupa branca; tinha olhos e cabelos castanhos claros – os cabelos, ondulados, desciam até os ombros; tinha uma barba castanha perfeitamente aparada. Os olhos tênues foram crescendo nas telas. As pessoas estavam quase que hipnotizadas pela cena. Antes todos estavam olhando para a grande nave, mas depois das cenas de guerra e horror, a atenção da humanidade ficou totalmente voltada para os aparelhos de televisão. Aparentemente, a nave havia tomado conta de todos os meios de comunicação do mundo.

O homem, de olhar sereno, começou a falar de modo manso e, estranhamente, em todas as línguas. Eram o mesmo homem e a mesma cena, aparentemente ao vivo, contudo eram falados diversos idiomas ao mesmo tempo.

— Saudações, meus queridos filhos! Não temam, pois, conforme eu lhes prometi, estou de volta a este planeta! Sou Jesus Cristo e retorno a vocês depois de séculos!

Milhões de pessoas no mundo todo desataram a chorar, desesperadas de emoção, se jogando de joelhos diante de seus aparelhos de TV. Os militares não podiam acreditar no que estavam vendo. Boa parte dos céticos e ateus do mundo todo começou a se arrepender no mesmo

instante. Pessoas de religiões não cristãs não estavam acreditando no que seus olhos lhes mostravam. O mundo estava tomado de lágrimas de emoção.

— Chego a vocês, neste dia tão especial para a humanidade! Sei que muitos estão em dúvida sobre quem sou realmente. Não se apressem; pois, em breve, saberão toda a verdade e terão plena certeza e logo estarei em terra junto a vocês. Gostaria da atenção de todos. Tive que retornar antes da hora prevista, pois vejo que estão quase destruindo a Terra, bem como se autodestruindo. Eu deveria retornar mais tarde, mas não tive escolha. O que lhes mostrei antes foram filmagens reais de todas as guerras que vocês travaram ao longo dos séculos, misturadas a imagens reais feitas por vocês próprios. Confesso que estou muito desapontado com a humanidade e chegou um momento em minha trajetória que quase desisti de voltar a este planeta. Meu amor por vocês, contudo, falou mais alto, além de não poder abandonar as pessoas que toda vida foram boas para consigo e para com seu próximo, para com a natureza e com os animais. Em breve, a Terra passará por grandes atribulações. Uma grande frota de naves, como essa, está a caminho, para salvar todos os animais e também todas as pessoas merecedoras da salvação. Não se preocupem, os descrentes em mim, se vocês foram pessoas boas, também serão salvos. Espero que agora não possuam mais dúvidas sobre minha existência. Ficarei entre vocês por alguns anos, preciso terminar uma de minhas missões – passar o conhecimento e ensinamentos, o que iniciei séculos atrás, em minha primeira vinda a este planeta. Ficarei entre vocês por vários anos, caso me aceitem. Quando as naves chegarem, aqueles que forem escolhidos serão levados para meu planeta de origem e receberão a dádiva da vida eterna. Aqueles que não foram pessoas boas ficarão na Terra e serão

destruídos não por mim, mas pelos desastres naturais que estão por vir. Não posso evitar esses desastres, que acontecem de tempos em tempos neste belo planeta. Peço, aos líderes mundiais, permissão para que eu e meus irmãos possamos descer em terra dentro de alguns dias. Antes de minha primeira partida, pedi a meus apóstolos que alertassem todos vocês sobre falsos profetas que viriam em meu nome. Alguns de vocês escutaram minhas palavras, mas uma boa parte preferiu não acatar os meus ensinamentos. Um falso profeta está em meio a vocês, dizendo-se enviado por mim e tendo o meu sangue. Espero que não acreditem nesse farsante, mesmo sendo idêntico fisicamente a mim. Estou aqui, e em verdade vos digo, jamais enviarei alguém em meu nome, pois apenas Eu posso vir em nome de meu Pai, que nos aguarda em meu planeta. Agradeço a atenção de vocês. Fiquem à vontade para sua santa ceia, preparada com tanto amor. Dentro de alguns dias, volto a fazer contato. Feliz Natal, meus filhos. Estou feliz por estar de volta!

Fim do volume I

Referências

Livros / Audiolivros / e-Books

- Bíblia Sagrada – Novo Testamento versão King James (Audiolivro Editora)
- Bíblia Sagrada – Antigo Testamento (Portaldabiblia.com)
- Textos e Evangelhos apócrifos (vários)
- A Linhagem do Santo Graal – Laurence Gardner
- O Santo Graal e a linhagem Sagrada – Richard Leigh, Henry Lincoln, Michael Baigent
- A Verdadeira História do Clube Bilderberg – Daniel Estulin
- As Digitais dos deuses – Graham Hancock
- As Doutrinas Secretas de Jesus – H. Spencer Lewis
- História Secreta da raça humana – Michael A. Cremo e Richard L. Thompson
- O Livro Perdido de Enki – Zecharia Sitchin
- 12º Planeta – Zecharia Sitchin
- A Escada para o Céu – Zecharia Sitchin
- Guerra dos deuses e homens – Zecharia Sitchin

- Gênesis Revisitado – Zecharia Sitchin
- Os Reinos perdidos – Zecharia Sitchin
- O Começo do Tempo – Zecharia Sitchin
- Encontros Divinos – Zecharia Sitchin
- O Código Cósmico – Zecharia Sitchin
- O fim dos dias – Zecharia Sitchin
- *Testiculus habet et bene pendentes* – A verdadeira história da humanidade e suas possibilidades – Rosa DeSouza (AudioLivro Editora)
- 2012 – Ano do Apocalipse? – Lawrence E. Joseph
- Deuses, Espaçonaves e Terra – Provas de Däniken - Erich von Däniken
- O dia em que os deuses chegaram - Erich von Däniken
- O Ouro dos deuses - Erich von Däniken
- Profeta do passado - Erich von Däniken
- Eram os deuses astronautas? - Erich von Däniken
- Somos todos filhos dos deuses - Erich von Däniken
- Viagem a Kiribati - Erich von Däniken
- Quem Jesus foi, quem Jesus não foi – Bart D. Ehrman
- Gods & Heroes of Ancient Sumer – Katie Kubesh & Kimm Belloto
- History Begins At Sumer – Samuel N. Kramer
- Sumer: Cities Of Eden – Time Life
- Sumer and The Sumerians – Harriet Crawford
- A Família desaparecida de Jesus – Tobias Churton
- Jesus: A Vida Completa – Juanribe Pagliarin
- Jesus viveu na Índia – Holger Kersten
- From Sumer to Jerusalem – John Sasson
- The Sumerian – Samuel Noah Krame
- Sumerian Mythology – Samuel Noah Krame

- The Robots Rebellion – David Icke
- The Biggest Secret - David Icke
- Children of the Matrix - David Icke
- Human race Get off your Kness - David Icke
- Crossfire: The Plot That Killed Kennedy – Jim Marrs
- Rule by Secrecy – Jim Marrs
- Alien Agenda - Jim Marrs
- The Terror Conspiracy - Jim Marrs
- The Rise of the Fourth Reich - Jim Marrs

Documentários / Videos

- Unmasking the 9/11 Conspiracies – Jim Marrs
- 9/11 and the War on Terror – Jim Marrs
- UFOs and the New World Order – Jim Marrs
- Future Technology from the Past – Jim Marrs
- Probe – Jim Marrs
- Confronto dos Deuses – History Channel
- O Êxodo decodificado – History Channel
- As Sete Maravilhas da Antiguidade – History Channel
- Como nasceu nosso planeta– History Channel
- Deus vs. Satanás: A Batalha final – History Channel
- Além do Código Da Vinci – History Channel
- Alienígenas do Passado – History Channel
- Construindo um Império: Os Maias – History Channel
- 102 minutos que mudaram o mundo – History Channel
- Nostradamus: 2012 – History Channel
- As Cruzadas – History Channel

- Os Sete Sinais do Apocalipse – History Channel
- 2012: O dia do Juízo final – History Channel
- Banidos da Bíblia: O Segredo dos Apóstolos – History Channel
- Majestic 12: Escondendo OVNIS – History Channel
- OVNIs nas Profundezas – History Channel
- O Triângulo das Bermudas do Pacífico – History Channel
- O Código da Bíblia – History Channel
- A Máquina do Fim do Mundo – History Channel
- Al Qaeda – History Channel
- Testemunha Ocular de Jesus – Discovery Channel
- Eram os deuses astronautas? - Erich von Däniken
- Caçadores de OVNIs – History Channel
- Arquivos Extraterrestres – History Channel

Entre em contato com o autor pelo e-mail:

LeoMark@JesusET.com.br

Ou pelo site:

www.JesusET.com.br

Siga o autor:

@_leomark